

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE MESTRADO

WILTONN WILLIAM LEITE

O HOMEM LIVRE EM DEUS

POR BENTO ESPINOSA

CAXIAS DO SUL

2016

WILTONN WILLIAM LEITE

O HOMEM LIVRE EM DEUS

POR BENTO ESPINOSA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Soares Veiga

CAXIAS DO SUL

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

L533h Leite, Wiltonn William, 1957-
O homem livre em Deus por Bento Espinosa / Wiltonn William
Leite. – 2016.
178 f. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.
Orientador: Prof. Dr. Itamar Soares Veiga.

1. Spinoza, Baruch, 1632-1677. 2. Liberdade. 3. Ontologia. 4.
Razão. 5. Filosofia. I. Título.

CDU 2. ed.: 1SPINOZA

Índice para o catálogo sistemático:

1. Spinoza, Baruch, 1632-1677	1SPINOZA
2. Liberdade	123
3. Ontologia	111.1
4. Razão	165.63
5. Filosofia	1

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

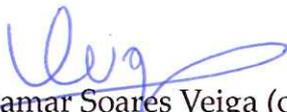
“O homem livre em Deus - por Bento Espinosa”

Wiltonn William Leite

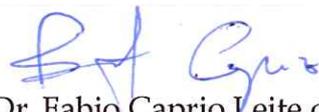
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais de Ética.

Caxias do Sul, 9 de junho de 2016.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Itamar Soares Veiga (orientador)
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Jayme Paviani
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Agradeço ao Deus de Espinosa pelos amigos que nesta existência encontrei que, me compondo, me ajudaram a ser quem eu sou. E, àquele que nesta vida não encontrei, você, deixe-me sentir em sua falta a sua presença.

Não existe construtor; não existe construção. Se existir construção, ela é o construtor. Se existir construtor, ele é a construção. Não existe criador; não existe criação. Se existir criação, ela é o criador. Se existir criador, ele é a criação.

Escolha seu entendimento.

“Cada indivíduo nele tem um direito perfeito para fazer o que quer que seja capaz de fazer, no sentido de que não pode ser criticado com base na justiça de perseguir seu próprio interesse em qualquer sentido.” Bento Espinosa - *TTP XVI* (por Edwin Curley).

“Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. [...] O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais. De *um só* ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites de seu habitat. Tudo isso para que procurassem a divindade e, mesmo se às palpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. Pois *nele vivemos, nos movemos e existimos*, como alguns dos vossos, aliás, já disseram:

‘Porque *somos de sua raça*’. ...*somos da raça divina...*’ PAULO – *Bíblia de Jerusalem – Discurso de Paulo no Areópago em Atenas* (onde defende a filosofia grega) - *Atos dos Apóstolos* 17, 24-28. (meu grifo)

Só a positividade afirmativa cosubstanciada à filosofia de Espinosa pode ser produtiva na hora de pensar a realidade sem falseamentos e conceber adequadamente políticas de emancipação. (Gainza, 2011, pg. 30).

MÉTODO DE CITAÇÃO

Para as citações dos comentadores de Bento Espinosa será usado o método de citação numérica. As informações sobre suas referências completas se encontram no capítulo de Referência Bibliográfica.

Quanto às obras de Bento Espinosa, que serão assinaladas no próprio texto para facilitar a sua leitura dando acesso direto ao texto original. Serão usadas as seguintes abreviaturas:

E *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica.*

Ep *Epístolas – Correspondência.*

KV *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.*

PM *Pensamentos Metafísicos.*

TdIE *Tratado da Emenda do Intelecto.*

TP *Tratado Político.*

TTP *Tratado Teológico-Político.*

Para o livro *Ética*, usa-se notação própria, baseada em Edwin Curley

Número em romano - número do livro

D – definição

DA – definição dos afetos

DGA – definição geral dos afetos

P – proposição

Número arábico – número da definição, proposição, corolário, axioma e lema ou postulado.

pr – prefácio

d – demonstração

da – demonstração alternativa

c – corolário

s – escólio

ax – axioma

l – lema

p – postulado

ex – explicação

Por exemplo, EIIP13d – livro dois da *Ética* proposição 13 demonstração.

Para o *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*.

KV I ii § 3 – *Breve Tratado* parte um, capítulo dois, artigo três.

Para o *Tratado da Emenda do Intelecto*.

TdIE § 7 - *Tratado da Reforma da Inteligência* artigo 7

Para o *Tratado Político*

TP I [274] 3 – *Tratado Político* capítulo [numeração organizacional de *Spinoza Opera* definida por Carl Gebhardt] artigo 3.

Para o *Tratado Teológico-político*.

TTP XVI [191] 236 – *Tratado Teológico-político* capítulo 16 [numeração organizacional de *Spinoza Opera* definida por Carl Gebhardt] página 236.

Para *Pensamentos Metafísicos*.

PM II – VI – *Pensamentos Metafísico* parte dois capítulo seis.

Para Equações que serão apresentadas no texto da dissertação

A – Deus

B – Modo finito – exemplo: o homem ou a pedra ou o universo inteiro

B' – O outro modo finito – exemplo: o outro homem ou a outra pedra

Bⁿ – Todos os modos finitos – o universo inteiro.

Aa – Deus por seus infinitos atributos e por suas infinitas leis eternas

Aaa – Deus por seus infinitos atributos e suas infinitas leis eternas explicitando as leis eternas de que se segue B

Aaa' – Deus por seus infinitos atributos e suas infinitas leis eternas explicitando as leis eternas de que se segue B'

Aaaⁿ – Deus por seus infinitos atributos e suas infinitas leis eternas explicitando as leis eternas de que se segue Bⁿ – o universo inteiro

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo investigar como um determinado e definido homem pode ser livre em um universo determinado a existir exclusivamente pela necessidade da natureza de *Deus sive Natura* como afirma Bento Espinosa. Para tanto, faz-se a revisão da obra desse autor com ênfase em seus livros *Ethica* e *Tratatus de Intellectus Emendatione* e de alguns de seus comentadores. Parte-se da ideia espinosista da existência de uma única substância absolutamente infinita – *Deus sive Natura* – que ao causar-se causa o universo inteiro (modelo espinosiano de causalidade). Explicita-se como o homem tendo reformado seu intelecto ou sua inteligência pode vir a conhecer a si e as coisas por suas causas adequadas o que lhe leva a apreender e compreender a si mesmo e as coisas em sua perfeita realidade. Discute-se este homem – causa adequada de si mesmo – e sua consequência para sua existência em ato, consigo mesmo (*conatus*) no encontro (*occursus*) com o outro (o outro homem). Numa perspectiva ética, conhecidas as coisas por suas causas adequadas, por absoluto racionalismo afetivo (razão afetiva), o homem agindo ativamente, compõe-se com o outro em uma relação de amizade. Procurando se perseverar em si mesmo, respeita e preserva o outro, o que resulta no aumento de sua(s) potência(s) para agir e de sua energia(s) para existir. Essa compreensão pode resultar no estabelecimento do estado mais próximo da natureza humana: o estado democrático. Assim, finalmente, conclui-se que o homem livre e autônomo em Deus é o *autômato espiritual*. É livre quando, tendo o conhecimento adequado das coisas, ele é, está, opera, se move, vive e existe em ato segundo o que Deus lhe ordena. Ele conhece a Deus e isto é a beatitude.

PALAVRAS CHAVES: Livre necessidade. Interdependência necessariamente determinada. Razão afetiva. Insculpir. Autômato espiritual.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate how a certain and defined man can be free in a universe determined to exist exclusively by the necessity of *Deus sive Natura*, as Benedict Spinoza affirm. Therefore, it does the review of this author emphasizing his books *Ethica* and *Tractatus de Intellectus Emendatione* and some of his commentators. It starts with the Spinoza's idea of the existence of a unique absolutely infinite substance – *Deus sive Natura* – self-cause of itself and the entire universe (spinozist model of causality). It makes explicit as the man having reformed his intellect or his intelligence he can know himself and the others things by their adequate causes which leads him to learn and understand himself and the things in his (their) perfect reality. It is discussed this man, adequate cause of himself, and the consequences for his existence with himself (*conatus*) in the encounter (*occursus*) with the other (the other man). An ethical perspective, known things by their adequate causes by an absolute affective rationalism (emotional reason), the man acts actively, composing with the other man a relationship of friendship. Trying to persevere himself in his being, he respects and preserves the other, resulting in the increase of his (their) power(s) to act and his (their) energy(s) to exist. This understanding can result in the establishment of the closest state of human nature: the democratic state. So, finally, it is concluded that the free and autonomous man in God is the *spiritual automaton*. He is free when – having the proper knowledge of things – he is, operates, moves, lives and exists in act according to what God commands him. He knows God and this is the beatitude.

KEYWORDS: Free need. Interdependence necessary determined. Affective reason. Inscribe. Spiritual automaton.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
O ETERNO PRESENTE: O ARGUMENTO ONTOLÓGICO	26
UMA ÚNICA SUBSTÂNCIA: DEUS OU NATUREZA OU VIDA	32
O CONHECIMENTO DE SI: MEDICINA DA MENTE	44
CAUSA ADEQUADA: ADEQUAÇÃO E VERDADE	72
ENCONTRO E ESFORÇO: <i>OCCURSUS ET CONATUS</i>	96
AUTÔMATO ESPIRITUAL	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
APÊNDICE	165
ANEXO	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

INTRODUÇÃO

Bento Espinosa¹ nasceu em Amsterdã em 24 de novembro de 1632. Foi excomungado em 26 de julho de 1656, pela comunidade judaica, acusado de heresia por suas ideias, que poucos realmente conheciam, sem que essas tivessem sido analisadas com devido cuidado e apreço.² Sem que nada tivesse publicado, tem suas obras proibidas de serem lidas e estudadas. Seus textos foram deixados de lado por anos (séculos), passando a ser criticados antes mesmo de conhecidos ou compreendidos. Além de excluído da comunidade judaica, ao ser excomungado, lhe é dito que

maldito seja de dia e maldito seja de noite, maldito seja ao levantar-se e maldito ao deitar-se, maldito seja ao sair e maldito seja ao regressar. Que Deus nunca mais o perdoe ou aceite; que a ira e a cólera de Deus inflamem contra esse homem, e que seu nome seja riscado dos céus e que Deus, para seu mal, exclua-o de todas as tribos de Israel (KV). Que a cólera e a indignação do Senhor o cerquem e para sempre abatam sobre a sua cabeça. Que todas as maldições do Livro da Lei caiam sobre ele. Que Deus o apague do seu Livro; o separe, na ruína, de todas as tribos de Israel, e lhe faça caber em sorte todas as maldições enunciadas no Livro da Lei.³

¹ Espinosa é o primeiro grande escritor ocidental da época moderna a se declarar aberta e absolutamente democrático. Sua obra define o melhor estado como aquele onde todo e qualquer homem possam pensar o que quiser e que esse mesmo estado permita a esse homem falar tudo o que pensar. Esse estado político, para Espinosa, é o mais natural à própria natureza humana. Em suas obras defende de forma clara e definitiva a liberdade individual que só pode existir numa democracia. Esse seu aspecto o torna um pensador de inegalável grandeza e importância. Essa posição pode também explicar as reações violentas a suas ideias, em especial, a essa nova ideia de uma democracia possível, respeitando o bem-estar de todo o homem que compõe o tecido social. Em *TP V [295] 2*, Espinosa afirma que “da finalidade do estado civil, que não é nenhuma outra senão a paz e a segurança de vida, pelo qual o melhor estado é aquele onde os homens passam a vida em concórdia e onde os direitos se conservam inviolados”. Em *TTP [241] 302*, escreve que “o fim do estado [...] é fazer com a sua mente e o seu corpo exerçam em segurança as respectivas funções, que eles possam usar livremente a razão e que não se digladiem por ódio, cólera ou insídia, nem se manifestem intolerantes uns para com os outros. Portanto, o verdadeiro fim do Estado é a liberdade.”

² Negri, 2013, p. 2, no original, afirma que “the reactionary rage of others is palpable as they try to deny that Spinoza attributed to the *democratia omnino absoluta* of the multitude the political role he did attribute to it.” Segue: “... this introduction, which seek to outline what might be called a postmodern usage of Spinoza, following his trajectory from “abnormal” philosopher of modernity in the seventeenth century to “alternative” philosopher of the twenty-first-century crisis.” (Negri, 2013, p. 4).

³ ESPINOSA, *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar*, 2012, p. 20. Consultar também o artigo *A Cautela de Espinosa* de Edgard Leite. A excomunhão de Espinosa nunca foi anulada. Independente de se concordar com suas ideias, houve com o discurso espinosano, uma radical e uma

Bento Espinosa aceita seu banimento e ele mesmo, com sua tranquilidade habitual, se retira espontaneamente para se dedicar ao que pretendia estudar. Cria suas obras com absoluto racionalismo procurando conhecer as coisas por suas causas próximas reais o que, mesmo no século XXI, o torna um cientista merecedor de estudo e análise, procurando-se compreender como a partir da ideia de uma só e mesma substância no universo (Deus ou Natureza)⁴ chega às suas conclusões.⁵ Uma substância que ao expressar-se expressa a todas as coisas no universo inteiro. Um Deus único que ao se expressar expressa o universo inteiro em e por Deus.⁶ Espinosa incita o interesse quando escreve ao final de seu *Breve Tratado* que

resta-me apenas dizer aos amigos para quem escrevo: não vos assusteis com essas novidades, pois bem sabeis que uma coisa não deixa de ser verdadeira só porque muitos não a admitem. E, como não desconheceis a disposição do século em que vivemos, rogo-vos, encaricadamente, que sejais muito cautelosos na comunicação dessas coisas a outros. Não quero dizer que devais guardá-las inteiramente para vós, mas somente que, se começardes a comunicá-las a alguém, não tenhais outro propósito nem outros móveis que a salvação de vosso próximo, assegurando-vos junto a ele que vosso trabalho não seja em vão (*KV conclusão § 10*).

revolucionária contribuição ao pensamento ocidental, principalmente quanto ao seu aspecto democrático, assim antecipando a linguagem do século XXI.

⁴ Deus nessa dissertação é usado como sinônimo de substância única, natureza e vida.

⁵ Sobre a questão controversa do panteísmo em Espinosa: O prefixo “*pan*” é uma palavra grega que é a forma neutra do adjetivo “*pàs*” que significa todo, toda ou tudo. A palavra grega “*theos*” significa Deus. Assim, a união das palavras “*pan*” e “*theos*” significa “*tudo é Deus*”. Segundo o dicionário de filosofia *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* de André Lalande, o termo *panteísta* foi criado pelo filósofo racionalista irlandês e *livre pensador* John Toland (1670 – 1722) em 1705; ele empregou a palavra *pantheist* para se referir aos sistemas filosóficos que tendem a identificar Deus com o mundo. O dicionário esclarece que o panteísmo é a doutrina segundo a qual tudo é Deus, Deus e o mundo são apenas um, o que pode entender-se em dois sentidos fundamentais: (a) só Deus é real, o mundo não é senão um conjunto de manifestações que não tem nenhuma realidade permanente, nem substância distinta. (b) só o mundo é real, Deus não é senão a soma de tudo o que existe. Segundo o dicionário *Aurélio da Língua Portuguesa*, panteísmo é (a) uma doutrina segundo a qual só Deus é real e o mundo é um conjunto de manifestações ou emanações ou (b) uma doutrina segundo a qual só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe. Apesar do *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* dar como exemplo de panteísmo do tipo (a) a filosofia espinosana, Bento Espinosa não é um filósofo panteísta, e assim, denominá-lo demonstra a não compreensão e apreensão adequada dos conceitos por ele empregados de forma única e revolucionária.

⁶ Em nenhum momento, Espinosa afirma que tudo é Deus, o que ele escreve é que tudo existe em Deus e por Deus (Deus causa imanente eficiente do universo inteiro). Em *Nervura do Real*, Chaui discute e analisa a “querela do panteísmo espinosita” nas páginas 27, 46-47, 113, 281, 316 e 318.

Pierre-François Moreau diz que Bento Espinosa normalmente não é reconhecido pelos outros filósofos com um de seus pares ou colega e é tido como o inominável, “aquele de quem não se fala – aquele que é criticado sem ser lido, aquele cujo nome, basta para fazer tremer [...] talvez o Diabo.”⁷ Bento Espinosa é um filósofo que deve ser estudado por suas ideias, mesmo tendo sido excluído por essas mesmas ideias. Merece ser estudado e compreendido mesmo que tenha sido alguém com uma vida quase isolada, quase reclusa, com a exceção de uns poucos homens, com quem cultivou algum tipo de relação, pessoalmente e por cartas. Alguns desses correspondentes, mesmo o criticando severamente, contribuíram para o aperfeiçoamento de suas ideias – de sua filosofia da racionalidade afetiva absoluta.

Espinosa é dito ou descrito como um homem ateu por procurar a deidade na Natureza. Seu Deus é a substância única, uma substância autocausada com infinitos atributos⁸ e modos infinitos e finitos; ou é descrito como um egoísta psicológico porque afirma que o homem tem como maior virtude o esforço de perseverar em si mesmo podendo sempre agir conforme sua potência o permitir; ou é descrito como um homem intoxicado por Deus (famosa descrição feita por Novalis).⁹ Don Garret diz que seus

⁷ Moreau, 1987, p. 14, diz que não é a pessoa de Espinosa que é rejeitada, mas suas ideias: “o facto de um pensamento ser discutido ou refutado nada tem de surpreendente, sobretudo nessa Idade Clássica em que as polémicas florescem: o que surpreende é o tom desta refutação – deveríamos dizer, talvez, desta denegação. Se a sua obra atrai, é porque tem a perigosa cintilação do abismo: há como que um cheiro de pecado no facto de se falar dela, ainda que para contradizê-la.”. Pode-se também citar Gilles Deleuze que afirma que o *Tratado Teológico-político* de Espinosa ter sido um dos livros que “como poucos mais sofreram refutações, anátemas, críticas baseados em pressupostos e insultos nada filosóficos ou argumentativos.” (Deleuze, 2009).

⁸ Espinosa define em EID4: “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe com constituindo a sua essência.”. Em EIP10s, tem-se: “Pois é da natureza da substância que cada um de seus atributos seja concebido por si mesmo, já que todos os atributos que ela tem sempre existiram, simultaneamente, nela, e nenhum pode ter sido produzido por outro, mas cada um deles exprime a realidade, ou seja, o ser da substância.”. Chaui afirma que “atributo não é propriedade, não é predicado inerente a um sujeito e não é especie do gênero substância: é um constituinte da essência da substância.” (Chaui, 1999, p. 674). Ver Charles Ramond, *Vocabulário Espinosano*, 2010, p. 26-27 e Gilles Deleuze, *Espinosa e os Signos*, 1970, p. 54.

⁹ Don Garrett, 2011, p. 19, apresenta a expressão usada por *Georg Philipp Friedrich Fheiherr Von Hardenberg*, conhecido por *Novalis* (1772-1801), poeta e filósofo do início do *Romantismo Alemão*, para contrapor a ideia de ateísmo atribuída a Espinosa e para pontuar – por austeros escritos geométricos – o interesse de Espinosa pelo absoluto (Deus). Don Garret ainda afirma: “Espinosa era um fatalista intransigente e um determinista causal, cujo ideal ético era tornar o ‘homem livre’. Ele sustentava que a mente humana e o corpo humano são idênticos; no entanto, insistia que a mente humana pode alcançar um tipo de eternidade que transcende a morte do corpo.”. Por uma questão lógica, derivada do argumento espinosano, eu penso que também o corpo humano pode alcançar um tipo de eternidade.

escritos inflamam os espíritos. Mas, todos têm que concordar que Bento Espinosa leva uma vida acima de qualquer possibilidade de crítica: vive seus últimos anos calmamente como polidor de lentes, vive com serena tranquilidade por ter colocado em prática em si mesmo o que pensa. Vive conforme sua filosofia. Don Garrett também afirma que ele foi um revolucionário por expressar e provar matematicamente suas novas e radicais teses, mas, seguindo o seu lema de vida, que era cautela, ele era um revolucionário intelectual cauteloso.¹⁰ Por sua decisão, mesmo sendo homem de seu mundo, Espinosa se afasta do seu século não apenas física, mas também intelectualmente.¹¹

Seus escritos é que importam – mesmo os que ele deixa por concluir – o que fica é seu pensamento, metodicamente construído, procurando conhecer as coisas por aquilo que elas têm de realidade, verdade e perfeição. Estabelece um método que se caracteriza pelo rigor na procura da verdade das coisas, um método matemático e geométrico, pelo qual pretende conhecer e definir uma determinada coisa por sua causa próxima que explique necessariamente sua existência, por sua essência atual, sem a qual a coisa deixaria de existir; conhecer a coisa pela lei divina eterna que a define.

Pretende com seu método afastar qualquer conhecimento místico ou qualquer conhecimento por imagem (imaginação), o que não considera errado, mas incompleto e inadequado da coisa, ou seja, pretende que uma dada coisa seja conhecida e definida por aquilo que ela é realmente, conhecimento que será conseguido não pela experiência empírica, mas com o exercício exclusivo do pensamento, pela razão e pela intuição.

Bento Espinosa apresenta um único método para conhecer: o processo do pensamento humano, pois é pelo intelecto que a verdade é conhecida. Pierre-François Moreau afirma que seu método faz com que não seja possível anexá-lo a nenhuma outra corrente filosófica: “temos de pensá-lo num espaço teórico do qual talvez ele seja o

¹⁰ Don Garrett, 2011, p. 21, informa: [Espinosa] “viveu as duas últimas décadas de sua vida calmamente com tutor e polidor de lentes em Leiden e Haia, e nas proximidades. Sua insígnia pessoal trazia a palavra “*Caute*” (Cautela), e ele certamente foi um revolucionário cauteloso, que expressava doutrinas novas e radicais na terminologia e nas fórmulas tradicionais. Sempre cauteloso [...]”.

¹¹ Schwartz, 2012. p. 2.

único representante.”¹² Seu método intelectual para conhecer a verdade da expressão do fenômeno pelo intelecto é o que realmente importa ser estudado, entendido, compreendido, apreendido e repetido. Conhecido pela razão e intuição, por suas leis matemáticas e geométricas, portanto, por suas leis divinas eternas. Chaui afirma que, Espinosa,

revolucionariamente, demonstra que a verdade é imanente ao próprio conhecimento, não precisa de qualquer garantia externa: conhecer adequadamente uma coisa é conhecer seu modo de produção. A verdade é índice de si mesma e do falso, não reside na adequação da ideia à coisa. Pelo contrário, é porque a ideia revela a produção da coisa que ela mesma dá a garantia de adequação. Com Espinosa, o racionalismo ocidental descobriu a imanência da verdade ao objeto, graças à demonstração da gênese do objeto. Não são necessários critérios para a verdade; é ela que julga o falso, e não o contrário.¹³

Bento Espinosa apresenta um método para conhecer de forma adequada (intrinsecamente verdadeira), por aperfeiçoamento do intelecto, os modos finitos por aquilo que eles realmente são (por sua causa próxima e genética), por sua essência atual (*conatus*), na ordem natural e necessária das coisas na natureza. Bento Espinosa parte de uma ideia que considera verdadeira, a existência de um Ser Perfeitíssimo, a quem ele denomina Deus ou Natureza, causa de si e causa de todas as coisas, para explicar com rigor matemático por síntese a essência ou natureza das coisas existentes nessa Natureza ou Deus, em particular, explicar e compreender a natureza do homem.

¹² Moreau, 1987, p. 11, afirma: “ler Spinoza foi sempre mais ou menos sinônimo de: ligá-lo a qualquer coisa, absorvê-lo a todo o preço: devorá-lo, em suma. Corremos o risco de o interpretarmos uma vez mais, tentaremos, para variar, o método inverso: instalá-lo na sua diferença, sublinhar os seus contornos, mostrar que ele não é nem cartesiano nem neoplatônico – não é possível anexá-lo a nenhuma outra corrente; temos de pensá-lo num espaço teórico do qual talvez ele seja o único representante.”.

¹³ Deus de Espinosa é o absoluto que ao causar-se, causa o universo interno. Deus é o absoluto – causa imanente eficiente de si mesmo e de tudo que ordena (organiza e decreta). Ordena a si mesmo e ao universo inteiro que é o modo manifesto de suas ordens por seus atributos. A questão que fica é quem é esse Deus ou essa substância única. Talvez, um dia se encontre uma corda – dentro das modernas teorias da física quântica – que ao se movimentar ou ao se causar, cause o universo inteiro, mas não era essa a intenção ou preocupação de Espinosa ao criar sua ontologia do necessário. (Chaui, 1983, p XIV)

Bento Espinosa separa a Ética da Moral, sendo que coloca a Moral junto à Religião, por serem ambos os sistemas, religioso e moral, os que impõem deveres ao homem.¹⁴ Chaui afirma que a *Ética* espinosana¹⁵

nada tem a ver com os deveres; aliás, para Espinosa, quem age por dever não é autônomo, não é livre, age por mandamento. A *Ética* é a definição (ou apresentação genética) do ser do homem tal como ele é, e demonstrando por que o homem é tal como é. Assim procedendo, Espinosa recupera o sentido grego de *ethos*: modo ou maneira de ser.¹⁶

Chaui complementa afirmando que Espinosa elabora com seu livro *Ethica – Ordine Geometrico Demonstrata* uma refinada e precisa ontologia, uma lógica, uma antropologia e uma ética demonstrada geometricamente. Seu livro *Ética* é

uma ontologia universal, porque é a teoria do Ser; uma lógica, porque a teoria do Ser é a explicitação da inteligibilidade deste Ser; uma antropologia, porque define o ser humano. Se conhecer é conhecer pela causa, o homem só poderá ser conhecido se forem explicitadas as de sua essência, de sua existência e de sua ação. A causa de sua existência singular é a existência de outros homens singulares que o produzem. A causa de sua essência é Deus: o homem é uma modificação (*modus*) dos

¹⁴ Chaui, 1983, p. XIV (*Espinosa*) e Chaui, 2009, p. 14 (*Política em Espinosa*).

¹⁵ A filosofia de Espinosa é apresentada nesta dissertação como filosofia espinosana ou espinosista, sendo os adjetivos espinosista e espinosana não são senão empregados como sinônimos – com exceção, quando o adjetivo for usado com referência ao pensamento da filósofa Marilena Chaui que as diferencia. Para esta autora, o adjetivo espinosista é empregado quando a filosofia de Espinosa é entendida de maneira equivocada e inadequada; enquanto que o adjetivo espinosana é usado quando sua filosofia é entendida de forma clara, precisa e adequada.

¹⁶ A palavra grega “*ethos*” tem duas grafias diferentes, com dois significados diferentes. Pode-se observar o seu duplo uso e significado, por exemplo, quando Aristóteles escreve, em *Ética Eudêmia* II, 2 1220a37-b6, traduzido para o inglês, por Anthony Kenny (2011, p.18): “It is evident, then, that moral virtue is concerned with what is pleasant and what is painful. Now, character (*êthos*), as the word itself indicates, is developed from habit (*ethos*), and an agent acquires a habit when is eventually becomes operative in a particular fashion as the result of repetition of a certain motion under some non-innate impulse.” Assim, tem-se que *ethos* pode ser entendido como um conjunto de costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Enquanto que *êthos* pode ser entendido como o caráter pessoal, o padrão relativamente constante de disposições morais, afetivas, comportamentais e intelectivas de um indivíduo.

atributos divinos, pensamento e extensão. A causa de sua ação é seu desejo.¹⁷

Bento Espinosa escreve um livro de ética destinado ao homem livre onde pretende, com seu revolucionário conceito do que é ser livre e autônomo, destruir com todas as ilusões de como o homem tem, desde sempre, conceituado como liberdade. Seu pensamento é uma crítica radical ao processo imaginativo de construir explicações para os eventos do mundo, pois

os homens enganam-se ao se julgarem livres, julgamento que chegam apenas porque estão consciente de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados. É, pois, por ignorarem a causa de suas ações que os homens têm essa ideia de liberdade. Com efeito, ao dizerem que as ações humanas dependem da vontade estão apenas pronunciando palavras sobre as quais não têm a mínima ideia. Pois, ignoram, todos, o que seja a vontade e como ela move o corpo. *Os que se vangloriam do contrário, e forjam sedes e moradas para a alma costumam provocar o riso ou a náusea* (grifo meu). Assim, quando olhamos o sol, imaginamos que ele está a uma distância aproximada de duzentos pés, erro que não consiste nessa imaginação como tal, mas em que, ao imaginá-lo, ignoramos a verdadeira distância e a causa dessa imaginação. Com efeito, ainda que, posteriormente, cheguemos ao conhecimento de que ele está a uma distância de mais de seiscentas vezes o diâmetro da Terra, continuaremos, entretanto, a imaginá-lo próximo de nós. Imaginamos o sol tão próximo não por ignorarmos a verdadeira distância, mas porque a afecção de nosso corpo envolve a essência do sol, enquanto o próprio corpo é por ele afetado. (EIIP35s)

Pierre-François Moreau diz que o método espinosano não visa confrontar nenhum filósofo anterior.¹⁸ O método de Espinosa é uma sistemática¹⁹ em que seu

¹⁷ Quando estabelece ser a natureza humana a causa do que se passa no homem e fora dele – Espinosa rompe com uma das mais poderosas tradições éticas, aquela que afirma que o homem age em vista de fins ou movido por causas finais. (Chai, 1983, p. XIV). “Espinosa expulsa o finalismo: os propósitos e intenções que realizamos, passiva ou ativamente, não são fins externos escolhidos por nossa vontade, mas exprimem a causalidade eficiente de nosso apetite e de nosso desejo, isto é, de nosso *conatus*.” (Chai, 2011, p 58)

¹⁸ Sobre René Descartes (1596-1650), Moreau, em seu livro *Spinoza*, ao se referir a *Espinosa e seu Outro*, onde questiona quem é então o adversário incessantemente derrotado pela empresa da *Ética*, afirma que a insistência em refutar Descartes “não se enraíza apenas em uma mera questão de proximidade temporal, senão em que Descartes representa um símbolo do mesmo espaço” (Moreau, 1987, 28). Espinosa, explicitamente, faz referência a Descartes no prefácio do livro V de *Ética*.

pensamento ataca não na floração superficial dos textos²⁰, mas na raiz dos textos.²¹ Bento Espinosa, com o racionalismo absoluto, reorganiza e redefine conceitos que utiliza para ordenar o seu conjunto conceitual, por critérios matemático-geométricos e genéticos, o que deixa alguns leitores perplexos por eles estarem habituados a outro sentido com o que Espinosa define, com prístina e absoluta racionalidade, antigas expressões filosóficas que adquirem novo e revolucionário significado.²²

Pierre-François Moreau afirma que outra fonte de perplexidade dos comentadores perante a forma que Espinosa escreve a *Ética* ocorre quando “descobrem uma contradição entre o encadeamento calmo e impessoal dos teoremas aparentemente ligados entre si apenas por uma preocupação demonstrativa e os violentos ataques dos escólios e dos outros anexos.”²³

¹⁹ Moreau, 1987, p. 28-29: “Diremos, portanto, que o *Outro de Spinoza* é uma sistemática – que o seu pensamento ataca não na floração superficial dos textos, mas na raiz. Porém, que mais não seja por pedagogia, não é possível permanecer indefinidamente esse nível em que só é criticado aquilo que produz os discursos; é preciso dar exemplos: ou seja, ir procurar nos discursos produzidos os efeitos do mecanismo que se desmonta. Quando os indivíduos são visados por *Spinoza* é quase sempre a este título de vítimas de certo modo de pensar, e não enquanto autores dos pensamentos. Assim, se a primeira característica de *Spinoza* consiste em rejeitar, a segunda é que rejeita não um teórico, mas todo um espaço; não determinada palavra, mas o que a orienta e organiza. A distinção não se faz aqui entre o particular e o geral, mas entre as camadas mais aparente (e, por isso, diversificadas) do discurso e os estratos mais profundos, onde ordena o movimento conceptual que faz emergir as figuras percíveis que serão possíveis enumerar como exemplos. Deste modo se explica talvez a perplexidade dos comentadores perante a forma da *Ética* [...]”.

²⁰ Sobre a diferença no método espinosano e no método cartesiano – sobre as diferentes maneiras de pensar entre Descartes e Espinosa – para o conhecimento da verdade, recomendo a leitura do livro *L'automate spirituel – La naissance de la subjetivité moderne d'après l'Éthique de Spinoza*, Lia Levy, em especial seu primeiro capítulo. Levy salienta o fato de ser a filosofia cartesiana, uma filosofia na primeira pessoa por propor a existência de um eu (ego) que pensa e tem consciência de si mesmo: eu penso logo eu existo. Enquanto, que a filosofia espinosana é uma filosofia escrita na terceira pessoa, por exemplo, como Espinosa escreve em Ellax₂: “*O homem pensa*”. (grifo meu).

²¹ Moreau, 1987, p. 28: “se a primeira característica de Spinoza consiste em rejeitar, a segunda é que rejeita não um teórico, mas todo um espaço; não determinada palavra, mas o que a orienta e organiza. A distinção não se faz aqui entre o particular e o geral, mas entre as camadas mais aparentes (e, por isso, diversificadas) do discurso e os estratos mais profundos, onde se ordena o movimento conceptual que faz emergir as figuras perceptíveis que serão possíveis enumerar como exemplos.”.

²² Espinosa redefine a maioria dos termos que utiliza em suas argumentações, demonstrações e conclusões. Esse é um cuidado que todo leitor deve ter em mente para o claro, correto e completo entendimento do que o filósofo pretender expor em seu texto. (Chauí, 1995. p. 34).

²³ Mesmo com as restrições, que aponta existentes quanto à verdade intrínseca das palavras, Espinosa, nos escólios e anexos, usando uma linguagem direta, procura deixar claro o que na proposição e demonstração provou de maneira formal e geométrica. (Moreau, 1987, p. 29).

Pierre-François Moreau assevera que na realidade não há solução de continuidade alguma na maneira com que o texto foi escrito. Segue com rigor absoluto na demonstração de suas proposições e, assim, Moreau afirma que Espinosa cria uma ontologia, na qual a imanência tem papel fundamental, que é sua própria filosofia e sua *Ética* onde o conceito unívoco, de ser criador e de ser criado, nega a possibilidade de um ordenamento temporal ou hierárquico entre Deus e o que ele expressa (o homem, a pedra, o mundo, o universo inteiro).²⁴ O universo inteiro é expressão de Deus em Deus por Deus: a pedra, o homem, o mundo, o universo inteiro exprimem a natureza de Deus enquanto modos finitos em Deus e por Deus.

Nesse universo inteiro, expressão necessária da natureza de Deus, surge uma questão: o que torna um homem livre? O que torna o homem livre, segundo Espinosa e sua filosofia ontológica do necessário?

Esse é o problema ou a questão de pesquisa que define o objeto de estudo e o objetivo dessa dissertação. Por revisão de bibliográfica específica a esse assunto, será examinado o que torna esse homem livre (existir exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por si só ser determinado a agir) e autônomo (sem ser coagido por outra natureza a existir e a operar) – segundo a filosofia espinosana do necessário. Essa pesquisa visa esclarecer como o homem, segundo Espinosa, o autômato espiritual, um homem, um modo finito, uma coisa mental-corporal, num universo onde tudo é necessário, pode, ainda assim, ser considerado livre. Como pode esse homem se tornar livre em *Deus sive Natura*.

O intento do trabalho se expressa na tentativa de explicar como o homem, em si mesmo, expressão da natureza de Deus em e por Deus, por sua própria natureza humana, pode ainda assim decidir como operar a sua vida (passiva ou ativamente). Como o homem pode vir a ser considerado livre nesse mundo onde tudo está necessariamente determinado a existir de forma determinada e definida numa única ordem e conexão conforme a natureza da substância única?

²⁴ Hornäk, 2010, p. 15: “Iniciando com uma perspectiva ontológica, não devo ignorar que Espinosa trata o seu tema no interior de uma ‘ética’, e com isso ele examina o significado prático da imanência para o homem até suas últimas consequências. Ele parte de um conceito modificado de causalidade. Adotando um conceito unívoco de ser criador e ser criado, Espinosa nega a possibilidade de uma ordenação hierárquica entre Deus e o mundo.”

Formulada a questão de como pode o homem ser livre, em um mundo onde tudo é absolutamente necessário, por pesquisa nos textos espinosanos e de seus comentadores, aprofundar o estudo – na filosofia ou na ontologia espinosana do necessário – do que Espinosa compreende como ser livre em Deus. E, então, procurar compreender, como neste mundo onde tudo é imanente e onde tudo obedece necessariamente às leis causais naturais, eternas e divinas, não ser senão o fato de um homem necessariamente obedecer aos eternos decretos divinos o que o torna realmente livre.

Assim, nesse estudo bibliográfico, procura-se coletar, esclarecer e comentar os argumentos apresentados por Bento Espinosa e por seus diversos comentadores, sobre o comportamento humano e sobre o que pode identificar a verdadeira liberdade e a verdadeira autonomia do homem em relação ao mundo onde vive e onde exprime a natureza da substância única como modo finito (como homem) que ele é em si mesmo.

A questão ou problema que é o objeto dessa dissertação ou estudo é: O que torna o homem (B) livre em Deus (A)? Há uma tese que o homem (B) necessariamente tem de ser causa adequada de si mesmo, conhecer-se, compreender-se e apreender-se por sua própria natureza na e pela substância (B em A por Aa e por Aaa), para ser um homem livre em Deus. A equação que é o alvo do estudo por revisão bibliográfica é: B é livre e autônomo em A se e somente se B conhecer B, B em A por Aa e Aaa? Ou, a questão um pouco mais complexa e completa: B (livre e autônomo) se e somente se B conhece B por B em A por Aa e Aaa porque A ao causar A causa B em A por Aaa e Aaa: B causa adequada de B, B age conforme a natureza de B expressão da natureza de A em A e por A?

A questão da expressão em Deus é analisada, para com isso definir quem é Deus para Espinosa. Esse Deus, nesse Deus e somente nesse Deus, onde o homem encontra sua verdadeira liberdade e autonomia. Explora-se a importância do conhecimento (adequado) para que essa liberdade e autonomia sejam, pela razão e pela intuição, construídas. No processo do conhecimento pelo intelecto humano, identificam-se as diferenças nos três gêneros de pensamento proposto em *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* por Bento Espinosa e suas consequências para o ser, para operar, para viver e para o existir humano: para o comportamento ético humano.

Com o conhecimento adequado das causas das coisas, o homem pode vir a decidir viver segundo os ditames da razão (ou intuição) e assim, não mais operar passivamente. Por não mais ser dominado pelas coisas do mundo, não mais sofrer ou padecer. Com o conhecimento adequado das causas das coisas, o homem pode escolher agir (operar ativamente) por sua própria natureza em Deus, sendo causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações.

Em seguida, examina-se o conceito de causa adequada: aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma (EIIID1). Analisa-se a importância desse conceito para a adequação do comportamento humano a verdade, realidade e perfeição de sua natureza; para, então, explorar e discutir, como o homem, com esse conhecimento adequado e verdadeiro de si e das coisas por suas causas, pode exprimir – enquanto modo finito, enquanto coisa definida e determinada, de forma adequada e verdadeira – a natureza de Deus. Avaliar a importância desse conhecimento e do consequente agir (mover-se ativamente) por esse conhecimento na construção de sua liberdade e autonomia em Deus. Construir-se como o autômato espiritual.

Assim, mesmo que o homem tenha de necessariamente obedecer às leis de sua própria natureza, mesmo sendo escravo dessas leis que não podem senão necessária e absolutamente serem obedecidas, mesmo sendo o autômato espiritual, por conhecimento adequado e verdadeiro da causa das coisas pela razão ou pela intuição, ainda pode escolher por ativamente agir por essa sua própria natureza, que agora conhece adequada e verdadeiramente. Esse agir por conhecimento adequado por sua natureza e por sua decisão é realmente ser livre e autônomo (na *Natura sive Deus*).²⁵

Nesse universo onde tudo existe e vive necessariamente, tem-se um problema ou uma questão a ser respondida que é o que torna um homem – o homem – livre segundo Espinosa. O intuito desse trabalho de pesquisa bibliográfica é mostrar que um homem se torna livre se e somente se é a causa adequada de si mesmo (de seus afetos, de suas

²⁵ Sobre a palavra natureza: A palavra natureza escrita com letra maiúscula (*Natura*) é empregada significando a substância única existente no universo inteiro cuja essência é sua própria existência. É empregada como sinônimo de Deus: o princípio de vida da vida na vida. A palavra natureza é escrita com letra minúscula para se referir à natureza de algo (estado ou coisa) no sentido da essência (atual) desse algo (estado ou coisa). Por exemplo, a natureza atual de uma pedra é sua essência atual, seu *conatus*, que explica a existência dessa pedra exatamente como ela é realmente em dado e preciso momento e lugar do mundo manifesto. A essência ou a natureza de Deus (Natureza) é sua própria existência.

ideias e de seus atos ou ações), agindo ativamente por sua própria natureza. Desse modo, ele se torna um homem livre e autônomo em Deus – escravo necessário de Deus.

O estudo inicia pelo argumento ontológico da existência de Deus, da existência de uma única substância, causa de si e de todas as outras coisas; segue demonstrando como o homem conhece a si mesmo e às coisas por e na natureza da substância única, por ideias adequadas e verdadeiras. Assim, com o conhecimento racional e intuitivo da essência atual de si e das coisas, esse homem age ativamente, com adequação e verdade e, no encontro com os outros, ele usa de toda sua potência atual no esforço, enquanto em si, em perseverar em seu ser, formando com o outro uma relação de composição, uma relação de amizade, uma sociedade democrática, compatível com a natureza humana de governar e não ser governado, na qual cada indivíduo possa pensar o que quiser e falar o que pensou.

Quando se conhece e age por sua própria natureza por e na natureza de Deus, o homem pode ser livre: se mover (agir), viver, existir livre em e por Deus em ato. A hipótese deste trabalho é que o homem livre não é aquele que escolhe o que quer seja por um desejo ou uma vontade, mas aquele que exprime absoluta e necessariamente a sua própria e real natureza em e por Deus como modo finito por conhecimento adequado das coisas finitas e de si mesmo em e por Deus.

Em sua jornada para se tornar um homem livre, esse determinado e definido homem deve ser ele em sua própria natureza enquanto modo finito a expressão da natureza da substância única na substância única pela substância única e para isso ele precisa conhecer o que é essa substância única absolutamente infinita que é Deus (abordado no segundo e no terceiro capítulo). Precisa conhecer o processo intelectual para entender quem ele é em e por Deus (quarto capítulo), para ser causa adequada de seus afetos, suas ideias e suas ações (quinto capítulo). E, então, no encontro com o outro, enquanto em sua própria natureza, perseverar em seu ser (o estado de sua natureza), para Espinosa a maior virtude humana, promover esse outro para que ele se exprima da mesma maneira a sua própria natureza em e por Deus (sexto capítulo) para formarem uma sociedade que também seja a expressão de sua natureza em Deus, a democracia (sexto capítulo). E, finalmente, analisar que o homem livre e autônomo é aquele – que ao conhecer intuitivamente sua natureza na substância – é a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações e assim, ele age ativa e

adequadamente conforme – exclusivamente pela necessidade – de sua natureza em e por Deus. O homem é livre quando é, vive, age, existe em e por Deus, ou seja, quando ele é o escravo necessário das leis de Deus: o autômato espiritual (sétimo capítulo) que reencontra o eterno presente. Segue-se com as considerações finais (oitavo capítulo).

O ETERNO PRESENTE: O ARGUMENTO ONTOLÓGICO ²⁶

O eterno faz-se presente. O Deus de Espinosa é o princípio de vida²⁷: o princípio imanente imutável móvel de vida da vida na vida.²⁸ E, no início dos tempos, o eterno fez-se presente? A Natureza fez-se Natureza? Uma só substância, em si mesma de absoluta e infinita perfeição, e com essência eterna e infinita: a Natureza (KV I ix). Para Bento Espinosa, desde sempre, no presente, há uma só única e mesma substância. Houve um início? Ele não nos diz. A Natureza se expressou na natureza? A substância única sempre esteve, está e estará manifesta no mundo conforme seus infinitos atributos por suas infinitas e perfeitas leis em seus infinitos modos finitos? Ele não nos diz. Houve um início do tempo e do espaço no qual o eterno (a substância única absolutamente infinita) faz-se presente no mundo como seus infinitos modos finitos? Podemos pensar que isso aconteceu realmente, mas ficamos sem uma resposta mais precisa do filósofo.

Bento Espinosa trata a substância única, seus atributos e suas leis de forma atemporal, podendo-se, portanto, entendê-los como eternos e absolutamente necessários. Ele trata os modos finitos como consequência necessária que para existir necessitam da existência de outra coisa que não a si mesmo. Pode-se, assim, pensar na existência sempiterna da expressão ou impressão ou inscrição do eterno como forma modal no presente, expressão ou impressão ou inscrição que acontece sob a intervenção e

²⁶ Sru-ton, 1996, p.33-34, lembra que Anselmo de Aosta, “contribui para a prova ontológica da existência de Deus.”. Anselmo da Cantuária afirma que compreendemos por Deus o ser em comparação ao qual nada maior pode ser concebido – um conceito de Deus como um ser necessário cuja essência envolve necessariamente a existência. Para mais detalhes consultar Anselmo de Aosta, *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*, p.12.

²⁷ Moreau, 1987, p.18: “o Deus de Spinoza é o princípio de vida [...]”. Em *Pensamentos Metafísicos II-VI*, Espinosa, escreve “entendemos, por vida a força pela qual as coisas perseveram em seu ser, e, como essa força é distinta das próprias coisas, dizemos propriamente que as coisas têm vida. Mas como a força pela qual Deus persevera em seu ser nada mais é do que sua essência, falam bem aqueles que dizem que Deus é a vida.”.

²⁸ Em *Pensamentos Metafísicos II-VII*, encontra-se que “não há fora de Deus nenhum objeto de sua ciência, mas que ele é o objeto de sua ciência e, mesmo, que ele é sua ciência, Aqueles que pensam que o mundo é o objeto da ciência de Deus são muito menos razoáveis do que aqueles que querem que um edifício construído por algum arquiteto renomado seja tido por objeto de sua ciência, pois o arquiteto é obrigado a procurar fora de si uma matéria conveniente, mas Deus não procurou matéria alguma fora de si: quanto à sua essência e quanto à sua existência, as coisas foram fabricadas por um intelecto idêntico a sua vontade.”.

influência da relação, na ordem e conexão natural de interdependência que entre os modos finitos existe.

Deus, seus atributos e suas leis são infinitos, eternos e imutáveis. As leis divinas não podem por qualquer circunstância ou motivo serem transgredidas: o que Deus ou Natureza ordena necessariamente tem de acontecer. Os modos finitos, expressão ou impressão da natureza de Deus em Deus por Deus, não são eternos, nem imutáveis; sofrem permanentes e constantes modificações em suas expressões manifestas por estas dependerem da relação de tudo mais que existe no mundo manifesto. O mundo, mesmo com suas constantes modificações, pela necessária interdependência das coisas modais finitas, por acontecerem, sempre, em Deus, guardam em si algo de eterno, algo da essência da natureza de Deus, que, portanto, enquanto essência da natureza de Deus, nunca deixa de existir.

Orígenes (185 – 254), filósofo não ortodoxo, do período doutrinário da Patrística (200 - 450), da Escola de Alexandria, ensinava que Deus cria o mundo, mas que o mundo não tem início. Deus e o mundo sempre existem juntos.²⁹ O Deus de Espinosa por ser causa de si e de todas as coisas que nele (Deus) existem, por seus atributos e leis, é a causa do mundo. Se o mundo é efeito necessário de Deus por suas leis divinas, Deus ao se expressar se exprime no mundo. Deus nem cria nem o mundo tem início, visto, de certa forma, o mundo sempre está em Deus. O pardal, a pedra e Pedro podem deixar de existir enquanto pardal, pedra e Pedro; mas nunca deixam de existir enquanto essência da natureza de Deus.

Há uma só substância em si mesma de absoluta perfeição e, como essência eterna e infinita: a Natureza (KV I ix). A Natureza é causa de si e de tudo o que nela existe. A Natureza expressa sua absoluta e necessária perfeição e realidade na natureza das coisas.

A única substância, cuja essência e existência é uma verdade eterna (EIP8s) e que, portanto, sempre existiu, independentemente do tempo e do espaço, se expressa em toda sua infinita realidade e perfeição. Essa substância é Deus (EIP14), “um ente

²⁹ Gilson, 1995, p. 55. Em *Sobre os Princípios*, Orígenes, ao examinar o que é dito em *Sabedoria*, 7,25 na *Bíblia de Jerusalém*, diz que “ninguém pode ser pai se não há filho, nem senhor sem possessão ou servo, assim, nem Deus pode ser chamado “todo poderoso” se não há ninguém sobre quem exerça poder; e por isso, para que Deus se possa mostrar como todo poderoso é necessário que exista o todo [...]”.

absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EID5).

Deus se moveu. Deus que em si mesmo restava se expressou. E, se moveu, por suas leis eternas, do único modo que lhe era dado se mover. Ao mover-se, Deus se expressou a si mesmo, por si mesmo, imediatamente, por seus infinitos e perfeitos atributos em si mesmo. Ele se expressou a si mesmo, por si mesmo, em si mesmo. Deus é causa de si (EIP16c2). Sua essência é sua própria existência. (EIP5)

No princípio e sempre, há, havia e haverá uma e somente uma única substância eterna, infinita e perfeita em sua virtude, potência e essência, que é a sua própria existência. Há uma e somente uma mesma substância. Uma única e mesma substância que por ser simples, é indivisível, sem partes (EIP13). À natureza dessa substância, à natureza de Deus, pertence o existir (EIP7). A “natureza divina tem, absolutamente, infinitos atributos (EID6), cada um dos quais também exprime uma essência infinita em seu gênero, de sua necessidade devem se seguir necessariamente, portanto, infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido por um intelecto infinito)” (EIP16).

Deus, ao se mover e se expressar como necessariamente lhe é dado se mover e se expressar, é causa imanente de si mesmo e de tudo o que existe. “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem se concebido.” (EIP15). Deus é causa primeira de tudo o que existe (EIP16c3). Ele é a causa primeira de seus infinitos modos infinitos (imediatos e mediatos) e de seus infinitos modos finitos que Ele expressa em si mesmo; sendo modo uma afecção na substância (KV I vi § 4). Portanto, “Deus é causa eficiente de todas as coisas que podem ser abrangidas sob um intelecto divino.” (EIP16c1).

E, em seu movimento, Deus é absolutamente livre por agir exclusivamente por suas leis naturais sem ser coagido por ninguém (EIP17). Deus é causa livre de tudo, não porque possa fazer o que lhe aprouver, mas porque “só Deus existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza (EIP11 e EIP14c1) e só Deus age exclusivamente pela necessidade de sua natureza. (EIP16) Logo (por EID7), só ele é causa livre” (EIP17c2).

Deus ao se mover, o faz se expressando segundo suas divinas leis por seus infinitos e perfeitos atributos em infinitos modos finitos e, entre eles, o pedregulho, o homem, o machado. Quando Deus se expressa, o homem conhece essa manifestação por apenas dois dos atributos de Deus, que são a extensão e o pensamento: o pedregulho (na extensão: o corpo do pedregulho; no pensamento: a ideia do corpo do pedregulho); o homem (na extensão: o corpo do homem; no pensamento: a ideia do corpo do homem) e o machado (na extensão: o corpo do machado; no pensamento: a ideia do corpo do machado). Uma árvore é uma e somente uma e mesma coisa – uma árvore. O corpo de uma árvore na extensão e a ideia de um corpo de uma árvore no pensamento é uma e somente uma mesma coisa: uma árvore. No pedregulho, no homem, no machado há algo de eterno e divino, não enquanto forma modal, mas enquanto expressão na substância única. O pedregulho, o homem e o machado podem deixar de existir como pedregulho, homem e machado, como coisas modais finitas, quando, encontrando outro modo finito, com potência maior do que a sua potência, esse encontro resulte em uma relação de não composição, ou seja, de decomposição total que é a morte da coisa em sua forma modal finita. Contudo, mesmo deixando de ser o pedregulho, o homem e o machado que eles são, não deixam de existir enquanto expressão da substância, na substância única pela substância absolutamente infinita onde até então restavam inculpidos, pois “Deus não é somente causa eficiente da existência das coisas, mas também de essência delas” (EIP25).

Deus, necessariamente, só pode agir seguindo suas próprias leis eternas e divinas que por serem eternas e divinas não podem de forma alguma ser transgredidas, nem mesmo por Deus. Deus só pode fazer um triângulo seguindo a lei eterna que o define de forma definitiva e determinada como triângulo – isto é ser livre. Agir conforme sua natureza e a natureza de si mesmo nas demais coisas. O ato livre é o ato necessário em Deus e por Deus.

E, o homem? O homem é livre ao se expressar exclusivamente por sua própria natureza, ou seja, quando for causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. O homem é um modo finito que sofre a permanente influência dos demais modos finitos, pois as coisas singulares têm como causa Deus, não enquanto ser infinito, mas enquanto é considerado como afetado pela ideia de outra coisa singular existente em

ato, ideia de que igualmente Deus é a causa, enquanto é afetado por uma terceira, e assim, até ao infinito (EIP9).

O corpo do homem tem a Deus como causa, enquanto Deus é considerado uma coisa extensa; a ideia do corpo do homem tem a Deus como causa, enquanto Deus é considerado uma coisa pensante. O homem é o corpo e a ideia do corpo do homem. Toda ideia tem sua causa próxima em uma ideia em Deus como coisa pensante; todo corpo ou afecção de um corpo tem como causa próxima outro corpo ou outra afecção de um corpo em Deus como coisa extensa, ordem de relação e interdependência que vai ao infinito (EIP9). Mas sempre “a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas” (EIP7). Assim, se um dia o homem conhecer como a natureza conhecer as coisas em sua ordem e conexão natural na natureza, as conhecerá por suas causas próximas, imanentes e eficientes, explicando o efeito (a coisa) por sua causa de forma adequada e verdadeira, e, assim poderá viver pleno ou o mais pleno neste conhecimento intelectual da Natureza – como unidade na totalidade da Natureza inteira, da qual depende e pela qual também é governado (KV II xviii § 1).

Assim, a maior perfeição para o homem é ser escravo de Deus, escravo de sua natureza e sê-lo necessariamente. (KV II xviii § 2) O homem livre é aquele que, por ser unidade da Natureza, segue necessariamente as leis da Natureza, e, por conhecer a Deus, o Ser Perfeitíssimo (KV II xviii § 2), é seu escravo necessário (KV II xviii).

Como dito aos gregos por Paulo no Areópago, em Atenas, o homem (livre) não apenas vive, mas se movimenta e existe em Deus. O homem livre e autônomo – por conhecimento claro, distinto, certo, adequado e verdadeiro da natureza das coisas singulares, o homem por saber-se unidade na totalidade de Deus e, portanto, ativamente agir conforme as leis divinas de sua natureza na natureza de Deus – o homem vive, se movimenta e existe em Deus como seu escravo necessário. É seu escravo necessário porque o ato livre não é senão o ato necessário.

Em fim, o homem conhece e vive a visão intelectual beatífica de Deus no eterno instante presente. Para Espinosa, essa é a sua maior virtude: viver segundo a sua perfeita realidade (KV II xviii). Assentada e definida a existência de *Deus sive Natura* – definida a existência de uma única substância no universo inteiro – Deus (EIP14) ou Natureza (KV I ii § 2,4 e 12) ou Vida (PM II – IV) – o homem percebe a necessidade de

conhecer clara e distintamente a *Deus sive Natura*. Pergunta-se o que é essa única substância única absolutamente infinita existente no universo inteiro? Quem ou o que é *Deus sive Natura*? Procura-se, para responder a estas perguntas, no próximo capítulo, clarificar o significado espinosista de uma e somente uma substância única absolutamente infinita: Deus ou Natureza ou Vida.

UMA ÚNICA SUBSTÂNCIA: DEUS OU NATUREZA OU VIDA

Essa dissertação procura esclarecer e explicar o que torna um homem livre num universo onde todas as coisas estão determinadas a existir e agir exclusivamente pela necessidade da essência-potência-existência de uma substância única absolutamente infinita³⁰ que é *Deus sive Natura*.³¹

Tem-se como hipótese que ser livre não significa senão ser, agir, existir e viver conforme sua própria natureza – conforme sua perfeita realidade (Espinosa, por EIID6, compreende realidade e perfeição como uma e mesma coisa).³²

Ser livre não é senão ser a expressão da natureza eterna e infinita da substância única, enquanto a expressão modal finita dessa substância. Ser livre não é senão ser a expressão modal da natureza de Deus em Deus presente em si mesmo segundo os seus infinitos modos infinitos imediatos (seus infinitos atributos) e mediatos (suas infinitas leis eternas e necessárias).³³

³⁰ Chauí, 1995, p. 46: “Espinosa parte de um conceito preciso, o de *substância*, isto é, de um ser que existe em si e por si mesmo, que pode ser concebido em si e por si mesmo e sem o qual nada existe nem pode ser concebido. Toda substância é substância por ser causa de si mesma (causa de sua essência, de sua existência e da inteligibilidade de ambas) e, ao causar-se a si mesma, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto. Causa inteligível em si e por si mesma, a essência de uma substância absoluta é constituída por infinitos atributos infinitos em seu gênero, isto é, por infinitas qualidades infinitas, sendo que por isso uma essência infinitamente complexa e internamente diferenciada em infinitas qualidades infinitas. Existente em si e por si, essência absolutamente complexa, a substância absoluta é potência absoluta de autoprodução e de produção de todas as coisas. A existência e a essência da substância são idênticas à sua potência ou força infinita para existir em si e por si, para ser internamente complexa e para fazer existir todas as coisas. A identidade da existência, da essência e da potência substanciais é o que chamamos de eternidade; eterno, escreve Espinosa, é o ser no qual a essência, a existência e a potência são idênticos. A eternidade, portanto, não é um tempo sem começo sem fim, mas ausência de tempo.”

³¹ Chauí, 1995, p. 46, escreve que “se [...] quisermos alcançar o conhecimento verdadeiro da essência e da potência divinas, precisamos” [...] chegar à ideia adequada de Deus. Será preciso demonstrar que Deus não é um intelecto nem uma vontade, que não age por finalidade e que Nele liberdade e necessidade são uma só e mesma coisa.”. Na página 48 segue dizendo que “a *Ética* demole o edifício teológico-metafísico que se alicerça na transcendência de Deus ao mundo, isto é, na imagem de um ser supremo separado do mundo, criando-o a partir do nada segundo fins incompreensíveis para os humanos. Deus, agora, é a força imanente ao mundo e este O exprime.”.

³² Espinosa retorna a ideia clássica da liberdade como espontaneidade de uma natureza na ausência de constrangimento externo (Chauí, 1999, 78).

³³ Chauí, 1999, p. 72, escreve que “a imanência, anunciada na epígrafe do *Tratado teológico-político* e reiterado pelo filósofo em suas últimas cartas – ‘nisto reconhecemos que Ele (Deus) permanece em nós e nós permanecemos Nele’ – confere sentido à expressão *Vida de Deus*, na qual tudo é e tudo se move,

Com essa compreensão, para que um homem possa vir a ser livre em sua vida na Natureza e pela Natureza, precisa necessariamente reformar seu intelecto para, então, vir a conhecer adequada e verdadeiramente a sua própria natureza humana (EIIP41) tal como ela é (EIP29 e EIIP44d) em Deus e por Deus (EIIP45). Tendo conhecido adequadamente sua natureza, expressão da natureza da Natureza, esse homem, assim, pode vir a se tornar a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações (EIID1) por compreendê-los e apreendê-los de forma clara, precisa e definida por suas causas eficientes imanes. ³⁴

O homem ao conhecer-se por sua própria natureza – compreendendo-se e apreendendo-se expressão da natureza da substância única enquanto homem – é livre por expressar o que dessa substância única absolutamente infinita existe em si mesmo. O homem é livre quando vive exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por ela é determinado a agir (EID7). É livre por agir necessária e exclusivamente por sua própria natureza. ³⁵ É livre por expressar necessariamente o que de divino há em sua própria natureza humana, e age livremente por ser determinado a existir e a operar de forma definida e determinada somente por esse seu aspecto de divino ou da substância que resta em sua própria natureza (EID7).

sem que, insiste Espinosa, Deus e Natureza possam ser identificados, pois Ele a constitui e por isso mesmo não pertence à essência dela. O conhecimento da natureza divina é *fundamentum* do conhecimento intelectual verdadeiro, isto é, condição para o encadeamento dedutivo das ideias verdadeiras, e a *causa sui* é o *principium* do *conatus* como potência singular atual de autopreseveração na existência, mas o *ser* de Deus não é fundamento, tanto porque, negativamente, não é *subjectum* de predicados como porque, positivamente, é a força causal ou a potência ativa que percorre todos os modos, constituindo-os com seus efeitos imanes singulares no mesmo ato em que se produz a si mesma. Se a essência divina é *primeira* tanto na ordem do conhecimento como na das coisas é porque ela é a *causa sive ratio* de tudo quanto existe, ou seja, ela é a *condição* e a *razão suficiente* para que haja coisas e ideias singulares.”.

³⁴ Chauí, 1999, p. 71: “a causalidade eficiente imane não transitiva evidencia a permanência da origem no originado, sem que ambos se confundam [...]. Todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da substância, não havendo entre eles hierarquia por grau de perfeição ou de realidade.”. E, na página 76, escreve que “a causa de si e a causa eficiente imane, constitutivas da essência e da potência do absoluto, desfazem o fundamento transcendente e nos fazem ver umma outra lógica da ação, uma necessidade que não está prefixada por um plano divino nem determinada por uma finalidade que lhe conferiria sentido, mas que é o agir da Natureza inteira, como ordem de co-presença em que ser e agir são idênticos.”.

³⁵ Chauí, 1999, p.78, afirma que “Espinosa retorna a noção clássica da liberdade como espontaneidade de uma natureza na ausência de constrangimento externo, acrescentando-lhe, porém, a ideia paradoxal de *necessidade livre*, isto é, de uma necessidade espontânea que brota da essência do próprio ser, contrapondo-a a necessidade de uma causa exte que força alguma coisa a uma existência ou ação que, por si mesma, não possuiria nem realizaria.”.

Portanto, um homem não é livre em Deus senão quando esse homem existir e viver em Deus e por Deus por seus infinitos modos infinitos imediatos (atributos divinos) e por seus infinitos modos infinitos mediatos (leis divinas). Não é livre senão quando agir, enquanto homem em Deus, conforme o que de Deus ele exprime ou expressa em Deus e por Deus, enquanto homem. É livre quando, enquanto em si mesmo, perseverar em seu ser, preservando-se como o homem que realmente é em Deus por Deus, por infinitos modos infinitos imediatos e mediatos (EIIP6).

Se, segundo Bento Espinosa, um homem não é livre senão quando ele existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por ela só é determinado a agir em Deus e por Deus – esse homem precisa compreender e conhecer quem é Deus, ou seja, precisa conhecer o que é a única substância absolutamente infinita existente em todo o universo inteiro das coisas, causa de si mesmo e de todo o universo inteiro das coisas. Esse homem precisa entender o significado de ser em e por Deus: precisa conhecer o que Bento Espinosa compreende por Deus e o que ele entende por “em *Deus sive Natura*” e “por *Deus sive Natura*”.

Bento Espinosa, ao insculpir a ontologia do necessário³⁶ ou a ontologia da necessidade³⁷, a ontologia da causalidade³⁸, desenvolve toda a sua filosofia, com rigor matemático-geométrico, tendo como ponto de partida uma ideia que ele considera verdadeira: a ideia da existência de uma única substância no universo, causa de si e causa de todas as coisas em e por si mesma.

Essa substância única é Deus (EIP14) ou Natureza (KV I ii § 2,4 e 12) ou Vida (PM II – VI), pois, como afirma e demonstra Bento Espinosa, além de Deus não pode existir nem ser concebida nenhuma outra substância no universo inteiro (EIP14).

³⁶ Em EIP24c, Espinosa afirma que “Deus é não apenas a causa pela qual as coisas começam a existir, mas também pela qual perseveram em seu existir, ou seja (para usar um termo escolástico), Deus é causa de ser das coisas. Pois, quer as coisas existem, quer não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração. E por isso, não é sua essência que pode ser causa de sua existência, nem de sua duração, mas apenas Deus, cuja natureza é a única à qual pertence o existir.”.

³⁷ Chauí, 2003, p. 95: “é causa de si o ser cuja essência só pode ser concebida existente, isto é, cuja essência é a própria existência. É substância o ser que é causa de si, ou seja, existe em si e por si mesmo, é concebido em si e por si mesmo e sem o qual nada existe e nada pode ser concebido.”. Consultar também Chauí em *Nervura do real* página 882.

³⁸ Levy, 2000, p. 10-11.

Espinosa argumenta que sendo Deus uma substância eterna e infinita (EIP8), que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprimindo uma essência eterna e infinita (EIP11), Deus tem que existir necessariamente (EIP11). Se outra substância, além de Deus existisse, a existência dessa outra substância, necessariamente, deveria ser explicado por um atributo de Deus, o que levaria a existência de duas substâncias com o mesmo atributo de Deus, em Deus e por Deus. Quanto a essa questão, Espinosa afirma e demonstra em EIPP14 e 15 que “não podem existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias de mesma natureza ou de mesmo atributo” (EIP6d). Logo, a existência de duas substâncias com o mesmo atributo de Deus, em Deus e por Deus é um absurdo (EIP6da). Concluir-se, desses argumentos e demonstrações, portanto, que há uma e somente uma mesma substância no universo e que essa substância é Deus (EIP14d). Espinosa ainda acrescenta que “disso se segue, muito claramente, que Deus é único, isto é, que não existe, na natureza das coisas senão uma substância que é infinita” (EIP14c₁). Pode-se, então, afirmar há uma e só e mesma substância no universo inteiro e que essa substância única e absolutamente infinita é *Deus sive Natura sive Vita*.

Espinosa também afirma que Deus, sendo a substância única no universo (EIP6), a substância eterna e infinita (EIPP8 e 11), a cuja essência pertence o existir (EIP7), essa substância é absolutamente livre para ativamente ser, se mover, operar e existir, ou seja, essa substância é absolutamente livre no agir.³⁹ Deus ou Natureza (*Deus sive Natura*) age exclusivamente pela necessidade das leis de sua natureza, sem ser coagido por ninguém ou por qualquer coisa (EIP17). “Segue-se, com efeito, exclusivamente da necessidade da essência de Deus que Deus é causa de si mesmo e de todas as coisas. Logo, a potência de Deus, pela qual ele próprio e todas as coisas existem e agem, é a sua própria essência” (EIP34d).⁴⁰

³⁹ Chauí, 1999, p. 76: “A potência substancial é, portanto, absoluta porque é causa de si e produz as essências e existência de todas as coisas; é necessária porque idêntica à sua essência; ativa porque causa eficiente; livre por desdobrar a espontaneidade de sua essência e de sua potência sem subordinar-se ao imaginário do intelecto e da vontade criadores; interna por não se separar de seus efeitos; afirmativa, pois exclui tanto a fusão da causa no efeito com exterioridade entre eles; e universal porque no sentido em que é causa de si é causa de todas as coisas.”.

⁴⁰ Quando Espinosa afirma que a essência e a potência de Deus são uma e mesma coisa, significa que a ação de Deus é absolutamente livre e necessária porque tudo se segue da necessidade da natureza essencial de Deus, um ser absolutamente infinito; e, assim, Deus é pura e livre atividade por si mesmo. Sua essência não é senão a pura e pristina liberdade de ação livremente necessária e necessariamente livre. “O ser absoluto é o agir absoluto”. (Chauí, 2003, p. 104). Disto conclui-se que “tudo aquilo que concebemos como estando no poder de Deus existe necessariamente” (EIP35).

Deus é causa livre de si mesmo e causa imanente eficiente de todas as coisas nele existentes (EIPP18 e 25), isto é, “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” (EIP15). Por sua suprema potência e por sua natureza infinita e eterna, da necessidade de sua natureza divina, se seguem infinitas coisas de infinitas maneiras (EIP16): se segue o universo inteiro.

Chai afirma que a essência e a existência de Deus é idêntica à sua potência, ou seja, idêntica à sua força infinita de existir em si e por si, para ser concebido por si em si e para produzir a existência de todas as coisas, o universo inteiro.⁴¹ Portanto, o mundo não é criado e muito menos é criado do nada (*ex nihilo*)⁴²; o mundo segue da necessidade da natureza de Deus, sendo a expressão eterna, necessária e determinada de Deus⁴³, o ente absolutamente infinito e perfeito.⁴⁴ Deus ao causar-se, causa o universo inteiro.⁴⁵ A ao causar-se, ao causar A causa todo B, sendo B o universo inteiro.

⁴¹ Chai, 1999, p. 72.

⁴² Chai, 1999, p. 884: “a unicidade substancial e a universalidade da causa eficiente imanente necessária definem a natureza de todas as coisas particulares como afecções ou modos da natureza do ser absolutamente infinito, porque são efeitos produzidos por ele no mesmo sentido em que se autoproduz, isto é, quanto à essência e à existência. A referência da causa eficiente imanente à causa de si não só exclui a criação *ex nihilo* como altera a ideia mesma de criação. Em primeiro lugar, porque a ação causante que produz todas as coisas singulares é a mesma que produz o ser absolutamente infinito; em segundo, porque as essências e existências das coisas singulares são igualmente produzidas pelo ser absoluto, isto é, não há essências possíveis à espera de passar à existência por um querer onipotente que escolhe contingentemente; em terceiro, e como consequência, porque as coisas singulares não são composição de essência e existência, mas unidade de ambas (EIID2), unidade vinda da causa que lhes confere necessidade. [...] as coisas particulares são efeitos de uma potência absolutamente infinita que, ao causar-se a si mesma, causa todos os seus efeitos singulares necessários.”.

⁴³ Chai, 1999, p. 410: “a vontade e a potência de Deus, quanto à *Sua ação externa*, não se distinguem de Seu intelecto, porque Deus decretou não só que as coisas devem ser (existência), mas também como devem ser (essência). Ora, visto que as essências estão compreendidas nos atributos de Deus e que as ideias delas estão contidas no intelecto infinito de Deus, conclui-se que a vontade, a potência e o intelecto de Deus não se distinguem ‘quanto à Sua ação externa. A primeira consequência, portanto, é que, se a distinção trinitária não tem sentido *intra Deum*, a distinção entre atributos e propriedades de Deus não tem sentido *extra Deum*.”.

⁴⁴ Espinosa – em sua carta a Oldenburg de setembro de 1661 – pontua que “entendemos por Deus: um ser soberanamente perfeito e absolutamente infinito.”. Deus é o ser que só pode ser concebido em si e por si mesmo: a Natureza ou a Vida. Deus é o princípio absoluto (EID1), a potência absoluta (EIP16), a essência absoluta (EIP15) e a constituição absoluta (EID5). (Ver Chai, 1999, p. 884).

⁴⁵ Chai, 2003, p. 96: “Toda substância é substância por ser causa de si (isto é, sua essência é autopoção de sua existência ou, como explica Espinosa, sua existência segue necessariamente de sua essência) e, ao causar-se a si mesma, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto.”.

Deus sive Natura sive Vita é perfeito (KV I iv § 2). A perfeição é algo próprio a Deus, mas não um de seus infinitos e eternos atributos (EIP19). Cada um desses eternos e infinitos atributos expressa uma essência eterna e infinita (EIP11). O homem, por sua natureza, apenas consegue conhecer, até esse momento histórico, os atributos da extensão e do pensamento.

Bento Espinosa explica em seu *Korto Verhandeling van God, de Mensch en des zelfs Welstand*, em seu *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar* que a infinitude, a perfeição, a imutabilidade, a onipotência ou a onisciência não são atributos de Deus, mas suas qualidades “existentes em ato, desde a eternidade e assim permanecerá eternamente” (EIP17s).

Deus não é Deus sem essas qualidades; mas Deus não é Deus por essas qualidades que o caracterizam em ato porque nenhuma dessas qualidades ‘dá a conhecer nada de substancial, sendo apenas adjetivos que exigem os substantivos para serem entendidos’ (KV I i § 9). Como Espinosa demonstra Deus não é um substantivo a ser predicado. Deus é a substância (a substância única) presente no universo. Deus é a Natureza⁴⁶ e a Vida⁴⁷.

Em *De Deo* na *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, Espinosa diz que Deus é o ente absolutamente infinito ou perfeito e que sua essência envolve a perfeição absoluta (EIP11s). Espinosa afirma que da perfeição ou da realidade (EIID6) de uma coisa, segue necessariamente a sua existência (EIP11s). Assim, a substância que é a essência absoluta e perfeita, Deus, existe necessariamente (EIP11) e Deus por ser causa de si mesmo, causa-se. E, ao causar-se, Deus ou Natureza existe necessariamente em perfeição absoluta ou em realidade absoluta (EIP11s). Em *De Natura et Origine Mentis*, Bento Espinosa esclarece: “por realidade e por perfeição compreendo a mesma coisa” (EIID6).

⁴⁶ Em seu *Breve Tratado*, no apêndice geométrico, Espinosa diz que “a Natureza é conhecida por si mesma, e não por alguma outra coisa. Ela consiste em atributos infinitos, cada um dos quais é infinito e perfeito em seu gênero; à sua essência pertence a existência, de sorte que fora dela não existe nenhuma essência ou ser, de modo que ela coincide exatamente com a essência de Deus, o único magnífico e bendito.”.

⁴⁷ Em *Pensamentos Metafísicos II – VI*, Espinosa registra: “o que é a vida e o que ela é em Deus: nós entendemos, pois, por *vida*, a força pela qual as coisas perseveram em seu ser (grifo do autor); e, como essa força é distinta das coisas mesmas, dizemos apropriadamente que as coisas, elas próprias, possuem vida. Mas a força pela qual Deus persevera em seu ser não é outra coisa senão sua essência; falamos, portanto, muito bem aqueles que dizem que Deus é a vida.”.

Por essa característica da perfeição absoluta, Deus é designado como o Ser Perfeitíssimo.⁴⁸ Porém, há necessidade de cuidado para o correto entendimento desse termo quando referido a Deus. Na origem da palavra perfeito ou perfeição, o seu significado é de algo que foi completamente feito. Provavelmente, por isso, Bento Espinosa ter o cuidado de dizer que perfeição é algo de Deus, como sua onipotência ou sua imutabilidade, existente em ato desde sempre e por todo o sempre (EIP17s) e não um de seus infinitos e eternos atributos. *Deus sive Natura* nunca foi feito, muito menos completamente feito.

A substância única (Deus) cuja essência é uma verdade eterna (EIP8s₂) é causa de si mesmo e à sua natureza pertence o existir (EIP7), portanto, é necessariamente infinita (EIP8) e existe necessariamente (EIP11). Disso, conclui-se ser possível que se referir a Deus como o Ser Perfeitíssimo, desde que com o cuidado de saber que Deus nunca foi feito. Deus é causa de si mesmo e ao causar-se causa todas as coisas no universo inteiro em Si mesmo e por Si mesmo.⁴⁹ A é *causa sui* de A e ao causar-se, A é causa imanente e eficiente de todo B, B o universo inteiro em A por A.

Por Deus, Bento Espinosa compreende

um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.

Explicação. Digo absolutamente infinito e não infinito em seu gênero, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é infinito apenas em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo

⁴⁸ Teixeira, na Introdução do *Tratado da Emenda do Intelecto*, 2004, p. XXI: “[...] a razão pode fechar-se em si mesma e então estaremos fatalmente presos no mundo das abstrações, dos seres da razão. Pode levar-nos também além dela mesma, à visão da totalidade, da qual ela depende. O drama do conhecimento se prende à possibilidade dessa alternativa, pois que é nela, em regra, que se decide se alcançaremos ou não a mais alta sabedoria. *Em regra*, dizemos, pois é o próprio Espinosa quem nos diz que só por um feliz acaso poderá alguém encontrar a ordem verdadeira das coisas, isto é, aquela em que tudo se deduz da ideia verdadeira do Ser Perfeitíssimo.”.

⁴⁹ Chauí, 2003, p. 96: “se uma substância é o que existe por si e em si pela necessidade de sua própria essência e pela força de sua própria potência, que é idêntica à sua essência, e se esta é a complexidade infinita de infinitas ordens simultâneas de realidade internamente diferenciadas, torna-se evidente que só pode haver uma única substância, caso contrário teríamos que admitir um ser absolutamente infinito limitado por outro ser absolutamente infinito, o que é um absurdo. Por conseguinte, não há substâncias finitas (pois a substância é necessariamente infinita). Há, portanto, uma única e mesma substância constituindo o universo inteiro e essa substância eterna, não porque contenha o começo e o fim dos tempos, mas porque que é a ausência de tempo, pois nela existir, ser e agir é um só e o mesmo. Essa substância é Deus.”.

aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação.
(EID6)

Espinosa, também, explica o que entende por Deus em algumas de suas cartas dirigidas a amigos ou a seus interlocutores. Espinosa escreve diversas cartas para Henrich Oldenburg, diplomata e filósofo alemão radicado na Inglaterra, secretário da Real Sociedade de Londres para o Aprimoramento do Conhecimento Natural. Henrich Oldenburg pensava ser a fé cristã a verdadeira fé e a resposta última para todos os assuntos metafísicos; deste modo, por essas suas ideias, Oldenburg nunca conseguiu entender o pensamento de Espinosa. Em sua carta de setembro de 1661 para Oldenburg, Espinosa escreve que

entendemos por Deus o ente sumamente perfeito e absolutamente infinito. Que tal ente existe é fácil demonstrar por sua definição [...] Primeiro: que na natureza das coisas não podem existir duas substâncias que não diferissem pela totalidade de suas essências. Segundo: uma substância não pode ser produzida, mas é de sua própria essência existir. Terceiro: que toda substância deve ser infinita, isto é, sumamente perfeita em seu gênero. (Ep 2)

O seu *Korto Verhandeling van God, de Mensch en des zelfs Welstand*, o *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar* inicia com uma afirmação radical e revolucionária, negada pela tradição: Bento Espinosa afirma que existe Deus, um Deus e que sua existência pode ser conhecida e demonstrada pelo homem nesta vida (KV I i § 1).

Em *De Deo* na *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* aprofundando o seu argumento da causalidade necessária de todas as coisas, clarifica o argumento da existência de Deus, causa de si mesmo, que ao se exprimir expressa todo o universo em e por sua natureza divina. E, principalmente, salienta o fato de o homem poder realmente, com seu intelecto, pela razão e pela intuição, conhecer Deus, nessa vida. Bento Espinosa, em pontos diferentes de sua obra, aqui enumerados, escreve que

para cada coisa, deve-se indicar a causa ou a razão pela qual ela existe ou não existe. Por exemplo, se um triângulo existe, deve-se dar a causa ou a razão pela qual ele existe; se, por outro lado, ele não existe, deve-se também dar a razão ou a causa que impede que ele exista, ou seja, que suprima a sua existência. Ora, essa razão ou causa deve estar contida na natureza da coisa ou, então fora dela. Por exemplo, a própria natureza do

círculo indica a razão pela qual não existe um círculo quadrado, pois, evidentemente, admiti-lo envolve uma contradição. Por sua vez, o que faz com que uma substância exista também se segue exclusivamente de sua própria natureza, porque esta última envolve, é óbvio, a existência (ver EIP7). Mas a razão pela qual um círculo – ou um triângulo – existe ou não existe não se segue de sua própria natureza, mas da ordem da natureza corpórea como um todo. Pois é dessa ordem que deve se seguir que, neste momento, esse triângulo ou exista necessariamente, ou seja, impossível que ele exista. Tudo é evidente por si mesmo (EIP11da).

Uma coisa existe necessariamente se não houver nenhuma razão ou causa que impeça de existir. Se, pois, não pode haver nenhuma razão ou causa que impeça que Deus exista ou que suprima a sua existência, deve-se, sem dúvida, concluir que ele existe necessariamente. Mas se houver tal razão ou causa, ela deveria estar ou na própria natureza de Deus ou fora dela, em outra substância, de natureza diferente. Pois se fosse da mesma natureza, deveríamos, por isso mesmo, admitir que Deus exista. Mas uma substância que fosse de natureza diferente não teria nada em comum com Deus (EIP2) e não poderia, portanto, por a sua existência, nem tampouco, retirá-la (EIP11da).

Se, pois, a razão ou a causa que suprime a existência de Deus não pode estar fora da natureza divina, ela deve necessariamente estar, embora supostamente Deus não exista, na própria natureza divina, a qual, por isso, envolveria uma contradição. Mas é absurdo afirmar isso de um ente absolutamente infinito e supostamente perfeito. Logo, não há, nem em Deus, nem fora dele, qualquer causa ou razão que suprima sua existência e, portanto, Deus existe necessariamente. (EIP11da)

Se Deus necessariamente existe e é único e é a substância única, e se há uma só e mesma substância (*Deus sive Natura*) que ao se exprimir, exprime o universo inteiro em e por si mesma, então, conhecendo o universo de forma adequada, a substância (*Deus sive Natura*) pode ser conhecida pelo homem: quanto mais compreendemos as coisas singulares tanto mais compreendemos a Deus (EVP24). Espinosa afirma que a natureza de Deus ou a natureza da Natureza se dá a conhecer imediatamente ao homem (KV II xxiv), que tendo aperfeiçoado seu gênero de pensar (TdIE), a conhece por intuição, diretamente no contato com sua realidade das coisas no mundo manifesto (EVP24). Espinosa afirma que Deus não é conhecido por palavras,

se assim fosse, o homem já deveria ter conhecido o significado dessas palavras antes que lhe fossem pronunciadas. Por exemplo, se Deus houvesse dito aos israelitas: Eu sou Jeová vosso Deus, eles já deveriam

ter sabido, sem palavras, o que era Deus, antes que pudessem estar seguros de que era ele; pois sabiam naquele momento que a voz, o trovão e o relâmpago não eram Deus, ainda que a voz declarasse que ela era Deus. E o que dizemos das palavras, podemos dizê-lo também de todos os signos exteriores. Assim estimamos impossível que Deus possa fazer-se conhecer aos homens por meio de algum signo exterior (KV II xxiv § 10).

E estimamos desnecessário que isso acontecesse por alguma coisa que a essência de Deus e o intelecto do homem; pois como o que em nós deve conhecer Deus é o intelecto, e este está unido a Deus tão imediatamente que sem ele não pode existir nem ser entendido, daí decorre irrefutavelmente que nenhuma coisa pode estar tão estreitamente unida ao intelecto como o próprio Deus (KV II xxiv § 11).

Uma quimera, um ente fictício e um ente da Razão não podem de modo algum ser colocados entre os entes (reais) [...] um ente da Razão nada mais é do que um modo de pensar que serve para que as coisas conhecidas sejam mais facilmente retidas, explicadas ou imaginadas [...] assim, divide-se o ente em ente e não ente, ou em ente e modo de pensar. Todavia, não me admiro de que filósofos presos ao verbalismo e à gramática incidam em tais erros, pois julgam as coisas pelos nomes e não os nomes pelas coisas [...] Por tudo que foi dito acima, não pode haver concordância alguma entre o ente real e os ideados do ente de Razão. Por aí é fácil ver com que zelo é preciso precaver-se na investigação das coisas para não confundir os entes reais com os entes da Razão. Investigar a natureza das coisas é diferente de investigar os modos pelos quais nós as percebemos. Se confundirmos isto não podemos entender nem os modos de perceber nem a própria natureza, pior ainda, o que é mais grave, por causa disto incidimos nos maiores erros, como aconteceu até hoje (PM I).

O intelecto humano existindo no intelecto infinito de Deus (KV II xxiv § 11), pode-se deduzir que é da natureza da razão conhecer a necessidade das coisas verdadeiramente (EIIP41) tal como ela é em si mesma (EIIP44d), por cada coisa singular e a ideia dessa coisa singular, existente em ato, envolver necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45).

O homem que compreende a si e as coisas tal como elas são realmente (EIP29 e EIIP44d), as conhecendo pela razão e pela intuição, imediatamente conhece a Deus (EIIP47), ama a *Deus sive Natura* (EVP15d) e conhece o amor de Deus (EVPP35 e 36). Quanto mais conhece a Deus e o amor de Deus, mais o homem compreende a si próprio

e às coisas de forma clara e distinta (EVP15). Desse modo, o homem conhece o que há de divino em si e nas coisas (EIIP46).

Compreende que o homem e as todas as outras coisas do universo inteiro não são senão a expressão enquanto modos finitos no mundo manifesto, pelos infinitos atributos e pelas leis eternas, infinitas e necessárias de Deus em Deus e por Deus. Nada são senão a expressão, enquanto modos finitos, da natureza de Deus em Deus por Deus (todo B existe por Aa e por Aaa' da natureza de A em A e por A). Sendo o homem um dos infinitos modos finitos, ele também é enquanto modo finito expressão da natureza substância absolutamente infinita, nessa e por essa substância única. Como a substância, por necessidade da natureza de sua própria natureza – pela necessidade da natureza-essência-potência de Deus – se exprime no universo inteiro dos modos finitos em e por Deus, a substância absolutamente infinita se expressa na natureza própria do homem. O homem pela necessidade da natureza de Deus, em Deus e por Deus por infinitos modos infinitos imediatos (atributos divinos) e mediatos (eternas, infinitas e necessárias leis divinas), como Deus se exprime no homem, enquanto homem, em *Deus sive Natura* e pela substância absolutamente infinita.

Conhecendo-se como expressão da substância absolutamente infinita, enquanto homem, na substância única, imediatamente, esse homem compreende-se e apreende-se unidade na totalidade de Deus. Depreende a unidade de si, a unidade de cada uma e de todas as coisas na totalidade de Deus – não como uma parte da substância, mas uma parte (unidade) inscrustada ou insculpida na própria natureza da substância Deus.

O homem, que se compreende unidade na totalidade de Deus, infere e entende que ele – expressão da natureza de Deus enquanto homem – é o resultado necessário das eternas, infinitas e necessárias leis naturais de Deus, que por serem divinas não podem senão serem obedecidas. É o resultado de leis que por serem divinas – leis eternas e necessárias – não podem de forma alguma ser transgredidas porque nenhum ser, em Deus e por Deus, pode ir contra o que à natureza Deus ordena. Por isso, tudo o que ocorre é conforme o seu próprio (eterno e necessário) decreto (KV II xxiv § 5). O homem se conhece homem em Deus e por Deus por seus infinitos modos infinitos imediatos (atributos divinos) e mediatos (leis divinas). Sendo estas eternas, infinitas e necessárias leis como Deus ordena por seus infinitos atributos o universo inteiro, a nenhum modo finito, a nenhum homem, é possível senão obedecer a estas leis divinas

por serem essas mesmas leis divinas como Deus ordena todos os seus infinitos modos finitos, com Deus ao universo inteiro ordena.

Conhecendo-se e inteligindo o universo adequadamente, o homem conhece Deus (EIIP47). Para Espinosa, esse conhecimento adequado não é construído pela experiência, mas pelo intelecto humano, pela razão e pela intuição. Depreende-se disso, que o homem, então, conhece a si, às coisas e a Deus por seu intelecto humano que existe no intelecto infinito e eterno de *Deus sive Natura* pelo divino atributo do pensamento.

O eterno faz-se presente. O eterno faz-se presente imediatamente por seus atributos e por suas leis eternas e necessárias. O eterno faz-se presente: o presente eternamente presente no eterno faz-se presente depois de todo o tempo, antes de todo o tempo, no tempo que não é tempo, no instante, no instante presente eterno, não apenas pelas leis eternas e necessárias do eterno enquanto eterno, mas também e principalmente pelas leis divinas do eterno que determinam e regem o presente. O eterno faz presente o presente que sempre está presente no eterno por suas leis eternas e necessárias e por suas leis divinas que determinam e regem a existência do presente no eterno instante presente. A vida faz-se vida.

Identificada à substância – conhecido o significado de substância única – segue-se o estudo dos modos que um definido e determinado homem possui para perceber, entender e apreender o que é a substância única – *Deus sive Natura*. Apoderando-se por ser unidade na totalidade – pergunta-se como então captar ou tomar o conhecimento claro e distinto do que no homem há da substância única? Analisam-se, no próximo capítulo, portanto, os modos de percepção ou modos de entendimento do intelecto humano que o homem tem para inteligir si mesmo e as coisas em e por Deus.

O CONHECIMENTO DE SI MESMO: UMA MEDICINA DA MENTE

Segundo a *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata e o Tractatus Emendatione Intellectus* – livros onde Bento Espinosa hipostasia Deus⁵⁰ – ser livre e autônomo não significa senão agir exclusivamente por sua própria natureza sem o constrangimento de outro. Tendo conhecido, compreendido e apreendido o significado espinosano para Deus – aquele que intenta ser livre e autônomo em Deus – entende que ser livre e autônomo significa agir exclusivamente por sua própria natureza por aquilo de divino que nela existe.⁵¹ Ser um homem livre não significa senão ser quem ele é realmente por sua própria natureza – ser a expressão da essência e potência na substância única existente em si mesmo em ato no instante presente.

Percebe o homem, dessa forma, a necessidade de conhecer a sua natureza, conhecendo a si mesmo. Para conhecer a si e todas as demais coisas singulares de forma adequada e verdadeira – por sua essência e potência atual – o homem dispõe apenas de seu intelecto, isto é, de sua inteligência.⁵² Procura, portanto, apreender por ideias adequadas a si e ao outro, buscando entender a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Conhecer sua natureza implica na compreensão e apreensão do que há de divino em sua própria natureza humana – conhecer sua natureza enquanto esta exprime a natureza de Deus, em e por Deus.⁵³

⁵⁰ O verbo hipostasiar é usado no sentido de conferir realidade a uma ideia ou metáfora. Espinosa confere realidade a Deus.

⁵¹ Espinosa escreve no prefácio de *De Natura Et Origine Mentis* na *Ética*: “Passo agora a explicar aquelas coisas que deveriam seguir-se necessariamente da essência de Deus, ou seja, da essência do ente eterno e infinito. Embora tenhamos demonstrado, por EIP16, que dela devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras, não explicarei, na verdade, todas, mas apenas aquelas que possam nos conduzir, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude suprema.”.

⁵² Para Espinosa, intelecto e inteligência não são senão uma só e mesma coisa.

⁵³ Chauí, 1999, p. 755, aponta que ao usar os verbos envolver e pertencer, Espinosa rechaça a visão tradicional na qual a existência está contida na essência (Descartes, Leibniz et al.). “Espinosa evidencia que a diferença entre Deus e as coisas está em que Nele a essência envolve existência necessária e, nelas, a essência exprime um atributo divino e por isso é uma existência que depende de uma causa necessária, de sorte que a distinção não se estabelece entre essência e existência (como queria a tradição) e sim entre substância e modo, e que essa distinção não se estabelece entre o necessário e o possível, mas no interior do necessário, entre o necessário pela essência e o necessário pela causa. [...] pela definição de causa de si, o necessário pela essência é também é indissolúvelmente o necessário pela causa.”.

Se B conhece e compreende A, para B ser livre e autônomo em A, B deve procurar conhecer B em A por Aa e Aaa, para agir por Aaa, sendo, então, B a causa adequada de B – a causa adequada dos afetos, das ideias e dos atos de B. Portanto, para o homem ser realmente livre precisa conhecer adequadamente a si mesmo e as demais coisas do universo inteiro (ou, pelo menos procurar conhecer).

Dois conceitos propostos por Bento Espinosa são fundamentais para o correto entedimento do método espinosano de conhecimento pelo intelecto: o conceito de ideia e o conceito de ideia adequada. Espinosa, em *De Natura et Origine Mentis*, no capítulo dois da *Ética*, define:

Por ideia compreendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante. Explicação: Digo *conceito* e não *percepção*, porque a palavra *percepção* parece indicar que a mente é passiva relativamente ao objeto, enquanto *conceito* parece exprimir uma ação da mente (EIID3).

Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira. Explicação: Digo *intrínsecas* para excluir a propriedade extrínseca, a saber, a que se refere à concordância da ideia com o ideado (EIID4).⁵⁴

Espinosa propõe um método genético-geométrico em seu *Tractatus de Intellectus Emendatione (Tratado para a Emenda do Intelecto)* e em *De Natura et Origine Mentis da Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* para o adequado conhecimento das coisas pelo intelecto humano. O intelecto finito humano é um modo

⁵⁴ Chauí, 1999, p. 757, pontua a ausência de uma definição espinosana para mente – explica lembrando que “por corpo, Espinosa entende toda modificação finita, determinada e singular da essência do atributo extensão cuja contraparte no atributo pensamento não é *uma mente e sim uma ideia*.” (grifo da autora). Espinosa diz claramente não compreender a mente como um *locus* da percepção ou do entendimento senão como a ideia do corpo. A mente é a própria ideia – a ideia da afecção do corpo por outro externo aquele que constroi a ideia. Portanto, conhecer a mente não é senão conhece a ideia (a ideia da afecção de um corpo por outro corpo). Chauí também escreve: “a ideia e [...] ideia adequada se definem pela atividade da mente – ideia é o conceito que a mente forma – e, mais do que isso, referem-se à natureza da mente – “porque é coisa pensante” [...] Espinosa pôde oferecer a definição da ideia como conceito que a mente forma por ser *res cogitans* e a ideia adequada como intrinsecamente verdadeira [...] *res cogitans* é ou atributo de Deus ou afecção de um atributo de Deus e [...] a *cogitatio* é atributo de Deus e, portanto, segue da natureza desse atributo que suas afecções (ou modos) sejam da mesma natureza que ele, isto é, *res cogitans*.” (Chauí, 1999, pg. 756).

finito pelo atributo do pensamento no intelecto infinito de Deus, intelecto infinito que é um modo infinito pelo atributo pensamento infinito e eterno de Deus (EIIP1d).⁵⁵

Bento Espinosa inicia seu *Tractatus de Intellectus Emendatione*, onde propõe conhecer pela causa⁵⁶, se questionando se há um algo que possa ser tido ou chamado pelo homem como o “bem verdadeiro” algo que “uma vez descoberto ou adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade.” (TdIE § 1). Meditando profundamente, “dando tratos” (TdIE § 3) ao seu pensamento, percebe que os bens normalmente desejados pelos homens, a honra, a riqueza e o prazer dos sentidos, não resultavam em felicidade, ao contrário, causavam embotamento, tristeza e muitas vezes, a própria morte do homem que por estes bens dedica a sua vida. Refletindo, Espinosa afirma que

cheguei a perceber que, se pudesse ponderar a fundo, estaria largando (esses) males certos por um bem certo. Sentia, assim, encontrar-me em extremo perigo e ter de procurar, com todas as minhas forças, um remédio ainda que incerto; como um doente, atacado de fatal enfermidade, que antevê morte certa senão encontrar um remédio, e é constrangido a procurá-lo com todas as forças, mesmo que ele seja incerto, pois que nele está sua única esperança (TdIE § 7).

Deixando de lado os objetivos que só trazem uma alegria passageira, Espinosa propõe que o homem que deseja ser livre e autônomo sendo a causa adequada de seus

⁵⁵ Chaui, 1999, p. 756: “o intelecto em ato pode ser infinito ou finito, que ambos conhecem as mesmas coisas e as conhecem da mesma maneira porque o ato de inteligência é de mesma natureza em ambos; e, finalmente, graças a EIP31, já está demonstrado que o intelecto em ato finito (assim como o intelecto em ato infinito) é um modo que pertence à Natureza Naturada [mundo manifesto], não devendo ser confundido com o atributo pensamento ou com o pensamento absoluto, e sim entendido como modo do pensar, devendo ser concebido por um atributo de Deus sem o qual não pode ser nem ser concebido.”.

⁵⁶ Chaui, 2011, p. 130: “conhecer [...] como disseram os antigos (Aristóteles) é conhecer pela causa. Isso significa em primeiro lugar, que a própria causa deve ser conhecida, pois, em segundo lugar, conhecer por seu intermédio nada mais é senão conhecer o modo pelo qual ela engendra de maneira necessária um efeito determinado, visto que uma causa verdadeira não pode ser extrínseca ao efeito, mas interna a ele.”. [...] “É adequada a ideia que dá a conhecer as razões internas de sua produção, ou seja, a causa eficiente necessária imanente que a engendra como uma ideia singular inteiramente apreendida pelo intelecto que com ela, conhece a essência da própria coisa, ou seja, a natureza da própria coisa (ou sua essência formal). A causa eficiente de uma ideia adequada é aquela que oferece a razão total dessa ideia e assegura a dedução completa de todas as suas propriedades, entendidas como efeitos internos causados pela própria ideia.”.

afetos, de suas ideias e de seus atos, não pode ter como o seu bem senão o seu sumo bem, o seu bem verdadeiro que

é gozar, se possível com outros indivíduos, da natureza superior [...] essa natureza superior é o conhecimento da união da mente com a Natureza inteira (TdIE § 13).

Bento Espinosa, ao escrever o Tratado da Reforma da Inteligência, propõe uma reforma, uma *emendation*, uma *medicina mentis*, uma correção no intelecto, uma medicina da mente, absolutamente necessária para que o homem conheça o modo que pensa, em seus diferentes gêneros, por suas causas, características e resultados. Espinosa não propõe um manual de um reto pensar com regras do que é o certo ou do que é a maneira correta de pensar com normas específicas ao bem pensar, como filósofos anteriores propuseram. Ele apresenta

uma meditação sobre a natureza do pensamento que nos leve, como pela mão a uma sorte de conversão intelectual, a uma radical mudança de ponto de vista que permitirá ver todas as coisas, inclusive o homem e seu destino, na total unidade com o Ser Perfeitíssimo, e eliminará as ilusões que conduzem às filosofias pluralistas e à crença em uma jurisdição privilegiadas para o homem dentro da ordem natural das coisas.⁵⁷

Com essa reforma, Bento Espinosa pretende que o homem conheça o seu modo de pensar apreendendo as coisas como a substância por seu atributo pensamento, não enquanto infinito, mas enquanto o intelecto finito humano. Espinosa propõe que conhecer um modo singular não é conhecer senão por sua causa necessária da qual esse modo singular é efeito. Isso implica conhecer a causa precisa, definida e determinada desse modo singular e como dessa causa se segue de maneira necessária o efeito determinado – o modo singular – onde a sua causa necessariamente se encontra contida. Portanto, a causa adequada e verdadeira de um modo finito não advem de algo

⁵⁷ Espinosa, sobre a natureza humana, em TP I§ 4: “Para investigar aquilo que respeita a esta ciência com a mesma liberdade de ânimo que é costume nas coisas matemáticas [...]. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções de ânimo, como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem, tanto como o calor, o frio, tempestade, o trovão e outros fenômenos do mesmo gênero pertencem à natureza do ar, os quais, embora sejam incômodos, são, contudo, necessários e têm causas certas, mediante as quais tentamos entender a sua natureza. E a mente regozija-se tanto com a verdadeira contemplação destes fenômenos como com o conhecimento das coisas que são agradáveis aos sentidos.”. Consultar também TdIE, p. X.

extrínscio ao efeito, mas de algo interno a ele.⁵⁸ Assim, desse modo, conhecer, sem a confusão de ideias imaginária e inadequadas, a realidade da(s) coisa(s) por sua essência atual, por sua potência atual, por seu *conatus*, em sua natural perfeição e virtude na substância e pela substância absolutamente infinita (EIP44d) – Deus (EIP25).⁵⁹

Marcos Gleizer diz que a substância para Espinosa ou o

seu Deus é imanente à Natureza, e o conhecimento de nossa união como ele nada mais é do que o conhecimento intelectual de nós mesmos como partes da Natureza, partes integralmente submetidas, como todas as outras, às leis causais necessárias que regem o comportamento das coisas naturais. Neste espaço teórico dominado pelas ideias de imanência e necessidade, a exigência racionalista de inteligibilidade integral do real será colocada a serviço da intuição fundamental da unidade da Natureza e levada às últimas consequências.⁶⁰

O homem, unidade na totalidade da substância, por essa exigência racionalista de inteligibilidade integral do real, pelo racionalismo absoluto espinosista, pode se conhecer e conhecer os demais modos finitos com quem compartilha essa vida, a sua atual vida, em um mundo manifesto de relações interdependentes pela

dedução que se faz da essência das coisas a partir da essência do Ser Perfeito. Esta é a grande dedução da *Ética*, que nos instala na ordem universal das ideias.⁶¹

⁵⁸ Espinosa em TdIE § 98, 99 e 101.

⁵⁹ Em EIP25, Espinosa: “Deus é causa eficiente não apenas da existência das coisas, mas também de sua essência.” No escólio dessa proposição tem-se: “dada a natureza divina, dela se deve necessariamente deduzir tanto a essência quanto a existência das coisas. E, para dizê-lo em uma palavra, no mesmo sentido em que se diz que Deus é causa de si mesmo, também se deve dizer que é causa de todas as coisas [...]” E, no corolário lê-se: “as coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada.”

⁶⁰ Gleizer, 2005, p. 8: “para que o homem possa se conhecer é preciso que conheça os seus diferentes modos de percepção o que necessariamente implica no conhecimento da natureza do próprio intelecto ou inteligência humana. Com isso, a sua maior virtude pode vir a ser atingida: conhecer, compreender e apreender a união de sua mente – de si mesmo – com a natureza inteira na substância única. Quanto a essa questão, Espinosa afirma em EIP7 que ‘a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas’”. Consultar também Chauí, *A Nervura do real*, 1999, p. 596.

⁶¹ O conhecimento adequado significa o conhecimento pela essência das coisas a partir da essência de Deus. Teixeira, na introdução do *Tratado da Reforma da Inteligência*, p. XVIII-XIX, afirma: “partindo da ideia verdadeira de uma coisa, buscamos a causa próxima dessa ideia e a causa próxima desta causa próxima e assim, em um movimento regressivo, até chegarmos a Deus. Isto é, todas as ideias

O homem ao compreender-se uma unidade na totalidade da Natureza, apreende que tudo o que acontece na natureza da substância, acontece segundo uma ordem eterna seguindo às leis imutáveis (eternas, necessárias e divinas) da Natureza (TdIE § 12 e EIPP26 e 33). Assim, a ontologia espinosana do necessário, deixando de lado a metafísica do possível, demonstra que o que existe, exprime como um modo preciso, definido e determinado, por uma sequência causal, a essência da substância (EIP15). Como a essência da substância e sua potência, é uma só e mesma coisa, tudo o que existe exprime de maneira certa e determinada a potência da substância.⁶² Sendo cada coisa singular a expressão definida e determinada da potência eterna e infinita da substância, então, as coisas particulares também são uma potência ou uma força capaz de ser a causa de algum efeito. Espinosa chama essa potência individual, singular e finita de potência para agir ou força para existir. É o esforço, enquanto em si, de perseverar em seu ser ou autopreservação na existência, sua essência atual, seu *conatus*.

Assim, o homem compreende que cada coisa realiza, enquanto em si, o seu ser, por sua própria essência atual, por seu *conatus* em Deus (EIIIP6 e EIIIP7). A realidade de uma coisa definida e determinada particular é a realidade determinada por uma lei divina: por uma lei absolutamente necessária que não pode, de forma alguma, ser transgredida, por ser Deus quem a ordena (EIP26). Esse homem compreende ou apreende em sua realidade a sua própria perfeição (a sua realidade e a sua perfeição enquanto um determinado e definido modo finito) (EIID6).

verdadeiras nos levam à ideia de Deus ou se concluem da ideia de Deus.”. Por EIIP7, referida na nota de rodapé 60, Espinosa demonstra que esse conhecimento adequado pode ser atingido pelo intelecto humano já que “tudo o que se segue, formalmente, da natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente, em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus.” (EIIP7c). No escólio dessa proposição, Espinosa esclarece que “tudo o que pode ser percebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertence a uma única substância apenas e, conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro. Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, de duas maneiras. [...] Assim, quer concebamos a natureza sob o atributo extensão, quer sob o atributo pensamento, quer sob qualquer outro atributo, encontraremos uma só e mesma ordem, ou seja, uma só e mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguindo-se umas as outras.”.

⁶² Chauí, 2011, p. 127, escreve: “A ontologia do necessário, demolindo a metafísica do possível, demonstra que tudo que existe exprime um modo *certo* (isto é, assim e não de outra maneira) e determinado (isto é, por esta conexão de causas e por nenhuma outra) a essência da substância.” (grifo da autora).

Disso conclui-se que B não pode ser senão B – B em A por Aa e por Aaa (sua realidade e sua perfeição) – por obedecer A por Aaa, como o que A por Aa e Aaa ordena o universo inteiro. Portanto, se B não pode ser senão B, não pode ser B' porque B' existe em A por Aa e por Aaa'. Para que esse grau de entendimento das coisas seja possível ao homem,

antes de mais nada, é necessário pensar no modo de corrigir a inteligência e de purificá-la o mais possível desde o início, a fim de que possa compreender com mais facilidade as coisa, sem erro, perfeitamente (TdIE § 16).

Tendo o homem reformando sua inteligência (tendo entendido as leis naturais eternas do pensamento humano), ele começa, ao observar as coisas, com as lentes polidas do pensamento (Espinosa polia lentes), pela razão ou por intuição, compreender, perfeitamente, que “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido” (EIP15).

Assim, compreende que “Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas” (EIP18) e que “Deus é causa eficiente não apenas da existência de todas as coisas, mas também de sua essência” (EIP25). Compreende que Deus é causa livre de si e do universo inteiro (EIP17).

Apreende, contudo, que “a essência das coisas produzidas por Deus não envolve a existência” (EIP24), visto que as coisas determinadas e definidas ora existem ora não existem. A existência e duração dessas coisas singulares e particulares não são determinadas ou causadas por sua essência, mas apenas pela essência de Deus na qual essas coisas singulares e particulares sempre existem enquanto substância. Compreende, então, que

nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra,

a qual também é finita e tem uma existência determinada, assim por diante, até o infinito (EIP28).⁶³

As coisas singulares existem, e existem em e por Deus (EIP15), por afecções nos atributos de Deus (EIP9) que se exprimem de forma definida e determinada (EIP25c). Deus é sua causa imanente (EIP18), sua causa livre (EIP17), sua causa eficiente (EIP25) e sua causa última (EIP25). Mas a sua existência, como essa determinada e definida coisa particular, depende das demais coisas singulares, da interação ou interdependência que naturalmente existe entre as coisas singulares, entre os infinitos modos finitos da substância, modos que não se seguem da natureza absoluta dos atributos de Deus, mas desses atributos afetados por e enquanto sua expressão modal nas precisas circunstâncias de sua expressão. As coisas singulares não podem existir nem operar a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada (EIP28 e EIP9). Espinosa clarifica que

nada existe, na natureza das coisas, que seja contingente; em vez disso, tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira definida (EIP29).

O *Tractatus de Intellectus Emendation* – que Espinosa escreve conforme os tratados médicos seiscentistas⁶⁴ – é de fundamental importância para a compreensão

⁶³ Em EID2, Espinosa escreve: “diz-se finita em seu gênero aquela coisa que pode ser limitada por outra de mesma natureza.” Em EIID7, tem-se: “por coisa singular compreendo aquelas coisa que são finitas e que têm uma existência determinada. E, se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de maneira tal que, sejam todos, em conjunto, a causa de um único efeito, considero-os todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular.” (Esse modo pode-se considerar o homem ou um homem como uma coisa singular definida e determinada enquanto um conjunto de agregados constituintes; também pode-se considerar a *pólis* ou estado – democrático – como uma e somente uma coisa singular). Espinosa escreve em EIP25: “Deus é causa eficiente não apenas da existência das coisas, mas também de sua essência.” E, no corolário dessa proposição tem-se: “as coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada.”. Disto tem-se que a existência das coisas singulares se segue da essência e potência de Deus; e a essência atual dessas coisas particulares se segue dos atributos de Deus modificados pelas leis divinas de Deus.

⁶⁴ Chauí, 2011, p. 57-58, afirma que “no caso de Espinosa, a relação com a medicina aparece de duas maneiras distintas. No *Tratado da Emenda do Intelecto*, ela aparece indiretamente como estruturadora do próprio texto, escrito em conformidade com os tratados médicos seiscentistas, mas o seu objeto não é o corpo, e sim o intelecto, cuja ‘anatomia’ e ‘fisiologia’ são descritas a partir da experiência do desejo, que se inicia como desejo dos bens incertos da Fortuna, que por isso são males certos, e termina com a afirmação de que somos capazes de plena satisfação do desejo quando desejamos bens certos por sua natureza, de sorte que o texto espinosano pode ser lido como medicina animi, medicina do ânimo.”. A outra relação com a medicina ocorre na *Ética* quando Espinosa se refere à física e a fisiologia do corpo humano (Livro II); quando corpo e mente “são deduzidos como modos finitos ou expressões da potência

dos pressupostos epistemológicos que Espinosa introduz em sua obra principal, “o monumento filosófico”⁶⁵ que é a *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*. A *emendation* espinosana do intelecto, a medicina espinosana da mente, sua *medicina animi*, sua medicina do animo, que é detalhada com cuidado geométrico no livro *De Natura et Origine Mentis* da *Ética*, se mostra absolutamente necessária porque não há para o homem nenhuma verdade senão a que é criada pela própria inteligência humana. Lívio Teixeira afirma no prefácio do *Tratado da Emenda do Intelecto* que

a inteligência humana é apenas um “modo finito” do pensamento infinito (de Deus) [...] a verdade não vem de fora, que não há nenhum critério de verdade, nenhuma justificação transcendente da verdade [...] a nossa inteligência é criadora da ideias verdadeiras, ainda que essa criação não seja senão a descoberta de que, como modo finito da substância divina, não podemos bem pensar a não ser quando pensamos, a partir de Deus, a ordem universal das ideias.⁶⁶

Espinosa intenta que cada coisa no universo, cada homem, se conheça por sua própria natureza de forma clara e distinta, ou seja, se conheça adequadamente, tal como ele é realmente em si mesmo. Segundo Chauí, Bento Espinosa, nesses seus dois livros, na *Ética* e no *Tratado da Emenda do Intelecto*, apresenta os remédios éticos para que cada homem seja o médico de sua alma, de si mesmo por si mesmo, não guiado pela

da Natureza, portanto, como forças vitais intrinsecamente afirmativas e indestrutíveis, isto é, como *conatus*” definido como a essência do homem (Livro III); e, quando, no Livro IV, escreve sobre o *conatus*, sobre “o desejo de vida (com o fortalecimento da potência interna do *conatus*) e a passagem da passividade à atividade como conquista da saúde corporal e mental.”

⁶⁵ Teixeira, na Introdução do *Tratado da Reforma da Inteligência*, 2004, p. IX, afirma que este tratado é um texto de fundamental importância “para compreender os pressupostos epistemológicos que levam Espinosa a deduzir tudo das definições que se encontram no princípio de sua obra principal: definição de *causa sui*, de substância, de Deus.”. Chauí, 2011, p.68, também afirma que a filosofia espinosana germina na busca da felicidade e à felicidade se dedica até resultar em sua obra magna – a *Ética*. Ela afirma: “essa ética é a verdadeira entrada da filosofia na modernidade, pois se oferece liberada do peso de duas tradições: a da transcendência teológico-religiosa ameaçadora, fundada na ideia de culpa originária e na imagem de um Deus juiz; e da normatividade moral, fundada na heteronímia do agente, uma vez que este, para ser moralmente virtuoso, deve submeter-se a fins e valores externos não definidos por ele.”.

⁶⁶ Teixeira, 2004, p. X: “não há para o homem nenhuma verdade, a não ser a que é criada pela sua própria inteligência.”. [...] “em vista disso, o que importa é conhecer nossa própria inteligência, uma vez que só dela nos pode vir à verdade. Não devemos, contudo, pressupor a existência de uma substância cuja atividade consiste em pensar ideias que já estão nela ou lhe vêm de fora: *conhecer nossa inteligência é simplesmente, e sem mais, conhecer nossas ideias.*” (grifo meu).

imaginação, mas guiado pela razão que precisa ser desejante para ser racional.⁶⁷ Chaui comenta que Espinosa descreve os afetos e desejos como

uma rede afetiva intrincada de múltiplos desejos (contrários na paixão; concordantes na ação) que não dependem do temperamento, mas da disposição atuais do nosso corpo e de nossa mente enquanto constituem um indivíduo singular que afeta os outros e é por eles afetado de inúmeras maneiras conforme as circunstâncias. [...] Em segundo lugar, Espinosa [...] sublinha a importância do hábito moderador [...] não como ação racional voluntária exercida pelo desejo, mas como aptidão do corpo e da mente para manter as circunstâncias que reforçam o desejo de autoconservação e excluir aquelas contrárias, que o enfraquecem. [...] E aqui encontramos a grande inovação espinosana: o desejo não é somente operação imaginativa e paixão; é um afeto originário que pode ser passivo ou ativo, uma paixão ou uma ação, e *nossa razão só disporá da capacidade moderadora se for vivida por nós como um afeto* ou um desejo ativo cuja força suplanta a de afetos passivos ou paixões. Assim, em lugar de o desejo tornar-se racional, como toda a tradição filosófica prometera, *é a razão que precisa tornar-se desejante para ser racional* (grifo meu).⁶⁸

Espinosa rompe radicalmente com o entendimento tradicional. Antigamente, para a filosofia tradicional, o movimento era o desejo; para Espinosa o desejo é o movimento.⁶⁹ Os afetos não precisam ser dominados, mas conhecidos por sua natureza

⁶⁷ Penso que a expressão usada por Chaui (2011, p. 58) “pela razão que precisa ser desejante” poderia ou deveria ser substituída por *pela razão que precisa ser afetiva*. Ao invés de uma razão desejante, uma razão afetiva que leve o homem procurar entender os afetos por aquilo que eles são realmente, por sua própria natureza em Deus por suas leis infinitas e eternas (leis divinas).

⁶⁸ Chaui, 2011, p. 58-59: “a razão precisa tornar-se desejante para ser racional.”. A razão precisa tornar-se afetiva: compreender e apreender o verdadeiro significado dos afetos – por suas causas adequadas – para ser racional. Tem-se uma razão absolutamente racional porque afetiva (por incluir o afeto na construção da ideia da afecção do corpo pelo outro – a mente).

⁶⁹ Se o desejo é movimento – se a ideia é movimento – então a mente é movimento. Chaui afirma que “assim como as linhas, planos e corpos são efeitos necessários de movimento também os afetos possuem causas determinadas que podem ser perfeitamente conhecidas. A dinâmica do *conatus* toma o movimento como uma causa, rigorosamente definida como tal, uma vez que é responsável pela *gênese* (grifo meu) dos corpos e de seus efeitos e, apreendendo-o segundo a exigência galileana de tomá-lo não como passagem entre dois pontos em repouso, mas como continuidade e trânsito ininterruptos, permite *uma ciência do desejo de estilo matemático* (grifo meu), cujos pressupostos são: a causa do movimento é outro movimento; o começo de um movimento já é movimento; um corpo é efeito de movimentos e causa de outros, e toda variação qualitativa – no caso, a variação afetiva causada pelo desejo – é uma variação de quantidades, velocidades e direções de movimento, ou, como exige Espinosa, de relações de proporção entre movimento e repouso.” (Chaui, 2011, p. 52). Ver nota de rodapé 57.

e sua origem para que a mente, os tendo compreendidos e apreendidos adequadamente, os possa moderar: a razão torna-se afetiva para que essa mesma razão atinja o seu grau de absoluta racionalidade no pensar as coisas (EIIIpr). Com isso, Bento Espinosa cria a sua *Ética* com absoluta racionalidade, como nunca antes havia sido feito. Chauí comenta que

se tomarmos Espinosa, como ponto extremo da radicalidade clássica, sua obra, mais do que a de seus contemporâneos, permite que observemos como a modernidade desata os laços que prendiam o desejo à astrologia – já não há diferença de natureza entre o céu e a terra, e nossa fortuna não está nos astros, mas em nosso poder sobre as circunstâncias que criamos ou enfrentamos [...]

não carecemos de substitutos porque há ciência do *páthos* [...] a ética como discurso dedutivo e demonstrativo das causas e formas da passividade e da atividade anímicas, e [...]

o desejo é natural, não opinião valorativa [...]

o desejo é efeito, na consciência, de movimentos mecânicos, conhecidos pela física e pela fisiologia [...]

o desejo é manifestação consciente do esforço individual de autoconservação na existência e, por ser consciente, é próprio do homem, que compartilha com os animais a tendência ao movimento de autopreservação, chamado apetite.⁷⁰

Sendo da natureza da razão perceber e compreender as coisas verdadeiramente (EIax₆), como as coisas são em si (EIP29), por seu intelecto enquanto intelecto racional, o homem conhece as coisas não enquanto contingentes, senão enquanto necessárias (EIIP44). Espinosa diz que essência e a existência das coisas se seguem da necessidade da natureza de Deus (EIPP16 e 21) e somente Deus, por agir exclusivamente pelas leis de sua natureza sem ser coagido por ninguém, é causa livre de todas as coisas (EIP17c₂), ou seja, as coisas, enquanto sua essência e existência, se seguem da livre potência de Deus (EIP17 e EIP17c₁). Sobre essa questão, Chauí comenta que

o emprego do verbo “seguir” e da palavra “natureza” indicam, por si mesmos, que a imagem da ação inteligente voluntária foi afastada, pois a

⁷⁰ Essas observações preparam para a conclusão da filosofia espinosana que o ato livre não é senão o ato necessário (Chauí, 2011, p. 59). Consultar também Chauí, 1999, p.77.

tradição teológica estabelecera uma oposição entre *natura* e *voluntas*: a primeira é o que causa necessariamente um efeito, enquanto a segunda é o que causa contingente e livremente. Por seu turno, o emprego da expressão “livre necessidade” indica que está desfeita a oposição entre o necessário e o livre, pois este não se articula a uma vontade. Embora o vocábulo espinosano seja indicador das subversões conceituais, Espinosa demonstra o que sua linguagem mostra. Demonstra que: 1) o intelecto e a vontade não são atributos de Deus; 2) o intelecto é um modo do atributo pensamento (modo que pode ser infinito ou finito); 3) a vontade não se distingue do intelecto, pois este é a ação de afirmar ou negar uma ideia, ação que a tradição atribuía à vontade.⁷¹

Assim, Espinosa demonstra que a causalidade divina é a causalidade necessária, imanente e eficiente, livre e ativa, do universo inteiro que se segue da livre necessidade de sua natureza divina. Desse modo, se estabelece uma relação lógico-matemática entre causa e efeito, entre o princípio e a sua consequência. Chauí, frisa a importância de ser a realidade de uma determinada e definida coisa, a ação da livre necessidade da essência ou natureza da substância. Afirma que

a relação entre Deus e as coisas não é apenas a da necessidade que preside a produção delas, mas é ainda a da necessidade lógica que lhes confere inteligibilidade absoluta. Dessa maneira, Espinosa demonstra a necessidade e inteligibilidade da causa (isto é, da potência divina) e a necessidade e inteligibilidade dos efeitos (isto é, da essência e existência das coisas).⁷²

Com esse conhecimento racional lógico-matemático, o homem pode conhecer realmente as coisas e a si mesmo. Pode vir a ser a causa adequada de si mesmo, por apreender a causa de seus afetos, de suas ideias e de seus atos, deixando de sofrer passivamente pelas paixões. Desse modo, pode mover-se ativamente, ou seja, agir por sua própria natureza – na e pela natureza da substância única.

⁷¹ Chauí, 2003, p. 100: “Espinosa afirma que a essência e a existência de todas as coisas *seguem necessariamente* da *natureza de Deus* ou da *livre necessidade* de sua potência” (grifo da autora). A essência e a existência do universo inteiro seguem necessariamente da natureza de Deus – da livre necessidade de sua potência (EIP34). Deus é causa imanente, eficiente, ativa de todas as coisas que se seguem – de Deus, por Deus e em Deus – em uma única ordem e conexão causal enquanto o atributo extensão e, simultaneamente, em uma mesma ordem e conexão lógico-matemática das ideias das coisas enquanto o atributo pensamento. Isso permite ao homem – conhecendo lógica e adequadamente a ordem e conexão de suas ideias – conhecer a ordem e conexão causal das coisas. E, vice versa.

⁷² Chauí, 2003, p. 100 e 101. E, Chauí, 1999, p. 598.

Se um homem se tornar a causa adequada de si mesmo, o que acontece com esse determinado e definido homem – nele ou fora dele – depende apenas de sua natureza e somente por ela é explicado (EIID1). Assim, esse dado homem – causa do que se passa com ele mesmo e fora dele – torna-se ativo: age por seus afetos (ações) e não mais padece por seus afetos (paixões). Seu movimento ou a sua ação – no agir ativo – exprime a sua causalidade eficiente adequada, pois, pela ontologia espinosana do necessário, toda causa é uma causa eficiente (de seu efeito – efeito, onde sua própria causa necessariamente se encontra contida e presente) e, agora, uma causa adequada por conhecimento da causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos – ações e não mais paixões.⁷³

Se A é a causa de B, B depende de A. B existe em A. B não é senão como A se exprime enquanto B, ou seja, B está, é, se move, vive e existe em A. Portanto, há algo de A em B: há algo de divino em B.

Para Espinosa, a passagem de uma paixão para uma ação não se dá senão pelo conhecimento adequado do que é uma paixão e do que é uma ação. Essa passagem é uma mudança qualitativa intelecto-afetiva do próprio desejo e da própria vontade: o conhecimento adequado leva a passagem de uma ideia inadequada e uma causa inadequada para uma ideia adequada e uma causa adequada.

Como consequência dessa mudança qualitativa – passar de uma paixão para uma ação – leva a passagem de uma perfeição ou uma realidade menor para uma perfeição ou uma realidade maior. Não há, portanto, a necessidade de supressão ou controle de qualquer aspecto ou característica de um determinado homem. Há a necessidade do

⁷³ Chaui, 2011, p. 62, escreve que “em todas as suas obras, Espinosa demonstra que noção de causa final ou de finalidade é uma construção imaginária na qual recorremos à noção de um fim para suprir nossa ignorância quanto à causa real e verdadeira de uma coisa, um acontecimento ou uma relação. Não existem causas finais; só existem causas eficientes. Uma vez que somos expressões finitas da causalidade imanente da substância absolutamente infinita, somos, como ela, causas eficientes – o *conatus* como potência de agir. Todavia, há maneiras diversas de realizarmos a causalidade que somos. Podemos ser uma *causa inadequada* [...] Podemos, porém, ser *causa adequada* (grifos da autora) quando o que acontece em nós e fora de nós depende apenas de nosso ser e somente por ele é explicado. Somos causa total ou completa do que se passa em nós e fora de nós e por isso somos ativos. A ação exprime nossa causalidade eficiente adequada.”.

conhecimento adequado dos aspectos ou das características desse definido e determinado homem – pela razão e pela intuição.⁷⁴

Para que o homem possa ter o conhecimento adequado por ideia adequada da causa adequada das coisas, o homem percebe a necessidade de procurar conhecer a si mesmo e às coisas por suas causas genéticas – por sua causa imanente eficiente próxima. Mas, normalmente, o homem ao pensar não tem apenas ideias adequadas ou verdadeiras: ora tem ideias inadequadas (por imaginação) ora ideias adequadas (por intuição e razão). É da essência da mente humana ser constituída por ideias inadequadas e adequadas (EIIP3). Espinosa, revolucionariamente, afirma que não há, nas ideias (adequadas ou inadequadas), nada de erro, nada de positivo pelo qual elas se digam falsas (EIIP33). Ele mesmo explica essa questão escrevendo que

se negas isso, concebe, se puderes, um modo positivo do pensar que constitua a forma do erro, ou seja, da falsidade. Esse modo do pensar não pode existir em Deus (por EIIP32); mas tampouco pode existir nem ser concebida fora de Deus (por EIP15). Portanto, não pode haver, nas ideias, nada de positivo pelo qual se digam falsas (EIIP33d).

Essa conclusão decorre de proposições anteriormente demonstradas em *De Natura Et Origine Mentis* – livro II da *Ética*. Afirma que todas as ideias existentes em Deus, enquanto referidas a Deus, são verdadeiras (EIIP32) e adequadas (EIIP7c) e pelo fato de o intelecto do homem existir no intelecto de Deus (EIIP1d), portanto, nenhuma ideia é inadequada, senão enquanto referida a mente de um indivíduo singular – enquanto está referida a mente de um homem (EIIP36d).⁷⁵

⁷⁴ Espinosa, no apêndice do livro *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus* da *Ética*, esclarece esta questão, do capítulo um ao capítulo cinco.

⁷⁵ Complementando a nota de rodapé 74, no capítulo dois do apêndice no Livro IV da *Ética*, tem-se: “os desejos que se seguem de nossa natureza, de maneira tal que podem ser compreendidos exclusivamente por meio dela, são os que estão relacionados à mente, à medida que esta é concebida como consistindo de ideias adequadas. Quanto aos outros desejos não estão relacionados à mente senão à medida que esta concebe inadequadamente as coisas. A força e a expansão desses desejos devem ser definidas não pela potência humana, mas pela potência das coisas que estão fora de nós. Por isso, os primeiros desejos são, apropriadamente, chamados de ações, enquanto os segundos são chamados de paixões; pois os primeiros indicam sempre, a nossa potência, enquanto os segundos indicam, ao contrário, a nossa impotência e um conhecimento mutilado.”. No capítulo seis: “Como [...] todas aquelas coisas das quais o homem é causa eficiente são necessariamente boas, nada de mau pode sobrevir a ele que não se deva a causas exteriores; quer dizer, enquanto o homem é uma parte da totalidade da natureza, a cujas leis a natureza humana é obrigada a obedecer, e à qual deve ajustar-se de infinitas maneiras.”. No capítulo sete: “E é impossível que o homem não seja parte da natureza e que

Porém, uma ideia inadequada não se constitui em algo falso, incorreto ou errado. Por EIIP3, Espinosa escreve que uma ideia inadequada, em si mesma, não é um erro, muito menos uma ideia falsa. Uma ideia inadequada é uma ideia confusa ou incompleta. Para Espinosa, uma falsidade é uma privação de conhecimento ou uma ideia onde o conhecimento é ou está incompleto ou confuso. A falsidade ou o erro consistem na privação de conhecimento, ou seja, o conhecimento inadequado das coisas por ideias inadequadas, incompletas e confusas (EIIP35). Espinosa argumenta que

os homens se enganam ao se julgarem livres, julgamento a que chegam apenas porque estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados. É, pois, por ignorarem a causa de suas ações que os homens têm essa ideia de liberdade. Com efeito, ao dizerem que as ações humanas dependem da vontade estão apenas pronunciando palavras sobre as quais não têm a mínima ideia. Pois, ignoram todos, o que seja a vontade e como ela move o corpo. Os que se vangloriam do contrário, e forjam sedes e moradas para a alma, costumam provocar o riso ou a náusea. Assim, quando olhamos para o sol, imaginamos que ele está a uma distância aproximada de duzentos pés, erro que não consiste nessa imaginação enquanto tal, mas em que, ao imaginá-lo, ignoramos a verdadeira distância e a causa dessa imaginação. Com efeito, ainda que posteriormente, ceguemos ao conhecimento de que ele está a uma distância de mais de seiscentas vezes o diâmetro da Terra, continuaremos, entretanto, a imaginá-lo próximo de nós. Imaginamos o sol tão próximo não por ignorarmos a verdadeira distância, mas porque a afecção de nosso corpo envolve a essência do sol, enquanto o próprio corpo é por ele afetado (EIIP35s).

Na *Ética*, Espinosa sustenta que o homem possui três gêneros de entendimento – três modos de pensar: a imaginação, a razão e a intuição. Há uma diferença de grau ou de qualidade segundo o gênero ou modo de pensar que o homem emprega no processo para conhecer o mundo – menor ou incompleto na imaginação; maior na razão e intuição. Por imaginação, o homem tem ideias inadequadas, confusas e incompletas das coisas; pela razão e pela intuição, tem ideias claras, definidas e distintas das coisas. Pela razão ou intuição, tem ideias adequadas (intrinsecamente verdadeiras) das coisas. Pela razão, conhece as coisas porque elas têm em comum, por suas leis (EIIP38) e pela

não siga a ordem comum desta. Se, entretanto, vive entre indivíduos tais que combinam com a sua natureza, a sua potência de agir será, por isso mesmo, estimulada e reforçada [...].”.

intuição, conhece as coisas tal como elas são realmente por sua essência ou potência atual, por seu *conatus* (EIIP45).

Espinosa afirma “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (EIIP23). O corpo é uma coisa complexa, composta de infinitas partes ou indivíduos (de diferentes naturezas) que são também divisíveis e divididos em infinitas outras novas partes ou indivíduos, partição ou segmentação essa que tende ao infinito. A mente percebe o corpo – ou a afecção no corpo pelo encontro do corpo com o outro (outro corpo externo ao primeiro) – pela ideia do corpo ou ideia da afecção no corpo consequente desse encontro com o outro (EIIP12 e EIIP13). Sendo o corpo algo complexo composto de infinitos indivíduos afetáveis por outro corpo afetante, a mente – por ser a ideia desse corpo – também é uma coisa complexa, composta de infinitas ideias dos infinitos indivíduos desse corpo e de cada uma de suas infinitas afecções resultante do encontro entre o corpo afetado com o(s) outro(s) afetante(s) (EIIP15).

Cada ideia é ativamente construída pela mente e representa algo – uma coisa. Representa a uma afecção do corpo no encontro com outro corpo, acompanhado do correspondente afeto (ideia não representativa) que não é senão a alteração no grau de perfeição ou de realidade desse corpo, consequente ao encontro (*occursus*) deste com o outro. Se o encontro resultar em composição há o aumento da perfeição e o afeto correspondente é alegria. Se, ao contrário, se o encontro resultar em decomposição, há tristeza pela diminuição da perfeição ou realidade. O afeto é a variação de perfeição e de realidade de um determinado e definido modo finito. Ou seja,

a ideia que constitui o ser formal da mente humana não é simples, mas composta de muitas ideias (EIIP15). A ideia que constitui o ser formal da mente humana é a ideia do corpo (por EIIP13), o qual se compõe de muitos indivíduos altamente compostos. Ora, existe, necessariamente (por EIIP8c), em Deus, uma ideia de cada indivíduo que compõe o corpo. Logo (por EIIP7), a ideia do corpo humano é composta dessas muitas ideias de que é composto (EIIP15d).

Deus – a substância que consta de infinitos atributos, cada um exprimindo uma essência eterna e infinita – existe necessariamente (EIP11). Deus é um ente simples, portanto, indivisível (EIP13). Deus é a única substância absolutamente infinita (EIP14) e por ela tudo é concebido e nela tudo existe (EIP15). Todos os demais entes ou

indivíduos – os infinitos modos finitos – que são expressões pelos infinitos atributos infinitos divinos e pelos infinitos modos infinitos mediatos divinos – podem ser denominado(s) corpo(s) ou indivíduo(s). Cada um desses indivíduos, por sua vez, é composto por infinitos outros indivíduos. E, estes, são também compostos por infinitos outros indivíduos, sequência de divisão de um dado corpo ou indivíduo, em seus infinitos indivíduos constituintes, que tente ao infinito (EIIP13) – até a menor de todas as medidas.

Quando um indivíduo complexo encontra outro indivíduo complexo – composto por infinitos outros indivíduos – esse encontro resulta em uma afecção em si mesmo e todos os indivíduos que lhe compõem. Simultaneamente, na mente há a ideia dessa afecção – representação e alteração na perfeição – ideia e afeto – do indivíduo afetado e de seus infinitos indivíduos constituintes internos pelo outro indivíduo afetante (EIIP17). O mesmo ocorre e da mesma forma com os indivíduos internos constituintes deste indivíduo quanto estes se encontram com os outros infinitos indivíduos internos a esse indivíduo. É importante salientar que para Espinosa “parte e todo não são entes verdadeiros ou reais, mas, somente entes de razão, por conseguinte não existem nem todo nem partes.” (KV I ii 19).

Tudo que o corpo conhece, simultaneamente, no mesmo instante, a mente conhece (EPII22). A mente conhece a ideia do que o corpo conhece. E, a ideia da mente está unida à mente da mesma maneira que a própria mente está unida ao corpo (EIIP21). Sendo assim, quanto mais rico e capaz for o corpo – quanto maior a potência do corpo ou quanto mais possa o corpo ser afetado por outro(s) corpo(s) com que se encontra – mais capaz e rica será a mente. Espinosa afirma que

a mente humana é capaz de perceber muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado (EIIP14) [...] a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir. Isto é, tudo que se segue, formalmente, na natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente, em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus (EIIP7s).

Da natureza divina deve necessariamente ser deduzida a essência e a existência de todas as coisas existente no universo inteiro (EIP24 e EIP25s). O homem existe por existir na ideia de Deus (EIP17s). O corpo homem existe por exprimir de forma definida

e determinada a essência de Deus – a natureza da substância – enquanto coisa extensa (EIID1). E, a mente humana – ideia do corpo humano –

é parte do intelecto infinito de Deus. E, assim, quando dizemos que a mente humana percebe isto ou aquilo não dizemos senão que Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto é explicado por meio da natureza da mente humana, ou seja, enquanto constitui a essência da mente humana, tem essa ou aquela ideia. E quando dizemos que Deus tem esta ou aquela ideia, não enquanto ele constitui a natureza da mente humana apenas, mas enquanto tem, ao mesmo tempo que [a ideia que é] a mente humana, também a ideia de outra coisa, dizemos então, que a mente humana percebe essa coisa parcialmente, ou seja, inadequadamente (EIIP11c).

Espinosa propõe um método preciso, matemático, geométrico e lógico de pensar, compreender o pensado e apreender o compreendido.⁷⁶ Assim, tendo conhecido os seus afetos, de suas ideias e de seus atos por suas causas próximas e adequadas por ideias adequadas e verdadeiras, ativamente possa o homem vir a existir exclusivamente pela necessidade de sua própria natureza humana e por essa sua própria natureza ser determinado a agir. Propõe um método reflexivo onde

há necessidade de conhecer. Para isso, deve-se, primeiramente, considerar que não há aqui lugar para uma inquirição infinita; isto é, para descobrir o melhor método de investigar (e conhecer) a verdade, não é necessário outro método de investigar o melhor método de investigar a verdade; e para este segundo método não é necessário um terceiro e assim ao infinito; por esse modo, na verdade, nunca se chegará a um conhecimento verdadeiro e nem mesmo a qualquer espécie de conhecimento. As coisas se passam neste caso como os instrumentos matérias; em referência a eles seria possível argumentar do mesmo modo. Assim, para forjar o ferro é necessário um martelo e, para ter um martelo,

⁷⁶ Chauí, 1999, p. 618-619, escreve que “matematicamente demonstrado significa, para Espinosa, um conhecimento demonstrado *a priori*, isto é, da causa para o efeito, aquela entendida como causa eficiente interna produtora necessária deste, responsável pela essência ou natureza do efeito e por todas as suas propriedades; por conseguinte, um saber em que o conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e o envolve. Assim, um conhecimento só é matematicamente demonstrado e, portanto, verdadeiro sob a condição de: 1) apresentar a causa ou gênese necessária do conhecido, isto é, sua razão total; 2) deduzir da causa e da essência do conhecido suas propriedades necessárias; 3) deduzir as relações necessárias do conhecido com outras coisas já conhecidas ou conhecidas graças ao conhecimento dele; 4) apresentar-se na forma de proposições causais e relacionais universais necessárias; 5) estabelecer a articulação intrínseca entre uma existência singular e uma essência singular, graças a um universal concreto, isto é, as ‘coisas fixas e eternas’, que as articula necessariamente em seqüências causais infinitas cujo princípio é a infinitude atual (ou o que conhecido *ut absolute*).”.

é necessário fabricá-lo, para o que são necessário outro martelo e outros instrumentos, os quais, por sua vez, para que os possuíssemos, exigiriam ainda outros instrumentos, e assim ao infinito; e dessa maneira se poderia vãmente, querer provar que os homens não têm nenhum poder de forjar o ferro (TdIE § 30).

Seu método de construir ou desvelar a verdade das coisas, por uma razão absoluta, por racionalismo absoluto, visa conhecer o supremo bem (*Sumo Bem*) do homem.⁷⁷ Visa conhecer a Natureza – o Ser Perfeitíssimo – Deus.⁷⁸ Conhecer a união do homem no Todo-Uno⁷⁹ com o conseqüente amor intelectual de Deus para com o homem e do amor intelectual do homem por Deus quando o homem pode, finalmente, encontrar a serenidade ou paz em seu ser.⁸⁰

Espinosa propõe uma Ética, um *ethos*, dirigida ao homem – qualquer homem. Dirigida àquele que deseja conhecer verdade das coisas por ideias adequadas. Se o primeiro martelo usado pelo homem pode ter sido uma pedra – uma pedra qualquer na natureza da Natureza – a primeira mente ou ideia a procurar conhecer a verdade pode

⁷⁷ Espinosa propõe conhecer *Deus sive Natura*. Propõe conhecer a natureza de Deus ou Natureza. Consultar TdIE § 13 e 14 e apêndice do livro IV da *Ética*. Espinosa em EVP20d, afirma “esse amor para com Deus é o supremo bem que, segundo o ditame da razão, podemos desejar (por EIVP28); ele é comum a todos os homens (EIVP36); e desejamos que todos de desfrutem (por EIVP37).” Em EVP20s: “podemos, portanto, concluir que o amor para com Deus é o mais constante de todos os afetos e que, enquanto referido ao corpo, não pode ser destruído senão juntamente com o corpo.”.

⁷⁸ Teixeira, 2004, p. LIX: “depois de apresentar a mente como a ideia do corpo e em seguida como razão – as ideias adequadas das propriedades das coisas –, vem a *Ética* a afirmar que a mais alta e perfeita essência da mente é pensar o Todo, pensar Deus, o Ser Perfeitíssimo, causa e origem de todas as essências e de todas as existências.”.

⁷⁹ Teixeira, 2004, p. 11 – NT, esclarece que “Espinosa usa [...] a palavra natureza em dois sentidos: trata-se de conhecer a Natureza, o Todo, ou Deus mesmo, a fim de poder realizar o supremo bem do homem, isto é, a aquisição daquela natureza humana superior que consiste justamente no conhecimento do Todo-Uno e no amor que o acompanha. É de notar ainda que Espinosa apresenta aqui (TdIE § 14) o esforço para alcançar o Sumo Bem como algo que não pode ser considerado pura realização individual: esse esforço deve tender à formação de uma comunidade de pensamento e de aspirações e de afetos. Como essa realização depende do conhecimento e como nem todos alcançam o mais alto grau de conhecimento, que condiciona, a mais alta vida moral, surge a ideia de que, se não é uma moral individualista, a moral de Espinosa é talvez uma moral para um aristocracia de pensamento. *Contudo, ele pensa que, em um universo rigorosamente determinado, há lugar para tudo e para todos. Cada um realiza seu ser ou sua perfeição segundo sua própria essência.*” (grifo meu).

⁸⁰ Don Garrett, 2011, p. 333: “Spinoza [...] procurava melhorar o caráter dos seres humanos – tanto o seu como o dos outros – melhorando sua autocompreensão. Ele justificava esse esforço em última instância na base de que isso traria paz de espírito (*peace of mind*) aos seres humanos como aspectos integrais da natureza.” – na percepção e compreensão de ser unidade na totalidade da substância absolutamente infinita.

ter sido e – por toda eternidade – possa simplesmente ser uma mente ou ideia: uma mente ou ideia qualquer na natureza da substância. Espinosa escreve que

do mesmo modo que os homens, de início, conseguiram, ainda que dificultosa e imperfeitamente, fabricar, com instrumentos naturais, certas coisas muito fáceis e, feitas estas, fabricaram outras coisas mais difíceis já com menos trabalho e maior perfeição e assim, progressivamente, das obras mais simples aos instrumentos a outras obras e outros instrumentos, chegaram a fabricar com pouco trabalho coisas tão difíceis; assim também a inteligência por força natural (intrínseca) fabrica para si instrumentos intelectuais com os quais ganha outras forças para outras obras intelectuais e com estas outros instrumentos ou capacidades de continuar investigando; e assim, progressivamente, avança até atingir o cume da sabedoria (TdIE § 31).

O processo do pensamento inicia-se, normalmente, com o homem interpretando determinada coisa segundo ele mesmo, sem nada perceber da essência da coisa e muito menos da essência do modo de pensar empregado no momento que interpreta a coisa por ele mesmo, assim construindo uma ideia inadequada da coisa: imaginação (TdIE 26 e EIIP25 a EIIP31). Segue com a procura de um entendimento do que há de comum nas coisas, as leis comuns que expliquem, por deduções matemáticas e geométricas, a coisa por suas propriedades e características comuns formando ideias e conceitos adequados das coisas, mas ainda por qualidades e propriedades que interessam ao homem, e sem que nada se saiba da essência da coisa e de sua posição em relação ao mundo e a Deus (TdIE § 19 e 27 - EIIP32 a EIIP41).

Ainda em sua jornada pelo conhecimento de Deus, o homem deve se esforçar para conhecer as coisas por sua essência – por sua causa próxima (TdIE 19) ou por sua essência atual (*conatus* – esforço) – a qual explica a sua atual existência como ela é realmente, na ordem única, universal e necessária das coisas na Natureza, unidade na totalidade de Deus: intuição (TdIE 28 – EIIP41 a EIIP49). Assim procedendo, pode vir o homem se apreender e apreender as coisas como unidade na totalidade da única substância absolutamente infinita – *Deus sive Natura*.

Imaginação, razão e intuição: três gêneros de entendimento – perfeitos em suas propriedades – com três graus diferentes de entendimento da coisa. Esses diferentes

modos de entender as coisas correspondem aos diferentes modos de ser da natureza do homem.⁸¹

Enquanto, o homem permanecer no primeiro gênero de conhecimento, ele entende as coisas apenas de forma inadequada – por ideias inadequadas – estando, portanto, sujeito às suas paixões (EIIP24 a EIIP31). Move-se passivamente pela força de seus afetos que não compreende de forma clara.⁸² Não apreende de maneira precisa e clara o que acontece com o seu corpo no encontro com o mundo. Desconhecendo o porquê de determinado afeto conseqüente a esse encontro, desconhece se realmente o afeto o compõe ou o decompõe. Pode – noutros momentos – perceber a alteração de sua perfeição e realidade, assim, pode procurar se afastar da tristeza da decomposição e aproximar-se da alegria da composição. Mas por seu conhecimento inadequado, incompleto ou confuso das coisas, esse homem padece se move e opera passivamente (EIIP28).⁸³

Servo de seus afetos e de suas ideias – impotente – percebe sua força de existir aumentar e diminuir, ignorando, contudo, o porquê dessa variação na relação de interdependência com o outro. Fica, portanto, sem a capacidade de mover-se ativamente e operar a relação com esse outro de maneira adequada. Passivo, padece. Sofre por mais que se perceba feliz no mundo dos prazeres, das honras e das riquezas (TdIE § 4 a TdIE § 9). Sem conhecer a causa adequada das coisas e de si mesmo, o homem imagina o quizer das coisas. Assim, conhecendo por imaginação, tem mais conhecimento de aspectos de si mesmo (medo, esperança, desejo, conceito, expectativa) do que conhece a coisa que pensa descrever e entender. Tendo ideias inadequadas das coisas,

nós estamos completamente asfixiados, encerrados em um mundo de impotência absoluta, mesmo quando minha potência de agir aumenta é sobre um segmento de variação; nada me garantirá que, na esquina da rua, eu não vá receber um golpe de bastão na cabeça e que minha

⁸¹ Teixeira, na Introdução do *Tratado da Reforma da Inteligência*, 2004, p. XX.

⁸² Chauí, 1999, p. 92.

⁸³ Chauí, 1999, p. 88.

potência de agir sucumba [...] uma ideia-afecção é a ideia de uma mistura; isto é, a ideia de um efeito de um corpo sobre o meu.⁸⁴

Quando o homem pensa, usando de sua razão, ele conhece a coisa de por suas leis e por suas propriedades (EIIP32 a EIIP44). Há a construção de uma ideia intrinsecamente verdadeira por exercício dedutivo matemático-geométrico. Tem a ideia adequada da coisa enquanto os elementos que são comuns a todas as coisas e que existem igualmente na parte e no todo (EIIP38) e, assim, necessariamente, tem-se a ideia verdadeira da coisa (aquela que combina com o ideado). Conhecendo por ideia adequada, o homem se move ativamente, age por si mesmo por sua própria natureza; conhecendo adequadamente o que de seu encontro com o(s) outro(s) decorre, ele, optando por aquele encontro que o componha e aumente sua perfeição, se alegra o que leva ao aumento de sua potência de agir e sua força de existir.⁸⁵

Com a *ideia-noção* apreende-se o que há de comum nas coisas; apreende-se – adequadamente – o que existe igualmente na parte e no todo de uma coisa singular (EIIP37): “a ideia daquilo que o corpo humano e certos corpos exteriores pelos quais o corpo humano costuma ser afetado têm de comum e próprio, e que existe em cada parte assim como no todo de cada um desses corpos exteriores” (EIIP39).

A *ideia-noção* é um conhecimento que envolve a causa do encontro de corpos, dois corpos (pelo menos), compreendendo a natureza do encontro, da resultante relação desses corpos e assim, conhecer a razão de ser a relação de composição ou ser de decomposição, por suas leis causais, por identificar clara e distintamente todos os elos da cadeia causal da coisa (ordem e conexão das coisas na natureza da substância) retroativa ao infinito onde o elo de cada um dos elementos dessa cadeia causal é absoluta e necessariamente determinado (EIIP7). O fundamento da razão são noções

⁸⁴ Deleuze, 2009, p. 48.

⁸⁵ Chauí, 1999, p. 88-89): tem-se que uma ideia, por ser um acontecimento mental, é adequada “quando atividade interna à própria mente para compreender a gênese das afecções corporais, as relações necessárias entre os corpos, a gênese das afecções corporais, as relações necessárias entre os corpos, a gênese das suas próprias ideias e as conexões necessárias entre elas, apreendendo os nexos que constituem a realidade interna e as essências singulares por ela produzidas.” (nesse último caso, há o conhecimento adequado da essência das coisas particulares por intuição). Afirma que “*se a ideia imaginativa inadequada é uma ideia que nossa mente tem, a ideia adequada é a ideia que nossa mente é [...]*” (grifo meu).

comuns (EIIP38) que explicam há de comum sem explicar a essência da coisa singular (EIIP44c₂d). Assim, “não estamos longe de uma geometria analítica.”⁸⁶ Há uma geometria que valida uma ciência natural das coisas particulares definidas e determinadas.⁸⁷

Com o aumento de seu *conatus*, compondo-se com o outro, enquanto em si, mais facilmente persevera ou preserva o seu ser, como este tem que ser em Deus enquanto modo finito (EIIP6). Move-se por conhecimento adequado da realidade da coisa, ainda que parcial, por suas leis e não por sua essência. Move-se, por si, por sua natureza na substância, por um conhecimento adequado, portanto, necessariamente, age por um conhecimento verdadeiro.

Quando o homem intui, pensa da “mesma maneira que se ordenam e se concatenam os pensamentos e as ideias das coisas na mente que também se ordenam e se concatenam as afecções do corpo, ou seja, a imagem das coisas no corpo” (EVP1); então, o homem pode conhecer a coisa real de forma clara e distinta (EVP4), como ela é realmente por sua essência atual o que explica sua existência na ordem universal e necessária das coisas na natureza da substância (EIIP45 a EIIP49). Deste modo, compreendendo as coisas, todas as coisas, como necessárias, a mente pode lidar consigo mesma, com as ideias e afetos que a constituem, de forma adequada e verdadeira (EVP6).

Para Espinosa, não há afecção do corpo ou da mente (afeto ou ideia) que não se possa formar algum conceito claro e distinto: adequado e verdadeiro (EVP4), ou seja, a mente faz (ou pode fazer) com que todas as coisas, as quais por sua realidade e perfeição compreendem, sejam referidas a Deus (EVP14).⁸⁸ Isto é,

cada um tem o poder, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender seus afetos, clara e distintamente, e, conseqüentemente de fazer com que padeça menos por sua causa. Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer tanto quanto possível clara e distintamente, cada afeto, para que a mente, assim,

⁸⁶ Deleuze, 2009, p. 48-51-52.

⁸⁷ Chauí, 1999, p. 618.

⁸⁸ Chauí, 1999, p. 611.

determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação. E pra que, enfim, o próprio afeto se desvincule do pensamento da causa exterior e se vincule a pensamentos verdadeiros (EVP4s).

Compreendidos pela intuição, os afetos (qualquer afeto: amor, ódio, inveja, etc...) não mais precisam ser destruídos, anulados ou, mesmo, domados, para que o homem possa ser feliz, sendo quem ele é nesta existência (EIVpr). Ao entendê-los por sua ideia adequada, individualmente, cada afeto é respeitado por aquilo que ele representa. A compreensão dos afetos, por sua natureza, permite ao homem, mais facilmente, se aproximar dos afetos que o componham e se afastar dos que o decomponha (EVP4s).

O homem, pelo terceiro gênero do pensamento, a intuição, pode compreender a si, seu corpo, seus afetos, suas ideias e seus atos de forma clara e distinta. E, assim, pode vir a amar a natureza da substância. Quanto maior for o amor pela realidade e perfeição da Natureza, mais adequada e verdadeiramente se compreende e compreende às suas coisas. Maior será o seu amor a *Deus sive Natura sive Vita* (EVP15) até que esse amor, pela verdade, por Deus, ocupe a mente ao máximo (EVP16). Chauí escreve que

na *Ética* o filósofo afirma que tratará Deus, o homem, suas paixões e ações como se estivesse tratando de triângulos e círculo, pretende dizer-nos que deles oferece de definições reais, dando-nos conhece, apenas pelo intelecto, suas causas e efeitos necessários, sua origem e a maneira como suas essências e existências são produzidas.⁸⁹

O homem – procurando compreender a coisa singular por ela mesma, por sua essência e potência, por ser a coisa particular uma afecção pelos atributos da substância ou modos como esses atributos se exprimem com algo finito, definido e determinado (EIP25s) – pode vir a compreender a Deus (EVP24). Desse modo, pode conhecer e

⁸⁹ Chauí, 1995, p. 41: “a teoria espinosana da definição real ou da ideia verdadeira como conhecimento da gênese de seu objeto se afasta uma tradição filosófica que viera desde Aristóteles, que consistia em definir alguma coisa descrevendo suas propriedades e, por meio destas, o inseria numa espécie e num gênero. [...] Ora, diz Espinosa, ‘racional’, ‘animal’ e ‘mortal’ são termos universais abstratos que não permitem definir a essência de um ser determinado: não só não sabemos o que seja a essência humana, mas também não sabemos, com esses termos qual a essência de Sócrates, Pedro ou Maria.”. Espinosa considera que o modelo da matemática de oferecer definições reais e genéticas deveria ser seguido pela filosofia, “pois a matemática opera com a construção intelectual de seus objetos, apresentando a maneira como são produzidos e deles deduzindo, por meio de demonstrações rigorosas, as propriedades e as conexões necessárias com outros.”.

definir a coisa singular, um triângulo, por exemplo, por sua lei eterna e necessária: a lei que de forma alguma pode ser transgredida e a lei a que coisa alguma possa ou deva ser acrescentada, por ser a definição perfeita e definitiva da coisa singular (triângulo) quando essa coisa singular é conhecida adequadamente.⁹⁰ Espinosa afirma

é preciso observar que: a definição verdadeira de uma coisa não envolve nem exprime nada além da natureza da coisa definida. Disso se segue que nenhuma definição envolve ou exprime um número preciso de indivíduos, pois ela não exprime nada mais do que a natureza da coisa definida. A definição do triângulo, por exemplo, não exprime nada além da simples natureza do triângulo: ela não exprime um número preciso de triângulos. Deve-se observar que, para cada coisa existente, há necessariamente alguma causa precisa pela qual ela existe. Enfim, deve-se observar que essa causa, pela qual uma coisa existe, ou deve estar contida na própria natureza e definição da coisa existente (pois, como sabemos, à sua natureza pertence o existir) ou deve existir fora dela (EIP8s₂).

A verdade é imanente ao próprio conhecimento.⁹¹ Conhecer, para Espinosa, é conhecer pela causa, é um processo genético. A verdade é imanente; conhecida e compreendida pela apreensão racional e intuitiva da gênese da coisa. Não necessita de qualquer garantia externa. Conhecer adequadamente uma coisa é conhecer seu processo de construção e, este processo de produção, conhecido por racionalismo absoluto, dá o índice de verdade e a definição de uma determinada e definida coisa, por aquilo que nela exprime a substância (TdIE § 69 e 70),⁹²

em outras palavras, a gênese conceitual explica como os conceitos foram descobertos (análise) e porque são verdadeiros (síntese), isto é, constrói as demonstrações segundo a exigência da essência procurada e segundo o encadeamento da proposição que as articula como os princípios da construção (definição- axioma – postulados).⁹³

⁹⁰ Consultar a carta nove dirigida a Simon de Vries e Chaui, 1999, p.749.

⁹¹ Chaui, 1999, p. 488.

⁹² Espinosa em seu *Tratado da Emenda do Intelecto* § 69, 70 e 71.

⁹³ Chaui, 1983, p. XIV, diz que o *Tratado da Emenda do Intelecto* introduz uma nova noção – um novo conceito – para verdade. Afirma: “nos escolásticos e nos filósofos modernos anteriores a Espinosa, a verdade sempre fora concebida como adequação do intelecto com a coisa dada ao conhecimento. A

Intuir é a virtude de ver o que há para ser visto sem acréscimos de qualquer espécie. Intuir é conhecer a realidade como a perfeita expressão natural. Intuir é conhecer a impressão do Ser Perfeitíssimo, em Si Mesmo, na individualidade, na particularidade de cada coisa real, unidade inseparável e indivisível na totalidade do Ser Perfeitíssimo. Intuir é conhecer a unidade das coisas na totalidade em Deus. O conhecimento intuitivo leva a conhecer realmente a perfeição da coisa como naturalmente ela é (EIID6). Com a ideia-essência, por intuição, apreende-se que

cada ideia de cada corpo ou coisa singular existe em ato envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45). Demonstração. A ideia de uma coisa singular existente em ato envolve necessariamente tanto a essência quanto a existência dessa coisa (EIIP8c). Ora, as coisas singulares (por EIP15) não podem ser concebidas sem Deus; mas, por terem Deus como causa (EIIP6), enquanto ele é considerado segundo o atributo do qual essas coisas são modos, suas ideias devem envolver necessariamente (EID6ax₄) o conceito desse atributo, isto é (por EID6), a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45). O conhecimento da essência eterna e infinita de Deus, que cada coisa envolve, é adequado e perfeito (EIIP46) [...] Portanto, aquilo que propicia o conhecimento da essência eterna e infinita de Deus é comum a todas as coisas e existe, igualmente, na parte e no todo (EIIP46d).

Bento Espinosa acrescenta, explicando, claramente, como pretende que os modos finitos sejam compreendidos e apreendidos em seus aspectos particulares, dando o exemplo preciso de como pretende ver explicado à manifestação numérica de um definido modo finito, ele afirma

se existe, na natureza, um número preciso de vinte indivíduos, deve necessariamente haver uma causa pela qual existe tal número de indivíduos; nem mais nem menos [...] (deve) mostrar a causa pela qual não existem nem mais nem menos do que vinte; pois deve

adequação implica que haja uma exterioridade entre a ideia e aquilo de que ela é ideia, sendo necessária uma *garantia* (grifo da autora) para a verdade. Em Descartes, a garantia é o Deus Veraz, nos filósofos empiristas é a experiência. Tanto num caso quanto noutro, a garantia é extrínseca à verdade. Espinosa demonstra, revolucionariamente, que a verdade é imanente ao próprio conhecimento, não necessitando de qualquer garantia externa: conhecer adequadamente uma coisa é conhecer o seu modo de produção. A verdade é índice de si mesma e do falso, não reside na adequação da ideia à coisa. pelo contrário, é porque a ideia revela a produção da coisa que ela mesma dá a garantia à adequação. Com Espinosa o racionalismo ocidental descobriu a imanência da verdade ao objeto, graças à demonstração da gênese do objeto. Não são necessários critérios para a verdade; é ela que julga o falso, e não o contrário.”.

necessariamente haver uma causa pela qual cada um deles existe. Mas essa causa não pode estar contida a própria natureza humana, uma vez que a definição verdadeira de homem não envolve o número vinte. Por isso, a causa pela qual existem esses vinte homens e, conseqüentemente, pela qual cada um deles existe, deve necessariamente, existir fora de cada um deles. Portanto, deve-se concluir, de maneira geral, que tudo aquilo cuja natureza é tal que possa existir em vários indivíduos deve, necessariamente, para que eles existam, ter uma causa exterior. Mas, como à natureza da substância pertence o existir, sua definição envolver sua existência necessária [...] (EIP8s₂).

O homem pode conhecer a verdade de ser unidade imanente na totalidade da substância. Deus e homem, este imanente àquele, em união estrita (KV II xxii): essa é a felicidade do homem na visão beatífica de Deus nesta vida da Vida (Deus). Isso é a beatitude. Em paz consigo mesmo, porque, finalmente, Deus faz-se conhecer aos homens, sem precisar de palavras (verbo), nem milagres, nenhuma outra coisa criada, mas somente por si mesmo (KV II xxiv) no próprio homem. Esse homem (nós) ao perceber

esses efeitos, podemos dizer que renascemos; pois nosso primeiro nascimento ocorreu quando nos unimos ao corpo, pelo que surgiram tais efeitos e o movimento dos espíritos animais; porém este nosso outro ou segundo nascimento ocorrerá quando percebermos em nós efeitos totalmente outros do maior estabelecido conforme o conhecimento desse objeto incorpóreo; efeitos que diferem dos primeiros tanto como o corpóreo do incorpóreo e o espírito da carne. Portanto, podemos tanto mais direito e verdade chamar isso renascimento, visto que somente desse amor e dessa união segue uma estabilidade eterna e inalterável (KV II xxii).

Com o conhecimento adequado das coisas e si mesmo, o homem pode lidar consigo mesmo e com as coisas com maior proveito e benefício para si e para o(s) outro(s) com quem convive, tudo fazendo para perseverar no estado de paz de espírito (beatitude – serenidade) que decorre desse conhecimento. Pode o homem, então, ser a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações.

Ser causa adequada, portanto, é encontrar em si a causa de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Ser causa adequada é encontrar em si a causa de seu desejo (EIID1). Ser causa inadequada é encontrar fora de si a causa de seus afetos, de suas

ideias e de seus atos. Ser causa inadequada é encontrar fora de si a causa de seu desejo (EIID1).

Causa adequada de si mesmo, com o aumento de seu *conatus*, compondo-se com o outro, enquanto em si, mais facilmente persevera ou preserva seu ser como este (seu ser) tem que ser em Deus enquanto modo finito (EIIIP6). Move-se por conhecimento adequado da realidade de si e das coisas, por sua essência e pelas leis eternas que determinam sua existência. Move-se, por si, por sua natureza na única substância absolutamente infinita por um conhecimento adequado. Portanto, necessariamente, age por um conhecimento verdadeiro. Relaciona-se com o outro que *encontra* (*occursus*) e que adequadamente conhece, procurando a composição para *esforçar-se* (*conatus*), enquanto em si, em sua autopreservação, perseverando em si mesmo com o outro.

CAUSA ADEQUADA: ADEQUAÇÃO E VERDADE

Bento Espinosa, em seu livro *De Deo da Ética*, ao escrever sobre Deus compõe a mais incisiva e demolidora crítica do imaginário teológico-político tradicional. Com a ruptura das bases do poder teológico-político, introduz e insculpe novas bases para um modelo de comportamento ético e político sem as amarras e os dogmas da teologia.⁹⁴ Segundo Chauí, desta forma, Espinosa concebe e formula a ontologia da necessidade.⁹⁵

Neste capítulo da *Ética, Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, Bento Espinosa trata de dois de seus conceitos fundamentais: substância e causa sui. Para explicitar o que entende ser Deus – a única substância absolutamente infinita. Inicia definindo o que compreende por causa de si (*causa sui*): “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente” (EID1). Bento Espinosa primeiro define o que seja causa de si, mesmo antes nomear o que é a causa de si, porque precisa do conceito claro do que é ser causa de si mesmo, para caracterizar o que ele compreende por substância (a substância única) e o que compreende por Deus. Espinosa propõe a causa de si mesmo como o protótipo demonstrativo da verdade (realidade e perfeição) de uma coisa realmente existente em ato.⁹⁶

Logo em seguida, no mesmo capítulo, Espinosa define substância como aquilo que existe por si e em si, pela necessidade de sua própria essência e pela força de sua potência, essência e potência uma só e mesma coisa: “por substância compreendo aquilo

⁹⁴ Chauí, 2003, p. 95: “Se o *Teológico-político* destrói as pretensões teológicas, demonstrando que a teologia é um não saber cujo escopo é conseguir a obediência dos fiéis à autoridade do próprio teólogo, sendo por isso mesmo inútil para a fé, perigosa para a política e prejudicial para a filosofia, a Parte I da *Ética*, ou o *De Deo*, por sua vez, destrói o fundamento último da teologia política ao despersonalizar Deus e concebê-lo como substância única absolutamente infinita e causa eficiente imanente do universo.”. Ver também Chauí 1999 p. 901 e p. 60 – nesta ordem de leitura.

⁹⁵ Chauí, 1999, p. 931, pontua que o Livro II da *Ética* – desde o seu prefácio, demonstra “as consequência de *De Deo* para nossa salvação, isto é, para nossa liberdade, felicidade e eternidade.”. Consultar o restante do texto desta página.

⁹⁶ Deleuze, 1970, p. 59. Chauí, 1999, p. 563: “Deus é causa imanente de todos os seus efeitos ou criaturas e é a totalidade deles, não padecendo de coisa alguma que venha do exterior porque nada existe senão *Ele* (grifo meu) e nada lhe é exterior [...] a identidade da *causa sui* e da *causa immanens* pode oferecer a inteligibilidade de uma unidade que é totalidade, sem a dispersão da pluralidade substancial e sem ser limitada pelo Nada. É este o *fundamentum* de *mea philosophia*.”.

que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (EID3).

Bento Espinosa tem uma intenção precisa com este início. Gilles Deleuze afirma que Espinosa, revolucionariamente, inverte o sentido que tradicionalmente era dado à expressão “*causa sui*” de ser uma espécie ou exemplo de causa eficiente, uma causa por um efeito distinto⁹⁷ ou ‘como por uma causa’.⁹⁸ Espinosa, entendendo o conceito de causa de si como um modelo ou um arquétipo de toda a causalidade, apresenta causa de si como o modelo de causalidade necessária que é fundamental para compreender o sistema ontológico espinosista de causalidade.⁹⁹

Se uma coisa existe tem de existir uma causa definida e determinada para que essa coisa exista; se não existe, tem que haver uma causa definida e determinada que explique a sua não existência: “de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito” (EIX₃). Bento Espinosa explica e exemplifica dizendo que

para cada coisa, deve-se indicar a causa ou a razão (*causa seu ratio*) pela qual existe ou não existe. Por exemplo, se um triângulo existe, deve-se dar a causa ou a razão pela qual ele existe; se, por outro lado, ele não

⁹⁷ Chauí, 1999, p. 660, escreve que Espinosa concebe a causa eficiente como interna e não como a tradição entendia, como externa; a causa eficiente deixa de ser extrínseca para tornar-se intrínseca. Exemplifica dizendo que a causa eficiente imanente “coincide com a causa formal (a essência), pois a essência formal da esfera [...] é ser não apenas um efeito determinado do movimento, mas também o próprio ato determinado do movimento [...]. Enquanto essência formal é o efeito de uma causa eficiente interna (no caso da esfera, o movimento definido que determinado de sua geração), enquanto essência objetiva é o efeito da ação autônoma do intelecto (é uma ideia verdadeira porque sua causa é conhecida), e é a causa formal de suas propriedades necessárias (isto é, as propriedades não são senão efeitos dela, deuzidos dela mesma e imanentes a ela). Em outras palavras, a causa eficiente da essência formal da esfera é o movimento, a causa eficiente e formal da essência objetiva da esfera é o intelecto, e a esfera, enquanto essência formal, é a causa formal de suas propriedades necessárias.”.

⁹⁸ Aristóteles desenvolve sua doutrina das quatro causas em *Phys 2, 3 e 7*. Sobre o termo causa consultar EID1, EIP18, EIP18d; Barnes, 2009, p. 169, 233 e 234; Deleuze, 1970, p. 59 e 60.

⁹⁹ Como outros termos filosóficos anteriormente empregados, o termo “causa” é redefinido de forma muito específica e característica por Espinosa que torna o uso do termo “causa” particularizado com significado intrínseco à filosofia espinosana. Para Espinosa, causa não é nada senão causa imanente e eficiente. Deus é causa de si mesmo, ou seja, Deus é a causa imanente e eficiente de si mesmo. Deus é a causa de tudo o que existe no universo inteiro, isto é, Deus é causa imanente eficiente do universo inteiro em Si mesmo.

existe, deve-se também dar a razão ou a causa que impede que ele exista, ou seja, que suprima a sua existência. Ora, essa razão ou causa deve estar contida na natureza da coisa ou, então, fora dela. Por exemplo, a própria natureza do círculo indica a razão pela qual não existe um círculo quadrado, pois, evidentemente, admiti-lo envolve uma contradição (EIP11da).

Bento Espinosa também afirma se uma coisa definida e determinada particular existir e, sendo sua existência necessariamente determinada na e pela natureza da substância, há necessariamente uma causa definida e a sua existência atual (EIP28). Encontram-se, em outros trechos da *Ética*, novos elementos constituintes deste modelo de causalidade necessária que Espinosa propõe e está construindo. Nessas passagens da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* em *De Deo*, Espinosa diz que

o conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e a envolve (EIAx4). [Então], se uma determinada e definida coisa existir, deve ser, necessariamente, indicada e conhecida a causa ou a razão pela qual ela existe ou não existe (EIP11da), [porque] nada existe na natureza das coisas que não seja determinado pela necessidade da natureza da substância (EIP29) [e] porque não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito (EIP36).

Para Espinosa, uma coisa é causa de si se, sua essência só pode ser concebida como existente. Ou seja, a sua essência é a sua própria existência. Assim, pelos conceitos de causa de si e de substância, pode-se concluir que a substância é esse algo ou essa coisa que é a causa de si: existe em si e por si mesma, é concebida em si e por si mesma.¹⁰⁰ Pode-se observar uma nova mudança radical quanto aos conceitos entendidos e aceitos pela tradição. Por substância, não entende uma coisa ou um sujeito de predicados pelos quais pode ser concebido(a). Por substância – Deus –, Espinosa não entende senão a existência em si¹⁰¹ e a inteligibilidade por si.¹⁰²

¹⁰⁰ Espinos em EID3. Chauí, 2003, p. 95 e Chauí, 1999, p. 96 e 915.

¹⁰¹ Chauí, 1999, p. 64: “a correspondência entre ideia e coisa não está fundada em nossa operação intelectual, nem decorre de uma propriedade da coisa agindo sobre nosso intelecto, mas funda-se na atividade causal da substância [que existe em si mesma] ou de seus atributos infinitos que produzem a identidade de conexões físicas e mentais, mantendo a distinção de essência entre elas, pois são modificações de atributos realmente distintos. É da natureza da substância absolutamente infinita ser inteligível e, como causa de si, fundar a inteligibilidade do real (porque o pensamento é atributo dela e modifica-se em ideias determinadas) e, é da natureza do intelecto finito (porque modo do atributo pensamento) elevar-se a esse conhecimento, de sorte que é por intermédio desse modo finito que a substância absolutamente infinita [Deus] sabe-se a si mesma. Aqui o conceito de ideia adequada ganha

Por sua ontologia do necessário, uma substância é substância se e somente se a sua existência segue necessariamente de sua essência – sua essência é a sua existência: essência e existência, ela(s) é (são) uma só e mesma coisa.¹⁰³ Se há uma e somente uma substância, essa substância é a causa não apenas de si mesma, mas irá constituir todas as coisas no universo, as suas leis, a ordem e conexão que existe entre essas coisas e como elas são, operam, vivem e existem na natureza.

Se há uma só e mesma substância, ao causar-se essa única substância constitui (causa) o universo inteiro. E, essa substância a cuja natureza pertence o existir (EIP7), que é absolutamente infinita (EIP8) e simples (EIP13), constituída de infinitos atributos (EIP9) e cuja essência é uma verdade eterna (EIP8s2), necessariamente é Deus (EIP14) ou Natureza (KV I ii § 2, 4 e 12) ou Vida (PM II – VI).

Deus sive Natura sive Vita, o ente absolutamente infinito concebido por infinitos atributos (EID6), é essa substância única causa de si mesma e a causa de todas as coisas existente no universo (EIP15).

Sendo a substância causa de si, em si e por si mesma, e sendo que a única substância existente é Deus ou Natureza, então Deus ou Natureza é causa de si, em si mesmo e por si mesmo. E, Deus ao causar-se, causa a existência e a essência de todas as coisas no universo (em Deus, por Deus). Chaui afirma que “a substância ao causar-se, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto”.¹⁰⁴ Como a substância ou Deus é a Natureza ou a Vida, então, pode-se deduzir que a Natureza ou a Vida, uma só e mesma coisa na substância ou Deus, é o absoluto. Esse é outro importante aspecto na construção da ontologia do necessário.

seu pleno sentido. De fato, como esse conceito, Espinosa demonstra que o intelecto finito é uma potência inata ou natural para o conhecimento e por isso o que conhece é verdadeiro.”

¹⁰² Chaui, 2003, p. 95. Consultar – nesta ordem – EIIP7; Chaui 1999, p. 565 e p. 915; e EIIP6.

¹⁰³ Chaui, 1999, p. 786: “ao não escrever *hoc est* (isto é), mas *sive* (ou seja) Espinosa indica que a segunda parte da definição não explicita a primeira (como ocorre na definição EID6), mas é equivalente, e a definição enuncia que a essência é uma atividade (uma *natura*) e que a natureza é uma ação imanente da essência existente (é a *essentia*). Assim, as duas partes destinam-se a estabelecer a identidade *essentia e natura* (EIP7), o que é dado não só pelo *sive* que as conecta, mas também pelos verbos empregados por Espinosa.”

¹⁰⁴ Deus é a substância presente no universo inteiro. Sendo assim, a substância única ou a Natureza ou Deus, não é senão o absoluto a que Espinosa intenta estudar em sua ontologia ou ética do necessário. (Chaui, 2003, p. 96).

Portanto, pode-se inferir que há uma única substância constituindo o universo inteiro, há uma única natureza e uma única vida constituindo o universo inteiro e há um único Deus sendo esse Deus expresso no próprio universo. Um único Deus imanente ao universo que é causa imanente de si mesmo e, é também a causa imanente eficiente de tudo o que nele – Deus ou Natureza ou Vida – existe. Deus ao causar-se, se exprime Deus e, no mesmo eterno instante, no eterno presente, ao exprimir-se Deus, exprime todo o universo em Si mesmo.

O modelo espinosano ontológico de causalidade necessária é fundamental para compreender o sistema de causalidade dos eventos e das coisas na ordem e conexão natural que essas coisas ocorrem e operam na Natureza e com isso, compreender o significado e importância do conceito da palavra adequado e, em particular, de causa adequada na ontologia do necessário espinosano. É fundamental e necessário para a compreensão adequada do universo e para compreender-se adequadamente o que ocorre no momento em que a substância causa a si mesma, expressando a si mesma em si mesma por si mesma. Compreender como também a substância, por sua natureza, em si mesma e por si mesma, se exprime necessariamente por causa(s) definida(s) e determinada(s), simultaneamente por todos os seus infinitos atributos¹⁰⁵, ou seja, se exprime no pensamento, na extensão e em seus outros infinitos e perfeitos atributos infinitos (desconhecidos pelo homem), em infinitas manifestações, em infinitos eventos ou em infinitos modos finitos, causando o universo inteiro das coisas, causando tudo o que existe no universo, em si mesma, na própria substância, que é a causa última do universo inteiro.

Chaui afirma que a substância,

causa de si inteligível por si em si e por si mesma, a essência de uma substância absoluta é constituída de infinitos atributos em seu gênero, isto é, por infinitas ordens de realidade infinitas e simultâneas, sendo isso uma essência infinitamente complexa e internamente diferenciada em infinitas ordens de realidade infinita. Existente em si e por si, inteligível em si e por si, essência absolutamente complexa, a substância é absolutamente infinita e potência absoluta de autoprodução (pois é causa de si) e de produção de todas as coisas (pois é causa eficiente da essência e da potência de todas elas). A existência e a essência da substância são

¹⁰⁵ Espinosa, EID4: “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe com constituindo a sua essência.”. Ver KVI vii § 10; Chaui, 1999, p. 674 e Ramond 2010 p. 26-27.

identicas à sua potência ou força infinita para existir em si e por si, para ser internamente complexa, para ser concebida por si mesma e para fazer existir todas as coisas.¹⁰⁶

Pode parecer um paradoxo que a substância sendo simples infinita e indivisível, portanto, sem partes, possa ao mesmo tempo ser internamente constituída de “uma complexidade infinita de infinitas ordens simultâneas de realidade diferenciadas”.¹⁰⁷ Porém, não há nenhuma contradição. As infinitas maneiras pelas quais a substância se expressa se exprimem nela mesma, na própria substância sem modificá-la de qualquer maneira, não como parte(s) dessa substância, mas como modos infinitos ou finitos na substância. A substância (*Deus sive Natura sive Vita*), conhecendo somente o presente, permanece imutável, absoluta e necessariamente a mesma e uma só substância.

Há, portanto, apenas duas maneiras de existir: como substância (existência em si e por si) e como expressão da substância como modos ou efeitos imanentes da substância no mundo manifesto (existência em outro e por outro).¹⁰⁸ A substância permanece sempre presente no presente de forma imutável: todas as suas manifestações quando se exprimem existem nela mesma, sem nunca mudá-la quanto a sua essência e sua existência que são uma e mesma coisa. Sua realidade é sua própria perfeição (EIID6).

A substância sendo causa de si é a unidade – essência e existência – na totalidade de si mesma. A substância é a unidade essência e natureza (Deus ou Natureza ou Vida). A substância é Deus ou Natureza ou Vida. A essência contém e inclui a

¹⁰⁶ Essa substância – que a sua natureza pertence o existir, que existe necessariamente, que é absolutamente infinita e eterna, que é simples por ser indivisível, que é complexa por nela conter, desde sempre, tudo que expressa por sua e em sua natureza – essa substância única absolutamente infinita é Deus. (Chauí, 2003, p. 96).

¹⁰⁷ Por EIP14c₁, Deus é único. “[...] não existe na natureza das coisas, senão uma única substância [...] que é absolutamente infinita [...]”. Por EIP15, “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido.”. Ou seja, por EIP14c₂, “[...] a coisa extensa e a coisa pensante ou são atributos de Deus ou (pelo axioma 1) são afecções dos atributos de Deus.”. Deus é absolutamente simples, mas contém em si o universo inteiro. (consultar Chauí, 2003, p. 96)

¹⁰⁸ Em *Ética, Pars Prima, De Deo*, Espinosa afirma no axioma um: “tudo o que existe, existe ou em si mesmo ou em outra parte.”. Na definição três: “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido [...]” e em EIP16, da substância “devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras [...]”. Portanto, deduz-se que existe Deus e as suas infinitas expressões por e em sua própria natureza. (Chauí, 2003, p. 97).

existência; a sua essência implica a existência, a sua existência depende de sua essência, e essência e existência é (são) uma e somente uma mesma coisa.¹⁰⁹

Deus ou Natureza ou Vida sendo causa de si mesmo (*causa sui*), sendo Deus ou Natureza ou Vida a substância única, causa da essência e existência do universo inteiro em Si mesmo, então, Deus ou Natureza ou Vida é a causa eficiente imanente de todas as coisas. É a causa última e o fundamento do que se apresenta como definição de essência atual de uma coisa singular (o que explica a sua existência no instante atual), isto é, de seu *conatus* (a potência de agir ou força de existir, enquanto em si, de perseverar em seu ser – EIIP6). Deus ou Natureza ou Vida é a causa imanente eficiente da atividade humana como causa adequada.¹¹⁰ Chaui comenta que

justamente uma *natura* é uma essência ativa ou a essência entendida como causa eficiente interna, o *conatus* será demonstrado como essência atual de uma coisa singular; além disso, porque *natura* é o princípio interno da atividade que não requer uma causa externa para realizar-se, compreende-se a distinção [...] entre causa inadequada ou passividade e causa adequada ou atividade.¹¹¹

A causa adequada de um definido e determinado modo é explicada não pela necessidade de qualquer causa externa, mas pelo princípio interno de realidade de que

¹⁰⁹ Em relação à EID1 e EID6, em Chaui, 1999, p. 786, tem-se: “da essência do que é causa de si, é dito que ela envolve *existência*; da natureza do que é causa de si é dito que não pode *conceber-se* senão *existente*. Na primeira parte, o sujeito do verbo *envolver* é a essência e o verbo encontra-se no presente do indicativo (*involvit*) para denotar a relação entre a essência e a existência: na segunda parte, o verbo é duplo, de um lado, o verbo, *conceber*, referido ao conhecimento daquilo que é causa de si, isto é, à natureza do que é causa de si; do outro, o verbo *existir* no particípio presente (*existens*), que se refere à própria natureza do que é causa de si – *existente*.”.

¹¹⁰ Chaui, 1999, p. 789 e 918: “nervura do real, no ponto de partida, a *causa sui* dá a conhecer a essência que envolve existência necessária e só pode ser concebida como existente; no ponto de chegada, a causa de si livre e imanente dá a conhecer as coisas singulares como efeitos necessários dessa essência que é pura potência agente, pois é causa de si, causa eficiente imanente de todas as coisas, e sua dupla ação causal é uma só e a mesma, visto que “no sentido em que Deus é dito causa de si, deve-se também dizer que é causa de todas as coisas”. Essas, enquanto particulares e finitas, são afecções dos atributos da substância absolutamente infinita nas quais e pelas quais eles se exprimem de maneira certa e determinada em séries causais cuja ordem e conexão são uma só e a mesma. Que são, pois, as coisas singulares? Essências e existências modais finitas que encontram no ser absolutamente infinito sua razão e causa imanente, nele e por ele são, nele e por ele são concebidas. E, como ele, são potências de agir.”.

¹¹¹ Chaui, 1999, p. 789 e Chaui, 2011, p. 77.

esse modo é o seu efeito. Bento Espinosa em *De Origine et Natura Affectuum*, livro terceiro da *Ética*, define causa adequada:

chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só (EIID1).

Complementa:

digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (EIID2).

Como Deus é a causa eficiente e imanente de todo o universo (EIP18), todos os modos do mundo se seguem necessariamente de sua essência absolutamente infinita (EIP16), não enquanto Deus é infinito e eterno, mas enquanto considerado como afetado em seus atributos (EIP9). Deus ao se exprimir nos modos por seus atributos não se separa deles, não lhes é externo: exprime-se na coisa em si mesmo e essa coisa o exprime (EIP15). Chaui afirma, em seu livro *Desejo Paixão e Ação na Ética de Espinosa*, que o homem e

tudo o que existe, portanto, possui causa determinada e necessária para existir e ser tal como é: é da essência dos atributos causar necessariamente as essências e potências de todos os modos e encadear ordenadamente as leis causais universais que regulam a existência e as operações desses modos; e todos modos, porque exprimem a potência universal da substância, são também causas que produzem efeitos necessários. Isto significa que nada há de contingente no universo e que tudo é necessário. Há um ser necessário por sua própria natureza ou por sua essência – Deus – e há seres necessários pela causa – os seres singulares, efeitos imanentes da potência necessária de Deus.¹¹²

O homem existe na Natureza. Ele é um modo finito na e pela substância: o homem é uma coisa singular determinada a existir e operar conforme lhe ordena a substância (Deus) (EIP26), porque Deus não é apenas a causa pela qual as coisas

¹¹² Chaui, 2011, p. 71.

existem, mas também pela qual perseveram no existir (EIP24c). Deus, não enquanto infinito ou eterno, senão como enquanto modificado (EIIP9), pois

nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; ´por sua vez, essa última causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra, a qual também é finita e tem uma existência determinada, e assim por diante, até o infinito (EIP28).

Edwin Curley aponta como uma dificuldade para o claro entendimento a questão implícita nestas proposições encontradas em *De Deo*; ele questiona como uma coisa finita (um homem ou uma pedra) pode ser condicionada ao mesmo tempo por Deus e por outras coisas finitas.¹¹³ Quanto a essa questão, Chaui afirma que a substância, Deus (A), ao causar-se causa o universo inteiro (B), causa a existência de todos os seres do mundo manifesto (Bⁿ) ou A ao causar A, causa B, sendo B o universo inteiro em A. Parece quer dizer que não há diferença de afirmar-se que Deus se exprime e Deus se exprime no universo inteiro. Deixa implícito que a substância ao se exprimir como a substância absolutamente infinita e como modo no universo segue as mesmas leis eternas que determinam necessariamente a sua expressão: A ao causar A, causa B, sendo B o universo inteiro em A e B existe em A por Aa e Aaa.

Bento Espinosa em *De Deo* afirma que “as coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em foram produzidas” (EIP33), portanto os modos finitos são produzidos necessariamente por Deus de e em uma única maneira e em única ordem.¹¹⁴ Espinosa

¹¹³ Curley, 1969, p. 63, sobre EIP28, afirma (no original): “Now this is difficult. God is not something finite. How is it that finite things are conditioned to act both by God and by something finite? From the proof of EIP28, the answer appears to be that finite things are conditioned to exist and to act by god only insofar as he is modified by “some modification which is finite”. That is, the “something finite” mentioned in EIP28 is a modification of God, an in being conditioned to act by something finite, a finite mode is conditioned to act by God. But this will not do. In EIP33, When Spinoza attempts to prove that “things could have been produced by God in no other manner and in no other order than in which they have been produced”, he argues that, if things had happened at all differently, God’s nature would have had to be different, which is impossible. The order of events in nature must depend, in some way, on God’s essence, that is, on the attributes, and not simply on God as modified in finite modes. So we are back where we started.”.

¹¹⁴ Como que as coisas não podem ter sido produzidas por Deus senão de nenhuma outra maneira e em nenhuma outra ordem que não aquelas em que são produzidas, Chaui conclui que “a ordem da

também diz “da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras” (EIP16), isto é, a causa da existência das coisas é a essência de Deus porque somente à essência da substância, à essência divina, pertence o existir (EIP14c e EIP24c). Não pertence à essência das coisas produzidas por Deus a existência (EIP24); pois “quer as coisas existam ou não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração” (EIP24c).

Os modos finitos exprimem a essência da substância por seus atributos modificados por suas leis eternas (EIP9), e, é exatamente por exprimir-se por uma afetação da substância que não é a sua própria essência de modo finito que pode ser a causa de sua existência nem de sua duração, mas apenas Deus. Somente à natureza divina pertence o existir (EIP24c). A essência atual de um modo finito, de um homem ou de uma pedra, seu *conatus*, está na dependência (interdependência) dos outros modos finitos (EIP28). Pode-se deduzir, então que o homem e a pedra devem sua existência de homem e de pedra a Deus enquanto sua essência eterna e infinita e, o homem e a pedra devem o modo determinado e definido pelo qual exprimem essa natureza da substância em um definido e determinado homem e uma definida e determinada pedra a Deus enquanto suas leis divinas exprimem, ordenam e regem a expressão da natureza da substância como coisa definida e determinada no mundo dos modos finitos, no mundo manifesto ou no universo o que depende das coisas nele existentes (EIP28).

Edwin Curley, em seu livro *Spinoza's Metaphysics*, declara que

os modos finitos [para existirem] requerem uma infinita série de causas finitas e uma finita série de causas infinitas que leva a Deus.¹¹⁵ [...] As

Natureza é necessária: essa é a conclusão do percurso demonstrativo que faz desabar os pilares da ordem imaginária.” Segue escrevendo que “a ordem da Natureza é necessária porque as coisas seguem necessariamente da natureza de Deus e são determinadas pela necessidade da natureza divina a existir e operar de maneira certa.” [...] Adiante, argumenta que sendo que “existe o ser absolutamente infinito constituído de infinitos atributos em seu gênero e [...] esse ser é causa livre eficiente imanente das essências, existências e operações de todas as coisas, se se disser, agora, que essas essências, existências e operações poderiam ser outras do que são, também será preciso dizer que a potência de Deus pode mudar e, com isso, preciso admitir que, mudando a ordem da Natureza, mas não mudando a potência e a essência divinas, deve haver outros deuses cujas potências e essências poderiam alterar a ordem natural e fazê-la diversa da que é atualmente. Hipótese absurda por EIP14. Há, pois, uma única ordem da Natureza que, seguindo necessariamente da natureza de Deus, é necessária.”. (Chauí, 1999, p. 588).

¹¹⁵ Curley, 1969, p. 64, no original, escreve: “[...] Spinoza’s philosophy seems to require, for finite things, is both an infinite series of finite causes and a finite series of infinite causes terminating in God. It is difficult to see how these requirements are to be jointly satisfied [...]”.

coisas finitas dependem de Deus enquanto ele modificado por finitas modificações e por infinitas modificações [...] nem os modos infinitos nem os modos finitos são por eles mesmos causas adequadas dos modos finitos [...] são apenas causas parciais [...] a existência e a ação de uma coisa finita particular não pode ser entendida senão se referida a ambos os modos infinitos e finitos.¹¹⁶

O conceito de causa adequada se associa novamente ao conceito de causa de si mesma, isto é, a Deus ou Natureza. Deus é a única substância, causa imanente de si mesmo (EIP14), causa eficiente imanente de todo universo (EIPP18 e 25). O universo é determinado necessariamente pelas leis eternas de Deus ou Natureza a ser e a existir tal como o universo é e existe (EIP33) e a operar como opera (EIP27). Ao se exprimir, Deus exprime o universo inteiro por suas leis eternas; assim sendo, em seu *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar*, Espinosa escreve que

Deus é *uma causa principal das obras que criou imediatamente*, como é o movimento na matéria [...] nas quais não cabe a causa menos principal já que esta sempre se encontra nas coisas particulares, como quando Ele seca o mar por um forte vento, e assim sucessivamente, em todas as coisas particulares que existem na Natureza. A *causa menos principal-inicial não se dá em Deus*, porque fora d'Ele nada há que o possa coagir. Por outro lado, *a causa predisponente é sua própria perfeição*, em virtude da qual é causa de si mesmo e, por consequência, de todas as outras coisas (KV I iii § 5). [...] Deus é *a causa próxima* das coisas que são infinitas e imutáveis, e das quais dizemos que foram criadas imediatamente por Ele; porém, em certo sentido, Ele é *a causa última* de todas as coisas particulares (KV I iii § 8).

O homem que pretende ser causa adequada de si mesmo necessita conhecer e compreender sua natureza, pela razão ou pela intuição, por aquilo que ela é realmente. Conhecer a causa das afecções em seu corpo, decorrentes do seu encontro com o outro no mundo manifesto, e assim, conhecer a causa adequada de seus afetos, de seus pensamentos e de suas ações (B em A por Aa e por Aaa). Tendo reformado sua

¹¹⁶ Curley, 1969, p. 66: "What I propose is that we understand Spinoza as maintaining that finite things depend upon God both insofar as he is modified by infinite modifications. To use a distinction that Spinoza introduces later (EIIID1), neither the infinite modes nor the finite modes are by themselves adequate causes of finite modes. Taken separately, they are only partial causes; the existence and actions of a particular finite mode cannot be understood either by reference to other finite modes alone or by reference to both infinite and finite modes."

inteligência, procura conhecer, a si e as coisas, como conhece e define o triângulo e o círculo¹¹⁷, por sua causa próxima e eficiente-imanente, por ideias e definições adequadas, portanto, por ideias verdadeiras. Não será a verdade de uma dada coisa definida ou conhecida nem por uma experiência vaga (empírica) das coisas – apesar de Espinosa, por ser um cientista e não desprezar a experiência científica – e nem por qualquer experimento científico.¹¹⁸

Espinosa, em carta para Simon de Vries em março de 1663, responde a seu amigo a questão que havia lhe feito sobre a importância da experiência para o conhecimento da verdade. Escreve:

vós me perguntais: a experiência nos é necessária para saber se a definição de um atributo é verdadeira? Respondo que jamais temos necessidade da experiência, a não ser aquilo que não se pode concluir da definição que damos de uma coisa, como, por exemplo, a existência dos Modos, pois ela não pode ser concluída da definição da coisa. Mas não temos necessidade da experiência para conhecer aquilo cuja existência não se distingue da essência e, por conseguinte, se conclui da definição. Mais do que isso, nenhuma experiência nos poderá jamais nos dar um conhecimento semelhante, pois a experiência não nos ensina sobre as essências das coisas; o mais se pode dela esperar é dirigir o espírito de tal modo que ele se aplique somente a certas essências. Depois, e porque a existência dos atributos não difere de sua essência, jamais nenhuma experiência poderá nos fazê-la apreender. Vós me perguntais, ainda, se as coisas reais e suas afecções são verdades eternas. Respondo que elas o são. (Ep 10).

Bento Espinosa pensa que a realidade das coisas coincide com a realidade ou concepção das ideias das coisas (EIIP7), ou seja, a realidade coincide com pensamento pela questão ontológica da causalidade necessária na expressão simultânea da natureza

¹¹⁷ Chauí, 1995, p. 41, argumenta o homem pelo “discurso espinosano desvenda os processos que conduzem os humanos a imaginar, na turbulência dos conflitos, uma instância superior e transcendente a eles que os reconciliaria numa comunidade imaginária sempre prestes a esfacelar-se cada vez que um acontecimento inédito vem colocá-la diante da imagem do perigo”. A imaginação, apesar de sua verdade e virtude intrínseca, não permite senão um conhecimento incompleto das coisas, o que leva ao empobrecimento da vida do homem que procura no outro as respostas às perguntas que não se encontram senão em sua própria natureza individual. Espinosa afirma não exclui a experiência empírica senão a ordena uma experiência que sabe de si mesma pela natureza da mente humana que a conhece adequadamente. Isto se segue porque a ordem e a conexão das coisas são a mesma ordem e a conexão das ideias das coisas. A definição perfeita de uma coisa, o conhecimento adequado de uma definida e determinada coisa, por sua causa gênética que explica sua existência e essência atual, ao contrário, não faz senão aumentar a potência de seguir pensando de forma adequada o que aumenta sua força de existir, sua capacidade de perseverar enquanto em si em seu ser.

¹¹⁸ Moreau, 1994, p. 227 e 293.

da substância por todos seus infinitos atributos: as relações das ideias correspondem exatamente às relações da realidade.¹¹⁹ Explicitamente, encontramos em *De Deo* que

a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas. (EIIP7). [...] de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e, inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito (EIax₃). O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e a envolve (EIax₄)

Conhecer a realidade ou a perfeição ou a verdade da coisa de forma adequada, pela razão ou pela intuição, é conhecê-las pela genética (sua causa eficiente imanente) de sua existência (causa-efeito) em sua perfeita realidade ou verdade de sua essência atual, seu *conatus*, causa de sua existência, como potência de modo finito na ordem e na conexão universal, natural, necessária e atual das coisas no universo. O modo finito é a expressão, no instante presente, da essência eterna e infinita da substância, conforme as suas leis eternas, em si mesmas – conforme as leis eternas divinas que determinam necessariamente como a substância se exprime no mundo modal finito com sua natural e característica interdependência.

Se algo existe, existe a causa definida e determinada que explique sua existência. Se não existe, existe a causa definida e determinada que explique a sua não existência. É a ontologia da necessidade, da causalidade necessária de todas as coisas tendo a causa de si mesmo como o modelo para entender a causalidade das coisas.

Refletindo sobre Bento Espinosa e sua ontologia do necessário, sobre como Espinosa entende a causalidade das coisas, Roger Scruton escreve que

¹¹⁹ Chaui, 1999, p. 908-909: “quer concebamos a Natureza sob o atributo extensão, que sob o atributo pensamento, *quer sob qualquer outro atributo*, encontraremos sempre um só e mesma ordem, ou seja, uma só mesma conexão de causas, isto é, encontraremos as mesmas coisas seguindo-se umas às outras.”. [...] Por EIIP17s, Chaui sustenta que esse escólio “insiste sobre a autonomia causal dos atributos e assegura que sob qualquer atributo pode-se conhecer a ordem inteira da Natureza. Ao concluir esse escólio, Espinosa reitera o que escrevera ao iniciá-lo, afirmando: ‘e entendo o mesmo dos outros atributos’.” Scruton, 2005, p. 46, escreve que “o pressuposto oculto da filosofia de Espinosa é que a realidade e concepção coincidem, de tal modo que as relações entre as ideias correspondem exatamente às relações na realidade [...] implica que as relações de dependência no mundo são todas inteligíveis como relações lógicas entre as ideias.”. Apesar de Scruton usar o termo pressuposto oculto, como há uma única ordem e conexão na Natureza por todos os seus infinitos atributos infinitos, portanto, enquanto os atributos extensão e pensamento, a ordem e a conexão causal da existência das coisas na extensão é a mesma ordem e conexão lógico-matemática da ideia dessas coisas no pensamento. Conhecem-se as coisas na extensão conhecendo as relações lógicas existentes entre as ideias dessas coisas no pensamento.

para Espinosa, afirmar que A causa B é afirmar que B depende de A para sua existência e natureza. Essa dependência entre coisas “é expressa em” ou “concebida por meio de” uma dependência entre ideias. A ideia de B é dependente da ideia de A se sua verdade precisa ser estabelecida por referência à ideia de A. A conclusão de uma prova matemática é, portanto, dependente de premissas. O raciocínio matemático é, com efeito, paradigma da “relação racional” entre ideias. É também um paradigma de “causalidade”, significando a relação existente entre A e B quando a existência e a natureza de B precisam ser explicadas em termos de A. Mediante a prova explicamos uma conclusão, e se as premissas são evidentes nós a explicamos completamente.¹²⁰

No modelo espinosano de causalidade necessária, sempre existe para uma determinada e definida coisa existente em ato uma causa também determinada e definida que necessariamente explica sua existência; se uma dada coisa não existe, também existe uma causa determinada e definida que explica sua não existência.¹²¹ Sendo a mente, ideia do corpo (EIIP13), uma força pensante e pensar é conhecer uma coisa afirmando ou negando sua ideia¹²², percebe-se que esse processo de apreender a

¹²⁰ Scruton, 2005, p. 46.

¹²¹ Chaui, 1999, p. 661: “a *Ética* demonstra por que há essa identidade da ordem e conexão das coisas e das ideias, a descrição da atividade matemática é capaz de mostrá-la, e nisso que ela oferece um outra norma da verdade. A essência formal e uma coisa, assim como sua essência objetiva, portanto: 1) é sempre singular ou particular, porque, determinada por uma causa determinada que a faz ser e operar tal como é e opera; 2) é real ou afirmativa porque não se define por inclusão no que ela não é (o gênero) nem por exclusão do que ela não é (a diferença), e sim porque afirma seu ser próprio quando sua definição oferece sua origem ou a maneira determinada como foi produzida; 3) necessária por sua causa próxima, que pode ser tomada *ut absolute* (pela identidade entre causa eficiente e causa formal, isto é, quando é *causa sui*) ou a partir de uma determinação (quando a causa eficiente interna determina a particularidade do efeito produzido como algo singular que resulta dessa causa); 4) é uma rede causal porque é efeito determinado de uma causa (eficiente), porque é uma causa (formal) da qual seguem efeitos necessários (suas propriedades) e porque é uma causa (eficiente transitiva) de efeitos externos sobre outras; 5) pela coincidência entre causa eficiente interna e causa formal, impõe as ideias de *causa sui* e *causa immanens*, quando concebida absolutamente, e de *causa adaequata*, quando concebida como efeito necessário de uma causa eficiente imanente e, ela própria, percebida, agora, como causa total de seus efeitos particulares; 6) enquanto essência, portanto possui a mesma natureza causal, quer seja essência objetiva [no pensamento], quer formal [na extensão].”

¹²² Chaui, 2011, p. 77: “a mente, demonstra Espinosa, é uma força pensante. Pensar é conhecer alguma coisa afirmando ou negando sua ideia. Uma ideia é uma afirmação ou uma negação, e não carece de *uma vontade* (grifo meu) que venha produzi-las no ato do juízo. Por conseguinte, afirmar ou negar são, simultaneamente, volições singulares ou atos singulares de afirmação ou negação, de sorte que uma ideia ou um pensamento é, a um só tempo, um ato *de pensar e de querer* (grifo da autora – Chaui). Não há uma faculdade de entender ou um entendimento e uma outra, de querer ou uma vontade, mas atos singulares de querer ou não querer, que nada mais são do que atos de afirmar ou negar alguma coisa.”

causalidade das coisas é realizado pelo intelecto ou inteligência humana que nada mais é do que um modo finito que se exprime no atributo pensamento exprimindo a natureza da substância enquanto algo definido e determinado. Portanto, há uma identidade entre o pensamento humano e o divino e essa identidade é a causa adequada do conhecimento adequado e verdadeiro pelo pensamento (humano) da realidade das coisas.

Deus é uma coisa pensante (EIIP1) e o pensamento humano é o modo humano de exprimir a natureza da substância enquanto pensamento de uma maneira definida e determinada (EIIP1d), isto é, o pensamento humano existe no pensamento divino. Deus é uma coisa extensa (EIIP2), assim o corpo humano, é o modo humano de exprimir a natureza da substância enquanto extensão de uma maneira definida e determinada (EIIP2d), isto, o corpo humano existe na extensão divina. O corpo humano e a mente humana existem e estão contidos em Deus. A natureza humana existe por e na natureza divina da única substância absolutamente infinita. Não há, portanto, uma diferença qualitativa entre o pensamento humano e divino, há uma diferença quantitativa de conhecimento: o pensamento humano conforme a necessidade causal da natureza humana e o pensamento divino conforme a natureza divina que tudo conhece.

Sabe-se que Deus ao se exprimir, se exprime simultaneamente por todos os seus infinitos atributos dos quais o homem conhece apenas dois: extensão e pensamento. Assim, o pensamento humano e o corpo humano são o resultado da expressão de Deus enquanto homem como uma e só uma mesma coisa – coisa que exprime a natureza da substância por dois de seus atributos: pensamento e extensão.

Tendo claros os pressupostos acima referidos, em Deus, pode-se concluir que a coisa que existe no mundo manifesto na extensão e a ideia da coisa na mente no pensamento não são duas coisas independentes nem duas manifestações de uma mesma coisa. A coisa existente na realidade – na extensão (corpo) e a ideia dessa coisa no pensamento (mente) – são uma só e mesma coisa. Por EIP7, pode-se, então, afirmar que todas as coisas do mundo manifesto (as coisas, o homem, a pedra), podem ser conhecidas e compreendidas pelo intelecto, sem a necessidade de um experimento empírico, pela relação lógica e adequada presente entre as ideias da coisa e da causa da coisa com a coisa existente em ato na extensão.

Porque a ordem e a conexão das ideias no pensamento correspondem exatamente à ordem e à conexão das coisas na realidade, então,

B é dependente de A se a natureza de B se segue não da ideia de B, mas da ideia de A. Todas as propriedades são nesse sentido dependentes de, ou causadas pelas substâncias às quais são inerentes. E isso é o que Espinosa entende por “em”: “B está em A” é outra maneira de dizer que A é a explicação de B.¹²³

Portanto, dizer que o homem B que age por sua própria natureza na e pela natureza da substância A é afirmar que ele não é senão a causa adequada de si mesmo (EIID1). Ele é livre em Deus, ou seja, em A. Significa dizer que Deus, a natureza de Deus, é a explicação e a causa de se poder dizer que um determinado e definido homem B é livre e autônomo por ser o modo como a substância se exprime, por suas leis eternas e por seus atributos enquanto modificados pelo universo (EIP28), naquele determinado e definido homem B. O mesmo raciocínio vale para todas as coisas finitas (a pedra) presentes no universo inteiro.

O homem e a pedra (B) dependem de Deus (A), enquanto referido à essência eterna e infinita da substância (A), para sua existência e para sua natureza (A por Aa a causa da essência e existência de B). O homem e a pedra (B) dependem de Deus (A), enquanto referente a seus infinitos atributos e seus modos infinitos mediatos, suas leis eternas, necessárias, infinitas e divinas¹²⁴ (A por Aa) e enquanto referentes às suas leis eternas, necessárias, infinitas e divinas que exprime B como modo finito tal como ele é

¹²³ Scruton, 2005, p. 47.

¹²⁴ Curley, 1969, p. 59, no original: “On way of approaching Spinoza’s doctrine of infinite modes is to ask in what sense they might be thought to ‘follow’ from their respective attributes. Their relation to attributes cannot be one of temporal succession because both term of the relation are eternal. Nor can it, on the face of things, be a relation of logical consequence, for that is a relation which holds between propositions, and not between things (or facts). Nevertheless, the relation of logical consequence, being one which holds timelessly, is clearly closer to what Spinoza has in mind than the relation of temporal succession. Let us say tentatively that it is a relation of causal dependence between general facts, which is the counterpart in the order of things (more accurately, the order of facts) of a relation of logical consequence in the order of ideas (more accurately, the order of propositions). On this interpretation, Spinoza’s thesis that every infinite and eternal mode of the attribute of extension follows either directly from the absolute nature of the attribute of extension or indirectly from some other infinite mode which follows from the nature of extension (EIP23) – put in logical terms – amounts to the thesis that every scientific law relating to extended objects can be derived either directly from the fundamental laws governing extended objects or from a finite series of nomological propositions which terminates ultimately in the fundamental laws.” (nomológico: referente ao estudo das leis que presidem os fenômenos naturais)

realmente em si mesmo (A por Aa e Aaa) para sua essência atual, seu *conatus*, para eles (homem e pedra) serem o homem e a pedra como na realidade do mundo se manifestam. Assim, B está contido em A, “B está em A”: o homem e a pedra estão em Deus. A, enquanto A e Aa, é a explicação da essência e da existência de B; A, enquanto Aa e Aaa é a explicação da existência do homem (B) e da pedra (B) da maneira atual ou real, definida e determinada que eles (B) se exprimem e existem neste mundo manifesto atual em ato.¹²⁵ Assim, concluindo, tem-se B em A por Aa e Aaa (B causa adequada de B).

A partir dessa dedução, pode-se inferir que o homem que conhece a si mesmo por sua essência em Deus (B em A e B em A por Aa) e sua existência pela interdependência na relação de encontros com os outros modos finitos com que convive no mundo manifesto (B em A por Aa e Aaa), conhece a natureza ou a causa adequada (intrinsecamente verdadeira quanto a sua constituição e determinação) de seus afetos, de suas ideias e de suas ações (EIII), pode ser causa adequada de si mesmo (EIIID1) e, então, por B ser em A por Aa e Aaa, B causa adequada de B, B é livre e autônomo em A. Esse é o homem livre em Deus.

O homem conhecendo a sua real natureza (B em A por Aa e Aaa), pode ativamente agir, procurando se esforça em perseverar, enquanto em si, em seu ser, conforme a natureza divina que há em si (EIIIP6). Respeitada a dependência ou interdependência natural com os outros modos finitos (EIIIPP27 e 29), pode procurar agir (ativamente) de forma mais próxima da plena expressão de sua natureza. Propõe-se agir livre e autônomo, com o menor grau possível de constrangimento por parte de outras expressões modais da natureza de Deus na natureza de Deus no mundo (EIIIP28). Essas expressões modais finitas (o(s) outro(s) – B') têm o mesmo direito de exprimir a natureza da substância conforme sua própria essência atual que o primeiro indivíduo, enquanto em si mesma(s), perseverar em seu ser (porque B' em A por Aa e Aaa').

Se o homem conhecer por intuição a causa adequada das coisas (B por Aa e Aaa em A), conhece essas coisas tal como elas são realmente (B em A). Esse homem conhece as coisas singulares ou particulares por sua essência atual, sua causa próxima (Aaa), ou seja, por aquilo que determina sua existência como a coisa realmente é e existe (Aa e Aaa em A), na ordem única, natural e necessária que as coisas particulares ou singulares existem na Natureza ou em Deus (B em A por Aa e Aaa).

¹²⁵ O universo inteiro acontece em Deus pelas leis de Deus. (Curley, 1969, p. 59).

Esse homem conhece, apreende e entende que o mundo necessariamente obedece, sem poder de forma alguma transgredir, às leis naturais, divinas, eternas com que Deus se exprime por seus atributos no universo inteiro (EIP15). Por absoluta obediência ao que Deus, por necessária obediência ao que os infinitos modos infinitos mediatos de Deus ordenam, o homem torna-se, então, um ser livre e autônomo. Esse homem, livre e autônomo, o autômato espiritual, é a expressão necessária, ativa e perfeita do que de divino nele existe (B necessária e espontaneamente exprime B em A por Aa e Aaa).

Para ser livre, obedecendo às leis eternas de Deus, pretendendo ser a expressão do que de divino existe em sua natureza, esse homem tem clara a necessidade de conhecer esses modos infinitos mediatos da substância: precisa conhecer as leis naturais, as leis matemáticas, as leis eternas e divinas que exprimem em si mesmo – em e por Deus – a sua própria natureza humana. Não porque a(s) essa(s) lei(s) deva o homem, por qualquer imperativo ou mandamento, por uma vontade obedecer (não deve) (EIIP48); mas porque sendo lei(s) de Deus, ao homem (B) só cabe obedecer, tem de obedecer, simplesmente obedecer, visto que a nenhum ser em Deus (B em A) é possível ir contra algo que Deus (A) ordena.¹²⁶ Quanto a essa questão, ao conhecimento adequado e verdadeiro de si e do outro, enquanto expressão do divino em si mesmo e no outro, por leis divinas eternas, Chauí no livro *Nervura do Real* comenta que

Espinosa parte da reformulação moderna da geometria euclidiana como construção da definição perfeita (a definição real que oferece a gênese interna necessária do definido) [...] a geometria espinosana [...] opera com essências cuja gênese é obtida pela construção real, que deve incluir todas as propriedades e todos os efeitos que a constituem intrinsecamente. Em outras palavras, a gênese conceitual explica como os conceitos foram descobertos (análise) e por que são verdadeiros (síntese), isto é, constrói as demonstrações segundo a exigência da essência procurada e segundo o encadeamento de proposições que as articula com os princípios da construção (definições, axiomas, postulados) [...] a geometria espinosana tem como pressuposto não, como em Descartes, que uma ideia *passa-se* para a outra (o que exige determinar o critério de passagem, a medida), e sim que uma ideia causa outra ideia, desde que

¹²⁶ A palavra-verbo “ordenar” é empregada em seus dois sentidos simultaneamente. Ordenar no sentido de por ordem ou organizar, instituir uma ordem em algo, e no sentido de mandar ou determinar que se faça por uma ordem ou por uma lei.

seja *idea adaequata* e, portanto, causa adequada, capaz de dar conta de todos os seus efeitos necessários. Eis porque, quando Tschirnhaus afirma que da definição de uma coisa não podemos deduzir senão uma propriedade,¹²⁷

o que é, prontamente, rebatido por Espinosa. Bento Espinosa não somente salienta a importância, a identidade e a diferença dos conceitos de ideia adequada e ideia verdadeira, mas principalmente, a importância do conceito de causa adequada. Afirma ser a causa adequada e o conceito de causa adequada de uma determinada e definida coisa não estar referida(o) à coisa senão como a causa imanente eficiente com o que a coisa é caracterizada enquanto essência atual, e com o que a coisa é definida enquanto a coisa tal como ela é em sua natureza. Espinosa escreve para Tschirnhaus:

quanto ao que dizeis que da definição de uma coisa considerada em si própria não se pode deduzir senão uma só propriedade, isso talvez se aplique às coisas mais simples ou aos seres da razão (aos quais eu reduzo as figuras), mas isso não se aplica às coisas reais (Ep 83) [...] não reconheço qualquer diferença entre a ideia verdadeira e a ideia adequada, senão que a palavra verdade relaciona-se apenas à concordância da ideia com o seu objeto, enquanto que a palavra adequada relaciona-se com a natureza da ideia em si mesma. Não há, portanto, qualquer diferença entre uma ideia verdadeira e uma adequada, além dessa relação extrínseca. Quanto, a saber, de que ideia de uma coisa, entre muitas outras, podem ser deduzidas todas as propriedades de um objeto considerado, só observo uma regra: é preciso que a ideia ou definição faça conhecer a causa eficiente da coisa (Ep 60).

O homem ao conhecer a lei divina geométrica que exprime em sua natureza a natureza de Deus (EIIPP 45 e 47) conhece as suas leis naturais e eternas e pode, natural e ativamente, agindo e não mais padecendo, decidir por obedecer a Deus e, assim, tornar-se, pela condução da razão, a verdadeira virtude humana (EIVP37s₁), um homem livre e autônomo em Deus (B em A por Aa e Aaa) poderá querer ser livre e autônomo com o outro homem (B em A por Aa e Aaa com B' em Aa e Aaa').

¹²⁷ Conhecer a causa adequada – não apenas a causa verdadeira - de uma definida e determinada coisa não é conhecer as propriedades descritivas dessa coisa. É conhecer – por um entendimento intrinsecamente verdadeiro segundo as leis da lógica - o que explica a existência desta coisa como se apresenta na realidade das coisas manifestas em uma dada e precisa ordem e com uma conexão clara e definida entre causa e seu efeito. (Chauí, 1999, p. 359).

Se não for um solitário, o homem convive com o(s) outro(s) homem(s) em uma relação de permanente interdependência no universo inteiro das coisas finitas. Conduzido pela razão, conhecedor do amor de Deus, pode procurar conhecer a si e ao(s) outro(s) com pristínica precisão por sua perfeita realidade e virtude em Deus, para vivendo, sob a condução da razão, construir relações de composição com esse(s) outro(s) (EIVPP35 e 37).

O homem vivendo no mundo manifesto dos infinitos modos finitos sabe ser absolutamente natural a interdependência e a interação constante entre as infinitas formas modais finitas. Assim, pelos argumentos anteriores, pode-se deduzir que esse homem deva compreender ser necessário obedecer não apenas à lei divina de sua natureza, mas também às leis da natureza de todos e de cada um desses modos finitos com os quais convive e à lei divina que rege a relação de interação e interdependência.

Espinosa afirma que quanto maior for o seu conhecimento da essência eterna e infinita de Deus (EIIP45), maior será o seu interesse e esforço do homem, regido pela razão, em viver conforme sua natureza na substância e maior será o seu interesse para que o maior número de outros homens também possa assim agindo ser causa adequada de si mesmo respeitando sua própria natureza (EIVP37).

Neste esforço de conhecer as leis de Deus que regem a natureza da Natureza, o homem pode descobrir-se tal como ele é realmente: uma unidade na totalidade de Deus ou Natureza (B em A). Descobre-se não uma parte da Natureza ou Deus, pois sendo este simples, sem partes, não pode ser dividido; mas como uma parte na natureza de Deus. Deus ao causar-se, causa por Si mesmo o universo inteiro em Si mesmo.

A ao causar-se, causa o universo inteiro (B), causando todos os modos finitos do universo inteiro, causando todos os B, Bⁿ em A por Aa e Aaⁿ, ou seja, A ao causar A, causa B em A ou A ao causar A, causa B, causando Bⁿ por Aa e por Aaⁿ em A.

Deus é causa de si mesmo. E, ao causar-se causa todas as coisas do universo inteiro em Si mesmo não como partes de Si, mas como unidade na totalidade de Si em Si por Si. Ao causar-se, Deus, no mesmo instante, no eterno instante presente, no eterno presente, causa o universo inteiro em Si mesmo. Assim, o(s) outro(s) homem(s) está (estão), é (são), opera (operam) e existe (existem) também em Deus. Por isso, o homem, conduzido pela razão, pretende levar o que apreende e compreende - o conhecimento de

Deus - para todo(s) o(s) outro(s) com o qual se encontra e com o qual divide o mundo de relação para que desse conhecimento de si em e por Deus desfrutem, no esforço de se autopreservarem em suas próprias naturezas ou essências atuais – o *conatus* (EIVP36d).

Sendo Deus, *causa sui*, naturalmente é causa adequada de si mesmo. Deus, a essência de Deus é a causa última imanente e eficiente de todas as coisas existentes no universo. Essas coisas se expressam no universo como Deus ordena: exprimem Deus por seus infinitos atributos de Deus, afetados ou modificados pelo próprio universo ordenado e manifesto por e em Deus.

Se tudo existe de forma necessariamente determinada, há, portanto, uma única ordem natural, necessariamente determinada de como e onde uma determinada e definida coisa está, é, opera, se move, existe e se conecta com as outras coisas em seu universo. Essa ordem é o nexos infinito causal de todas as coisas no universo pela e na substância: uma cadeia – de determinações necessárias – insculpida (inscrita ou gravada) pela essência da substância e pela potência dos atributos da substância e pelos modos infinitos da substância (EIP29). Tudo – o universo inteiro – se segue necessariamente da essência e potência de Deus (EIP15).

Se há uma só e única ordem necessária na extensão e no pensamento na Natureza, por EIIP17, esse fato necessariamente permite conhecer a gênese das coisas, sua causa próxima ou genética, pelo exercício do intelecto. Permite compreender, pelo intelecto humano presente no intelecto divino, a relação entre o infinito e o finito, o movimento contínuo ou passagem contínua do primeiro ao segundo e deste àquele que está acontecendo na extensão. Da realidade, na extensão, o pensamento humano apreende o mesmo e da mesma maneira como é conhecida pelo intelecto infinito de Deus.¹²⁸

¹²⁸ Chaui, 1999, p. 733: “ordem adequada não só porque é a forma exemplar de exposição da autonomia do intelecto como força inata para o verdadeiro [...]. Ordem necessária não só porque oferece a gênese necessária de seu objeto e porque a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas, mas também porque afirma a *ratio* entre o infinito e o finito, a passagem contínua do primeiro ao segundo e deste àquele, descrevendo a produção real da realidade e assegurando que nosso intelecto conhece o mesmo e da mesma maneira que o intelecto infinito de Deus. Por isso, é ordem livre: instituindo seus conceitos, é exatamente como seu objeto, ou seja, como ele, ela também não é determinada por nada que lhe seja extrínseco, mas apenas pela necessidade imanente que gera, ordena, conecta e comunica todas as suas ideias.”.

O modelo da ontologia do necessário é a causa de si, inclusive para o conceito de causa adequada. Há semelhanças e diferenças entre ser causa de si e ser causa adequada. Chaui esclarece em *Nervura do Real*, escrevendo que

a diferença entre causa sui e causa adequada é evidente: a primeira é uma natureza cuja ação é o princípio da existência de si mesma; a segunda, uma natureza que é causa total dos efeitos que produz porque sua essência-natureza atual é um esforço de autoconservação na existência. Nos dois casos, porém, essência e natureza se identificam: na causa de si, porque a essência que envolve a existência é a natureza cuja ação é sua existência; na causa adequada, porque uma coisa singular é aquela na qual essência e existência são reversíveis, a singularidade é determinada pela causalidade única dos constituintes da essência, esta é um *conatus*, e a adequação causal é a natureza da coisa como causa total de seus efeitos. Em outras palavras, uma coisa singular é um modo finito de um atributo (gênese de sua essência), uma essência inseparável de sua existência (portanto, singularidade), uma singularidade (isto é, causalidade única de seus constituintes), e sua essência é potência ou causa eficiente, um fazer, um operar e um agir que pode ser causa total (adequada) ou parcial (inadequada) do efeito...¹²⁹ Essência e existências modais finitas que encontram no ser absolutamente infinito sua razão e causa imanente, nele e por ele são, nele e por ele são concebidas. E, como ele, são potências de agir.¹³⁰

Chaui explicita as características do conceito de causa adequada. Identifica a natureza do modo finito com a causalidade necessária de seus efeitos, como na

¹²⁹ Chaui, 1999, p. 789.

¹³⁰ Chaui, 1999, p. 918: "A diversidade atual dos atributos e sua eterna diferenciação infinita nas coisas singulares existentes na duração iluminam o sentido de *Deus sive Natura*: é a estrutura infinitamente complexa do real como ordem de co-presença de redes causais que são ordens diferenciadas de realidade cujo fundamento é a causa de si, cujos fios são os atributos e cujos nós são as particularizações dos modos infinitos em coisas singulares. Ao demonstrar que a potência de Deus é sua própria essência, e que essa potência é o poder do ser absolutamente infinito como ação autoprodutora que é também produção de todas as coisas como potências de existir, operar e agir, Espinosa demonstra que a realidade é ação e operação. Ser indiviso internamente diferenciado, o ser absolutamente infinito é a pura energia de uma ação única que se efetua diferenciando-se infinitamente em suas expressões determinadas, imanentes aos seu infinitos atributos infinitos e diversos. Eis por que causa de si, causa eficiente imanente, *conatus*, causa adequada, força inata do intelecto, vida de Deus são os conceitos que escandem o pensamento e o discurso espinosanos, fazendo-nos entender que a singularidade não é misteriosa nem enigmática – nem, muito menos, impossível. É a expressão de uma potência eterna infinita numa potência determinada que é uma essência numa existência determinada. O singular é fulguração duradoura de uma só e mesma luz, cujas ondas são sua própria potência irradiando-se e irradiada *infinita infinitis modis*."

definição em EIID1, isto é, o modo finito enquanto sua essência atual ser a causa e explicação de sua expressão no mundo de relação.

Por isso, deduz-se que o homem (B), um modo finito (B), uma realidade determinada e definida (B), na natureza absolutamente eterna e infinita da substância (B em A), que se conhece e se compreende por ideia(s) adequada(s) de si mesmo, por sua natureza, que se entende como a causa total ou a causa adequada de todos os seus efeitos, de seus afetos, de suas ideias, de suas ações por si mesmo (B em A por Aa e Aaa) e se reconhece no encontro com o outro (B'): B em A por Aa e Aaa com B' em A por Aa e Aaa'. Reconhece sua essência-existência atual, sua potência atual de agir ou sua força atual de existir, seu *conatus*, e, assim, procura perseverar em seu ser, preservando sua vida como a singularidade que é em Deus se movendo ativamente, agindo de forma certa e determinada conforme as leis com que Deus a *Deus sive Natura* ordena.

Pode-se, portanto, com esses fatos, concluir que o ato livre é o ato necessário. Bento Espinosa usa a metáfora de ser o homem o autômato espiritual, que pode ser entendido, portanto como aquele que, livre e autônomo, age ativamente por sua natureza na substância obedecendo às leis de Deus sem ou com o menor constrangimento que estas mesmas leis o permitirem. Respeita e ama a sua própria natureza em Deus; pois

quem compreende a si próprio e a seus afetos, clara e distintamente, ama a Deus; e tanto mais quanto mais compreende a si próprios e seus afetos (EVP15). Quem compreende clara e distintamente a si próprio e a seus afetos, alegra-se, com uma alegria que vem acompanhada da ideia de Deus. Portanto, ama a Deus, e tanto mais ama quanto mais compreende a si próprio e a seus afetos (EVP15d).

O homem ao conhecer-se, pela razão ou intuição, uma unidade singular na totalidade de Deus (Natureza), apreende que o amor de Deus – que nasce do segundo e, principalmente, do terceiro gênero de conhecimento – é eterno (EVP33). Conhece a beatitude ou a absoluta e necessária última liberdade ou a suprema serenidade definida por Espinosa como o amor constante e eterno para com Deus e o amor constante e eterno de Deus pelos homens (EV36s). Bento Espinosa afirma que

o amor intelectual da mente para com Deus é o próprio amor de Deus, com o qual ele ama a si mesmo, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado por meio da essência da mente humana, considerada

sob a perspectiva da eternidade; isto é, o amor intelectual da mente para com Deus é uma parte do amor infinito com que Deus ama a si mesmo (EVP36).

Esse amor por Deus, esse amor para com Deus ou Natureza ou Vida, pode ocupar toda a mente do homem (EVP16), sendo esse amor ligado a todas as afecções do corpo e à ideia dessas afecções, quando compreendidas adequadamente e referidas à Natureza ou Deus (EVP25):

consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude uma certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo (EVP42d).

Não há nada que saibamos, com certeza, ser bom ou mau, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender ou que possa impedir que compreendamos (EIVP27). [E, não é, senão] o conhecimento de segundo e terceiro gênero, e não o de primeiro, [que] nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso (EIIP42).

O homem que conhece o amor intelectual de Deus pode ser a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos em si mesmo e com o outro. No encontro (*occursus*) com o outro com quem se compõe, pode o homem, então, se esforçar, para que ambos, numa relação de amizade, enquanto as suas essências atuais, preservem sua(s) vida(s) com o que de divino neles existe (*conatus*).

Portanto, conclui-se, que a compreensão adequada da substância é o fundamento para que o homem possa vir a ser livre e autônomo: conhecer adequadamente *Deus sive Natura sive Vita* e o que ele – enquanto homem – exprime em si mesmo da natureza desta única substância absolutamente infinita. Ao conhecer a Deus – o homem conhece a si mesmo por aquilo de divino se encontra (resta) presente em sua própria natureza humana. Compreende e apreende que ser livre não é senão ser a expressão de si mesmo: ser a expressão do que de divino resta em sua natureza humana.

ENCONTRO E ESFORÇO: *OCCURSUS ET CONATUS*

Deus ao causar-se causa o universo inteiro. Deus ao causar-se causa o universo inteiro – o universo inteiro insculpido em Deus por Deus. Deus ao causar-se insculpe o universo inteiro em si mesmo por si mesmo.

O universo manifesto é expressão da substância única por seus atributos afetados por suas leis eternas, infinitas e necessárias segundo as quais a substância única ordena o universo inteiro.¹³¹ O universo – em cada um dos seus modos finitos – exprime de modo certo, preciso, determinado e definido a natureza da substância absolutamente infinita – Deus. “As coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas.” (EIP33).

Todos os modos finitos – a pedra, o homem, o machado – se seguem necessariamente da natureza existente na substância única. Os modos finitos, pela exclusiva necessidade da natureza de Deus, se expressam e operam de uma maneira definida e determinada (EIP33d). E, conhecer a ordem e a conexão com que as coisas se seguem na natureza da substância¹³² é a via de acesso para conhecer a Deus.¹³³

¹³¹ Chaui, 1999, p. 67: “*Deus sive Natura* é o ser que se desdobra em Natureza Naturante (a substância absolutamente infinita, causa de si, constituída por infinitos atributos infinitos em seu gênero) e Natureza Naturada (os efeitos da potência dos atributos em modificações infinitas e finitas, constituindo o todo do universo), mas Espinosa toma todos os cuidados para impedir que os atributos, constituintes da essência da primeira, sejam confundidos com os modos, pertencentes à essência da segunda. Em outras palavras, Espinosa demonstra que todas as coisas estão contidas em Deus ou compreendidas em seus atributos e, simultaneamente, que a essência de Deus não pertence às essências das coisas.”

¹³² *De emendatione* significa conhecer ou investigar na ordem devida. Espinosa com seu *Tratado da Emenda do Intelecto* propõe conhecer a ordem das coisas conforme suas conexões eternas e necessárias – conhecer a atividade causal dos atributos (Chaui, 1999, p. 597). Como a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas; conhecer a ordem da causalidade adequada das coisas na extensão é conhecer a ordem lógica verdadeira das ideias das coisas no pensamento e vice versa.

¹³³ Chaui, 1999, p. 597, afirma que Espinosa – em seus livros – articula “num único entrecruzamento e numa única *concatenatio* a ordem dos acontecimentos humanos ou a ordem da vida, a ordem da Natureza e a ordem do conhecimento. Porque é a conexão causal autoproduzida e autoregulada, a ordem não é limitada, mas, pelo contrário, a via de acesso à infinitude da Natureza como potência infinita de engendramento de todos os seres e de suas relações necessárias. A substância absolutamente infinita une e diferencia infinitas ordens de existência em determinações que são as leis da Natureza, e as coisas singulares [as quais] são o próprio ser infinito *quatenus* [enquanto] exprimem de maneira certa e determinada a substância absolutamente infinita. Deus produz as coisas tais como são em si mesmas significa que elas são produzidas Nele segundo as leis imanentes da Natureza [...]”.

A essência e a existência de uma determinada coisa se seguem da essência da substância única. O modo singular como essa determinada coisa expressa a natureza da substância – a essência atual dessa coisa singular na substância pela substância – se segue dos infinitos atributos da substância e de seus infinitos modos infinitos mediatos. Os modos finitos se seguem dos infinitos atributos e das infinitas leis necessárias, eternas de *Deus sive Natura*.

Cada modo finito existe imanente à substância – substância que é sua causa eficiente imanente. Quando um modo finito deixa de ser a expressão singular, particular, definida e determinada da natureza da substância na natureza dessa substância, esse dado modo finito deixa de existir enquanto modo definido e determinado. E, então, a sua essência atual – decomposta totalmente por algum fator externo – reintegra-se, regressando ou retornando, à essência da própria substância da qual foi expressão temporária e na qual se individualizou em um modo diferenciado, definido, preciso, particular e determinado inculpido na natureza da substância.¹³⁴ Retorna a *Deus sive Natura* de onde nunca se afastou.

Deus ao causar-se, causa o universo inteiro em si mesmo e por si mesmo. O modo finito quando deixa de ser unidade na totalidade de Deus, dissolve-se, se fundido e reintragando-se à natureza de Deus. Há o movimento de Deus ao modo finito e do modo finito a Deus: movimento que acontece sempre em Deus por Deus.¹³⁵

¹³⁴ Chaui, 1999, p. 71-72: “a causalidade eficiente imanente [...] evidência a permanência da origem no originado, sem que ambos se confundam: causa de si, a substância é o ser em si e por si, concebido por si mesmo, enquanto o modo é o ser em outro e por outro, concebido através desse outro, e essa diferença real entre ela e eles não os separa, porque eles existem nela e ela lhes dá ao ser exatamente no mesmo sentido em que o dá a si mesma.”. [...] “Todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da substância, não havendo entre eles hierarquia por graus de perfeição ou realidade. A substância se autoproduz na autoprodução de seus infinitos atributos infinitos e na produção imanente de todos os seus modos determinados. Isso significa que a identidade do *principium*. Isto é, da *causa sui*, é a unidade absolutamente complexa que se autodiferencia numa direnção sempre interna ao ser absoluto, tanto porque é constituído por infinitos atributos infinitos, cada qual exprimindo uma ordem de realidade que é sua, distinta das demais, e uma potência infinita, como por constituir a infinita variedade e variação de entes finitos singulares, cada um deles exprimindo da maneira certa e determinada a essência e a potência do atributo que o produziu.”. Deus pode ser reconhecido nas coisas e as coisas permanecerão em Deus.

¹³⁵ Espinosa em EIP16 afirma que da necessidade da natureza divina devem seguir infinitas coisas em infinitos modos, isto é, tudo o que pode existir no intelecto divino. Em EIP25 escreve que Deus é a causa eficiente imanente da essência e da existência de todas as coisas. A partir destas proposições, ver Chaui, 1999, p. 66-67.

Deus não tem nenhum fim que lhe seja prefixado (E_{Iap}). Deus não age à procura de um bem ou um fim (E_{IVpr}). A Natureza ou Deus (E_{IP14}), o Ser Perfeitíssimo (KV), o ente eterno e infinito (E_{IVpr}), cuja essência eterna e infinita (E_{IP11}) é uma verdade eterna (E_{IP8s₂}), causa imanente (E_{IP18}) e eficiente (E_{IP25}) de si e de todas as coisas, à cuja natureza pertence o existir (E_{IP7}), existe necessariamente (E_{IP11}) e não contingentemente (E_{IP29}). Deus existe necessariamente. E, o universo inteiro é expressão de Deus – em Deus e por Deus.

Deus, existindo por si (E_{IP7}) e agindo livre exclusivamente por suas leis eternas e naturais, pela necessidade da sua natureza (E_{IP16}), sem ser coagido por ninguém (E_{IP17}) é a causa livre de si e de todas as coisas no universo, na natureza (E_{IP17c₂}). Tudo o que existe, não existe de nenhuma outra maneira nem em nenhuma outra ordem senão naquelas em que foram produzidas por e em Deus (E_{IP33}). Logo, as coisas não podem ser senão da maneira e na ordem que existem na realidade (E_{IP33s₂}). Por isso, realidade e perfeição são uma só e mesma coisa (E_{IID6}).

Bento Espinosa em *De Potentia Intellectus Seu De Libertate Humana*, capítulo cinco da Ética, escrevendo sobre a capacidade de o homem conhecer Deus, assevera que quanto mais o homem conhece a si mesmo e os demais modos finitos mais pode conhecer a Deus. Sustenta e esclarece que

a nossa mente, à medida que concebe a si mesma e o seu corpo sob a perspectiva da eternidade, tem, necessariamente, o conhecimento de Deus, e sabe que existe em Deus e que é concebida por Deus (E_{VP30}) [...] – quanto mais cada um se torna forte nesse gênero de conhecimento [intuição], tanto mais está consciente de si próprio e de Deus, isto é, tanto mais é perfeito e feliz (E_{VP31s}) [...]

O homem (B) e os demais modos finitos (Bⁿ) foram produzidos por Deus, por seus infinitos e divinos atributos infinitos e por seus divinos e necessários decretos (por Aa e por Aaa), instaurados desde toda a eternidade pelo próprio Deus em Deus, com suma perfeição, pois se seguem necessariamente da natureza mais perfeita que existe – a natureza da única substância absolutamente infinita: *Deus sive Natura* (E_{IP33s₂}). A ao causar A, A causa B e Bⁿ por Aa e por Aaaⁿ em A, assim B e Bⁿ existem em A por seus atributos e decretos divinos.

Desse modo, se tudo existe em Deus e, por Espinosa entender que a perfeição e realidade são uma só e mesma coisa, surge uma questão: o que Bento Espinosa, em sua ontologia do necessário, entende por mal ou bem, por bom ou mau, por certo ou errado e se esses conceitos importam para a ética espinosana do necessário?

Encontra-se uma resposta para essa indagação em *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus, Ética*, capítulo quatro. Bento Espinosa consolida, conceitua e firma sua ideia sobre o que pensa ser o bem e o mal, quando afirma e escreve:

quanto ao bem e ao mal, não designam nada de positivo ou negativo das coisas, consideradas em si mesmas, e nada mais são do que modos de pensar ou de noções, que formamos por compararmos as coisas entre si. Com efeito, uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. Por exemplo, a música é boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa, nem má para o surdo. Entretanto, mesmo assim, devemos ainda conservar esses vocábulos. Pois como desejamos formar uma ideia de homem que seja visto como um modelo da natureza humana, nos será útil conservar esses vocábulos no sentido que mencionei. Assim, por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais, do modelo de natureza que estabelecemos. Por mal, por sua vez, compreenderei aquilo que, com certeza, nos impede de atingir esse modelo. Além disso, dizemos que os homens são mais perfeitos ou mais imperfeitos, à medida que se aproximem mais ou menos desse modelo. Com efeito, deve-se, sobretudo, observar que, quando digo que alguém passa de uma perfeição menor para uma maior, ou faz a passagem contrária, não quero dizer que de uma essência ou forma se transforma em outra [...] Quero dizer, em vez disso, que é a sua potência de agir, enquanto compreendida como sua própria natureza, que nós concebemos como tendo aumentado ou diminuído. Finalmente, por perfeição em geral compreenderei, como disse a realidade, isto é, a essência de uma coisa qualquer, enquanto existe e opera de uma maneira definida, sem qualquer relação com sua duração. Com efeito, de nenhuma coisa singular se pode dizer que é mais perfeita por perseverar mais tempo no existir. Pois, a duração das coisas não envolve por ser determinada por sua essência, porque a essência das coisas não envolve qualquer tempo definido e determinado de existência. Uma coisa qualquer, entretanto, seja ela mais perfeita ou menos perfeita, sempre poderá perseverar no existir, com a mesma força com que começa a existir, razão pela qual, sob esse aspecto, todas as coisas são iguais (EIVpr).

Bento Espinosa, neste mesmo capítulo da *Ética*, define *bem* como sendo tudo aquilo que se sabe, com certeza, ser útil ao modo finito – homem (EIVD1); por *mal*, tudo aquilo que se sabe, com certeza, impedir o modo finito – homem - de desfrutar de algum bem (EIVD2). Deleuze escreve:

o que é o mal? Pergunta Espinosa. Nós encontramos nas correspondências: são as cartas que lhe envia um jovem holandês mal intencionado (Blyenbergh) [...] Espinosa diz que o mal, e isto não é difícil [de entender], o mal é um mau encontro. Encontrar um corpo que se mistura mal com o seu. Mistura-se mal quer dizer misturar-se em condições tais que uma de suas relações subordinadas, o que sua relação constituinte está amenizada ou comprometida, ou mesmo destruída.¹³⁶

Assim, conseqüente e logicamente, pode-se deduzir que o bem é um bom encontro. Um bom encontro, que resulta em afecções, que compoem o corpo, o alegra, aumentando sua realidade e perfeição por aumento de sua potência de agir ou força para existir, sua essência atual – e, simultaneamente, as correspondentes ideias dessas afecções alegram o intelecto.

Desde sempre, até antes do nascimento, o homem está vivendo ou vivenciando infinitos encontros com infinitos corpos internos em si mesmo e com outro(s) infinito(s) corpo(s) externo(s) (EIIP13p₃). Isto acontece até que encontre outro com qual sua relação resultando em sua completa decomposição implique no seu desaparecimento como modo finito, como ele até então se expressa, para retornar à substância: retornar a *Deus sive Natura*.

O corpo e a ideia do corpo, a mente, são naturezas complexas divisíveis e divididas ao infinito, compostos de indivíduos internos a si mesmos (EIIP13p₁), que se encontram, se afetam mutuamente. Se modificam por afecções resultantes desses

¹³⁶ Na natureza, para Espinosa, existe apenas uma substância absolutamente infinita e os seus modos (infinitos e finitos). A substância é em si mesma e concebida por si mesma, enquanto que os seus modos que são em outro (na substância) e são concebidos por outro (pela substância). Em seu *Breve Tratado*, para melhor entendimento, desdobra a *Natureza* (que não tem partes) em *Natureza Naturante* (a substância e seus atributos) e a *Natureza Naturada* (os modos infinitos e finitos). Existem as coisas e o movimento ou repouso das coisas (EIP10). Se o bem ou o mal existirem, precisam, portanto, necessariamente ser ou uma coisa ou uma ação. Como o bem e mal são meras comparações entre coisas ou comparações entre a ação dessas coisas, então o bem e mal não são nem coisas nem ações. Disso tem-se que para Espinosa, o bem e o mal não são *entes reais*. Bem e mal são meros *entes de razão*: não existem na natureza; existem apenas na mente humana. Bem e mal não são senão *ens rationes* (grifos meus). Ver Deleuze, 2009, p. 41.

infinitos encontros internos e dos encontros do corpo, na individualidade racional que é o conjunto de infinitos indivíduos internos que o compõe, com outro(s) corpo(s) exterior(es) que por sua vez, também são, esse(s) corpo(s) exterior(es), de natureza complexa com infinitos indivíduos constituintes (EIIP13ax₁). Assim, todo indivíduo B é divisível e dividido em infinitos indivíduos b; cada indivíduo b é divisível e dividido em infinitos indivíduos b' que também é divisível e dividido em infinitos indivíduos b'' e assim, b'' em infinitos indivíduos b''', ao infinito infinitesimal até, provavelmente, às cordas (pela teoria atual da física da existência das cordas como o ente mais infinitesimal do universo inteiro).

A vida é composta de uma sequência de infinitos encontros de corpos: encontro do corpo de um determinado homem (B) com o outro corpo (homem) exterior (B'), com suas relações de interdependência (B em A por Aa e Aaa se encontra com B' em A por Aa e Aaa' ou B com B' em A por Aa e Aaa e por Aa e Aaa').

Há as afecções no corpo na extensão por esse encontro e, no mesmo instante, simultaneamente, no pensamento, há as ideias dessas afecções do corpo como a realidade objetiva da ideia do corpo modificado (EIIP14). Essa ideia é em si mesma, também, uma coisa, com um grau de realidade e perfeição intrínseca.¹³⁷ A ideia além de ser a realidade objetiva do corpo, também, em si mesma, é uma realidade formal, o ser formal da mente humana (EIIP15). A essa ideia, pode se seguir uma nova ideia, a ideia da ideia do corpo, que é a consciência da própria mente.¹³⁸ Com isso, simultaneamente, há a mudança na realidade ou perfeição intrínseca ao corpo, ou seja, uma afecção ou mudança no corpo que corresponde a essa nova ideia, a ideia da ideia (EIIP22). Há a simultaneidade de afecções por dois dos divinos atributos. Contudo, nem o corpo muda a ideia, nem a ideia muda o corpo. As afecções no corpo e suas correspondentes ideias (afecções no intelecto) ocorrem simultaneamente por dois dos infinitos atributos da

¹³⁷ Deleuze, 2009, p. 34, comenta que uma ideia é o modo de pensar que representa algo enquanto que o afeto vinculado a essa ideia é o modo de pensar que não representa nada. Segue afirmando que “a ideia é o que tem em si uma realidade intrínseca, e o afeto é a variação de um grau de realidade a outro ou de um grau de perfeição a outro.”

¹³⁸ Bennett, 1984, p. 188.

substância e são uma só e mesma coisa: um único e mesmo modo finito definido e determinado.¹³⁹

Com essas mudanças e afecções na extensão e pensamento e como toda ideia do corpo indica antes o estado atual do que a natureza do corpo (EIIIDGA), há uma contínua variação neste estado atual, na essência e potência atual do modo finito, em seu *conatus*, ou seja, há uma contínua variação no grau de realidade ou perfeição da unidade corpo-mente. Essa variação constitui o(s) afeto(s).¹⁴⁰

Deleuze afirma que Espinosa, em *De Deo* e *De Natura Et Origine Mentis*, na *Ética*, nos capítulos um e dois, faz um retrato geométrico da vida humana:

nossas ideias se sucedem constantemente: uma ideia persegue a outra, uma ideia substitui a outra [...] uma série de sucessões, de coexistências de ideias, sucessões de ideias. Mas, o que acontece, além disso? Nossa vida cotidiana não é feita somente de ideias que se sucedem. Espinosa usa o termo ‘*automaton*’; nós somos, diz ele, os autômatos espirituais; isto quer dizer que são mais as ideias que se afirmam em nós do que nós que temos as ideias.¹⁴¹

Quanto à vida de relação, em termos de um comportamento ético, o que importa é a relação de um ser humano B com outro ser humano B’, ambos entendidos como uma unidade na totalidade da Natureza (A). B em A por Aa e Aaa se encontra e se relaciona com B’ em A por Aa e Aaa’ ou B com B’ em A por Aa e Aaa e por Aa e Aaa’

O homem, nos textos de Bento Espinosa, é considerado e entendido como a coisa individual e racional de um ser, de um ente ou de uma pessoa, apesar desses

¹³⁹ Em Ellp21s, Espinosa afirma que “a mente e o corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa, concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento. Afirmando que o existir da ideia da mente e o existir da própria mente seguem-se, ambos, em Deus, da mesma potência do pensar, e com a mesma necessidade. Pois, na realidade, a ideia da mente, isto é, a ideia da ideia, não é senão a forma da ideia, enquanto esta última é considerada como um modo do pensar, sem relação com o objeto. Com efeito, quando alguém sabe algo, sabe, por isso mesmo, que o sabe, e sabe, ao mesmo tempo, que sabe o que sabe, e assim até o infinito.”

¹⁴⁰ Deleuze, 2009, p. 28: “ideias e afetos são duas espécies de modos de pensamento que diferem em natureza, irreduzíveis um ao outro.”. Porém, acontecem simultaneamente no intelecto e há uma vinculação entre o conteúdo da ideia e a mudança de perfeição ou afeto.

¹⁴¹ Consultar Deleuze, 2009, p. 30-34; Chauí, 2011, p. 117 e Chauí, 1999, p. 95. (nesta ordem).

termos (ser, ente, pessoa – os termos universais) não serem compreendidos por Espinosa senão como coisas do intelecto humano – uma coisa da razão humana. Espinosa não os identifica como coisas reais o que torna a filosofia espinosana uma filosofia sem um sujeito, apesar de implicitamente usar da palavra homem como uma unidade, a unidade corpo-mente, pela limitação característica da linguagem, para conseguir expor suas ideias ontológicas e epistemológicas.¹⁴²

O objetivo de Espinosa, com sua ética da necessidade, é que o homem alcance um modo de vida, por conhecimento adequado de si mesmo, além dos apetites transitórios (riqueza, fama e prazer), com o controle autônomo dos seus afetos que o leve a participação na beatitude eterna.¹⁴³ Assim, estuda a relação do corpo B de um determinado e definido homem com o corpo B' de outro determinado e definido homem, afecções no corpo por esse encontro, a ideia da afecção do corpo por esse encontro e a ideia da ideia da afecção (consciência).

Levy em seu livro *L'autonome spirituel*, afirma que a metáfora espinosista do autômato espiritual (o homem entendendo-se como escravo necessário dos decretos eternos de Deus) passa a noção de o homem ter consciência de si mesmo.¹⁴⁴ Contudo, a consciência não assume um papel importante na ontologia do necessário, importando mais o movimento e passagem no grau de realidade e perfeição dos infinitos indivíduos que se encontram com a correspondente mudança no grau de esforço desses infinitos indivíduos para perseverar em si mesmo por si mesmo em e por Deus.

O corpo B encontrando-se com o corpo B', B e B' são, por esse encontro, modificados. Por exemplo, o corpo B, o corpo afetado, sofre uma modificação ou afecção que depende do corpo B', mas também e principalmente de como o corpo B interpreta o corpo B' e como interpreta o encontro com esse corpo B'. A afecção,

¹⁴² Levy, 2000, p. 2.

¹⁴³ O homem que conhece a Deus – conhece a beatitude – conhece o amor de Deus e o amor por Deus. Para Espinosa, amor é alegria que se segue da ideia da causa eficiente externa. Portanto, o amor por Deus, o amor pelo conhecimento de Deus, o Ser absoluta e infinitamente Perfeito, é a maior alegria que um homem pode conhecer. À maior e mais perfeita alegria se segue o incremento do *conatus* – aumento na potência de agir e na força para existir ao máximo de sua perfeita realidade, que segundo Don Garrett leva o homem conhecer a paz em seu espírito. (Don Garrett, 2011, p. 334).

¹⁴⁴ Levy, 2000, p. 2. Sobre essa questão também consultar a nota de rodapé 113.

normalmente, quando pelo primeiro gênero do pensamento, depende mais da natureza do corpo B do que da natureza do corpo B', ou seja, B ao se encontrar com B' é afetado por B' e essa afecção depende da natureza de B e de B', mas principalmente da natureza de B, de como B interpreta B' e com B interpreta o encontro com B'. Simultaneamente às mudanças no corpo de B, pelo atributo pensamento, há no intelecto de B a ideia da afecção, a ideia da ideia da afecção e, com isso, a correspondente variação da realidade ou perfeição ou essência atual do corpo B que é o afeto correspondente ao encontro de B com B' em A por Aa e Aaa e por Aa e Aaa'. O mesmo acontece em B'. Assim,

à medida que as ideias se sucedem em nós, cada uma tendo seu grau de perfeição, seu grau de realidade ou perfeição intrínseca, esse que tem essas ideias, eu continuo passando de um grau de perfeição a outro. Em outros termos, há uma variação sob a forma aumento-diminuição-aumento-diminuição da potência de agir ou da força de existir de acordo com as ideias que se tem. Através deste exercício penoso, sintam como aflora a beleza.¹⁴⁵

O encontro de um determinado homem B com um homem B' (Pedro) que lhe é antipático ou com outro homem B'' (Paulo) que lhe é encantador, opera no indivíduo B uma variação no grau de realidade ou perfeição do indivíduo, uma variação de sua força de existir. No primeiro caso, há a diminuição da força para existir e na potência de agir; no segundo, há o aumento da força para existir e potência de agir – do esforço para perseverar em si mesmo enquanto em si – do seu *conatus*, ou seja, de sua essência atual.

¹⁴⁵ Deleuze, 2009, p. 32, destaca que o conceito de ideia é um dos poucos que Espinosa usa com mesmo sentido que a tradição: um modo do pensamento que representa alguma coisa. Para Espinosa, a ideia se segue ativamente da essência do intelecto humano – não sendo algo que passivamente se inscreve no intelecto. Chauí, 1999, p. 598 escreve: “o percurso analítico-descritivo de *Emenda do Intelecto* e o percurso genético da *Ética* evidenciam que quando, na vida e no conhecimento, passamos da ordem imaginativa à ordem intelectual passamos do máximo de exterioridade ao máximo de interioridade, de relações e denominações extrínsecas a intrínsecas.”. Espinosa descreve “a beleza” do movimento de emenda (reforma ou medicina) do intelecto – a beleza do movimento que se segue da imaginação em direção à intuição com o aumento da potência do agir e da força no existir: “afirmo expressamente que a mente não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso, sempre que percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, isto é, sempre que está exteriormente determinada, pelo encontro fortuito com as coisas, a considerar isto ou aquilo. E não quando está interiormente determinada, por considerar muitas coisas ao mesmo tempo, a compreender suas concordâncias, difereças e oposições. Sempre, com efeito, que está, de uma maneira ou outra, interiormente arranjada, a mente considera as coisas clara e distintamente [...]” (EIIP29s).

Deleuze afirma que para Bento Espinosa essa variação contínua da potência de agir ou força para existir, no seu *conatus*, na sua essência atual, é o próprio existir.¹⁴⁶

Deleuze acrescenta,

quando vejo a Pedro que me desagrada, uma ideia de Pedro me é dada; quando vejo a Paulo que me agrada, a ideia de Paulo me é dada. Cada uma dessas ideias em relação a mim tem um certo grau de realidade ou de perfeição. Eu diria que a ideia de Paulo, em relação a mim, tem mais perfeição intrínseca que a ideia de Pedro, posto que a ideia de Paulo me alegra e a ideia de Pedro, me entristece [...] quando eu passo da ideia de Pedro à ideia de Paulo, eu digo, que minha potência de agir é aumentada; quando passo da ideia de Paulo à ideia de Pedro, eu digo que minha potência de agir é diminuída [...] Pedro me entristece [...] com Paulo, sou afetado de alegria.¹⁴⁷

Ainda, Gilles Deleuze, lembrando a ontologia espinosana do necessário, quanto ao aumento e à diminuição da perfeição (realidade) de cada homem no encontro com o outro, esclarece que,

segundo Espinosa, nós fomos fabricados como autômatos espirituais. Enquanto autômatos espirituais há ideias que se sucedem em nós todo o tempo. Seguindo esta sucessão de ideias, nossa potência de agir ou nossa força de existir é aumentada ou diminuída de uma maneira contínua,

¹⁴⁶ *Conatus* é a essência atual de uma determinada e definida coisa. É sua perfeição e sua realidade atual. *Conatus* é o esforço ou a força de uma determinada e precisa coisa de perseverar, enquanto em si mesma (independente do que lhe é externo), em si mesma (conforme sua essência atual ou *conatus*). É sua força atual para existir e sua potência atual para agir. *Conatus* é o próprio existir atual de algo no encontro com o mundo. (Deleuze, 2009, p. 31).

¹⁴⁷ O conhecimento adequado de uma coisa, da ideia dessa coisa e o conhecimento adequado da variação de perfeição e realidade que se segue à ideia de uma coisa é conhecer verdadeiro. Conhecer verdadeiramente uma coisa, a ideia dessa coisa e o afeto associado se seguem do conhecer pela essência íntima da coisa, da ideia da coisa e do afeto. Conhecer por uma ideia intrinsecamente verdadeira. (Deleuze, 2009, p. 31-32). Chauí, 1999, p. 347, diz “uma ideia é intrinsecamente verdadeira [...] quando oferece a essência íntima da coisa ou, se for a [ideia intrinsecamente verdadeira] de uma coisa criada, a causa necessária dela. A essência [...] é aquilo pelo qual uma coisa é o que ela é, e que é o que é graças à coisa, ambas não podendo ser separadas de maneira nenhuma sem que sejam imediatamente aniquiladas. É da essência da montanha possuir um vale [...] e que para Espinosa] isso é uma verdade eterna imutável *mesmo que jamais exista uma montanha* (grifo da autora). A diferença entre a ideia da montanha, a do triângulo e a de Deus está em que a ideia verdadeira de Deus define uma essência que envolve imediatamente a existência necessária.”. Segue adiante afirmando que para Espinosa “a essência de Deus envolve a existência necessária, isto é, só é concebível (só é ideia verdadeira) existente.”.

sobre uma linha contínua; e isto é o que nós chamamos afeto, o que nós chamamos existir.¹⁴⁸

Pelo encontro com o corpo B', o corpo B se conhece por e quando é afetado pelo primeiro, o corpo B', o corpo afetante. Por esse mesmo encontro, a mente se conhece, visto que a mente não se conhece senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo provocadas por um encontro (EIIP23). No encontro de B com B', o corpo de B se conhece pela afecção em B por B'; simultaneamente, a mente de B se conhece ao conhecer ideia da afecção em B por B', sendo a ideia da afecção em B por B' a mente de B (e, tudo isso acontecendo em A – Deus – por suas leis divinas). O mesmo em B'.

Se esse conhecimento for de primeiro gênero (imaginação) é causa de falsidade, privação de conhecimento (EIIP35) ou de conhecimento incompleto (EIIP41). Se esse conhecimento se der pelo segundo ou terceiro gênero de pensamento, a razão ou a intuição, por ideias adequadas, é o conhecimento necessariamente verdadeiro da coisa (EIIP41), aquele que distingue o entendimento verdadeiro do falso (EIIP42).

Pela razão, o homem conhece o que há de comum a todas as coisas, na parte e no todo da coisa (EIIP37) e sendo comum a todas as coisas, existindo igualmente na parte e no todo, esse entendimento não pode ser concebido senão por ideias adequadas (EIIP8). Portanto, o homem pode conhecer adequadamente as leis ou decretos eternos de Deus. B conhece adequadamente Aa e Aaa com que A ordena (o universo inteiro).

O conhecimento por intuição procede da ideia adequada de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas (EVP25d). Assim B conhece B em A por Aa e Aaa. E, quanto mais o homem compreender e apreender as coisas singulares e particulares dessa maneira (por ideia adequada) mais conhece e compreende a Deus (EVPP24 e 25). Tem-se: quanto mais B conhecer B e Bⁿ em A por Aa e por Aaa e Aaaⁿ mais pode conhecer como A por Aa e por Aaa e Aaaⁿ ordena e, assim, mais conhecer A.

¹⁴⁸ A vida de um homem consiste no contínuo encontro com o outro com quem se relaciona. A esse constante e contínuo encontro, há a conseqüente e necessária afecção na extensão do corpo humano e simultaneamente há a ideia da afecção, a ideia da ideia e a variação do grau de realidade e perfeição (o afeto). Se esse encontro resultar em uma relação de composição há o aumento da perfeição e realidade desse homem – que se sente alegre – o que leva a um aumento de sua potência para agir e de sua energia para existir (*conatus*). (Deleuze, 2009, p. 34).

Deduz-se desses argumentos, que ao conhecer adequadamente os modos finitos no mundo manifesto, o homem pode vir conhecer a Natureza em si mesma, ou seja, o homem, imanente à Natureza, vive, é, está, se move e existe em e por Deus e assim, ao se conhecer a si mesmo e os outros modos finitos adequadamente, pode vir a conhecer a Deus. Chauí pontua e esclarece que

o discurso espinosano, recusando a cisão sujeito-objeto, explicita a passagem do Deus *quatenus infinitus in infinito* ao Deus *quatenus finitus in infinito*, do Deus enquanto infinito no infinito ao Deus enquanto finito no infinito, ao demonstrar que os desejos de liberdade, felicidade e verdade são idênticos, que essa identidade constitui a essência humana como expressão finita do infinito e que realizá-la é alcançar a si mesmo como singularidade individual.¹⁴⁹

Em outros termos, pode-se dizer que a substância (Natureza Naturante), causa de si mesma, é a causa eficiente imanente de todas as coisas (Natureza Naturada). Todos os modos (Natureza Naturada) que existem, existem na e pela substância (Natureza Naturante) que, sem ela, nem podem ser concebidos.¹⁵⁰ Portanto, a Natureza Naturada (Deus enquanto o universo) é imanente à Natureza Naturante (Deus enquanto Deus).

Há passagem da Natureza Naturante para a Natureza Naturada e da Natureza Naturada para a Natureza Naturante, passagem que acontece na Natureza Naturante. Há a passagem de Deus para o modo finito e do modo finito para Deus e essa passagem se dá em Deus. Há a passagem de Deus para o homem e do homem para Deus em Deus; há

¹⁴⁹ O conhecimento do amor de Deus – o conhecimento intelectual de Deus – é a felicidade e a liberdade. Chauí, 1999, p. 66, diz que “amar a Deus e ser por Ele amado são as duas faces da mesma moeda: o desejo do verdadeiro.”. Segue afirmando que o *Tractatus Intellectus Emendatione* define a liberdade e a felicidade como o conhecimento intuitivo “de um bem verdadeiro cuja fruição contínua pode ser compartilhada entre todos os homens. E, na *Ética*, essa fruição recebe o nome de glória, contentamento interior pleno, nascido do conhecimento de que nossa liberdade e felicidade consistem ‘no amor eterno por Deus, ou seja [*sive*], no amor de Deus pelos homens. ‘.”. Ver nota de rodapé 71.

¹⁵⁰ Tudo o que é, ou é em si ou em outro. Chauí, 1999, p.67: “*Deus sive Natura* é o ser que se desdobra em Natureza Naturante (a substância absolutamente infinita, causa de si, constituída por infinitos atributos infinitos em seu gênero) e a Natureza Naturada (os efeitos da potência dos atributos em modificações infinita e finita, constituindo o todo do universo)”. Na página 70, escreve que “distinguindo Natureza Naturante e Natureza Naturada como causa e efeito, Espinosa pode [...] afirmar *Deus sive Natura*, porque essa expressão pressupõe que a causa não seja transitiva nem simplesmente emanativa, mas imanente ao efeito, embora diferente dele, pois ela é causa, e ele, efeito. [...] causa imanente, aquela em que Deus age em si mesmo e não fora de Si, pois nada existe fora Dele.”.

a passagem de Deus para a pedra e a passagem da pedra para Deus em Deus. Isto é a imanência.

Chaui afirma que a imanência é o que sustenta as coisas, faz com que as coisas se comuniquem entre si e se articulem umas às outras. A imanência é a nervura, o cordão que percorre todas as coisas e que não falta nunca.¹⁵¹ Sendo Deus, a substância, a causa eficiente e imanente da essência e da existência das coisas (EIP25), causa da essência e potência atual dos modos finitos, não enquanto eterno e infinito, mas enquanto afetado(a) (EIP28d). Os modos finitos apesar de não pertencerem ao ser da substância (EIIP10d), são determinadas pela atividade infinita dos atributos da substância (EIP26), ou seja, o corpo humano é um modo finito na extensão infinita e a mente humana é um modo finito no pensamento infinito (de Deus ou Natureza); e

o *conatus* como potência intrinsecamente indestrutível de perseveração na existência, engendrada pela potência infinita da extensão e do pensamento de que somos modificações singulares [...] a imanência, nervura do real, é resposta espinosana à questão da origem.¹⁵²

¹⁵¹ Chaui, 1999, p. 67: “a imanência é a nervura que sustenta todas as coisas e faz com que se comuniquem, articulando-se umas às outras.”. [...] Em *De Deo*, “com a teoria da causalidade substancial (no mesmo sentido em que é causa de si, a substância é causa eficiente imanente de todas as coisas, e, portanto, tudo o que existe, existe na e pela substância, sem ela não podendo ser nem ser conhecido). Nervura: cordão que percorre todas as coisas e não falta nunca.”. [...] Em *De Natura Et Origine Mentis*, a imanência é encontrada “na determinação da essência e potência dos modos finitos pela atividade infinita dos atributos substanciais (nosso corpo é um modo finito da extensão infinita, nossa mente, um modo finito do pensamento infinito)”. [...] Em *De Origine Et Natura Affectuum*, “com a teoria do *conatus* como intrinsecamente indestrutível de perseveração na existência, engendrada pela potência infinita da extensão e do pensamento de que somos modificações singulares.”. [...] Em *Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus*, “com a teoria da virtude como causa adequada ou força interna de potência de existir e agir.”. E, em *De Potentia Intellectus Seu De Libertate Humana*, “com a teoria da autonomia intelectual e afetiva que nos faz tomar parte na atividade do infinito.”. [...] “A imanência, nervura do real, é a resposta espinosana à questão da origem.”.

¹⁵² Chaui, 1999, p. 230: “não há subversão maior do que aquela contida na definição de direito natural, no *Teológico-político* – ‘o direito natural de cada homem determina-se, portanto, não pela reta razão, mas pelo desejo e pela potência’ – porque o despoja de justiça e racionalidade para reduzi-lo a uma potência individual disposta a fazer e ter tudo quanto queira o apetite, sem que se possa nem se deva puni-lo – ‘o direito e aquilo que foi instituído pela Natureza [...] não proíbe nada, a não ser o que ninguém deseja e ninguém pode’.”. O estado político democrático, portanto, é aquele se segue mais naturalmente dessas características da própria natureza do homem. Chaui, na mesma página, explicita que “Espinosa considera condição para que um corpo político se institua sem contradizer o direito natural que cada um e todos transfiram para a sociedade (e não para algum outro homem ou um punhado de homens) ‘toda a sua própria potência’, de maneira a que somente a sociedade detenha sobre todos os direitos da Natureza, isto é, a soberania.”. Consultar Chaui, 1999, p. 67 e Chaui, 2011, p. 54. Ver nota de rodapé 131.

Na ontologia espinosana do necessário, por ser Espinosa um filósofo-cientista, há uma relação precisa e profunda entre teoria do conhecimento e ciência natural. Ele entende que a teoria do conhecimento, o conhecimento e a compreensão, apreendidos pela razão e intuição, constroem a base e o método empregados pela ciência natural para o adequado conhecimento das coisas na ordem natural e necessária dessas coisas na natureza como um *continuum* de todas as coisas como modos ou modificações.¹⁵³ Por isso, e por EIIP7, portanto, a força lógica no pensamento e a força física causal na extensão são uma só e mesma coisa ou uma só e mesma força, consideradas de duas maneiras diferentes, segundo dois atributos diferentes (pensamento e extensão).

Ainda por EIIP7, pela simultaneidade das afecções pelos atributos pensamento e extensão, quando a substância se exprime, a substância se exprime em um modo finito, um só e mesmo modo finito por dois atributos. Como todas as ideias que se seguem de ideias adequadas também são necessárias e igualmente ideias adequadas sob o atributo do pensamento (EIIP40), por implicação lógica, a força da própria determinação lógica no pensamento é idêntica a força causal pelo qual a substância se exprime na extensão. A força da implicação ou determinação lógica no pensamento é idêntica à força causal dos modos da extensão, força causal pela qual os modos finitos produzem ou ocasionam os outros modos finitos na extensão.¹⁵⁴ Dessa dedução advém a possibilidade de o homem por seu intelecto poder conhecer a realidade das coisas na extensão. Por conhecimento adequado por ideias adequadas de si e das coisas, conhecendo a implicação lógica de sequência de suas ideias, então, conhecer a sequência causal das coisas na extensão.

¹⁵³ Klever, em Spinoza org. por Don Garrett, 2011, p. 51: “Não se pode duvidar de que Spinoza escolhera a carreira de cientista, ou seja, a “investigação da natureza” em todos os seus aspectos. Durante alguns anos ele se concentrou nas leis da natureza humana, uma pesquisa cujos resultados foram publicados em seu *Curto Tratado sobre Deus, o Homem e seu Bem-estar*. A natureza para ele era um continuum de que todas as coisas eram simplesmente modos ou modificações.”.

¹⁵⁴ Don Garrett, 2011, p. 24, afirma que para Espinosa a teoria do conhecimento “serve de base da qual os métodos da ciência natural, como os de toda inquirição, têm por derivados e pela qual têm que ser entendido. Contudo, além disso, do paralelismo [simultaneidade] dos dois atributos de pensamento e extensão e da identidade de seus modos correspondentes, segue-se que a força da própria implicação lógica – pela qual ideias adequadas produzem ou ocasionam outras ideias adequadas sob o atributo do pensamento – é literalmente *idêntica* (grifo do autor) à força causal pela qual os modos da extensão produzem ou ocasionam outros modos de extensão. Ou seja, força lógica e a força física são a mesmíssima força, consideradas de duas maneiras diferentes, segundo dois atributos diferentes. A própria *Ética* dedica de certo modo menos discussão às ciências dos corpos externos, ou o que chamamos de ciência natural, do que às ciências de pensar as coisas, ou o que hoje chamamos de psicologia.”.

Todos os infinitos modos finitos – B, B' à Bⁿ – sempre acontecem na realidade no universo inteiro na mesma perfeita sequência causal na extensão por obedecer necessariamente à A por seus decretos divinos eternos Aa e Aaa, Aa e Aaa' a Aa e Aaaⁿ. Simultaneamente, no pensamento, há a ideia de B, a ideia de B', há a ideia de Bⁿ e a ideia da ideia que se seguem sempre a mesma perfeita implicação lógica por obedecer necessariamente à A pelos mesmos decretos divinos. Assim, deduz-se que a implicação lógica da sequência das ideias das coisas no pensamento, corresponde à implicação ou força causal das coisas na extensão no universo inteiro como é dito em EIIP7. Conhecida a implicação lógica das ideias, pode o homem conhecer a realidade ou perfeição causal das coisas e assim conhecer as coisas por suas causas genéticas. Conhecida a realidade ou perfeição das coisas na sequência de sua força causal, pode o homem conhecer como as ideias se articulam no pensamento segundo a sua necessária conexão lógica determinada por Deus (A).

Conclui-se, então, que o homem pode se conhecer adequadamente e ser a causa adequada de si mesmo, agindo por sua própria natureza, livre e autônomo em Deus. B ao conhecer B como B (corpo-ideia do corpo) em A por Aa e Aaa, pode B ser causa adequada de B e assim B pode ser livre (agir pela natureza de B) e autônomo (sem ser coagido) em A, em *Deus sive Natura*.

Tem-se uma única e mesma força, no pensamento e na extensão: a mesma essência e potência atual, o mesmo *conatus*, o mesmo esforço de autopreservação para perseverar enquanto em si em seu ser (EIIP6) em Deus. Tem-se uma única e mesma força ou esforço (*conatus*) na extensão e no pensamento, no corpo e na ideia do corpo (mente), na ideia do corpo e na ideia da ideia do corpo (consciência), para com o corpo e com o intelecto conhecer a *Deus sive Natura* (EVP15) e ao amor de Deus (EVP20).

O homem B pode conhecer B adequadamente em A por Aa e Aaa (EVP30), e assim, B em seu corpo e em seu intelecto, por sua essência e potência atual, enquanto B, perseverar em ser B em A (EIIP6). B por compreender A como sua causa (EVP32) pode conhecer adequadamente A (EVP15), o amor de B por A (EVP33d) e o amor de A por B que é o mesmo amor de A por A (EVP36). B causa adequada de B: B conhece B por B em A por Aa e Aaa para ser livre e autônomo em A – A que B pode conhecer por ser A causa de B.

Deus é causa de si mesmo (EID1) e causa imanente eficiente de todas as coisas (EIP18). Deus age em si mesmo e não fora de si, pois nada existe fora dele (EIP15). A causalidade eficiente imanente evidencia a permanência da origem no originado, sem que ambos se confundam:

causa de si, a substância é o ser em si e por si, concebido por si mesmo, enquanto modo é o ser em outro e por outro, concebido através desse outro, e essa diferença real entre ela e eles não os separa, porque eles existem nela e ela lhes dá o ser, exatamente no mesmo sentido, em que o dá a si mesma [...]. Todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da substância, não havendo entre eles hierarquia por graus de perfeição ou de realidade.¹⁵⁵

Bento Espinosa afirma que o conhecimento de *Deus sive Natura*, da substância, é o fundamento do conhecimento verdadeiro das coisas (conhecer a coisa por sua causa próxima, sua essência atual, que determina sua existência atual). Espinosa entende causa de si e causa eficiente imanente com possuindo o mesmo sentido o que garante a inteligibilidade plena da realidade, em particular do *conatus*, pelo ordenamento necessário de todas as coisas por e em Deus (EIP29):

o conhecimento da natureza divina é *fundamentum* do conhecimento intelectual verdadeiro, isto é, condição para o encadeamento dedutivo das idéias verdadeiras, e a *causa sui* é o *principium* do *conatus* como potência singular atual de perseveração na existência, mas o *ser* de Deus não é fundamento, tanto porque, negativamente, não é *subjectum* de predicados como porque, positivamente, é a força causal ou potência ativa que percorre todos os modos, constituindo-os como seus efeitos imanentes singulares no mesmo ato em que se produz a si mesma. Se a essência divina é a *primeira* tanto na ordem do conhecimento como na das coisas é porque ela é *causa sive ratio* de tudo quanto existe, ou seja, ela é a *condição* e a *razão suficiente* para que haja coisas e ideias singulares.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Chaui, 1999, p. 71 e p. 587.

¹⁵⁶ Chaui, 1999, p. 72: “todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da substância, não havendo entre eles hierarquia por graus de perfeição ou de realidade. A substância se autoproduz na autoprodução de seus infinitos atributos infinitos e na produção imanente de todos os seus modos determinados. Isso significa que a identidade do *principium*, isto é, da *causa sui*, é a unidade absolutamente complexa que se autodiferencia numa diferenciação sempre interna ao ser absoluto, tanto porque é constituído por infinitos atributos

A substância envolve seus modos e estes a exprimem de maneira certa e determinada. A substância os envolve porque são seus efeitos imanentes e é por isso que eles a exprimem.¹⁵⁷ E, como

cada ideia de cada corpo ou coisa singular existente em ato envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIP45), [...] embora cada uma seja determinada, por outra coisa singular, a existir de uma maneira definida, a força pela qual cada um persevera no existir segue-se da necessidade eterna da natureza de Deus (EIP45s).

O homem, enquanto modo finito pela e na substância, é um *conatus*, uma força, uma essência atual e uma potência atual. É o esforço de autoperseveração na existência. O *conatus* é apetite no corpo e desejo na mente, uma só e mesma coisa por dois atributos. Esse esforço de autopreservação em perseverar em seu ser

é a providência [divina], a qual para nós não é outra coisa que o *conatus*, que encontramos na Natureza inteira e nas coisas particulares, e que tende a manter e conservar seu próprio ser. Pois é evidente que nenhuma coisa poderia tender, por sua própria natureza, à aniquilação de si mesma, ao contrário, cada coisa tem em si mesma um *conatus* para se conservar em seu próprio estado e para melhorá-lo (KV I v § 1).

Para Espinosa, tudo depende do Ser Perfeitíssimo. De Deus, da exclusiva necessidade de sua natureza, seguem-se infinitas coisas de infinitas maneiras ou modos. Como demonstrado, Deus ao causar-se, causa o universo inteiro. Um definido e determinado modo finito, enquanto uma determinada e definida coisa particular, se exprime de um único modo ou de uma única maneira na única ordem resultante da necessidade da natureza da substância por suas infinitas leis divinas eternas.

Um determinado e definido modo finito exprime o seu *conatus*, a sua essência e potência atual. O *conatus* ou o esforço é um movimento interno ao modo finito no seu esforço de autopreservação ou autoconservação no estado no qual se encontra ou de autoperseveração em si mesmo. O *conatus*, o esforço, é a sua essência atual e a sua

infinitos, cada qual exprimindo uma ordem de realidade que é sua, distinta das demais, e uma potência infinita, como por constituir a infinita variedade e variação de entes finitos singulares, cada um deses exprimindo de maneira certa e determinada a essência e a potência do atributo que o produziu. Atributos e modos não são extrínsecos ao ser da substância absolutamente infinita, mas intrínsecos [...]”.

¹⁵⁷ Chauí, 1999, p. 74.

potência de agir, ou seja, é a sua força para existir e a sua força para ser o que ele é em sua perfeita realidade.¹⁵⁸ Bento Espinosa afirma

cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser (EIIP6). O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual (EIIP7). O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido (EIIP8). Com efeito, as coisas singulares são modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada (por EIP25), isto é (por EIP34), são coisas que exprimem de maneira definida e determinada a potência de Deus, por meio da qual ele existe e age. E nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência (por EIIP5). E esforça-se, assim, tanto quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser (EIIP6d).

Conatus é a essência atual de um determinado homem na e pela natureza da substância. *Conatus* é a potência de ser, de agir, viver e existir de um determinado homem. *Conatus* é sua potência para agir. *Conatus* é a sua força para existir. A natureza, a natureza das coisas, é a mesma, sempre a mesma. Em toda parte do mundo manifesto, as leis e as regras com as quais as coisas se constroem e mudam são sempre as mesmas. Assim, não deve haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas por suas essências atuais, por suas causas precisas e necessárias enquanto o atributo afetado na natureza da substância. Apreendida a coisa por sua natureza, o homem pode compreender como a potência de sua mente age sobre as coisas, em particular e principalmente, como a potência de sua mente age sobre seus afetos (EIIIpr).

¹⁵⁸ Chauj, 1999, p. 712: “a parte I da *Ética* sublinha a diferença entre os *propria* de Deus, tais como eternidade, infinitude liberdade e as *affectiones* de Deus, isto é, os modos infinitos e finitos entendidos como *res naturales* e, no caso dos modos finitos, como *res particulares*. Em ambos os casos, da essência absolutamente infinita devem ser concluídas infinitas propriedades infinitas e deduzidos infinitos efeitos em infinitos modos. Além disso, no caso dos corpos ou modos finitos da extensão, o movimento não se reduz, mecanicamente, ao movimento local [...], mas constitui a essência atual de um corpo, pois este não só é constituído por uma proporção determinada de relações movimento e repouso, mas é sobretudo um *conatus* ou potência de autoperseverança no ser, isto é, potência de agir, não sendo apenas esforço de autoconservação, mas sobretudo *vis essendi* e *vis existendi*, força para ser e força para existir – a dinâmica espinosana afirma a interioridade do movimento, pois é ele a causa eficiente interna dos indivíduos corporais e de sua força para existir e agir [...]”. “Em outras palavras, da potência do atributo extensão procedem os modos infinitos; portanto, desse atributo procedem o movimento e o repouso que, sob *rationes* determinadas, constituem os corpos singulares como potência operantes e agentes e instituem todas as relações necessárias entre eles.”. No livro *Desejo, Paixão, e Ação na Ética de Espinosa*, Chauj afirma que “o *conatus* é uma causa eficiente interna, isto é, uma causa interna que produz efeitos necessários internos e externos.” (Chauj, 2011, p. 86).

Bento Espinosa inicia seu terceiro livro da *Ética, De Origine Et Natura Affectuum*, com dois postulados:

o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. O corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou os traços dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas (EIIIP_{1e2}).

O ser da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato (EIIP11). A mente não conhece o próprio corpo e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado (EIIP19). A mente humana é a ideia de um corpo afetado existente em ato (EIIP13). O homem, o corpo de um homem, pode ser afetado de diferentes maneiras por um mesmo corpo externo. Como também, diferentes homens podem ser afetados de formas diferentes por um mesmo objeto e/ou em momentos diferentes (EIIIP45). Bento Espinosa considera ser útil ao homem tudo aquilo que dispõe o corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores; e é tanto mais útil quanto mais torna o corpo capaz de ser afetado e de afetar os outros corpos de muitas maneiras (EIVP38). E, quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente também capaz de muitas coisas cuja maior parte é eterna (EVP39). O corpo e a alma humana têm algo de eterno. A alma e o corpo humano têm algo de divino.

A afecção no corpo do homem afetado decorrente do encontro com o corpo do homem afetante, envolve tanto o homem afetado quanto o homem afetante (EIIP16), envolve a relação que ocorre neste encontro entre os dois homens, mas diz mais de si, o homem afetado do que do homem afetante (EIIP26), pois a ideia desta afecção – a mente humana – depende do modo como o homem, cujo corpo foi afetado, pensa e interpreta a afecção do seu corpo no encontro e na relação com o corpo do homem afetante.

Se o homem, afetado, pensa pelo primeiro gênero de entendimento, por imaginação, tem ideias inadequadas e necessariamente padece (EIIIP1) e é escravo (servo) de suas paixões (EIIIpr). E, nisto não há nada de errado.

Se o homem conhece, compreende e apreende cada ideia de cada corpo ou coisa singular existente em ato por sua essência eterna e infinita em Deus (EIIP45), a mente humana tem um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIIP47). O conhecimento é adequado e perfeito (EIIP46). Tem ideias adequadas das coisas singulares existentes em ato, assim, esse homem necessariamente age (EIIP1) obedecendo ao que Deus lhe ordena. Ele não mais padece. Ele é livre e autônomo. É o escravo necessário de Deus ou Natureza (KV). E, nisto não há nada de errado.

O homem pode perseverar em si por ideias confusas, inadequadas por um conhecimento incompleto das coisas, em especial seus afetos. Por esse conhecimento inadequado das coisas, passivamente se move no mundo manifesto. Portanto, padece. Assim, no encontro como o corpo humano afetante, submetido passivamente aos fatos do mundo e submetido aos seus afetos (EIIPr), pode, conseqüentemente, ter um aumento ou uma diminuição de sua potência de agir. É escravo do mundo e de seus afetos (paixões) por conhecimento incompleto e inadequado das coisas. Mesmo assim, pode haver um aumento de sua potência de agir quando interpretar o resultado do encontro e da relação com o outro como de composição, alegrando-se, o que aumenta sua força (esforço) de perseverar em si mesmo, com um aumento de seu grau de realidade e perfeição que o leva à vida. Por outro lado, há uma diminuição de sua potência de agir quando entender o encontro e a relação com o outro como de decomposição, entristecendo-se e diminuindo sua força (esforço) de perseverar em si mesmo, com a diminuição de seu grau de realidade e perfeição atual que o leva ao sofrimento, à doença e à morte.

O homem que conhece adequadamente, por ideias adequadas e verdadeiras, as essências atuais das coisas pela natureza e na natureza da substância, é o homem que se conhece adequadamente. Causa adequada de si mesmo, o homem se conhece por ideias adequadas e verdadeiras, como a essência atual (*conatus*) existente em ato pela potência eterna e infinita divina na essência eterna e infinita de Deus. Ele tem o conhecimento perfeito e adequado das coisas e de si mesmo. Desta forma, sempre interpreta a si e as coisas, especialmente seus afetos, por aquilo que eles são realmente em suas essências atuais. Entende o encontro e a relação com o outro corpo do homem afetante por aquilo que esse encontro e relação são realmente, como um encontro de decomposição ou de composição, o que sempre o alegra ou lhe deixa sereno, para ativamente decidir como

necessariamente deve agir, ou seja, se afastando quando o encontro for de decomposição ou se aproximando quando a relação for de composição. O homem que conhece adequadamente as coisas (os afetos) não espera delas nada senão o que decorre de suas próprias essências atuais. Bento Espinosa afirma que

esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levará à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se põe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza (EIIIP28).

O esforço, o *conatus*, pelo qual cada coisa, cada ser vivo, cada ser humano, se esforça por perseverar em seu ser, nada mais é do que a sua essência atual (EIIIP7). A mente, por ideias claras e distintas esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida e está consciente desse seu esforço (EIIIP9). Quanto mais o homem busca o que lhe é útil, isto é, quando mais se esforça em perseverar em seu ser, mais esse homem é dotado de virtude (EIVP20), da virtude de, enquanto em si, perseverar em seu ser (EIIIP6). Age virtuosamente porque compreende sua própria essência (atual) (EIVP23) ou sua força no existir (EIVP26d), que nada mais é do que agir, viver, conservar o seu ser sob a condução da razão de acordo com o princípio de buscar o que é útil para si mesmo (EIVP24).

Em virtude da razão, o esforço que o homem julga lhe ser o mais útil não é outro senão o de conhecer e compreender (EIVP26). E, esse conhecimento resulta da compreensão e apreensão do encontro do homem com o outro. O homem tem um corpo capaz de afetar e de ser afetado pelo corpo exterior. Quanto mais for afetado e quanto mais for capaz de afetar (EIVP38), esse homem tem seu corpo fortalecido pela experiência do(s) encontro(s), capaz de fazer muitas coisas sendo, por exemplo, menos vulnerável aos afetos contrários a sua natureza (EIVP30). Pode conseguir ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto e, conseqüente e logicamente, fazer com que todas as afecções do corpo, as ideias dessas afecções no corpo e as ideias das ideias sejam referidas à natureza da substância: sejam referidas a Deus. Isso faz com que o homem seja afetado de um amor para com Deus que ocupa e constitui a maior parte de sua mente (EVP39d).

Compreender é a suprema virtude da mente (EIVP28d).¹⁵⁹ A suprema virtude e seu supremo bem do homem é o conhecer a Deus (EIVP28). Conhecido Deus, o homem pode adequadamente se esforçar (*conatus*) em perseverar enquanto o que nele se exprime da natureza da única substância absolutamente infinita enquanto homem.

Conatus, no corpo é apetite; na mente, desejo. Desejo e apetite, uma e somente uma coisa por diferentes atributos. Espinosa apresenta o esforço de autopreservação perseverando em si mesmo dizendo que

à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas na medida em que está referido simultaneamente à mente e ao corpo, chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza, necessariamente seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite [...] o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem. (EIVP9s).

Bento Espinosa diz que o *conatus*, o esforço de perseverar em seu ser é a própria essência de uma coisa (EIVP22d). É a essência atual do modo finito (EIIIP7). O *conatus*, o esforço em perseverar em si mesmo por sua natureza é o primeiro e único fundamento da virtude [...] sem ele não pode ser concebida virtude alguma (EIVP22c). O *conatus* – esforçar-se, enquanto em si, em seu ser – é, portanto, a primeira de todas as virtudes humanas (EIVP22). Assim, “ninguém pode desejar ser feliz, agir e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir, e viver, isto é, existir em ato” (EIVP21).

Conhecido, compreendido e apreendido por sua causa adequada, por ideias adequadas e verdadeiras, o esforço ou *conatus* é a

causa eficiente imanente de suas ações e ideias, toda vez que tudo quanto acontecer em nós puder ser explicado apenas pelas leis de nossa natureza, ou, em outras palavras, sempre que agimos e pensamos por e com liberdade. A realidade e a liberdade de um ser manifestam-se na riqueza

¹⁵⁹ Chauí, 2011, p. 130, lembra a passagem do apêndice do livro I da *Ética* para questionar “o que nos mostra a matemática?”. Responde “que somos capazes de conhecimento perfeito das coisas, desde que não recorramos à imagem das causas finais.”. Consultar o restante do texto em Chauí, 2011, p. 130.

de suas determinações, na complexidade de sua essência e nas suas aptidões para agir de inúmeras maneiras simultâneas.¹⁶⁰

Chaui afirma que Bento Espinosa nunca define a servidão humana, particularmente quanto aos seus afetos, como um vício, como um erro, como uma disposição para o mal ou como uma má vontade. Espinosa atribui a servidão humana a causas transitivas externas e estranhas a sua natureza, como pobreza do ser, do fazer e do pensar, por conhecimento incompleto e inadequado, por imaginação ou fantasia, lugar de abstração, uma separação entre determinada essência atual e sua potência de agir, existir e pensar. Servidão é a impotência para existir em ato.¹⁶¹

Cada essência singular existente é um *conatus*. Quando um modo finito se encontra com outro modo finito há o encontro de duas essências singulares existentes, o encontro de dois esforços no existir, com cada um dos modos e ambos os modos, enquanto em si (em suas essências singulares atuais), esforçando-se no existir conforme seu ser. Quando há o conhecimento adequado das coisas, o homem (o modo finito em questão) procura outro homem ou outros homens cujo encontro resulte numa relação de composição para o desenvolvimento de seu grau de realidade e perfeição ou que o leve

¹⁶⁰ A essência atual das coisas particulares é o seu *conatus*: o esforço enquanto em si – enquanto expressão dessa essência atual – perseverar em seu ser. As coisas singulares são modos ou afecções da potência absolutamente infinita. (Chaui, 1999, p. 77). Consultar Chaui, 1999, p. 885.

¹⁶¹ Servidão não é um vício – é um estado no qual o homem padece – não age – por conhecer de forma confusa e incompleta, portanto, por conhecer de forma inadequada seus afetos, suas ideias e seus atos. Assim sendo, o servo é impotente por viver por imagens ou fantasmas e por não seguir o que sua natureza em Deus e por Deus lhe ordena. O servo não é senão um fantasma ou uma fantasia imaginária do homem que ele é realmente por desconhecer a sua causa eficiente. (Chaui, 1999, p. 77). Chaui complementa dizendo que a servidão humana “não é uma inadequação qualquer, e sim a maneira total do ser e existir, viver e pensar sob a forma da impotência, da submissão à exterioridade e da ilusão de onipotência, que obscure nossa fraqueza real. Servidão é nossa maneira de ser quando estamos literalmente possuídos pela exterioridade cujo nome a filosofia jamais cessou de pronunciar: a caprichosa fortuna.” (Chaui, 2011, p. 198). Nem “Deus não é livre por ser uma vontade onipotente, mas por ser causa de si, e simultaneamente, causa eficiente necessária que age em conformidade com a espontaneidade de sua essência e potência – Deus é livre porque age apenas segundo as leis necessárias de sua natureza. Os humanos não são livres por possuírem uma faculdade de livre-arbítrio para escolher entre possíveis ou entre fins contrários, mas por ser uma potência corporal e intelectual para agir em conformidade com a natureza de suas essências singulares – o homem é livre quando o que se passa nele é determinado apenas pelas leis necessárias de sua natureza.” (Chaui, 2011, p. 196). Espinosa escreve com é existir em ato em E IP26: “uma coisa que é determinada a operar de alguma maneira foi necessariamente assim determinada por Deus; e a que não foi determinada por Deus não pode determinar a si própria a operar” e em E IP28: “nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada [...]”.

a regeneração de alguma prévia diminuição nesse seu grau de realidade e perfeição. Assim ativamente agindo, contribui para manter seu equilíbrio tanto físico quanto espiritual necessário à vida, levando ao aumento de sua capacidade ou potência de agir enquanto corpo na extensão e enquanto ideia no pensamento. Conseqüentemente, a unidade corpo-mente conhece um incremento em sua força para existir perseverando em si mesmo e um incremento em sua força para o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano.

Espinosa afirma que nenhuma coisa pode ser destruída senão por outra coisa ou causa exterior a si mesma (EIIIP4). Assim, se em algum momento de sua existência, o homem encontrar outro modo finito externo a si mesmo que a relação resultante seja de não composição, há a diminuição de seu grau de realidade e perfeição, do seu *conatus*, há diminuição de sua força para existir, podendo o levar a degeneração de parte de seu corpo-mente e, possivelmente, a sua morte porque “não existe, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída” (EIVax).

Espinosa deixa bem claro que o *conatus* de uma determinada coisa, o esforço em perseverar, segundo sua natureza, tanto quanto está em si, em seu ser (EIIIP6), é a essência atual dessa coisa. É a natureza dessa coisa, sem a qual a coisa não pode se exprimir e nem existir, sempre procurando excluir o que for incompatível à persistência em sua própria natureza e sempre procurando se aproximar e formar relação como o que contribua à sua autoperseveração no existir. Bento Espinosa afirma que “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (EIIIP7). Para cada determinada coisa, portanto, o estado dessa coisa é tal que, a menos que seja impedida por uma causa externa que não compõe com seu estado atual, a coisa perseverará em seu ser.¹⁶²

Sendo o homem uma coisa singular na qual os atributos de Deus se manifestam de forma definida e determinada (EIP25), o homem é uma expressão definida e determinada da potência de Deus, por meio da qual ele existe e age (EIP34). Portanto, quando o encontro desse definido e determinado homem com o outro exterior resultar

¹⁶² Della Rocca, 2008, p. 144-147.

em uma relação de não composição há a passagem de um grau de realidade e perfeição maior para um menor (EIIIDA4). Ele se entristece e tem a sua potência de agir e a sua força de existir diminuída, com a conseqüente diminuição de seu *conatus*. E, por EIIP7, há a diminuição no grau de realidade e perfeição de sua essência-potência atual, com a possibilidade de sua degeneração e morte. Espinosa escreve que

padecemos à medida que somos uma parte da natureza, parte que não pode ser concebida por si mesma, sem as demais [...] somos causa parcial [de nós mesmos], isto é, algo que não pode ser deduzido exclusivamente das leis de nossa natureza (EIVP2). A força pela qual o homem persevera no existir é limitada e é superada, infinitamente, pela potência das causas exteriores (EIVP3), pelo axioma de EIV.

O desejo é o movimento ou esforço infinitesimal de um corpo para existir, para manter-se em seu presente estado de ser e existir (EIVP39). É a potência do homem para existir e operar, em persistir na existência (EIIP6). O desejo é a própria essência ou natureza do homem, à medida que a natureza é concebida como determinada, em virtude de um algum estado preciso de um ser humano, a realizar algo (EIIP56d). É a pulsação do ser humano entre os outros modos finitos que o afeta e que são por ele afetados. O desejo sempre esteve relacionado ao movimento, porém antes o movimento era o desejo, agora o desejo é o movimento. O desejo é a causa eficiente do movimento e de persistir em seu ser sem mudanças em linha reta no espaço homogêneo que lhe oferece a geometria desse universo em ato até que encontre o outro que lhe afete;¹⁶³

o desejo, movimento de autoconservação de que temos consciência, é um fenômeno físico-mecânico [-químico] que repercute na alma como consciência do esforço de autoconservação na existência. Torna-se objeto da fisiologia (análise dos movimentos vitais e animais do corpo) e da psicologia (análise da sensação, da imaginação e da vontade da alma).¹⁶⁴

¹⁶³ O *conatus* é a essência atual de determinada e definida coisa. Chauí, 2011, p. 46: "O desejo, apetite de que temos consciência, é a essência atual de um homem. O desejo é, pois, *conatus*, movimento infinitesimal de autoconservação na existência. É o poder para existir e persistir na existência. É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados."

¹⁶⁴ Chauí, 2011, p. 47.

E, também, torna-se objeto da física, química, da química biológica em particular, visto que tudo no universo inteiro é físico, químico ou biológico em *Deus sive Natura*.

A mente é um modo definido de pensar. A mente não é senão a ideia (conceito no pensamento – EIIP48s) de uma coisa singular existente em ato (EIIP11); assim, ela não pode ser causa livre de suas próprias ações ou ideias. A mente é a ideia da afecção do corpo, portanto, a mente é uma coisa singular e, como toda coisa singular, para existir e para operar, não pode ter a faculdade de querer e de não querer, pois tem a sua existência determinada por uma causa específica, definida e finita (EIP28), determinada pela necessidade da natureza da substância (EIP29). Há determinismo absoluto (psíquico) quanto às ideias (mente). Bento Espinosa afirma

não há, na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre; a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito (EIIP48) [...]. Demonstra-se, da mesma maneira, que não existe, na mente, nenhuma faculdade absoluta de compreender, de desejar, de amar [...] (EIIP48s).

por vontade, compreendo a faculdade de afirmar e de negar, e não o desejo. Compreendo, repito, aquela faculdade pela qual a mente afirma ou nega o que é verdadeiro ou o que é falso, e não o desejo pelo qual a mente apetece ou rejeita coisas (EIIP48s) [...] não há, na mente, nenhuma volição, ou seja, nenhuma afirmação ou negação, além daquela que a ideia, enquanto ideia, envolve (EIIP49). A vontade e o intelecto são uma só e mesma coisa (EIIP48c) [...] [pois] uma vontade singular e uma ideia singular são uma só e mesma coisa (EIIP48d₂).

O homem como o conjunto corpo-mente desses infinitos indivíduos, pode agora, ser considerado em si um indivíduo que nesse conjunto tem sua própria natureza, sua própria essência atual e, portanto, no conjunto corpo-mente que o constitui, seu próprio *conatus*. Nesse conjunto corpo-mente, uma *res mentalis*, o indivíduo humano, o ser humano, se encontra e se relaciona com outros conjuntos corpo-mente, outros indivíduos humanos, outros seres humanos com suas próprias naturezas, suas próprias essências atuais e seus próprios *conatus*. Desses encontros e relações se constroi a comunidade ou sociedade onde esses indivíduos corpo-mente irão conviver. Chaui escreve:

o *conatus* é o esforço para desenciliar-se de um obstáculo externo, e o desejo se realiza num campo de forças em conflito, num meio ou ambiente de antagonismos. Relação intercorporal, o *conatus*, enquanto desejo, é relação intersubjetiva e, definido como tendência à autoconservação que leva o homem a agir de maneira determinada. É esse vínculo entre desejo e ação determinada que o transforma no principal objeto da ética e da política modernas. Para Espinosa, os corpos complexos são produzidos pela integração de corpúsculos simplíssimos segundo diferentes proporções de movimento e repouso, sendo por isso indivíduos concretos que se definem como *conatus*, o qual, além de pressupor um sistema de movimento e de repouso individual interno e sua relação com o exterior, supõe sobretudo o corpo como singularidade complexa. Isso determinará tanto a forma com capacidade de cada *conatus* para relacionar-se com a pressão externa, produzida por outros corpos tão complexos quanto o seu e que também são *conatus*. A reação interna do indivíduo, consigo mesmo, assim como sua relação com os corpos exteriores, jamais será simples, mas múltipla e diversificada.¹⁶⁵

Bento Espinosa apesar de afirmar que nenhum modo finito se esforça em se conservar em seu ser por outro modo finito (EIIIP28), esforçando-se para preservar exclusivamente a si mesmo e para manter ou aumentar o seu bem-estar¹⁶⁶ e que quanto mais esse modo finito buscar o que lhe for útil, mais ele é virtuoso (EIVP20), também pontua e afirma:

quem compreende corretamente que tudo se segue da necessidade da natureza divina e se faz segundo as leis e regras eternas da natureza, não encontrará, certamente, nada que seja digno de ódio, de riso ou de desprezo, nem sentirá comisseração por ninguém, mas se esforçará, tanto quanto permita a virtude humana, por fazer, como comumente se diz, o bem, e por se alegrar (EIVP50s).

A razão não exige nada que seja contra a natureza das coisas. A razão não exige nada que seja contra a natureza do homem, a razão exige que cada homem ame a si

¹⁶⁵ O *conatus* é o esforço de um dado corpo de autopreservar-se no encontro com os outros corpos, ou seja, com outros *conatus*. (Chauí, 2011, p. 47-48). Chauí, 1999, p. 101: “se o objeto da política são os homens tais como vivem seus conflitos interiores e exteriores, ‘os homens tais como são’, trata-se da natureza humana no cruzamento da ordem necessária e da ordem comum da Natureza, e, sendo assim, o fundamento da política não é a razão nem a vontade dos homens. ‘Tais como são’, os humanos, na ordem necessária da Natureza, são *conatus* cujo nome político é direito natural. Este, portanto, não é preceito da reta razão ou da vontade boa que ordenam e querem o justo, *mas potência de autoafirmação na existência* (grifo meu): o direito natural demonstra Espinosa, estende-se até onde se estender a potência de cada um, desconhecendo o bom, o mau, o justo e o injusto.”

¹⁶⁶ Chauí, 1999, p. 326.

próprio: busque o que lhe seja útil, mas efetivamente útil e deseje tudo àquilo que, efetivamente, o conduza a um grau de maior realidade e perfeição (EIVP18s). Conhecer efetivamente é conhecer adequadamente a si mesmo e às coisas e,

diz-se que os homens agem apenas à medida que vivem sob a condição da razão; as ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas (EIIIP3). Portanto, tudo que se segue da natureza humana, enquanto definida pela razão, deve ser compreendida exclusivamente por meio da natureza humana [...] cada um deseja, pelas leis de sua natureza, o que é bom [para si] e se esforça por afastar o que julga ser mau; e, como, além disso, aquilo que julgamos, segundo o ditame da razão, ser bom ou mau, é necessariamente bom ou mau; então, apenas à medida que vivem sob a condição da razão, os homens necessariamente fazem o que é necessariamente bom para a natureza humana, conseqüentemente, para cada homem, isto é, aquilo que concorda com a natureza de cada homem (EIVP35d).

O homem, por seu *conatus*, por sua essência e natureza atual, procura o que lhe é útil e se afasta do que não lhe é útil para sua preservação (EIVP19). Como não há nenhuma modificação ou afecção do corpo que o homem não possa formar algum conceito claro e distinto (EVP4) e como todo afeto que for uma paixão, deixa de ser se desse afeto for formado uma ideia clara e distinta (EVP3), pelo uso da razão ou pelo uso da intuição, o homem pode conhecer adequadamente as coisas e a si mesmo. Assim, a sua essência atual e sua própria potência de ser, agir e existir, exprimindo uma só e mesma coisa, a sua natureza humana, pode se exprimir adequadamente. Causa adequada de si mesmo, esse homem pode agir movendo ou mantendo-se em repouso. Pode ativamente agir, viver e existir como expressão necessária e livre de sua própria natureza. Espinosa afirma que

agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser (estas três coisas têm o mesmo significado), sob a condição da razão, e isso de acordo como o princípio de buscar o que é útil para si (EIVP24) [...] agir absolutamente por virtude nada mais é do que agir segundo as leis da própria natureza (EIVP24d).

Por EIVP20, a virtude não é senão a sua potência definida por sua essência humana (EIVP20d), ou seja, a potência do homem é sua própria essência ou sua própria natureza humana (EIVD8). Por compreender e apreender as coisas por ideias adequadas e verdadeiras, o homem age por virtude. Quando encontra o outro que concorda com

sua natureza, quanto mais esse outro lhe compor, maior o aumento de sua potência ou força (virtude) para existir o que, por sua vez, aumenta a sua capacidade de agir ativa e virtuosamente (EIVP31). O homem que vive sob o ditame da razão é ativo e age segundo sua própria natureza em Deus por Deus. Desse modo, e porque “tudo que se segue da natureza humana, enquanto definida pela razão, deve ser compreendido exclusivamente por meio da natureza humana, como causa próxima” (EIV35d), ele age conforme a causa próxima de seu sentir (afetos), de seu pensar (ideias) e do seu agir (EIVP35d). Ele segue e se move por aquilo de divino que resta em si mesmo.

Assim, à medida que vive sob a condução da razão (ou intuição), o homem faz o que é necessariamente bom (útil) para a sua natureza humana (EIV35d). E, sobre o que é mais útil ao homem, Bento Espinosa esclarece que

não há, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular que seja mais útil ao homem do que um homem que vive sob a condição da razão. Com efeito, o que é de máxima utilidade para o homem é aquilo que concorda, ao máximo, com sua natureza (por EIVP31c), isto é, (como é, por si mesmo, sabido), o homem. Ora, o homem age interiormente pelas leis de sua natureza quando vive sob a condução da razão e, apenas à medida que assim vive, concorda, sempre e necessariamente, com a natureza de outro homem (por EIVP30). Logo, não há entre as coisas singulares, nada que seja mais útil ao homem do que um homem (EIV33c₁). [E] os homens serão de máxima utilidade uns para com os outros quando cada um buscar o que lhe é de máxima utilidade (EIVP33c₂).

O homem que age conduzido pela razão e pela intuição, por conhecimento adequado do divino em si, do que nele exprime a natureza da substância, é causa adequada de si mesmo. É a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos (EIVP18s). Esse homem, movido pela razão e intuição procura

estar em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos. Disto se segue que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condição da razão, o que lhes é útil, nada apeteçam para si que não desejem também para os outros e são, por isso, justos, confiáveis e leais (EIVP18s).

o supremo bem dos que buscam a virtude é comum a todos e todos podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Agir por virtude é agir sob a condução da razão (por EIVP24) e todo nosso esforço por agir segundo a razão consiste em compreender (EIVP36d).

Para Bento Espinosa, o conhecimento do mal é um conhecimento inadequado (EIVP64). Contudo, homem pode ter um conhecimento verdadeiro do mal (EIVP8) quando percebe a tristeza por um desejo por algum afeto que diminui sua potência de agir o que refreia sua potência para autoconservação (EIVP8d). Ao conhecer o mal, um mau encontro, o homem se entristece. E, essa tristeza é a passagem de uma perfeição maior para uma perfeição menor. O mal é, portanto, sempre e inevitavelmente uma paixão, que, necessariamente, decorre de um conhecimento inadequado por ideias inadequadas (EIVP64d). O homem que conhece a si e as coisas por ideia adequada não conhece o mal (EIVP64c). Não conhece o mal senão por aquilo que ele realmente é, ou seja, não como coisa real, mas como uma coisa imaginada, uma coisa mental, uma coisa imaginária no pensamento (EIVpr).

Conduzido pela razão, conhece as coisas por aquilo que são realmente, alegra-se ou conhece a paz de espírito por conhecer a realidade como ela existe em si mesma. Buscando entre dois bens, o maior e entre dois males, o menor (EIVP65cor), conduzido pela razão, o homem não obedece a ninguém senão à sua própria natureza, perfeita em sua realidade (EIID6 e EIVpr). Faz de sua vida – em sua vida – o que compreende importante para, enquanto em si, perseverar em seu ser e deseja isso ao máximo (EIVP68s). Ele sabe que tudo isto depende do outro com quem compartilha o existir em ato em *Deus sive Natura*.

O homem não se conhece a si mesmo senão pelas afecções de seu corpo e pelas ideias dessas afecções (EIIIP53d). A mente humana se conhece adequadamente ao apreender as afecções do corpo pelas ideias das afecções do corpo (EIIIP23) existente em ato (EIIIP13). Conhece as ideias das afecções do corpo e as ideias das ideias dessas afecções – a consciência (EIIIP22). Quanto mais o homem conhece as coisas singulares por o que nelas exprime a natureza da substância, mais conhece a *Deus sive Natura* (EIIIP33 e 34), pois pertence à essência da mente humana ter um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIVP36). E, o homem que conhece Deus e o amor de Deus ama a Deus e

todo aquele que busca a virtude desejará também para os outros homens, um bem que apetece para si próprio, e isso tanto mais quanto maior conhecimento tiver de Deus (EIVP37). [...] O homem que vive sob a condução da razão, nós, necessariamente, nos esforçamos para que os homens vivam sob essa mesma condução (EIVP37d), [...] a verdadeira virtude nada mais do que viver exclusivamente sob a condução da razão (EIVP37s₁); [...] se os homens vivessem sob a condução da razão, cada um, desfrutaria do seu direito sem qualquer prejuízo para os outros (EIVP37s₂).

Com o conhecimento adequado de si, o homem percebe a completa interdependência que existe entre os modos finitos no mundo manifesto onde existe e vive.¹⁶⁷ Para viver conforme sua natureza no mundo manifesto – na relação com o outro – o homem deve procurar conhecer adequadamente os afetos que resultam no encontro com esse outro e com seu meio.¹⁶⁸ Por sua ontologia do necessário, por sua filosofia como *Ars Vivendi* e *Medicina Mentis* que propõe compreender, apreender, lidar, viver o desejo e o afeto como ele (afeto) é realmente em si mesmo, consigo mesmo e na relação com o outro, Espinosa escreve pontuando:

quando, por conseguinte, apliquei o ânimo à política, não pretendi demonstrar com razões certas e indubitáveis, ou deduzir da própria condição da natureza humana, algo que seja novo ou jamais ouvido, mas só aquilo que mais de acordo está com a prática. E, para investigar aquilo que respeita a esta ciência com a mesma liberdade de ânimo que é costume nas coisas matemáticas, procurei escrupulosamente não rir, não chorar, nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a gloria, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo como vícios da natureza humana, mas como propriedade que lhe pertencem, tanto como

¹⁶⁷ Scruton, 2005, p. 63.

¹⁶⁸ Espinosa no livro *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus* – capítulo 32 – escreve: “A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas externas (grifo meu). Por isso, não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postulo o princípio de atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos nosso trabalho; de que a nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da natureza inteira, cuja ordem seguimos. Se compreendemos isso clara e distintamente, aquela parte de nós mesmo que é definida pela inteligência, isto é, a nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por perseverar nessa satisfação. Pois, à medida que compreendemos, não podemos desejar senão aquilo que é necessário, nem nos satisfazer, absolutamente, senão com o verdadeiro. Por isso, a medida que compreendemos isso corretamente, o esforço da melhor parte de nós mesmos está em acordo com a ordem da natureza inteira.”

o calor, o frio, a tempestade, o trovão e outros fenômenos do mesmo gênero pertencem à natureza do ar, os quais, embora incômodos, são contudo necessários e têm causas certas, mediante as quais tentamos entender a sua natureza. E a mente regozija-se tanto como a verdadeira contemplação destes fenômenos como com o conhecimento das coisas que são agradáveis aos sentidos (TP I §§ 4).

Bento Espinosa trata os afetos em *De Origine Et Natura Affectuum*, a natureza e a virtude dos afetos, a potência da mente sobre os afetos, com o mesmo método matemático-geométrico-genético que tratou de Deus em *De Deo* e da mente em *De Natura Et Origine Mentis*. Ele trabalha os atos, os apetites, os desejos e as vontades, como se fossem uma questão de linhas, superfícies e corpos (EIIIpr).

Chauí aponta que o desencantamento do mundo na época moderna, levou a convicção que o desejo e todo o *páthos* poderiam ser conhecidos como o objeto de um saber matemático-geométrico dedutivo. Os afetos desejo poderiam ser conhecidos por uma ideia –clara e distinta – demonstrada por ciências fundadas na evidência racional e, assim, conhecidos em sua gênese geométrica. Levou a convicção que o conhecimento adequado dos afetos por suas causas próximas fundasse uma nova política, favorecendo a passagem da barbárie para a vida civil.¹⁶⁹ Em *De Deo*, Bento Espinosa cria novas bases para um modelo de comportamento ético e político independente do poder teológico baseado no conhecimento adequado de Deus pelo homem.¹⁷⁰ E, *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus*, com a dedução das noções comuns da natureza humana com o seu movimento contínuo de uma paixão para uma ação e desta para

¹⁶⁹ O homem, por sua natureza, não deseja senão governar. Espinosa constata, como outros filósofos, que o homem de forma alguma deseja ser governado ou mandado por outro homem. Deseja governar a si mesmo e aos outros. Espinosa, porém não pensa que por essa característica o homem esteja fadado à guerra de todos contra todos ou que a solução por deflação de direitos por um contrato. Por essa característica e a respeitando, Espinosa conclui que o homem deseja ser o sujeito ativo da ação política e, portanto, a democracia é consequentemente o mais natural dos regimes políticos. (Chauí, 2011, p. 53).

¹⁷⁰ Chauí, 2003, p. 95, pontua que Espinosa no livro I da *Ética* “destrói o fundamento último da teologia política ao despersonalizar Deus e concebê-lo como substância única absolutamente infinita e causa eficiente imanente do universo [inteiro].”. O conhecimento intelectual de Deus e do amor de Deus funda uma sociedade democrática onde cada um tudo faz para perseverar em seu ser preservando sua vida respeitando o mesmo direito no outro.

novamente outra paixão, num vai e vem permanente, demonstra a passagem da servidão à liberdade racional.¹⁷¹

Compreender é a virtude absoluta da mente. A virtude suprema da mente é compreender e conhecer a Deus (EIVP28d). O homem que conhece, compreende e apreende sua essência-potência na natureza da substância tem um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIVP36s) deseja ser feliz, agir e existir bem. Esse homem deseja ser, agir e viver, ou seja, existir em ato (EIVP21) em Deus (EIP15): esse homem é de sua raça divina; ele vive, se move e existe em Deus (Paulo – *Bíblia de Jerusalem* – Atos dos Apóstolos 17, 24-28). E, deseja para o outro, o mesmo bem que procura para si mesmo, ser feliz em Deus, e isto será maior quanto maior for seu conhecimento da natureza da substância (EIVP37). Esse é o supremo bem da mente (EIVP28), a suprema felicidade, e quanto maior for a alegria que afetar um determinado homem maior sua realidade e perfeição. Assim, ele, e o outro, com quem divide seu conhecimento de Deus, mais, necessariamente, participam da natureza divina (EIVp45s). Don Garret afirma que

os indivíduos que são virtuosos ou conduzidos pela razão procurarão todos, por causa de seu próprio autointeresse, os mesmos bens para os outros que ele busca para si mesmo (EIVP37). Com efeito, na medida em que uma comunidade de seres humanos é conduzida pela razão, seus membros podem “compor como que uma só mente e um só corpo” (EIVP18s) – isto é, um indivíduo complexo que tem seu próprio esforço de autopreservação, composto de seres humanos mentalmente semelhantes [like-minded].¹⁷²

¹⁷¹ Chauj, 2011, p. 203: “nesse momento da *Ética*, é central a ideia de *pars naturae*, pois embora essa ideia tenha aparecido nos momentos anteriores da obra, é somente agora que captamos sua polissemia. Com efeito, *pars naturae* possui três significados distintos e se efetua sob três formas: como inadequação extrema (a parte infinitamente menos potente do que a potência das causas externas, determinada pelo poderio da fortuna), como adequação racional (a parte não mais isolada, mas articulada ao sistema interno de relações necessárias com outras partes do todo com as quais possui propriedades comuns, cada parte auxiliando a potência das outras porque são convenientes entre si) e como adequação intelectual ou reflexão (quando a parte experienta a si mesma como essência singular eterna que toma parte na atividade infinita da qual é parte).”.

¹⁷² Don Garrett, 2011, p. 347, indica que o livro IV da *Ética* – da proposição 29 a 36 – se refere “às relações ente os seres humanos e as condições para uma cooperação sustentada e mutuamente benéfica. Spinoza sustenta, como uma tese metafísica geral, que sempre que duas coisas ‘concordam em natureza’, nessa medida elas serão mutuamente benéficas uma à outra, já que a natureza que cada uma se esforça é a mesma (EIVP31). Os seres humanos necessariamente ‘concordam em natureza’ na medida que são conduzidos pela razão (EIVP35). Pois a razão huana, como razão, é a mesma em todos e

O homem que se conhece adequadamente compreende que o seu bem supremo é o conhecimento intelectual da substância ou o conhecimento do amor de Deus. Esse conhecimento é comum a todos os homens e todos os homens podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Por isso, o homem livre, por conhecimento adequado da natureza das coisas, vive conforme os ditames da sua razão e intuição (EIVP67). Jamais age com dolo, por agir ativamente pela razão, por seu próprio autointeresse, age de boa fé (EIVP72). Revela sua virtude quanto evita os perigos e quando os enfrenta (EIVP69). Evita o(s) homem(s) que ignoram os ditames da razão e que vivem segundo as imagens criadas por sua imaginação (EIVP70). Vive entre iguais, com outro(s) homem(s) regido(s), como ele, segundo os ditames da razão, de quem é grato (pelo encontro e pela relação de composição que realizam) (EIVp71). Une-se a esse homem, no mais estreito e profundo natural laço de amizade (EIVP35c₁), se esforçando por fazer-lhes o bem (EIVP37). Assim, consegue, sem abdicar de qualquer de um seus direitos naturais consequentes de sua natureza humana na substância, com a fortaleza de seu caráter, com firmeza e generosidade, viver harmonicamente com o(s) outro(s) homem(s) (EIVP73).

Quando B se conhece adequadamente como B, B se conhece B em A por Aa e Aaa, B é causa adequada de B: B é causa adequada dos afetos de B, das ideias de B e dos atos de B. B conhece o que há de divino em B: B conhece o que nele exprime a natureza de A.

Se B conhece adequadamente B, B em A por Aa e Aaa, sabe que B' existem como B' em A por Aa e Aaa' e que todo B, Bⁿ existe em A por Aa e Aaaⁿ. Compreende e apreende B, B' e Bⁿ, unidades na totalidade de A, todos têm os mesmos direitos naturais de ser, se mover, viver e existir em A por obedecerem necessariamente o que seus eternos decretos divinos ordenam.

Se causa adequada de si mesmo, B conhece B: B em A por Aa e Aaa e conhece B' em A por Aa e Aaa', respeitado B' como a expressão de A enquanto B', B sendo, se movendo, vivendo, existindo em A como B em A por Aa e Aaa procura ser a expressão

almeja a mesma coisa – a saber, o conhecimento ou o entendimento. O entendimento, além do mais, é um bem que pode ser compartilhado por todos sem diuínir o desfrute que qualquer pessoa tenha dele (EIVP36). De fato, sustenta Spinoza, nada é mais útil a um ser humano do que outro ser humano que seja conduzido pela razão (EIVP35c₁).”.

da natureza de A enquanto B sendo B livre em A (Deus) pelo o conhecimento adequado de A (do universo das coisas, do universo inteiro), com o menor grau de constrangimento ou coação possível pelo outro B' e Bⁿ – existente em ato em A (Deus).¹⁷³

Se B conhece adequadamente B, quando B se encontra com B', pela interdependência de B e B', procura que desse *encontro* resulte o *esforço* mútuo para aumentar a potência de agir e a força de existir de B e B' aumentando o seu *conatus*, sua essência atual e sua potência atual, sua força ou esforço para se autoprezevar perseverando enquanto B e B', em ser B e B' em A.

O homem precisa necessariamente conhecer adequadamente o que há de Deus em si e no outro (homem ou pedra) para necessariamente obedecendo às infinitas leis eternas de Deus que regem o universo inteiro (Deus) ser livre e autônomo em Deus. E, ser livre e autônomo em *Deus sive Natura* – em sua vida – nada mais é senão o autômato espiritual.¹⁷⁴

¹⁷³ Chaui, 2011, p. 203: “Liberdade ética significa a parte humana como causa adequada e formal de suas ideias e ações, causa eficiente imanente de seu pensar e agir, tomando parte na atividade infinita da qual é parte – estamos diante da *pars singularis et imanens*. Passar do poderio da fortuna [*fortunae potestas*] ao amor intelectual de Deus [*amor intellectualis Dei*] é passar da condição extrínseca do ‘ser parte’ à condição intrínseca do ‘tomar parte’, movimento que conduz da servidão à liberdade. Nesse movimento, o instante decisivo é a dedução da gênese necessária da passividade como determinação da potência do *conatus* pela potência das causas exteriores, quando a exterioridade entre as potências das coisas e a do indivíduo corpo-mente institui um campo de forças afetivas onde a servidão germinará e desdobrará seus efeitos. Porém, é nesse mesmo movimento que a parte humana da Natureza, experimentando o risco de desaparecimento sob o poderio da fortuna, descobre o que está em seu próprio poder ao conhecer-se como parte de um todo ou de uma comunidade de partes dotadas das mesmas propriedades. Essa queda extrema e essa descoberta crucial constituem o núcleo da parte IV – servidão no isolamento e virtude no cidadão.”.

¹⁷⁴ Levy, 2000, p. 29-30.

AUTÔMATO ESPIRITUAL: O HOMEM LIVRE E AUTÔNOMO EM DEUS

Bento Espinosa compõe em *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* – a ontologia da necessidade – como a lógica matemático-geométrico-genética do necessário. Demonstra a causalidade necessária dos modos finitos acontecendo em uma única ordem natural em e por Deus. Afirma que tudo é e está determinado a existir de uma definida e determinada maneira em uma única e necessária sequência causal quanto a ordem e conexão. Ordem e conexão que a essência e a potência dos atributos da substância por suas leis eternas e infinitas ordenam. Como consequência da existência de uma única e mesma ordem em Deus por todos os seus atributos, há simultaneidade de eventos em todos os atributos da substância (para o homem, na extensão e no pensamento). Por essa simultaneidade, a ordem e a conexão das ideias das coisas sendo a mesma ordem e a conexão das coisas, a inteligibilidade das coisas do universo inteiro se torna possível ao homem que reformar sua inteligência. Esse homem, por seu intelecto finito reformado, no intelecto infinito de Deus, por intuição, pelo atributo divino do pensamento, pode conhecer adquadamente a coisa em sua realidade e perfeição: a ideia da coisa no pensamento e a própria coisa na extensão.¹⁷⁵

Seu livro, a *Ética*, dá a impressão de ser um longo movimento contínuo, uma linha reta da essência e potência divina à serenidade na alma do homem. Deleuze claramente descreve a *Ética* como um movimento que

passa e repassa pelas definições, axiomas, postulados, proposições, demonstrações, corolários e escólios, arrastando o todo em seu curso grandioso. É como um rio que ora se alarga, ora se divide em mil braços; às vezes ganha velocidade, outras desacelera, mas sempre afirmando sua unidade radical. E o latim de *Espinosa*, aparentemente escolar, parece constituir o navio sem idade que segue o rio eterno. Porém, à medida que as emoções vão invadindo o leitor, ou graças a uma segunda leitura, essas duas impressões revelam-se errôneas. Esse livro, um dos maiores do mundo, não é como se acredita inicialmente: não é homogêneo, retilíneo, contínuo, sereno, navegável [...] ¹⁷⁶ A *Ética* das definições, axiomas e postulados, demonstrações e corolários, é um livro-rio que desenvolve o

¹⁷⁵ Curley, 1969, p. 83.

¹⁷⁶ Deleuze, 2011, p. 177-178-181-183-188-189.

seu curso. Mas a *Ética* dos escólios é um livro fogo, subterrâneo. A *Ética* do livro V é um livro aéreo, de luz, que procede de relâmpagos. Uma lógica do signo, uma do conceito, uma lógica da essência [...] ¹⁷⁷

Há no universo das coisas, no universo do homem, na extensão, um determinismo necessário causal que, no pensamento, corresponde a um encadeamento racional lógico absoluto das ideias das causas. É essa correspondência que pode permitir ao homem conhecer o universo por aquilo de divino no universo existe (conhecer o universo precisa e distintamente como ele é realmente em si mesmo).

Em *A Study of Spinoza's Ethics*, Jonathan Bennett lembra que Espinosa assegura que o homem pode chegar a ser livre cultivando seu intelecto pela razão. ¹⁷⁸ Em *Behind the Geometrical Method*, Edwin Curley relembra que, para Bento Espinosa, o conhecimento é o grande remédio para o homem, lidando com seus afetos não por suas causas externas, mas por suas causas internas, conhecer a natureza das coisas, de si mesmo e então agir por sua própria natureza, ser livre em e por Deus. ¹⁷⁹ O homem pode vir a conhecer-se. Conhecer a causa que determina sua essência, sua existência e seus atos. ¹⁸⁰ Conhecer a causa matematicamente demonstrada de si mesmo, de seus afetos, de seus pensamentos e de seus atos. ¹⁸¹ A causa de sua essência e de sua existência é

¹⁷⁷ “A *Ética* é o discurso do conceito. É um sistema discursivo e dedutivo. Donde seu aspecto de longo rio tranquilo e poderoso.” (Deleuze, 2011, p.185). Deleuze afirma que no *Livro V* “o leitor tem a impressão que o método geométrico adquire aqui um ar selvagem e inusitado, que quase o faz acreditar que o *Livro V* não passa de uma versão provisória, um rascunho: as proposições e as demonstrações são atravessadas por hiatos tão violentos, comportam tantas elipses e contrações que os silogismos parecem substituídos por simples ‘entinemas’. Quanto mais se lê o *Livro V*, mais parece que esses traços não são imperfeições no exercício do método, nem maneiras de cortar caminho, porém convêm perfeitamente às essências, porquanto superam qualquer ordem de discursividade e de dedução. Não são simples procedimento de fato, mas todo um procedimento de direito. É que, no nível dos conceitos, o método geométrico é um método de exposição que exige completude e saturação; por isso as noções comuns são expostas por si mesmas, a partir das mais universais, como uma axiomática, sem que seja preciso perguntar como se chega efetivamente a uma noção comum. Mas o método geométrico do *Livro V* é um método de invenção que procede por intervalos e saltos, hiatos e contrações, à maneira de um cão que procura mais do que um homem racional que expõe [...]” (Deleuze, 2011, p. 190).

¹⁷⁸ Bennett, 1984, p.315.

¹⁷⁹ Curley, 1969, p. 129.

¹⁸⁰ Chaui, 1999, p. 618.

¹⁸¹ Chaui, 1999. p. 618.

Deus; a causa de sua essência e potência atual é Deus por seus atributos afetados pela interação com o outro (modo finito).¹⁸² A causa de seu movimento é o apetite ou desejo.¹⁸³ Para Espinosa, desejo e apetite, uma só e mesma coisa, é a essência do homem “enquanto concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira” (EIIDA1) que contribua para sua autopreservação (EIIDA1ex). E, a maior virtude humana é o seu próprio *conatus*.

O homem tendo compreendido e apreendido como a Natureza a ele se apresenta, pode, talvez, não por uma linha reta, vir a conhecer de Deus, o amor de Deus e a serenidade em seu espírito (mente). Talvez, por isso, que Chaui diga que a filosofia espinosana é a filosofia da felicidade – uma ética da felicidade. Complementa, acrescentando que Bento Espinosa produz com sua filosofia uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política.¹⁸⁴ O próprio Bento Espinosa escreve que

nada, certamente, a não ser uma supertição sombria e triste, proíbe que nos alegremos. Por que, com efeito, seria melhor matar a fome e a sede do que expulsar a melancolia? [...] pelo contrário, quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição a que passamos, isto é, tanto mais necessariamente participamos da natureza divina (EIVP45s).

¹⁸² Chaui, 1983, p. XIII e XIV

¹⁸³ A causa da essência do homem é Deus; mas a causa de sua ação é o seu desejo. Chaui, 1983, p. XIV e XV: “É no exame do desejo, das paixões e da liberdade do homem que o termo *Ética* se esclarece.” [...] Para Espinosa, a “*Ética* nada tem a ver com os deveres [...] é a definição (ou apresentação genética) do ser do homem *tal como ele é*, e demonstrando *por que* o homem é tal como ele é. Assim procedendo, Espinosa recupera e sentido grego de *ethos*: modo ou maneira de ser.” [...] “a teoria espinosana do desejo [é] sua antropologia.”

¹⁸⁴ Chaui, 2011, p. 67. Para Espinosa o amor intelectual por Deus é a própria felicidade e a própria liberdade. Escreve em EVP42: “a beatitude consiste no amor por Deus [...] esse amor referido à mente, à medida que ela age, e, portanto, [esse amor] é a própria virtude.” Quanto mais a mente conhece a virtude da beatitude, maior seu *conatus*, sua potência para agir e sua força para existir tal como ela é em sua realidade e em sua perfeição na natureza de Deus. Essa é a maior felicidade de um modo finito ser a expressão livre, autônoma e espontâneo do que Deus nele manifesta de sua natureza divina, infinita e eterna no presente.

Espinosa diz “tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira definida” (EIP29). O homem que conhece a necessidade do ser e existir das coisas na natureza compreende e apreende o que há de divino em si mesmo e participa da natureza de Deus: é o *automaton spirituel*. Chauí escreve que Deus por sua

potência absolutamente infinita [...] é a autoposição da substância ou causa de si, causa livre (porque age exclusivamente pela necessidade de sua natureza), causa por si (porque produz o efeito exclusivamente por sua natureza), causa primeira (porque incondicionada), causa principal (porque age por sua própria força sem carecer de outras causas auxiliares), causa universal (porque produz a essência e existência de todas as coisas), causa única (porque não carece de causas intermediárias para a produção dos efeitos) e causa eficiente imanente (porque não se separa dos efeitos, mas deles se exprime e eles a exprime), é também posição da inteira ordem necessária da Natureza, portanto, da ordem e conexão das essências e das existências de todas as coisas singulares finitas que, pela potência dos atributos e dos modos infinitos, são determinadas a ser, existir, e operar de maneira certa e determinada, não podendo determinar-se nem indeterminar-se por si mesmas.¹⁸⁵

Edwin Curley, em seu livro *Behind the Geometrical Method*, afirma que para Espinosa a liberdade – enquanto uma causalidade indeterminada – é uma ilusão¹⁸⁶, por considerar o homem parte da natureza, portanto, sujeito às mesmas leis causais como o restante dessa natureza.¹⁸⁷ Em EIIp48, Espinosa aborda especificamente o determinismo

¹⁸⁵ A substância única, *Deus sive Natura*, “age exclusivamente pelas leis de sua natureza e sem ser coagido por ninguém” (EIP17); “da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido sob um intelecto divino)” (EIP16) – o universo inteiro. Deus ao causar-se, causa o universo interno. Também consultar Chauí, 2003, p. 98.

¹⁸⁶ Curley, 1984, p. 78.

¹⁸⁷ Curley, 1984, p. 79-80: “Spinoza, notoriously, rejects Descartes’ indeterminism and criticizes Descartes for conceiving of man as a kingdom within a kingdom (EIIIpr). He insists that we should rather conceive of man as a part of nature, where that implies that we should conceive of him as being subject to the same laws as the rest of natures. How does he arrive at this position? His official demonstration of it, EIIp48, appeals to his denial of interaction. He deduces that the mind has no absolute or free will y appealing to the mind’s status as a determinate mode of the attribute of thought, and the general proposition that all determinate modes of any attribute must be determined by prior determinate modes of that attribute in a causal sequence which extends to infinity.” [...] It seems to me clear [...] that Spinoza’s determinism about mind is being inferred from essentially two premises: that determinism reigns in the physical world, and that the mind and the body, properly understood, are one and the same thing. Of course, Spinoza does not affirm the identity of mind and body here. He only affirms that the human mind begins to exist when the body begins to exist.”.

na ordem e conexão das ideias (determinismo psíquico): “não há, na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre: a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também ela, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito”.

O homem é o *autômato espiritual* (TdIE 85), ou seja, nesse homem, enquanto o atributo extensão e pensamento, tudo é necessariamente determinado pela essência potência de Deus, em e por Deus (EIP15). Chauí esclarece,

é a imanência que leva Espinosa, no *Tractatus de Intellectus Emendatione*, a referir-se ao intelecto humano como *automa spirituale* (autômato espiritual) e *vis natura* (força inata), para como isso indicar a espontaneidade interna do conhecimento no qual nossa mente age por si mesma, segundo a necessidade das conexões entre suas ideias, conhecendo como exatamente a mesma espontaneidade do atributo pensamento, do qual é um modo determinado; ou seja, conforme demonstra a *Ética*, nossa mente é causa formal e eficiente de suas ideias.¹⁸⁸

O método apresentado por Espinosa, no *Tratado da Emenda do Intelecto* e na *Ética*, não visa à procura do conhecimento da verdade. Propõe conhecer a verdade do intelecto humano. Estabelece o aprofundamento do estudo da alma (mente) humana em si mesma por ela própria, conhecimento pelo intelecto no atributo pensamento, pela ideia da ideia. Determina o conhecimento reflexivo, autoreflexivo, da mente pela mente, conhecimento que só é possível por ter o intelecto o instrumento da força inata (*vis natura*) que lhe permite se conhecer e aprimorar suas ideias eternamente aumentando progressivamente o grau de conhecimento a que pode atingir.¹⁸⁹ Chauí, sobre a questão, ratifica que

nas mãos de Espinosa, adágio seiscentista começa com o martelo de ferro forjado, mas o ultrapassa com a afirmação de que o intelecto é *automa spirituale*, pois o autômato possui duas características que instrumento artesanal algum e máquina alguma possuem: tem em si mesmo a fonte de energia para realizar suas operações e dispõe em si mesmo dos meios de

¹⁸⁸ Chauí, 1999, p. 88.

¹⁸⁹ Chauí, 1999, p. 487.

auto regulação e de auto regeneração para conservar-se na existência e manter suas ações e operações.¹⁹⁰

Chaui apresenta, no seu livro *Nervura do Real*, o adágio seiscentista, que tem a matemática como paradigma do conhecimento: “Sabe quem faz, só faz quem sabe”.¹⁹¹ Para ser, então, o homem livre, tem que saber o que significa ser livre e, assim, sabendo o que é realmente ser livre, se mover, agir, viver e existir em ato livremente na e pela Natureza, em e por Deus (*Deus sive Natura sive Vita*).

Bento Espinosa revoluciona o conceito de liberdade e autonomia com a metáfora do autômato espiritual. Um homem não é livre senão quando escravo necessário dos eternos decretos divinos que tudo ordenam. Sendo homem é o *automaton spirituel*, o intelecto é o *automa spirituel*. O intelecto é a espontaneidade de formar pensamentos verdadeiros por sua própria natureza e suas leis. Portanto, a ideia adequada e verdadeira não é determinada por nenhum fator externo ao próprio intelecto, mas por sua própria natureza, por suas leis intrínsecas (*vis natura*).

Sendo o que constitui a mente não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato (EIIP12), a mente e a ideia de um modo singular é uma só e mesma coisa (EIIP13). Assim, Bento Espinosa muda a percepção tradicional de o intelecto ser uma coisa pré-existente (exemplo: intelecto sensível, agente e passivo de Tomas de Aquino) e de ser o formador ou o construtor de ideias. Espinosa sustenta e comprova que o intelecto são as ideias das afecções de um homem (do corpo do homem) na extensão. São as ideias que constituem o intelecto; o inteligível não precede a intelecção, a própria ideia é o intelecto. Como afirmou Gilles Deleuze, a ideia mais se impõe no intelecto do que o intelecto que tem a ideia: as ideias acontecem e formam o intelecto.¹⁹²

Bento Espinosa estabelece e assegura que nem o corpo determina a alma, nem a alma determina o corpo: “nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente

¹⁹⁰ Chaui, 1999, p. 488.

¹⁹¹ Chaui, 1999, p. 486: “O fio de Ariadne do pensamento dos Seiscentos é o adágio: sabe quem faz, só faz quem sabe.”. Esse adágio tornou a matemática o paradigma do conhecimento. Para Espinosa, o método que propõe é a busca do conhecimento da mente, do processo do entendimento, usando a própria mente como o instrumento.

¹⁹² Deleuze, 2009, p. 30.

determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (se é que isto existe)” (EIIIP2). Quando um homem se encontra com o outro, simultaneamente, no pensamento e na extensão, por suas leis próprias, acontecem, automaticamente, eventos que mesmo dependentes de natureza do homem, do outro e do encontro, automaticamente se impõem ao homem (ao corpo do homem e a ideia do corpo do homem): o homem como o autômato espiritual. Essas afecções ou mudanças obedecem necessariamente e espontaneamente os eternos decretos necessários e divinos de *Deus sive Natura* que a tudo ordenam por seus infinitos atributos.

Assim, o encontro de um homem B com um homem B' determina, necessariamente, uma afecção em B que mesmo depende, principalmente, da natureza de B, se impõe a B por também depender da natureza de B' e da natureza do encontro B com B' e por serem todas essas coisas e eventos regidos pelos eternos decretos de A. Essa afecção se impõe a B quando B com B' em A e por A.

O mesmo, simultaneamente, acontece no intelecto, onde se constitui a ideia da afecção que se impõe a B no encontro de B com B'. A ideia, mesmo na dependência da natureza de B, não só se impõe a B, mas forma e é o próprio intelecto de B. Deduz-se disso, que o intelecto é formado pelas ideias da imposição ou coação necessária da sequência de afecções em B pelas leis que regem o encontro de B com B', que regem a natureza de B' e, principalmente, que regem a natureza de B. Salientando, o intelecto é uma sequência de ideias absoluta e necessariamente determinada no pensamento, correspondente à sequência de afecções em B (no corpo de B), impostas ou coagidas a B, mesmo que dependentes da natureza de B, pela natureza de B', pela natureza do encontro B com B', tudo regidos pelos eternos decretos naturais de *Deus sive Natura*.

Disso, pode-se ter a ideia de que tudo é determinado ou coagido a ser, se mover, viver e existir em ato na natureza, no universo inteiro, pelas leis naturais que, neste universo inteiro, a tudo ordenam. Espinosa demonstra que esta é a realidade das coisas, porque a natureza só pode obedecer às leis da natureza. Deus só pode seguir (obedecer) às leis de Deus. Os modos finitos só podem obedecer às eternas leis de Deus que os determinam e os ordenam como o que realmente são e operam em e por Deus. O contrário seria um completo e absoluto absurdo.

O homem conhecendo, pelo atributo do pensamento, por seu intelecto, o encadeamento racional lógico absoluto das ideias das causas que corresponde à sequência causal necessariamente determinada das coisas na extensão, em seu corpo humano, sendo o autômato espiritual, tem um conhecimento adequado de si e do outro. Assim, pode perceber que livre e necessário possam ser interpretados como o estado de ser, viver, existir na e pela Natureza, por suas eternas leis necessárias que a tudo ordenam.

Bento Espinosa define livre como “a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” (EID7). E, na mesma definição, esclarece que “diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada” (EID7).

O automato espiritual percebe que ser livre é ser necessário. Compreende que o ato livre é o ato necessário. O único ato que é realmente livre, aquele que existe e age exclusivamente por sua própria natureza é absolutamente o mesmo no qual se deixa ser totalmente coagido pelo que de divino existe em sua natureza. O homem livre ativamente se deixa ser total e necessariamente coagido a ser, se mover, viver e existir na Natureza ou Deus da maneira definida e determinada pelos eternos e infinitos decretos divinos que o ordenam a ser o homem que ele é realmente em si mesmo em ato em e por Deus.

O *automaton spirituel* se realiza quando totalmente coagido pelas eternas leis necessárias e divinas que o ordenam: se realiza quando escravo espontâneo (ativo) e necessário de Deus. O ato realmente livre e autônomo é o ato necessário em e por Deus. O homem livre obedece a sua natureza, isto é, o homem livre obedece necessariamente ao que Deus ordena.¹⁹³

O homem que conhece a Deus conhece a beatitude. Vivencia a suprema tranquilidade em sua alma ou a serena paz em seu espírito. O conhecimento de Deus e do amor de e por Deus necessariamente passa pelo amor de si mesmo: o amor por aquilo de divino que apreende existir em si mesmo. Por isso, Levy, em seu livro

¹⁹³ Relembrando que o verbo ordenar está sendo usado, nessa dissertação, em dois sentidos: decretar e organizar.

L'automate spirituel, questiona “quem é esse homem espinosista, cuja alma não possui nenhum princípio para se referir a si mesma como indivíduo, mas que se ama a si mesma e que, ao amar a si mesma, ama a Deus e as coisas [por ele causadas]?”¹⁹⁴

Em EIIP11, Espinosa aponta que “o que, primeiramente, constitui o ser atual da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato”. Segue, no corolário dessa mesma proposição, dizendo:

disso se segue que a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus. E, assim quando dizemos que a mente humana percebe isto ou aquilo não dizemos senão que Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto é explicado por meio da natureza da mente humana, ou seja, enquanto constitui a essência da mente humana, tem esta ou aquela ideia. E quando dizemos que Deus tem esta ou aquela ideia, não enquanto ele constitui a natureza da mente humana apenas, mas enquanto tem, ao mesmo tempo em que [a ideia que é] a mente humana, também a ideia de outra coisa, dizemos, então, que a mente humana percebe essa coisa parcialmente, ou seja, inadequadamente (EIIP11c).

Segundo Levy, esse corolário explica o que Espinosa entende por “a alma humana percebe uma coisa”: somente Deus pensa. “Quando a alma pensa alguma coisa, na verdade é Deus quem pensa essa coisa.”. “A alma não possuiria, portanto, nenhuma realidade como coisa pensante, pois não teria nenhuma autonomia em relação a Deus.”. Levy comenta que há dois entendimentos para isso. O primeiro é que o de ser a alma uma mera mecânica de ideias onde se encadeiam umas às outras segundo suas próprias regras. Ou “a segunda possibilidade consiste que existe, de fato, um sujeito da atividade de pensar, mas que apenas Deus dispõe dos requisitos necessários ao desempenho dessa função. Nesse caso, seria preciso conceber a forma do pesamento tal como ela aparece para a alma humana: ‘isto pensa x’, quando se tratar de uma percepção inadequada; e ‘Deus enquanto constitui apenas a essência da alma humana pensa x’, quando se tratar de uma percepção adequada. [...] Em todo caso, qualquer que seja a interpretação escolhida, o pensamento humano não poderia ter nenhuma forma pessoal. A alma não

¹⁹⁴ Levy, 2000, p. 6.

poderia nem mesmo dizer algo pensa em mim, uma vez que, nos dois casos, ela não poderia de nenhuma maneira, formar a ideia de si mesma.”.¹⁹⁵

Espinosa afirma que a mente humana não conhece a existência das coisas exteriores existente em ato, senão por meio das ideias das afecções em seu próprio corpo decorrente da ação dessa coisa exterior (EIIP26). Afirma que a mente, a ideia de algo particular existente em ato (EIIP11), tem capacidade de conhecer a si mesma como ideia da afecção do corpo e pela ideia da ideia da afecção do corpo (EIIP23); e está consciente de suas ideias e do esforço de perseverar em seu ser (EIIP9). A mente humana, para Espinosa, tem consciência de si mesma e de suas ideias, podendo, portanto, perceber o que sente por si mesma. A mente humana, por Espinosa, por ter consciência de si mesma (EIIP9), pode não apenas amar a si mesma, como saber (ter a consciência ou autoconsciência) que por amar a si mesma por aquilo que nela existe de divino, ama a Deus e às coisas existentes em ato por e em Deus.

Para que alma conheça a Deus e ao amor de Deus e, assim conhecer a paz ou a tranquilidade suprema em si mesma, a alma deve passar pela percepção (autopercepção) de realmente conhecer a Deus: precisa se perceber enquanto mente que conhece e ama a Deus. Em seu livro *De Potentia Intellectus Seu De Libertate Humana*, na *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, Espinosa esclarece essa questão. Afirma que à medida que o homem compreende clara e distintamente a si mesmo, seus afetos, suas ideias e seus atos, por sua mente fazer com todas as afecções do corpo e as ideias das afecções desse corpo se refiram à ideia de Deus (EVP13), ama a *Deus sive Natura* (EVP14). O universo inteiro será referido a Deus e entendido por e em Deus, clara e distintamente pela mente pela ideia da afecção de seu corpo devido à ação do universo inteiro, e este conhecimento por estar referido a Deus, é o conhecimento adequado e verdadeiro do universo inteiro.

Levy se questiona se Espinosa poderia aceitar a expressão “eu penso” como uma tradução linguística do processo do pensamento.¹⁹⁶ Porém, Espinosa, em nenhum ponto de sua obra, demonstra estar preocupado com a existência ou não de algo que pudesse ser chamado de ‘eu’ ou ‘um eu humano’ ou ‘um eu Pedro’ ou ‘um eu pedra’. Nunca

¹⁹⁵ Levy, 2000, p. 3 e 5. Também consultar nota de rodapé 142.

¹⁹⁶ Levy, 2000, p. 25.

pensou na introdução de algum conceito de um eu pessoal ou de algo como pessoa ou um ego ou uma coisa que em si forme o pensamento, coisas que o filósofo atribui a ideias típicas do primeiro tipo ou modo de entendimento das coisas, a imaginação. Espinosa, contudo, diz claramente que se alguém conhece algo, conhece o que conhece desse algo (tem consciência desse algo) e conhece que conhece o que conhece desse algo:

compreende-se muito claramente essa propriedade por o que foi dito do escólio de EIIP7. Mostramos ali, com efeito, que a ideia do corpo e o corpo, isto é (por EIIP13), a mente e o corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa, concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento. Afirmo que o existir da ideia da mente e o existir da própria mente seguem-se, ambos, em Deus, da mesma potência de pensar, e com a mesma necessidade. Pois, na realidade, a ideia da mente, isto é, a ideia da ideia, não é senão a forma da ideia, enquanto esta última é considerada como um modo do pensar, sem relação com o objeto. Com efeito, quando *alguém sabe algo, sabe, por isso mesmo, que o sabe, e sabe, ao mesmo tempo, que sabe o que sabe, e assim até o infinito* (EIIP21s – grifo meu).

Sempre se refere a um homem como se refere a uma pedra, homem e pedra, expressões de Deus por e em Deus por seus infinitos atributos. O homem com um corpo humano e uma mente humana, corpo e mente, um e somente um indivíduo: homem; a pedra com um corpo pétrio e uma mente pétria, corpo e mente, um e mesmo indivíduo: pedra. Apesar do homem e a pedra existirem pela substância única e na substância única, nem à essência do homem nem à essência da pedra pertence o ser da substância (EIIP10), pois ao ser da substância envolve a existência necessária o que não é o caso do homem ou da pedra (EIIP10d). A essência do homem e a essência da pedra é constituída por modificações definidas nos atributos de Deus (EIIP10c).

Se o homem sabe que sabe o que sabe, então ele tem consciência do que sabe e de quem sabe: ele mesmo. O mesmo raciocínio argumentativo vale para a pedra. Assim,

pode-se corretamente inferir que Deus conhece o que o homem pensa, conhece e apreende por seu atributo pensamento enquanto a alma ou mente humana. Da mesma forma pode-se inferir que Deus conhece o que a pedra pensa, conhece ou apreende por seu atributo pensamento enquanto alma ou mente pétreo. Portanto, pode-se concluir que a alma ou a mente humana e a alma ou a mente pétreo estão presentes na substância única pelo atributo pensamento de Deus. O intelecto humano e o intelecto pétreo apesar de existentes no intelecto de Deus, de forma alguma podem ser entendidos como o intelecto de Deus. A alma ou a mente humana e a alma ou a mente pétreo, humanidade e pedridade, existem por e em Deus; mas, de forma alguma, a sua humanidade ou a sua pedridade é a natureza (deidade) de Deus.

Por essas proposições e demonstrações, Espinosa deixa claro aceitar que a alma tem a capacidade de conhecer a si mesma e “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (EIIP23). Esse processo de percepção ou de autopercepção se dá por um mecanismo ativo segundo o atributo pensamento e a própria natureza da mente com a construção ativa da ideia da afecção de uma coisa singular existente em ato (EIIP11) e a construção da ideia da ideia da afecção. Na proposição 23 do livro *De Origine et Natura Affectum* da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* (citada acima), em sua demonstração, lê-se que

a ideia ou o conhecimento da mente (por EIIP20) segue-se em Deus e a Deus está referida da mesma maneira que a ideia ou o conhecimento do corpo. Ora, como (por EIIP19) a mente humana não conhece o próprio corpo humano, isto é (pelo corolário de EIIP11), como o conhecimento do corpo humano não está referido a Deus, enquanto este constitui a natureza da mente humana, tampouco o conhecimento da mente está referido a Deus enquanto este constitui a essência da mente humana. E, portanto (pelo corolário de EIIP11), enquanto tal, a mente humana não conhece a si mesma. Em segundo lugar, as ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado envolvem a natureza do próprio corpo humano (por EIIP16), isto é (por EIIP13), estão em concordância com a natureza da mente. Por isso, o conhecimento dessas ideias envolverá necessariamente o conhecimento da mente. Ora (por EIIP22), o conhecimento dessas ideias existe na própria mente humana. Logo, é apenas enquanto tal que a mente humana conhece a si mesma (EIIP23d).

Portanto, a mente se conhece pelas ideias das afecções do corpo, ideias as quais se seguem da natureza da própria mente. Levy, em seu livro *L'automate spirituel*,

comenta que o fato de Espinosa negar o caráter de substancialidade à alma humana (mente humana), entendendo a alma ou a mente como a ideia de uma afecção de um corpo, dificulta o entendimento da relação entre a alma e as suas ideias, o que poderia ter gerado uma ambiguidade no centro da teoria do conhecimento, mas que se dissipa ao ler-se atentamente que a alma humana não é um simples agregado de ideias sem uma unidade intrínseca, senão o sujeito de seus próprios pensamentos.¹⁹⁷ Complementa que

é necessário, portanto, assegurar um estatuto específico para a alma como coisa pensante, atribuindo-lhe princípio próprio de individuação, o que justificaria a afirmação de que a alma é um indivíduo e um sujeito de predicação. Mas, além disso, é preciso mostrar também que ela é capaz de se apreender de modo incorrigível como ela mesma, ou ainda, como idêntica ao longo de suas modificações, o que justificaria a tese de que a alma é sujeito pensante.¹⁹⁸

Espinosa afirma em EIIP1: “a nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece”. Em EIIP3: “as ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas”. Em EVP4: “não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar um conceito claro e distinto”. Em EVP14: “a mente pode fazer com que todas as afecções do corpo, ou seja, as imagens das coisas, estejam referidas à ideia de Deus”. Em EVP14d, ele demonstra: “não há nenhuma afecção do corpo da qual a mente não possa formar algum conceito claro e distinto. Por isso, a mente pode fazer com que todas elas estejam referidas à ideia de Deus”.

Assim, o homem pode compreender a si mesmo enquanto aquilo que nele há da natureza da substância única, *Deus sive Natura*. O homem pode ter a ideia adequada de sua natureza por sua essência atual em Deus. O homem pode conhecer a si mesmo e quanto mais “compreende a si próprio e os seus afetos clara e distintamente, ama a Deus; e tanto mais quanto mais compreende a si próprio e os seus afetos” (EVP15), ou seja, quanto mais compreender as coisas singulares tanto mais compreende a Deus (EVP24) tendo ideias adequadas dos atributos de Deus com o conhecimento adequado

¹⁹⁷ Levy, 2000, p. 9.

¹⁹⁸ Levy, 2000, p. 11

da essência das coisas (EVP25d) e, assim, maior o amor que tem por Deus. E, esse amor ocupará a alma humana ao máximo (EVP16). Quanto mais conhecer as coisas singulares existente em ato pelo terceiro modo de entendimento, intuição, mais conhecendo as coisas por sua essência em Deus, mais conhece a Deus e maior o amor para com Deus, mais esse homem se encontra próximo da suprema paz e serenidade em sua alma: mais próximo está da beatitude.

Espinosa usa duas metáforas para a descrição do ser do homem: o autômato espiritual, o homem que segue ou obedece às necessárias leis divinas de sua natureza (TdIE § 85) e, o autômato totalmente desprovido do pensamento, aquele homem cego por prévios conceitos a que se apega, aquele que nem de si mesmo tem consciência clara (TdIE § 47), portanto, com quem não se pode argumentar e chegar a qualquer verdade ou adequação das coisas (TdIE § 48).

Entre esses dois autômatos flutuaria o modo do homem agir. No primeiro caso, o autômato espiritual, por obedecer necessariamente às leis de sua natureza, o homem é livre e autônomo, expressando o que de divino nele existe que ele conhece adequadamente. No segundo, o autômato desprovido de entendimento, por estar completamente perdido em seus fantasmas ou em suas imagens das coisas que, por pura ignorância da essência ou causa das coisas, sem verificação, acredita ser a verdade existente, sem saber que o que pensa ser a verdade não é senão a sua verdade, tem uma vida incompleta deixando de expressar a sua real e divina natureza em e por Deus.

Levy, que para essas metáforas, usa os termos de ‘autômato espiritual’ e de ‘autômato desprovido de alma’, esclarece quanto ao ‘autômato espiritual’

a aplicação da metáfora do autômato espiritual para o caso da alma humana começa a tomar forma a partir do momento em que o entendimento e a imaginação são compreendidos como sendo submetidos a certas regras firmes e invariáveis, e que a vontade, enquanto faculdade absolutamente indeterminada de afirmar e de negar, é excluída como instância constitutiva do conhecimento, tanto divino, quanto humano. Todo conhecimento, seja ele verdadeiro ou falso, deve ser explicado por uma espécie de mecanismo de ideias e a distinção entre verdadeiro e falso deve reenviar a uma distinção de ordem e de leis.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Levy, 2000, p. 29.

Para Deus há uma única ordem e conexão entre todas as coisas as quais ele ordena. Para Deus a ordem e a conexão das coisas é a mesma que a ordem e a conexão das ideias das coisas, ou seja, “a ordem e conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIP7): “com efeito, a ideia de qualquer coisa causada depende do conhecimento da causa da qual ela é o efeito” (EIIP7d). Espinosa, ainda, afirma que “segue-se disso que a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir. Isto é, tudo o que se segue, formalmente, da natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente, em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus” (EIIP7c). Se um dia o homem ou a pedra conhecer a natureza das coisas como Deus as conhece, o homem ou a pedra as conhecerá por suas causas adequadas na única ordem e conexão na qual elas existem e agem por e em Deus. E, a mente perceberá adequadamente não apenas as afecções do corpo, mas também a ideia da afecção desse corpo (EIIP22) e a ideia da ideia da afecção do corpo (EIIP22d), sendo essa a maneira pela qual a mente conhece a si mesma (EIIP23). A alma ou mente não conhece qualquer corpo externo ao seu corpo senão pela ideia da afecção em seu próprio corpo decorrente do encontro com o corpo externo ao seu corpo (EIIP26).

Como o intelecto humano está no do intelecto de Deus. Por EIIP22, toda ideia que existe na mente humana existe em Deus:

as ideias das ideias das afecções seguem-se em Deus e a Deus estão referidas, da mesma maneira que seguem em Deus e a Deus estão referidas as próprias ideias das afecções, o que se demonstra tal como na EIIP20. Ora, as ideias das afecções dos corpos existem na mente humana (por EIIP12), isto é (pelo corolário de EIIP11), existem em Deus, enquanto ele constitui a essência da mente humana. Logo, as ideias dessas ideias existem em Deus, enquanto ele tem o conhecimento ou a ideia da mente humana, isto é (por EIIP21), existem na própria mente humana, a qual, portanto, percebe não apenas as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções (EIIP22d).

O homem pode ter a ideia adequada da causa das coisas. A ideia adequada da causa de uma coisa singular existente em ato se forma ativamente na mente humana ou intelecto humano pela natureza da alma humana simultaneamente à afecção que essa coisa singular provoca no corpo humano. A mente humana, por ser parte do intelecto de Deus, por estar contida no intelecto de Deus, então, pode-se inferir que essa ideia adequada da causa de uma coisa singular existente em ato existente na mente humana,

existe em Deus. Assim, deste modo, com o conhecimento adequado de seus afetos, suas ideias e seus atos, o homem pode vir a tornar-se a causa adequada de si mesmo, o que o levará a, necessária e espontaneamente, obedecer às leis do que de divino nele existe, leis com as quais Deus ordena (decreta e organiza) o universo inteiro (neste universo inteiro, o homem, a pedra e o homem chamado Pedro), tornando-se livre e autônomo, como o autômato espiritual, deixando de ser o autômato desprovido de alma (mente).

Levy complementa que

a resposta não está, evidentemente, na alternativa entre estar ou não submetido a leis, pois, em ambos os casos, trata-se de *autômatos*. A distinção entre as leis do entendimento e as leis da imaginação também não é suficiente nesse caso, visto que, ainda que se admita uma variação de grau, o autômato espiritual estará sempre, por pouco que seja, submetido às leis externas que determinam a imaginação. Os autômatos desprovidos de alma não são apenas homens obnubilados pelos preconceitos, tal como o autômato espiritual antes da “reforma” [emenda – medicina] de seu entendimento, mas ente que resiste a toda cura, pois, “se algo lhes for provado, não sabem se o argumento prova ou falha. (TdIE § 48). O autômato inteiramente desprovido de alma é um caso limite que, enquanto tal, não deve participar do diálogo racional: “[...] de modo que afinal devem calar-se (*adeò ut tandem debeant obmutescere*)...” (TdIE § 47); ou ainda, “[...] não há de falar com eles sobre as ciências (*cum ipsis non est loquendum de scientiis*) [...]” (TdIE § 48).²⁰⁰

A diferença está no fato que o autômato espiritual, por ter se “curado” pela emenda de seu intelecto, conhece como o entendimento, por seus três diferentes gêneros, realmente acontece: a imaginação (por noções vagas das coisas), a razão (por noções comuns das coisas) e a intuição (por noções essenciais ou eternas das coisas). Por conhecê-los, sabe que nenhum desses modos é errado ou falso, ao contrário, existem como expressão real da natureza humana em diferentes graus de entendimento, realidade, perfeição e, portanto, de verdade.

O autômato espiritual, o escravo das leis com as quais Deus ordena o universo inteiro, sabe que os três modos de entendimento levam a graus diferentes de conhecimento. Por exemplo, a imaginação não produz entendimentos errado, mas

²⁰⁰ Levy, 2000, p. 30.

conhecimentos mutilados, confusos e incompletos. Como é o autômato espiritual, por ter reformado sua inteligência sabe que se quiser conhecer adequadamente uma coisa singular em ato, por sua essência atual, necessariamente precisa continuar investigando a procura da causa próxima (adequada) que explique de modo claro e preciso a sua atual existência como a coisa é em sua perfeita realidade.²⁰¹

O autômato sem mente age e existe por imaginação; o autômato espiritual age e existe por uso da razão e da intuição. O autômato espiritual entende as coisas por uma razão afetiva. Razão, que por ser afetiva, o faz entender adequadamente as coisas (inclusive e, principalmente, seus afetos) em Deus para, então, agir e existir por racionalismo absoluto pela necessidade de sua própria natureza procurando no encontro com o outro uma relação de mútua composição. Isto é, uma relação equilibrada e harmônica de mútuo respeito às suas próprias naturezas em Deus. O resultado desse tipo de encontro leva ao aumento mútuo da potência de agir e da força de existir, *conatus*, da essência e da potência atual para, aumentada a energia e potência, mais necessária e adequadamente perseverar, enquanto em si, o seu próprio ser em uma relação de composição (democrática) com o outro.

Espinosa em longa carta de oito de outubro de 1674 a Tschirnhaus²⁰² explica, de forma clara e definitiva, esses seus argumentos sobre a verdadeira liberdade humana. Escreve sobre o que entende por um homem ser realmente livre. Escreve-lhe de forma argumentativo-lógica, usando de sua costumeira elegância no modo de se expressar. (consultar anexo).

²⁰¹ Espinosa não afirma que uma ideia imaginária ou uma imagem de uma coisa é uma ideia errada, se refere às ideias imaginárias como confusas imagens das coisas por um conhecimento incompleto dessa mesma coisa. Espinosa, em EIIP41, afirma: “O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro gênero é necessariamente verdadeiro”. Segue na demonstração: “dissemos que pertencem ao conhecimento de primeiro gênero todas aquelas idéias que são inadequadas e confusas [não usa a palavra erro]; e, como consequência (por EIIP35), esse conhecimento é a única causa de falsidade. Dissemos, além disso, que pertencem ao conhecimento de segundo e terceiro gênero aquelas ideias que são adequadas, e, portanto (por EIIP34), este conhecimento é necessariamente verdadeiro.” Em EIIP42 tem-se: “o conhecimento de segundo e de terceiro gênero, e não o primeiro, nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso.”

²⁰² *Ehrenfried Walter von Tschirnhaus*, conde alemão da Saxônia (1651-1708). Estudou medicina e filosofia em Leiden. Em 1683, ao estudar as curvas (assunto de que trata na carta a Espinosa) ele apresenta o seu método de resolução de equações polinomiais, conhecido atualmente como “transformação de Tschirnhaus”. Provavelmente, foi em uma de suas viagens que conheceu Spinoza.

Observa-se que Espinosa afirma que por todos os três gêneros que o homem utiliza no processo de entendimento de uma dada coisa singular existente em ato resulta em uma verdade dependente do modo de compreensão do conhecimento: pela imaginação tem-se uma imagem ou uma verdade imaginária ou imaginada; pela razão tem-se uma lei ou uma verdade racional do que de comum existe (da coisa estudada); pela intuição tem-se o conhecimento da essência dessa coisa ou o conhecimento de dada coisa por sua causa próxima, eficiente e imanente ou a verdade da coisa. Um processo de entendimento que se utiliza de uma razão afetiva, uma razão desejança, uma racionalidade absoluta, que resulta no conhecimento adequado e verdadeiro dessa dada coisa particular. O imaginado, o raciocinado e o absolutamente raciocinado ou o intuído são verdades com graus diferentes de realidade e perfeição, crescentes da imaginação (conhecimento inadequado e incompleto), passando pela razão (conhecimento adequado e verdadeiro do comum das coisas) até a intuição (conhecimento da coisa por sua realidade e perfeição tal como ela é por si mesma).

Em uma carta, para Schuller²⁰³, ainda em outubro de 1674, Espinosa escreve frisando ainda mais precisamente o significado que ele atribui à liberdade, diz que

embora nesse momento minha saúde seja pouco sólida e tenha outras ocupações, vossa singular amabilidade e ainda – o que considero antes de tudo – vosso zelo pela verdade obrigam-me a responder ao vosso desejo, na medida de minhas forças. [...] Quanto a mim chamo, chamo de livre uma coisa que é e age pela exclusiva necessidade de sua natureza; coagida, aquela que está determinada por uma outra a existir e agir [padecer] de uma certa maneira determinada. Deus, por exemplo, existe livremente, ainda que necessariamente, porque existe pela exclusiva necessidade de sua natureza. Da mesma maneira, Deus conhece a si mesmo livremente porque existe pela exclusiva necessidade de sua natureza. Do mesmo modo, Deus conhece a si mesmo e conhece todas as coisas livremente, pois que se segue da exclusiva necessidade de sua natureza que Deus conheça todas as coisas. Vós bem o vedes, não faço consistir a liberdade em um decreto, mas numa livre necessidade.

Nessa carta Espinosa afirma que Deus é livre por existir e agir por exclusiva necessidade de sua natureza sem qualquer constrangimento de qualquer coisa por ser

²⁰³ *Georg Hermann Schuller* (1651-1679) era médico de Amsterdã. Formado em Leiden. Assinou o inventário dos bens de Espinosa, o que leva crer que tenha sido *Schuller* quem assistiu Espinosa em seus últimos momentos.

Deus a única substância absolutamente infinita existente (o universo inteiro – tudo existe por e em Deus). Completa, esclarecendo, que Deus é livre, age e existe livremente, “ainda que necessariamente”. Deus não é livre, senão por ele próprio - *Deus sive Natura* – seguir necessariamente aquilo que ele – Deus – ordena (por seguir necessariamente sua natureza divina).

Deus se conhece e conhece ao universo inteiro, afirma no segundo parágrafo da carta a Schuller, livremente porque Deus existe pela exclusiva necessidade de sua natureza. Para Espinosa a liberdade não consiste em seguir um decreto de uma vontade, mas a liberdade em sua realidade e perfeição, o livre agir e o livre existir. É a livre necessidade de expressar a natureza divina existente em todo o universo, em cada um dos infinitos modos finitos, por e em Deus.

Para Espinosa, ser livre não é senão existir e agir exclusivamente por necessidade de sua própria natureza. Não se trata de ter um desejo ou uma vontade de decidir como agir. Mesmo que haja um desejo ou uma vontade e o modo finito decida como agir, necessariamente existe uma causa precisa para esse desejo, para essa vontade e para essa maneira pela qual o modo finito decide agir. Quando essa causa for adequada à natureza da coisa e essa coisa existe e age exclusivamente segundo essa causa adequada, essa determinada e singular coisa é livre e autônoma. O homem livre e autônomo expressa, por conhecimento racional ou intuitivo, o que de divino resta e encontra em sua essência atual.

Espinosa muda o conceito de liberdade como fez com vários outros termos. Liberdade não significa ser livre para fazer o que quiser por uma vontade de qualquer espécie. Livre, para Espinosa, é agir e existir exclusivamente respeitando sua própria natureza sem o constrangimento de outro. E, existir exclusivamente por sua própria natureza sem qualquer constrangimento, significa existir exclusivamente por o que de Deus existe em si mesmo. Expressar o que de divino existe em si, significa se expressar respeitando a sua essência atual (natureza e potência atual – *conatus*) de si mesmo em Deus e respeitando todas as leis de Deus (infinitos modos infinitos mediatos) por seus infinitos atributos (infinitos modos infinitos imediatos) na relação com os infinitos modos finitos. Assim, por conhecimento adequado e verdadeiro da causa das coisas, agindo e existindo por Deus e em Deus, autonomamente (por respeitar todas as leis

divinas) age e existe respeitando a liberdade e autonomia do outro em Deus que encontra em Deus enquanto *é, vive, se move e existe em Deus por Deus* (grifo meu).

Uma unidade na totalidade da Natureza que se encontra com outra unidade na totalidade da substância única: uma e outra unidade; um e outro, em uma e somente uma substância, esforçando-se enquanto em si para perseverar em seu ser na substância única (*Deus sive Natura*). Um e outro, dois se esforçando para manter-se vivos? Essa pergunta pode ser respondida afirmativa e negativamente. Sim, porque há dois modos manifestos; não, porque há uma e somente uma substância com suas infinitas expressões de si mesma, por si mesma e em si mesma. Há um múltiplo mundo enquanto o mundo manifesto nas expressões da substância; único, enquanto a própria substância única absolutamente infinita. Todos os infinitos modos, pelos quais a substância se apresenta sempiternamente em si mesma, ao deixarem de ser expressão da substância única retornam ao ponto evolutivo a que eternamente pertencem e de onde nunca saíram. Retornam à substância única. Retornam ao eterno presente. Retornam a Deus.

Tendo conhecido o eterno presente eternamente presente, o modo finito conhece a si mesmo e a todos os outros modos por aquilo de natural (divino) nele e nos demais modos existem. Conhece a natureza da Natureza em toda sua realidade e perfeição: tem a visão clara, distinta e pristínica da realidade e da perfeição da natureza da Natureza eternamente (sempiternamente) presente no eterno presente em e por *Deus sive Natura*. Ama a Natureza e conhece o amor da Natureza por si mesma e conhece o amor por tudo que nela, ao se mover, faz se apresentar ao universo inteiro como universo inteiro. Sereno, necessária, espontâneo e tranquilamente obedece ao que a Natureza lhe ordena. Livre e autônomo *é, vive, se move e existe* pelas leis com que a Natureza ordena a natureza da Natureza. Livre e autônomo, sem medo e sem esperança, existe, vive e age no eterno presente eternamente presente. *É, vive, se move, age e existe em Deus por Deus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No apêndice Livro IV da *Ética*, capítulo quatro, Espinosa escreve que “aperfeiçoar o intelecto não é senão compreender a Deus, os seus atributos e as ações que se seguem da necessidade de sua natureza. Por isso, o fim último do homem que se conduz pela razão, isto é, o seu desejo supremo, por meio do qual procura regular todos os outros [desejos], é aquele que o leva a conceber, adequadamente, a si mesmo e a todas as coisas que podem ser abrangidas sob seu intelecto.” Ele também aponta que, “assim, na vida, é útil, sobretudo, aperfeiçoar, tanto quanto pudermos, o intelecto ou razão, e nisso, exclusivamente, consiste a suprema felicidade ou beatitude do homem. Pois, a beatitude não é senão a própria satisfação do ânimo que provém do conhecimento intuitivo de Deus.” Conhecer a Deus é a beatitude.

Espinosa convida ao homem conhecer o que de divino existe em sua própria natureza humana – aperfeiçoar o intelecto para conhecer a si mesmo e as coisas o mais próximo de sua perfeita realidade natural. E, quanto mais o homem conhecer as coisas singulares e particulares mais esse mesmo homem conhece a Deus e ao amor de Deus pela natureza do universo inteiro nele insculpido – quanto mais o homem se conhece, mais em Deus se descobre – se move, vive e existe o mais próximo de Deus agindo ativa e livremente obedecendo ao que Deus lhe ordena. Espinosa convida o homem a conhecer a Deus porque *Deus sive Natura* convida ao homem para que o conheça em si mesmo e em todas as suas manifestações no universo inteiro.

Espinosa introduz sua filosofia com a ideia de uma única substância – uma única indivisível substância absolutamente infinita e eterna – que é a causa de si mesma por seus próprios atributos (modos infinitos imediatos) e por suas próprias leis (modos infinitos mediatos). Essa substância ao causar-se, causa a natureza de todas as coisas existentes (modos finitos) no universo inteiro (modo finito) inculpidas em sua própria natureza que lhes é a causa próxima eficiente imanente: uma só substância em si mesma de absoluta perfeição e realidade – essência e existência eterna e infinita que por seus atributos e leis insculpe em si mesma o universo inteiro como ela ordena.

Espinosa ao exprimir a ideia de uma única natureza, de uma única substância, causa de si e de tudo o que nela existe, leva a conclusão que essa natureza única de uma única substância absolutamente infinita expressa sua absoluta e necessária perfeição e

realidade na natureza de todas as coisas no universo inteiro em seus infinitos modos finitos. Os modos finitos são – nisso, inclue-se o homem –, portanto, unidades na totalidade indivisível e imutável dessa substância única absolutamente infinita e eterna: *Deus sive Natura*.

Uma única substância absolutamente infinita – *Deus sive Natura* – uma verdade eterna que se expressa em toda sua infinita e imutável realidade e perfeição desdobrando-se por seus infinitos modos infinitos imediatos e mediatos em infinitas manifestações modais finitas. Essa substância é Deus (EIP14), “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EID5).

Deus sive Natura ao causar-se causa a vida. Ao causar-se, causando a vida em si mesmo por si mesmo, *Deus sive Natura* expressa sua eterna e infinita essência-natureza-realidade-existência em uma única e perfeita relação imanente de si mesmo consigo mesmo por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas e eternas leis infinitas. Causando-se a Natureza inicia uma única e somente uma mesma relação consigo mesma – conforme sua essência-potência-realidade-existência divina. *Deus sive Natura* – a Vida – dobra-se em si mesmo por seus infinitos atributos respeitando suas infinitas leis naturais em um universo de infinitos modos finitos que uma vez causados, estabelecem entre si infinitas relações de interdependência que se seguem desse movimento divino de causando-se causar tudo o que existe no universo inteiro dos modos infinitos e finitos exclusivamente pela necessidade de sua divina natureza e por suas infinitas leis eternas.

A filosofia espinosana é a filosofia das infinitas relações imanentes e interdependentes – naturalmente existentes no universo inteiro. Há um universo de infinitas relações imanentes e interdependentes que se segue exclusivamente da necessidade da natureza da única substância eterna absolutamente infinita: *Deus sive Natura*. A filosofia de Espinosa, desde a autocausação da substância única absolutamente infinita, explicita a relação necessária de interdependência entre os seus modos infinitos e finitos envolvidos para que ocorra a sua própria autocausação e a causação do universo inteiro – exclusiva e necessariamente definidas e determinadas a existir pela natureza de Deus.

Causando-se, *Deus sive Natura* causa os infinitos modos finitos, causa o universo inteiro – o universo existente em ato. Por seus infinitos modos finitos, causa o universo inteiro dos infinitos modos finitos onde cada modo finito – unidade na indivisível totalidade divina – se relaciona com os demais modos finitos exclusivamente pela necessidade das infinitas e eternas leis divinas que regem esse mundo manifesto existente em ato. Estabelece-se uma única, precisa, definida e determinada ordem e conexão de relação de interdependência entre os infinitos modos finitos conforme ordenada por *Deus sive Natura*. Essa uma única e mesma ordem e conexão, que *Deus sive Natura* ordena, se expressa simultaneamente por todos os seus divinos atributos. Assim, levando em conta os atributos conhecidos pelo homem, a ordem e a conexão causal de uma coisa na extensão são a mesma ordem e conexão lógica da ideia dessa coisa no pensamento: uma só e mesma coisa (numa única e mesma ordem e conexão) por dois atributos divinos.

Deus ao causar-se, causa o universo inteiro por si e em si mesmo. Ao causar-se, causa ou insculpe em si mesmo um universo inteiro de relações necessárias imanentes absolutamente interdependentes. Um universo de coisas existindo e acontecendo em uma só e única ordem e conexão de relações absolutamente interdependentes existentes exclusivamente pela necessidade da natureza da única substância absolutamente infinita: *Deus sive Natura*. Um universo de infinitos modos finitos determinados a agir e operar pelas leis naturais de Deus de um único, certo e preciso modo como Deus, por suas leis, ordena. Causando-se, Deus causa um universo de relações absolutamente determinadas, definidas, necessárias e imanentes: um universo de relações necessárias imanente à própria natureza (essência-potência-realidade-existência) da substância que se segue necessária e exclusivamente dela própria por seus atributos e suas leis.

A natureza ao causar-se causa a natureza do universo inteiro. Ao causar-se, a natureza inicia o processo imanente de relações interdependentes absoluta e necessariamente determinadas e definidas conforme a essência-potência-natureza-existência divina ordena. Desde o princípio, há um universo de relações imanentes necessariamente interdependentes que se segue ao movimento autocausal da substância única. Esse universo de relações imanentes interdependentes se segue a esse movimento causal da expressão da potência-essência da única substância absolutamente infinita. Ao materializando-se em si mesma – causa de si mesma em si mesma e por si mesma – a

substância se expressa por seus infinitos modos infinitos imediatos (seus infinitos atributos infinitos) e seus infinitos modos infinitos mediatos (suas infinitas leis necessárias e eternas) em seus infinitos modos finitos.

Deus sive Natura causando-se o faz segundo sua perfeita realidade-essência-potência-existência, insculpindo em si mesmo – segundo essa sua perfeita realidade e liberdade de agir exclusivamente pela necessidade sua infinita e eterna essência-potência-existência – todos os seus infinitos modos infinito imediatos, seus infinitos modos infinitos mediatos e seus infinitos modos finitos. Todos os modos são expressos em uma única ordem e conexão que torna *Deus sive Natura* a própria inteligibilidade de si mesmo. *Deus sive Natura* é o próprio conhecimento – é o conhecimento de si em si mesmo por si mesmo.

Desde o início, um universo de relações imanentes necessariamente interdependentes absoluta e necessariamente determinadas a ser, a se mover, a viver e a existir seguindo a única ordem e conexão de eventos que se segue das infinitas leis eternas divinas com que Deus ordena o universo inteiro. Ao causar-se, *Deus sive Natura* causa o universo inteiro absolutamente interligado e interdependente de si mesmo em si mesmo por si mesmo. Ao causar-se, a natureza inicia o movimento que se segue exclusivamente da necessidade de sua natureza divina causando o único ordenamento das coisas no universo inteiro das coisas em uma única conexão de interdependência casual necessária e absolutamente determinada pela essência-potência de Deus por Deus em Deus simultaneamente por todos seus infinitos atributos. Estabelece-se um mundo onde tudo está definido e determinado necessariamente a ser, se mover, existir e viver, expressando-se por todos os seus infinitos atributos divinos conforme as leis divinas ordenam – enquanto o universo inteiro – expressando a natureza dessa única substância absolutamente infinita – *Deus sive Natura* – enquanto modo finito (o universo inteiro).

A natureza ao causar-se causa a natureza de todas as infinitas expressões do universo dos modos (infinitos e finitos). A natureza se expressando exprime a tudo como sua própria natureza, por si mesma e em si mesma, naturalmente a tudo ordena. Ordena a existência do universo inteiro em somente uma e mesma ordem e conexão de eventos por todos os seus infinitos atributos infinitos. *Deus sive Natura*, expressando-se, por esses infinitos atributos infinitos, ordena a existência de uma única ordem e conexão

de expressão, inclusive para as suas próprias infinitas manifestações. Se expressa, simultaneamente, por esses infinitos atributos infinitos no universo inteiro dos infinitos modos finitos em infinitas relações imanente e interdependentes as quais são absoluta e necessariamente definidas e determinadas pelas infinitas e eternas leis naturais de Deus. Uma única ordem e conexão de eventos acontecendo simultaneamente através de seus infinitos atributos infinitos obedecendo às suas infinitas leis naturais infinitas e formando o universo dos infinitos modos finitos.

A natureza se expressou ou se manifestou da única maneira que lhe era possível materializar ou concretizar em sua perfeita realidade nesse mundo manifesto onde ao homem é permitido conhecer a Deus porque Deus o convida a conhecê-lo. Desde o início, tudo segue, se move e existe exclusivamente pela necessidade das leis divinas. Assim, a possível flutuação quântica do início do tempo-espaço, a inflação da natureza formando a natureza inicial das coisas, o surgimento da gravidade, o surgimento das primeiras partículas elementares, dos bósons, dos nêutrons, dos prótons, dos primeiros núcleos, dos fótons, dos elétrons, dos primeiros átomos, das primeiras moléculas até o surgimento da pedra, do homem e de um homem chamado Pedro – tudo se seguiu exclusivamente da necessidade das leis naturais de Deus como ele por elas a tudo no universo inteiro dos modos finitos e infinitos ordena. A única substância absolutamente infinita ordena o ser, o se mover, o viver e o existir em si mesma por si mesma. Ordena uma única ordem por todos seus atributos que a torna a inteligibilidade de si mesma. *Deus sive Natura* é a inteligibilidade ou o conhecimento em si mesmo.

A natureza – ao causar-se causando ou inflacionando-se na natureza de todas as coisas existentes em ato no universo dos modos finitos e infinitos – expressa um mundo de infinitas relações imanentes intermodais absoluta e exclusivamente determinadas pela necessidade sua própria natureza divina. Ao causar-se, a natureza causa um universo relacional absoluta e necessariamente interconectado e interdependente em si mesma obedecendo ao que ordena. *Deus sive Natura* causando-se causa o universo inteiro absolutamente determinado a existir como se revela, por se seguir ao movimento expressivo causal divino – através de seus infinitos atributos infinitos por as suas infinitas leis divinas. Assim, portanto, conhecendo como o universo se revela, conhece-se a Deus nele presente e revelado.

Deus precisa se revelar para que o universo exista como Deus quer que ele exista. E, nesse universo tudo está absoluta e necessariamente determinado a obedecer às suas infinitas e eternas leis divinas. Deus é a causa eficiente e imanente de todo o universo (EIP18). Todos os modos do mundo se seguem necessariamente de sua essência absolutamente infinita (EIP16), não enquanto Deus é infinito e eterno, mas enquanto considerado como afetado em seus atributos (EIIP9). Deus ao se exprimir nos modos por seus atributos não se separa deles, não lhes é externo: exprime-se na coisa em si mesmo e essa coisa o exprime (EIP15). Assim, o homem não é livre senão quando ele existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza em Deus e por Deus – ou seja, por si só é determinado a agir (EID4). O homem deve necessariamente obedecer ao que Deus lhe ordena para ser quem Deus lhe ordena que seja – existir por aquilo de divino que resta em sua natureza humana. A nenhuma coisa – um homem ou uma pedra ou um homem chamado Pedro – existente em Deus por seus designos (seus atributos e suas leis), não é senão possível seguir ao que Deus lhe ordena – e seguir ao que Deus lhe ordenada nada mais é do que ser a expressão da natureza divina nele existente sendo, movendo, vivendo e existindo em Deus como a expressão de Deus em seu maior grau possível de liberdade por Deus em Deus. Deus ao causar-se causa ou revela o homem a quem convida que seja sua expressão conforme o que ele lhe ordena.

O homem – um modo finito entre os infinitos modos finitos de Deus – se segue da natureza divina de Deus enquanto afetado em seus atributos pelo mundo existente em ato de Deus em Deus por Deus. O homem se faz homem no encontro – *occursus* – com o outro – com o outro modo finito (com o outro homem). O homem precisa do outro para que este ao agir sobre o seu corpo simultaneamente à afecção de seu corpo pelo outro haja a ideia dessa afecção (a mente ou alma humana), a ideia da ideia da afecção (a consciência humana) e a modificação no grau de perfeição e realidade desse homem (o afeto associado à afecção corporal e a ideia da afecção). O homem se faz homem no encontro com o outro (homem). O homem se conhece pela ideia da afecção em seu corpo causada pelo outro com que convive. Sem o outro para que este afete seu corpo, não há a ideia da afecção do seu corpo, não há a mente ou alma humana, não há consciência, não há conhecimento, não há o homem. O homem se faz na relação com o outro – em uma relação de interdependência absoluta e necessariamente determinada desde sempre exclusivamente pela natureza das leis causais divinas.

Mesmo que não seja possível senão obedecer ao que Deus lhe ordena por suas leis causais divinas, o homem livre procura conhecê-las, compreendê-las e apreendê-las. E, então, desse modo, por conhecimento adequado e verdadeiro das coisas, agir ativamente obedecendo autônomo e livremente a Deus, ao que Deus necessariamente lhe ordena como o ativo e livre autômato espiritual e não como o autômato ou homem sem espírito, sem mente ou sem alma que nada compreende e apreende do que lhe acontece em sua vida e que se contenta em apenas pensar (imaginar) conhecer. Deus se faz homem e ao homem cabe ser a expressão mais plena da expressão da natureza divina de Deus que Deus insculpe no homem como natureza humana.

Deus ao causar-se causa e revela insculpido em si mesmo um universo de relações interdependentes absoluta e necessariamente determinadas por Deus por seus atributos e por suas leis. Ao homem que pretende ser livre, pertence o esforço para reformado o seu intelecto procurar conhecer de forma adequada as coisas do universo manifesto (existente em ato) dos modos finitos e, assim, chegar ao conhecimento de Deus e do amor de Deus. Deus ordena o movimento necessario causal do universo – ao homem é dada a possibilidade de reformada sua inteligência compreender esse movimento que a tudo ordena de forma precisa, certa, determinada, definida e definitiva.

O processo de conhecimento e de entendimento de si mesmo depende, portanto, da relação que determinado e definido homem desenvolve com o outro (uma pedra, um homem ou um homem chamado Pedro). Mas, não depende somente dessa relação. Depende de como esse determinado e definido homem se relaciona com sua própria natureza enquanto os seus três modos de entender e inteligir as coisas que se seguem de sua natureza humana: imaginação, razão e intuição. E, conforme, o modo de entender que estiver utilizando no processo de inteligir será o seu modo de agir, operar e ser. Portanto, o modo como um homem age e opera se relaciona diretamente com o modo com que entende as coisas. Como esse modo não é fixo, o homem podendo num momento imaginar, noutro intuir, para em seguida imaginar novamente, o modo de ser de um homem obedece ao movimento no modo com o qual ele entende as coisas – ou seja, o movimento do modo de ser de dado homem se segue, exclusiva e necessariamente, ao movimento do modo de entender que esse determinado homem está utilizando no instante presente onde existe em ato.

O modo de ser de um definido e determinado homem se segue exclusiva e necessariamente como esse homem compreende a si mesmo e as coisas com as quais convive. Move-se conforme o que entende do mundo. Vive e existe por aquilo que compreende e apreende do universo. O modo como um homem se expressa se relaciona direta e necessariamente com grau de entendimento que esse homem tem das coisas. Esse movimento, mesmo sendo variável, se segue das leis naturais do próprio entendimento humano por seu intelecto finito que existe no intelecto infinito de Deus por seu atributo pensamento. Esse movimento variável é necessariamente determinado pela ordem causal dos eventos envolvidos que seguem às leis naturais que regem esse processo de interdependência nas relações.

A filosofia espinosana é a filosofia do desejo – do *conatus* – dos movimentos infinitesimais imanente ao corpo humano que regem o movimento – o mover-se – em relação aos outros modos finitos com que partilha a existência. O *conatus* – o esforço – é a essência atual de uma definida e determinada coisa (um determinado e definido homem) singular e particular: é a própria essência atual dessa coisa – desse homem. A filosofia espinosista é a filosofia do desejo de conhecer a si e as coisas por sua perfeita realidade. Conhecer-se por aquilo que expressa da natureza divina expressa, ou seja, por aquilo da natureza de Deus nele se encontra insculpido. Conhecer-se por aquilo que o aproxima de Deus e do amor de Deus.

O homem – todo e qualquer homem – enquanto em si mesmo, deseja preservar-se em sua existência. Para isso, se esforça o quanto sua própria potência atual lhe permitir agir para, conforme as suas capacidades naturais, tudo fazer para permanecer existindo em ato. Espinosa considera esse esforço, o *conatus* – o esforço enquanto em si mesmo, em perseverar em si – a maior virtude ou perfeição ou realidade de um homem. O homem que se conhece e as coisas tudo faz e se esforça, no que sua essência-potência atual permitir, em perseverar em ser aquilo Deus lhe ordena, perseverando em seu ser. Conhecido Deus e o amor de Deus procura ser, se mover, viver e existir em Deus por Deus conforme Deus lhe ordena.

A filosofia espinosana é a filosofia das relações imanentes interdependentes. É a ontologia do necessário. É a filosofia de relações existentes exclusivamente pela necessidade da natureza-essência-potência-existência de Deus e somente por ela

determinada a agir e operar. É a filosofia das relações interdependentes absoluta e necessariamente determinadas por Deus.

A filosofia e a ética espinosana é a filosofia e a ética do encontro e do esforço – a filosofia e a ética do *occursus et conatus*. É a filosofia do encontro do homem consigo mesmo com o outro, o encontro consigo mesmo no outro. O homem se conhece pelo outro. O homem se conhece na da interação com o outro, em seu encontro com o outro que ao afetar seu corpo na extensão, se segue simultânea e necessariamente da ideia dessa afecção desse encontro ou interação que é a própria mente ou alma humana. O homem principia em conhecer a si mesmo ao conhecer a ideia da afecção que o outro produz sobre o seu corpo. O homem começa a conhecer a si mesmo quando pela primeira vez encontrar o outro que é capaz de afetar ou interagir com o seu próprio corpo produzindo a primeira afecção em seu corpo a qual, simultânea e necessariamente, se segue da primeira ideia da primeira afecção de seu próprio corpo pelo corpo do outro, a ideia da ideia e a mudança no grau de perfeição e realidade (o afeto) que acompanha a ideia de qualquer coisa. A primeira afecção corporal, a primeira ideia da primeira afecção corporal, a primeira ideia da ideia da primeira afecção corporal (a primeira consciência de si mesmo), a primeira mudança no grau de perfeição ou realidade (o primeiro afeto) se seguem ao encontro com o outro. E, todas essas manifestações se seguem exclusivamente ao que Deus ordena ao homem enquanto um de seus infinitos modos finitos por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas e eternas leis divinas. Um universo de relações determinadas por leis divinas que regem o universo inteiro em movimentos interdependentes.

O autoconhecimento acontece no encontro com o outro – o autoconhecimento se segue exclusiva e necessariamente do encontro do homem com o outro – da relação determinada pela natureza de Deus com o outro. Sem o outro não há como ser afetado e conseqüentemente, não há a ideia da afecção, não há a ideia da ideia da afecção e não há o afeto conseqüente (mudança de realidade): não há o conhecimento e não há o homem.

O conhecimento se segue do encontro com o outro: nesse encontro conhece a si mesmo, ao outro, a pedra, a árvore, ao outro homem e ao outro homem chamado Pedro. Quanto mais esse homem conhecer do mundo que o afetando, leva o movimento do conhecimento, mais perto está de conhecer a natureza em sua perfeita realidade,

conhecer a Deus, conhecer o amor de Deus para com todas as coisas que insculpe em si mesmo, ao amor de Deus e ao amor por Deus.

Ao homem, como um dos infinitos modos finitos de Deus em Deus por Deus, cabe exclusiva e necessariamente seguir o que as leis divinas naturalmente lhe ordenam, agindo e operando conforme a necessidade de sua própria natureza. E, é esse movimento necessário o que torna um modo finito – um homem – realmente livre. Portanto, há a livre necessidade de cada um dos infinitos modos finitos expressarem o que de divino resta em si mesmo como *Deus sive Natura* lhes ordena. Na livre necessidade encontra-se a liberdade.

O ato livre – aquele que existe exclusivamente pela natureza do agente que ativamente age e opera – é, portanto, o ato necessário. O ato livre não é senão o ato necessário, pois não é senão no ato necessário no qual o homem se relaciona perfeita e adequadamente com o que ele expressa da natureza da única substância absolutamente infinita e onde se relaciona adequadamente com o que Deus lhe ordena por suas eternas e infinitas leis naturais divinas.

Espinosa demonstra – por sua ontologia do necessário – que há uma ordem causal das coisas na extensão que corresponde a uma única lógica matemática–geométrica–genética no pensamento – a expressão necessária de Deus acontece em uma só e única ordem natural em Deus e por Deus por seus infinitos atributos. Afirma que tudo é e está determinado a existir de maneira definida e determinada em uma única e necessária sequência relacional, em uma única ordem e conexão que a essência e a potência da substância única por seus atributos e por suas leis eternas e infinitas ordena. Por essa simultaneidade de manifestações por todos os infinitos atributos infinitos da substância única de uma só e mesma coisa, Espinosa afirma ser a ordem e a conexão lógica das ideias das coisas expressa no pensamento, a mesma ordem e a conexão causal das coisas existente na extensão. E, em função dessa simultaneidade, o conhecimento da causa adequada das coisas no universo inteiro, se torna possível ao homem, por seu intelecto finito reformado, no intelecto infinito de Deus, pela razão ou pela intuição pelo atributo divino do pensamento.

Há, portanto, uma relação absoluta entre a ordem causal das coisas e como essas coisas se interconectam (se relacionam) enquanto o atributo da extensão, com a ordem

lógico-matemática da ideia das coisas e como essas ideias se interconectam (se relacionam) enquanto atributo do pensamento. Essa relação imanente e necessária permite ao homem conhecer a si mesmo, as coisas por ideias adequadas, conhecer a sua realidade e existência em ato, enquanto manifestação da natureza de Deus por Deus em Deus. O homem, ao conhecer a lei divina que exprime em sua natureza a natureza de Deus, pode, natural e ativamente, agindo e não mais padecendo, decidir por obedecer às leis de Deus e, assim, pode vir a tornar-se, pela condução da razão e da intuição, um homem livre e autônomo em Deus por Deus.

Conclui-se, assim, que a compreensão adequada da única substância absolutamente infinita é o fundamento para que o homem possa vir a ser livre e autônomo: conhecer adequadamente *Deus sive Natura* e o que Deus – enquanto homem – exprime em si mesmo da natureza da única substância absolutamente infinita. Ao conhecer Deus – o homem conhece a si mesmo por aquilo de divino resta presente em sua própria natureza humana. Compreende e apreende que ser livre não é senão ser a expressão de si mesmo – ser a expressão de sua essência atual, isto é, do que de divino existe em sua própria natureza humana, consigo mesmo e com o outro com quem divide a sua atual existência no instante presente.

O homem ao conhecer a Deus e ao amor de Deus pode vir a ser a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações em si mesmo e no encontro com o outro. Conhecer a realidade ou a perfeição ou a verdade da coisa de forma adequada, pela razão ou pela intuição, é conhecê-las pela genética (sua causa eficiente imanente) de sua existência (causa-efeito) em sua perfeita realidade. É conhecer a verdade de sua essência atual, o seu *conatus*, conhecer a causa de sua existência, como potência de modo finito na ordem e na conexão universal, natural, necessária na existência e expressão atual das coisas no universo em ato. Expressão, no instante presente, da essência eterna e infinita da substância, conforme as leis eternas da substância, conforme as leis eternas e divinas que determinam necessariamente como a substância se exprime no mundo dos modos finitos com sua natural e característica interdependência.

Sendo causa adequada, o homem identifica a natureza de modo finito com a causalidade necessária de seus efeitos – o modo finito enquanto sua essência atual ser a causa e explicação de sua expressão no mundo da relação consigo mesmo e da relação

com o outro homem. E, no encontro (*occursus*) com esse outro com quem se compõe, pode o homem, então, se esforçar, para que ambos, numa relação profunda de amizade, pelo diálogo, enquanto em as suas essências e potências atuais, preservem sua(s) vida(s) perseverando no que de divino neles existem (*conatus*).

Desse modo, pode o homem compreender que cada coisa – cada um dos infinitos modos finitos – realiza, enquanto em si, o seu ser, por sua própria essência atual, por seu *conatus* em Deus por Deus. A realidade de cada coisa definida e determinada particular é a realidade determinada pela lei divina que a constitui. Está determinada e definida por uma lei absolutamente necessária que não pode, de forma alguma, ser transgredida por qualquer coisa existente na natureza por ser *Deus sive Natura* quem a ordena. Esse homem compreende ou apreende em sua realidade a sua própria perfeição – a sua realidade e a sua perfeição enquanto um determinado e definido modo finito expressão em ato da natureza da substância. Compreende também, que o mesmo acontece com a natureza do outro, por que a natureza do outro segue as mesmas leis naturais da natureza: *Deus sive Natura*.

Cada coisa, cada essência singular existente em ato é um *conatus*. Quando um modo finito se encontra com outro modo finito há o encontro de duas essências singulares existentes em ato. Há o encontro de dois esforços no existir, com cada um dos modos e ambos os modos, enquanto em si (em suas essências singulares atuais), esforçando-se no existir conforme seu ser. Quando há o conhecimento adequado das coisas, o homem procura outro homem ou outros homens cujo encontro resulte numa relação de composição com o conseqüente desenvolvimento ou incremento em seu grau de realidade e perfeição (ou que o leve a regeneração de alguma prévia diminuição nesse mesmo grau de realidade e perfeição). Assim ativamente agindo, contribui para manter seu equilíbrio tanto físico quanto mental necessário à vida, levando ao aumento de sua capacidade ou potência de agir enquanto corpo na extensão e enquanto ideia no pensamento. A unidade corpo-mente conhece um incremento em sua força para existir perseverando em si mesmo e um incremento em sua força para o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano no encontro com o outro. Quanto mais conhecer o outro, mais o homem conhece a si mesmo e conhece a Deus – o amor de Deus pelo mundo, o amor de Deus e o amor do homem por Deus.

Espinosa afirma que quanto maior for o seu conhecimento da essência eterna e infinita de Deus, maior será o interesse e o esforço do homem, regido pela razão, em viver conforme sua natureza na substância. Afirma, também, que maior será o interesse desse homem para que o maior número possível de outros homens possa assim agindo ser causa adequada de si mesmo respeitando sua própria natureza, compondo consigo uma relação de mútua composição – num mundo de relações interdependentes absolutamente determinadas pela essência-potência-natureza-existência de Deus, procurar relações que aumentem a potência de agir e aumentem a energia para existir do próprio universo inteiro no que depender de si mesmo e do outro com quem se encontra (*occursus*) nesse esforço (*conatus*) de autopreservação da *Vida em Deus sive Natura*.

O homem que se conhece adequadamente compreende que o seu bem supremo é o conhecimento intelectual da substância ou o conhecimento do amor de Deus. Esse conhecimento é comum a todos os homens e todos os homens podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Por isso, o homem livre, por conhecimento adequado da natureza das coisas, vive conforme os ditames da sua razão e intuição (EIVP67). Jamais age com dolo, por agir ativamente pela razão; por seu próprio autointeresse age de boa fé (EIVP72). Revela sua virtude quando evita os perigos e quando os enfrenta (EIVP69). Evita o(s) homem(s) que ignoram os ditames da razão e que vivem segundo as imagens criadas por sua imaginação (EIVP70). Vive entre iguais, com outro(s) homem(s) regido(s), como ele, segundo os ditames da razão, de quem é grato (pelo encontro e pela relação de composição que realizam (EIVP71). Une-se a esse homem, no mais estreito e profundo natural laço de amizade (EIVP35c₁), se esforçando por fazer-lhes o bem (EIVP37). Assim, consegue, sem abdicar de qualquer um de seus direitos naturais consequentes de sua natureza humana na substância, com a fortaleza de seu caráter, com firmeza e generosidade, viver harmonicamente com o(s) outro(s) homem(s) (EIVP73).

A suprema perfeição humana consiste no conhecimento intelectual da natureza e do amor de *Deus sive Natura*. Assim, conhecendo a sua união com a substância única, o homem se compreende e se apreende unidade na totalidade da única substância absolutamente infinita. E, com o conhecimento do amor da natureza, age e existe por sua própria natureza humana, ativa e livremente.

O homem livre existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por ela é determinado a agir e opera. Ele é escravo necessário de sua própria natureza expressão da natureza de Deus. E, ser escravo necessário de Deus é o maior grau de liberdade que qualquer homem pode vir a atingir, pois, conhecendo a sua essência ou sua natureza, age ativamente sem o constrangimento de nenhuma força externa a si, sendo assim a expressão da natureza – presente em si mesmo enquanto homem – da substância única nessa mesma substância na natureza. O homem livre é a expressão, enquanto homem, da natureza de Deus em Deus por Deus. Seu destino é o seu *conatus*. Sua maior virtude é preservar a sua vida e vivê-la de forma mais adequada e próxima a sua real natureza perseverando nessa mesma natureza expressão da natureza de Deus enquanto o modo finito – homem – em si mesmo.

A filosofia espinosana é a filosofia da necessária relação de interdependência de todos os modos no universo inteiro em Deus. Há uma e somente uma mesma substância no universo inteiro – *Deus sive Natura* – e, nela tudo existe necessariamente por sua própria natureza divina. Não há nada além de Deus no universo inteiro – não há o outro, não há o sujeito, não há o homem, senão como modo(s) insculpido(s) por Deus em si mesmo.

O homem é unidade na totalidade indivisível de Deus. O homem, ao seguir exclusivamente pelas eternas leis divinas, torna-se absolutamente livre em Deus – *Deus sive Natura*. O homem em serena comunhão com sua natureza – com sua natureza divina – um homem escravo absoluto da natureza divina que resta em si mesmo – um homem simplesmente um homem – segue o que as leis divinas lhe ordenam e, então e enfim, conhece a liberdade no conhecimento de *Deus sive Natura*. Conhece a liberdade presente no conhecimento do amor de Deus. Conhece o que é a última e definitiva liberdade na visão de Deus. Conhece a última e definitiva liberdade na beatitude. Conhece a última e definitiva liberdade. E, assim, é o homem livre em e por *Deus sive Natura*.

APÊNDICE: RETORNO AO ETERNO PRESENTE NATURALMENTE PRESENTE

O eterno presente faz-se presente. O eterno presente faz-se presente no instante presente. O instante presente é o tempo da expressão de Deus em ato por seus infinitos modos infinitos em infinitos modos finitos. O presente – o instante presente – é o tempo no qual o homem ao ser afetado por Deus conhece a expressão de Deus em Deus por Deus em si mesmo. Deus é o eterno presente eternamente presente no instante presente por sua própria expressão insculpida em si mesmo. Deus – o eterno presente – o princípio de vida – faz-se eternamente presente no eterno instante presente por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas, eternas e necessárias leis naturais em sua essência-potência absolutamente infinita e eterna.

Uma única substância absolutamente infinita – a vida – Deus – faz-se presente em cada um dos infinitos e eternos instantes presentes. A vida faz-se vida. A vida faz-se eternamente presente. A vida faz-se eternamente presente em cada eterno instante presente.

Deus ao causar-se causa o universo inteiro. Deus causa tudo o que existe em si mesmo e por si mesmo. O eterno presente – Deus – ao revelar-se expressa o universo inteiro insculpido em si mesmo. A única substância absolutamente infinita ao se manifestar revela o universo inteiro de si mesma, por si mesma e em si mesma.

Se houve um princípio – Espinosa não nos diz – o homem não fez parte desse início. O eterno presente se fez presente desde sempre em suas infinitas expressões ou manifestações – infinitas e finitas. Em algum definido e determinado momento – no tempo-espaço manifesto – a única substância absolutamente infinita, *Deus sive Natura*, a Natureza – por necessidade absoluta da sua natureza – se expressa – no encontro com as suas outras anteriores expressões finitas e naturais – num homem como homem enquanto homem.

No eterno instante do encontro, a eternidade se faz presente. Em cada encontro ela é reencontrada: a eternidade. Pura potência e essência – a eternidade é sempiternamente encontrada ou reencontrada no encontro com presente – no instante presente. O eterno presente eternamente presente no instante do encontro – pura potência e essência – a substância única necessariamente desdobrar-se no universo – num universo de manifestações – o qual não é senão a expressão necessária do eterno

presente como ele a tudo ordena. O universo das relações imanentes e interdependentes o qual não é senão a expressão de Deus como ele a tudo ordena em Deus e por Deus. E, assim, em um determinado e definido instante, o eterno e absolutamente infinito presente se faz finito – presente no homem. O princípio imanente imutável da vida se expressa na vida no universo inteiro de um homem – num homem.

Em toda a sua necessária realidade e perfeição por seus atributos e leis, a única substância absolutamente infinita se manifesta no universo inteiro de um homem. Deus se faz presente no instante presente. A natureza se faz presente – a vida se faz presente – no homem. A natureza se faz homem.

Deus se faz homem. A Natureza se faz vida na vida de um homem. Deus enquanto homem – homem *de raça divina* – vive, se move, age, existe e é quem ele é realmente – imanente à natureza de Deus em Deus e por Deus. Eternamente no encontro de seus infinitos atributos infinitos – por seus infinitos modos infinitos mediatos – com seus infinitos modos finitos há o eterno reencontro com o presente.

O eterno presente causa o universo inteiro que necessariamente segue ao que Deus lhe ordena. A substância – a única substância – em todo o universo, desde sempre e para sempre, se expressando por suas leis eternas, infinitas e divinas absolutamente necessárias: o universo existindo da única maneira pela qual Deus lhe ordena existir. Tudo nesse universo simultaneamente é livre e necessário enquanto a expressão de Deus em Deus por Deus.

Nesse universo necessariamente obediente ao que *Deus sive Natura* ordena, se algo desejar ser livre na substância única que compõe o universo interno e se pensa – como o homem – logo percebe que precisa conhecer e entender adequada, correta, verdadeira e perfeitamente sua realidade de unidade na totalidade da substância única. Nesse mundo que obedece às suas próprias leis, algo só é livre sendo ele mesmo, por essa mesma lei. Assim, o homem livre, é, se move, vive e existe exclusivamente pela necessidade de sua própria natureza expressão por essas leis da natureza da substância única absolutamente infinita na substância única absolutamente infinita. Nesse mundo, onde tudo obedece ao que Deus ordena, uma coisa não é livre senão sendo ela mesmo em Deus e por Deus, isto é, sendo a expressão necessária de Deus por Deus em Deus enquanto coisa – enquanto modo finito.

Conhecida as leis da substância que explicam sua existência e seu funcionamento em sua perfeita realidade, o homem livre as obedece como um rio obedece à lei da gravidade. E, assim, absoluta e necessariamente desce a montanha em direção do mar. O rio obedece, mas, contudo, não sabe que obedece a Deus por aquilo que Deus ordena. Como o homem pensa (EIIax₂) – por sua natureza – ao homem é possível conhecer a causalidade adequada de seus afetos, suas ideias e de seus atos. Assim, lhe é permitido conhecer que obedece ao que necessariamente sua natureza em Deus ordena – ao que Deus lhe ordena. Se fosse um rio, o homem desceria ativamente à montanha ao encontro do mar do amor de Deus, presente no conhecimento adequado da realidade das coisas em Deus – descobrindo-se unidade insculpida na totalidade divina natural – para viver e existir em ato, conseqüentemente, na visão beatífica da realidade e perfeição de Deus em Deus e por Deus. Em paz, consigo mesmo e com o outro, vive a visão de *Deus sive Natura*.

Como pensa – o homem – pode vir a conhecer clara e distintamente as leis de sua natureza as quais são a expressão em si mesmo das leis naturais da substância. Pode, então, intuir ou desejar ser a expressão plena dessas leis no agir ativo, no viver e no existir em seu próprio ser em ato, seguindo sua própria natureza. Segundo Espinosa, essa é a maior virtude de um homem livre: tudo fazer, enquanto em si mesmo, para preservar-se ou perseverar-se exatamente como lhe ordena a substância única absolutamente infinita. Enquanto em si, perseverando em seu ser, sendo o que Deus ordena.

O homem pensa. Compreende-se e apreende-se presente no eterno presente. Percebe que o seu modo particular e singular não lhe é exclusivo. Se ele existe e é a expressão da substância única, conclui, portanto, que todo e qualquer modo finito, como ele, é também expressão da natureza da única substância absolutamente infinita. Apreende que a pedra também é expressão da natureza da substância tanto quanto ele e que o homem chamado Pedro também o é: a pedra, o homem e o homem chamado Pedro são expressões da única substância absolutamente infinita. Percebe-se unidade na totalidade absoluta, eterna e infinita da substância. Percebe todo e qualquer modo finito como unidade na mesma totalidade da substância. Compreende e apreende que os infinitos modos finitos expressam-se, na e pela substância, com e por infinitas nuances –

unidades insculpidas em uma totalidade simples, eterna, infinita e indivisível. Unidades na totalidade da substância única absolutamente infinita: Deus.

Com consequência, deduz que todo e qualquer modo finito tem o mesmo direito, preciso e inalienável de, enquanto em si mesmo, perseverar em seu ser. A pedra tem os mesmos direito de existir e, enquanto em seu ser, perseverar-se em ser pedra. Pedro, também. Assim, para que a relação com o outro aumente a sua virtude enquanto ser humano, aumentando sua potência de agir e sua energia para existir, percebe a necessidade de dialogar com esse outro que possui os mesmos direitos. O homem – unidade na totalidade – não mais um império dentro de um império – uma unidade se relacionando com as outras unidades – percebe o diálogo como único modo de ser quem ele é em sua perfeita realidade com o outro, com quem divide o mundo manifesto expressão da natureza da substância única pela substância única na substância única absolutamente infinita.

Espinosa afirma não ser senão a democracia o estado político natural. Afirma que o estado cívil que segue de forma mais próxima à natureza humana é o estado democrático onde cada um pode pensar o que bem desejar e onde todo e qualquer homem possa comunicar o que tenha pensado. A democracia é, portanto, a reunião humana que mais adequadamente segue e mantém as leis naturais (humanas em Deus por Deus) para que cada um de seus membros – dentro de suas próprias capacidades ou potência ou essência atual – tudo fazer para ser ou permanecer sendo a expressão do que de divino em si mesmo existe. É o estado que possibilita ao homem livre ser a expressão de si mesmo com o outro em ato. A democracia implica necessariamente em diálogo, na medida em que permite que todo e cada um dos membros do estado se esforcem – enquanto expressões de si mesmo – perseverem seu próprio ser, em sua própria maneira de ser tornando presente, no mundo manifesto existente em ato, o que em sua própria natureza existir do eterno presente – de *Deus sive Natura*. Como homem livre – que jamais abdica a seu direito natural à vida – com o diálogo, esse mesmo homem, ativamente deflaciona seu direito para construir uma relação de composição com o outro na qual predomine a harmonia de suas próprias naturezas na natureza de Deus. O homem livre em Deus procura relações de composição com o(s) outro(s).

Numa dada situação onde todos os homens mantêm todos os seus direitos preservados, pode-se pensar numa luta de cada um contra o outro ou guerra de todos

contra todos. Mas, também, pode-se pensar de forma diferente: a construção de um relacionamento de composição das partes envolvidas. Espinosa demonstra que não é senão no estado democrático onde o homem pode se expressar próximo da plenitude de sua perfeita realidade. Por conhecer e compreender a si e ao outro como iguais – unidades em uma totalidade simples e indivisível – por entender a realidade como a perfeição – por sua característica natural à autopreservação, o homem compreende que apenas o diálogo com o outro pode resultar em uma sociedade na qual as relações tendam à composição de seus membros. Respeitando a natureza de todos e de cada um dos membros ou pares constituintes de um grupo social, com o conseqüente predomínio de relações de composição, o homem tem mais possibilidades de ser a expressão de si mesmo, aumentando sua energia ou potência atual, enquanto em seu ser, de perseverar sendo quem ele é realmente em Deus por Deus obedecendo ao que Deus lhe ordena. O homem livre em Deus jamais abdica de seus direitos naturais; deflaciona o seu direito para construção de uma relação de composição com o outro em Deus por Deus.

Poucos homens – talvez nenhum – espontaneamente, intelijam ou intuem, quem ele realmente é naturalmente: expressão perfeita da natureza de Deus, na natureza de Deus pela natureza de Deus. Assim, para encontrar a liberdade, a maioria dos homens – talvez todos – tem um longo caminho a percorrer para retornar ao eterno presente – retornar a Deus, retornar ao conhecimento de Deus e do amor de Deus – naturalmente sempiternamente presente no universo inteiro no eterno instante presente. É feito um longo caminho de retorno – de eterno retorno – ao eterno presente naturalmente presente em cada um dos infinitos instantes da vida presente em ato.

A cada instante, em cada encontro, consigo mesmo ou com o outro, no presente, Deus está presente. A extensão (na espacialidade e no tempo) e o pensamento estão presentes. A cada instante, em cada encontro, no presente, a eternidade – pristínica essência e potência natural e divina – é encontrada ou reencontrada. O reencontro permite o recomeço – o eterno recomeço.

Se um homem pretende ser livre, inicia por procurar conhecer a si mesmo conforme sua própria natureza. Trilha o caminho de conhecer a si mesmo, as coisas e ao outro, adequada e verdadeiramente como unidade(s) na totalidade eterna, infinita, imutável, simples e indivisível da substância única absolutamente infinita. Procura conhecer o que constitui e como identificar essa substância única – a totalidade – que ao

causar-se causa o universo inteiro de relações imanentes e interdependentes que se segue exclusivamente da necessidade da natureza da substância única segundo esta a tudo ordena.

Segue procurando saber quem ele é – homem – um modo finito expressão dessa única substância absolutamente infinita – nesse universo inteiro de infinitas expressões finitas de Deus por Deus em Deus. Como é de sua natureza pensar e conhecer, o homem sempiternamente se questiona. Pergunta-se: como ser necessariamente quem ele é em sua perfeita realidade? Como ser causa adequada de si mesmo, de seus afetos, de suas ideias e de seus atos? Como coexistir com o outro? Como ser ele mesmo? Com o outro? Em Deus? Por Deus? Como ser necessariamente quem ele é – com o outro – a pedra – o homem chamado Pedro – em Deus e por Deus?

Há um longo caminho para que o homem possa conhecer o que é a real e perfeita liberdade. Perfeita liberdade que sempre está eternamente presente no instante presente. O homem preso à imaginação não percebe essa existência em ato e assim está impedido de usufruí-la. Aquele que reforma seu intelecto, a percebe, a compreende e a apreende e, assim, ativamente vive, existe e se move livre em cada um dos eternos instantes de sua existência em ato. Esse homem, que consegue trilhar o caminho do conhecimento, pela razão e pela intuição, percebe que retorna a cada instante e movimento – retorna eternamente – ao eterno presente natural e sempiternamente presente no eterno instante presente onde o homem existe e vive em ato.

Esse homem retorna ao eterno presente (Deus) – reencontra o eterno presente naturalmente presente no instante presente onde o eterno presente se encontra presente em toda sua pura potência e essência natural. Eterno retorno ou eterno reencontro? – escolha o seu entendimento para esse único e mesmo movimento de encontro de si mesmo consigo mesmo na visão beatífica de Deus em Deus por Deus. Há o conhecimento de Deus, do amor de Deus e do amor por Deus. Isto é a beatitude.

Senhor,

Parece-me espantoso que os filósofos, raciocinando da mesma maneira, demonstrem um a falsidade de uma proposição, o outro, a sua verdade. Descartes, no início do *Método*, crê efetivamente que a certeza do entendimento é igual para todos sobre esse ponto aqueles que pensam poder demonstrar qualquer coisa de certa maneira a que todos os homens a tenham por indubitável.

Mas deixemos isso; apelo à experiência e vos peço respeitosamente considerar com o que se segue, pois pode-se ver que se de duas pessoas uma afirma o que a outra nega, uma e outra, tendo plena consciência do que dizem, a despeito da oposição que existe entre as palavras, ambas, quando examinamos suas concepções, dizem a verdade, cada uma delas segundo sua própria concepção. Considero essa observação com sendo de grande utilidade na vida comum, pois pode servir ao apaziguamento de inumeráveis controvérsias e conflitos que lhes seguem, ainda que a verdade contida em uma concepção não seja sempre absoluta, mas apenas quando se mantem por estabelecidas as premissas que aquele que as formula tem no entendimento. Tal regra possui tal universalidade que a encontramos em todos os homens, sem excluir os dementes e os que dormem: as coisas que dizem, que veem ou que viram, quaisquer que sejam (embora não as vejamos da mesma forma) são, certamente, como as viram. Isso é bastante perceptível no caso de que aqui se trata, quer dizer, em relação ao livre arbítrio. Ambos os adversários, tanto o que lhe toma a defesa quanto o que a rejeita, parecem-me dizer a verdade, de acordo com a maneira de conceber a liberdade. É livre, diz Descartes, o que não está constringido por nenhuma causa. Reconheço com vós que em toda ação nós estamos determinados a agir por uma certa causa e, nesse sentido, não possuímos o livre arbítrio. Ao contrário, penso como Descartes, que, em certos casos (logo me explicarei a respeito) não estamos de modo algum coagidos e, assim, possuímos o livre arbítrio, vos dou um exemplo. Há três questões a serem distinguidas: 1. Temos algum poder absoluto sobre as coisas exteriores? Nego. Por exemplo, não está absolutamente em meu poder escrever esta carta, pois a teria escrito anteriormente senão houvesse sido impedido pela ausência, seja pela presença de pessoas amigas; 2. Temos um poder absoluto sobre nosso corpo para que se porte como a vontade determinou? Respondo que isso só é verdadeiro dentro de certos limites, a saber, se

possuimos um corpo sadio. Quando estou em boa saúde, posso, com efeito, sempre aplicar-me ou não a escrever. 3. Quando me é possível servir-me de minha razão, uso-a livremente, quer dizer, absolutamente? A esta última questão respondo afirmativamente. Quem poderia dizer, a não ser indo contra o testemunho de sua própria consciência, que não posso ter em mim mesmo este pensamento: quero escrever ou não quero escrever? E no que concerne à própria ação, pois que as causas exteriores a permitem (isso se aplica à segunda questão) é claro que tenho o poder tanto de escrever quanto o de não escrever. Reconheço convosco haver causas que nesse momento me determinam; em primeiro lugar, vós me haveis escrito e me haveis ao mesmo tempo pedido para que vos respondesse na primeira oportunidade e ela, oferecendo-se presentemente, não a queria perder. Também afirmo, com Descartes, como coisa certa sobre o testemunho da consciência, que causas dessa natureza não são coativas e que, não obstante essas razões, posso realmente (isso parece impossível negar) abater-se de escrever. Se estivéssemos constrangidos por coisa exteriores, quem poderia alcançar o estado de virtude? Nessa hipótese, não há ação má que não se torne desculpável. Mas não acontece, e de tantas maneiras, que, empurrado por coisas exteriores a qualquer determinação, resistamos, no entanto, com um coração firme e constante? [...]

Para dar à regra acima uma explicação mais clara, diria: Descartes e vós dizeis a verdade, um e outro, de acordo com as próprias concepções, mas se considera a verdade absoluta, ela não pertence senão à opinião de Descartes. Vós, com efeito, tendes por certo que a essência da liberdade consiste em não ser de nenhuma forma determinada. Isso posto, as duas teses são verdadeiras. Mas como a essência de uma coisa qualquer consiste naquilo que sem o que ela não pode mesmo ser concebida, é certamente possível também conceber a liberdade claramente, ainda que, em nossos atos, sejamos determinados em certa medida por causas exteriores, embora em outros termos haja sempre causas exteriores que nos incitam a conduzir nossas ações desta ou daquela maneira, não tendo o poder de produzir esse efeito e sem que se deva admitir sejamos coagidos. Ver Descartes, tomo I, cartas 3 e 9, e tomo II, página 4. Mas é o bastante. Peço-vos responder a essa objeções e vereis que sou não apenas reconhecido, mas também vosso inteiramente devotado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia de Jerusalém. Trad. École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Paulus, 1985.

ALLEN, Collin. *Manual de Lógica*. Trad. Luis Fernando Munaretti da Rosa. Porto Alegre: Clarinete, 2014.

ANÔNIMO CLANDESTINO DO SÉCULO XVIII. *A Vida e o Espírito de Baruch de Espinosa – Tratado dos Três Impostores*. Trad. Éclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Martins, 2007.

AOSTA, Santo Anselmo. *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*. Trad. José Rosa. Covilhã, Portugal: Editora da Universidade da Beira Inferior, 2008.

ARISTÓTELES. *The Eudemian Ethics*. Trad. Anthony Kenny. New York, USA: Oxford University Press, 2011.

BARNES, Jonathan (Org.). *Aristóteles*. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

BECKETT, Samuel. *O inominável*. Trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.

BENNETT, Jonathan. *A Study of Spinoza's Ethics*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1984.

BENNETT, M. *Fundamentos Filosóficos da Neurociência*. Trad. Rui Alberto Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BOVE, Laurent. *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropênese*. Trad. André Menezes Rocha e cols. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BLÉANDONU, Gérard. *Bion – A Vida e a Obra*. Trad. Laurice Levy Hoory e Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise*. Trad. Ana Mazur Spira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CAILLÉ, Alain e col. *História Argumentada da Filosofia Moral e Política – A Felicidade e o Útil*. Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006.

CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Trad. Ana Maria Ribeiro-Althoff e cols. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007.

CHÂTELET, François. *Uma História da Razão: entrevistas com Émile Noël*. Trad. Lucy Magalhães; revisão Carlos Nelson Coutinho. Rio De janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CHAUI, Marilene. *Convite à Filosofia*. São PAULO: Àtica, 2010.

_____. *A Nervura do Real*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Espinosa – uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

COTTINGHAM, John (Org.). *Descartes*. Trad. André Oídes. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

CURLEY, Edwin. *Spinoza's Metaphysics: An Essay in Interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

_____. *Behind the Geometrical Method – A Reading of Spinoza's Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza e os Signos*. Abílio Ferreira. Porto: Rés Editora, 1970.

_____. *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. *Cursos sobre Spinoza*. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e cols. Fortaleza: EdUECE, 2012.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os Mistérios da Trindade*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ESPINOSA, Bento. *Espinoza – Os Pensadores*. Trad. Marilene de Souza Chaui e cols. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

_____. *The Letters*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1995.

_____. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

_____. *Tratado Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Autêntica. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. *Spinoza, Obras Completas*. Trad. J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GAINZA, Mariana. *Espinoza: uma filosofia materialista do infinito positivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

FISHER, Kuno. *Estudos sobre Spinoza*. Trad. Eliana Aguiar e cols. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

GARRET, Don (Org.). *Spinoza*. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.

GILSON, Etienne. *A Filosofia da Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 55.

GLEIZER, Marcos A. *Verdade e certeza em Espinosa*. Porto Alegre: LPM, 1999.

_____. *Espinosa e A Afetividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HORNÄK, Sara. *Espinosa e Vermeer – imanência na filosofia e na pintura*. São Paulo: Paulus, 2010.

JAEGER, Werner. *Paideia – A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 6^a. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2013.

JAQUET, Chantal. *A Força do Corpo Humano*. Trad. Márcia Patrizio. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *A unidade do corpo e da mente – Afetos, ações e paixões em Espinosa*. Trad. Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte; Autêntica, 2011.

KEHL, Maria Rita. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KÖCHE, José C. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia e cols. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEHRER, Jonan. *Proust foi um Neurocientista – como a arte antecipa a ciência*. Trad. Fátima Santos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

LEITE, Edgar. *A Cautela de Espinosa*. via www.academia.edu.

LEVY, Lia (e outros). *Freud e seus Filósofos*. Porto Alegre: SBP de PA, 2004.

_____. *L'automate spirituel – La naissance de la subjectivité moderne d'après l'Ethique de Spinoza*. Assen, Pays-Bas: Van Gorcum & Comp, 2000.

McMAHON, Darrin M. *Felicidade – Uma história*. Trad. Fernanda Ravagnani e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Globo, 2006.

MANZINI, Frédéric. *Spinoza: une lecture d'Atistote*. Paris: Press Universitaires de France, 2009.

MOREAU, Pierre-François. *Spinoza*. Trad. Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

_____. *Spinoza L'expérience et l'éternité*. Paris: Press Universitaire de France, 2009.

MORGAN, Michael L. *The Essential Spinoza – Ethics and Related Writings*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2006.

MEYER, Catherine. *O livro negro da psicanálise – viver e pensar melhor sem Freud*. Trad. Maria Beatriz de Medina e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da Filosofia vol III*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2010.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.

RUSS, Jaqueline. *Métodos em Filosofia*. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RUSSEL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio De janeiro: Ediouro, 2001.

SCRUTON, Roger. *Espinosa*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SEGAL, Hanna. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Trad. Júlio de Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SORELL, Tom (Org.). *Hobbes*. Trad. André Oídes. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Filosofia do Cérebro*. São Paulo: Paulus, 2012.

TORRES, João C.B. (Org.). *Manual de Ética – Questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ e Caxias do Sul, RS: Vozes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2014.

VEIGA, Itamar S. *Linguagem Científica e Analogias Formais – Metodologia*. Porto Alegre: Clarinete, 2010.

WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the Limits of Philosophy*. London: Fontana Press, 1993.

_____. Bernard. *Moral – Uma introdução à ética*. Trad. Remo Mannarino. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZIMERMAN, David E. *Bion da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ZINGANO, Marco (Org). *Sobre a Ética Nicomaquéia de Aristóteles*. Trad. diferentes tradutores. São Paulo: Odysseus, 2010.

